

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - DOUTORADO
Linha de pesquisa: Educação e Linguagem

AS MÚSICAS VEICULADAS PELAS MÍDIAS ENTRE JOVENS:

Consumo, Tendências e Comportamentos

Gisele Maria Marino Costa

Belo Horizonte, 16 de junho de 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - DOUTORADO
Linha de pesquisa: Educação e Linguagem

AS MÚSICAS VEICULADAS PELAS MÍDIAS ENTRE JOVENS:

Consumo, Tendências e Comportamentos

Gisele Maria Marino Costa

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de grau de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Alves da Silva Frade

Linha de pesquisa: Educação e Linguagem

Belo Horizonte, 16 de junho de 2015.

APRESENTAÇÃO DA 457ª
(quadringentésima quinquagésima sétima)
DEFESA DE TESE NO COLEGIADO DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO
E INCLUSÃO SOCIAL DA FAE/UFMG


ALUNO: Gisele Maria Marino Costa
DIA 16/06/2015 – 14:00h - Sala 402 Faculdade de Educação.

TÍTULO: “AS MÚSICAS VEICULADAS PELAS MÍDIAS ENTRE JOVENS:
Consumo, Tendências e Comportamentos”

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Isabel Cristina Alves da Silva Frade – Orientadora 

Profa. Dra. Rosa Maria Bueno Fischer – UFRGS 

Profa. Dra. Helena Lopes Silva - UEMG 

Profa. Dra. Célia Abicalil Belmiro – UFMG 

Prof. Dr. Marco Antônio Farias Scarassatti – UFMG 

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Isabel Frade, pela dedicação, confiança e competência com que me conduziu.

Ao meu marido, Paulo Brandi, sempre companheiro.

Aos meus pais, pelo apoio a este trabalho.

À minha irmã e colega, Gislene Marino, pelas conversas e ideias valiosas.

À Nair Pires, pelas trocas ricas sobre o Doutorado.

Aos professores Guillermo Veas e Sólon Marino, e à Samila Martins, que abriram as portas das escolas onde pesquisei.

Aos diretores das escolas, Tiago Dias e Mônica Souza, e suas equipes, pela boa vontade ao me receber.

À Isabela Lúcia Santos, pela colaboração nas coletas de dados.

A todos os meninos e meninas que colaboraram com a minha investigação por meio de seus preciosos depoimentos.

Agradeço à FAPEMIG pelo incentivo dado por meio da bolsa do PMCD.

Agradeço a Deus por eu ter atravessado este caminho nem sempre fácil, muitas vezes cheio de pedras que julguei intransponíveis, mas que com sua graça pude vencer para chegar aqui.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	15
2.1 Introdução	15
2.2 Contribuições dos Estudos Culturais	29
2.2.1 Mundialização da cultura e outros conceitos	31
2.3 Aspectos sociológicos que põem em relevo a formação dos gostos musicais e a legitimidade cultural	40
2.4 Metodologia	44
3. SOBRE MÚSICA, MÍDIAS, JUVENTUDE E CONSUMO.....	48
3.1 Encontrando os conceitos	48
3.1.1 Canção	48
3.1.2 Mídias.....	50
3.1.3 Juventude.....	54
3.1.4 Consumo.....	56
3.2 Entrelaçando conceitos	59
3.2.1 Música e consumo	60
3.2.2 Juventudes e mídias.....	63
3.2.3 Música, gosto, comportamento e juventude.....	68
3.2.4 Consumo e juventude	77
4. MÍDIAS E MÚSICAS DAS MÍDIAS	85
4.1 Introdução	85
4.2 Mídias sociais	86
4.3 Mídias digitais.....	90
4.4 O rádio	94
4.5 Gêneros musicais	96
4.5.1 Sertanejo.....	97
4.5.2 MPB	100
4.5.3 Samba/pagode	101
4.5.4 Forró	103
4.5.5 <i>Rock</i>	105
4.5.6 Eletrônica	108

4.5.7. <i>Gospel</i>	109
4.5.8 <i>Axé</i>	114
4.5.9 <i>Funk</i>	116
4.5.10 <i>Rap</i>	118
4.5.11 <i>Pop</i>	120
4.5.12 <i>Techno e House</i>	122
4.6 Conclusão.....	123
5. SUJEITOS DA PESQUISA E SEUS MEDIADORES.....	124
5.1 Introdução.....	124
5.2 Aspectos do ambiente social/cultural: as mediações na formação do gosto e de algumas práticas musicais dos jovens.....	130
5.2.1 Índícios sobre a mediação familiar.....	131
5.2.2 Mediação da escola nas interações com a música.....	133
5.2.3 Mediação das mídias.....	139
5.2.4 Mediação de grupos sociais.....	154
5.2.5 Práticas musicais dos jovens.....	155
5.3 Conclusão.....	166
6. EXPERIÊNCIAS MUSICAIS DOS JOVENS E SUBJETIVIDADES.....	167
6.1 Experiência musical: marcas de subjetividade.....	167
6.1.1 Música como marca de vida pessoal e subjetividade.....	167
6.1.2 Música como fator de criação e identidade.....	173
6.1.3 Música como engajamento social.....	176
6.1.4 Música e corporeidade juvenil.....	178
6.1.5 Música como elemento de fruição estética.....	183
6.1.6 Música e consumo.....	188
6.1.7 Consumo musical, idade e gênero (idade e gênero modificam as experiências musicais de jovens?).....	192
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	198
7.1 Palavras finais: Olhos que ouvem, ouvidos que veem – o que encontrei nos jovens rostos e corpos que povoam os espaços das escolas.....	202
REFERÊNCIAS.....	205
ANEXOS.....	219

RESUMO

Fundamentada teoricamente em autores da linha dos Estudos Culturais (com os autores García-Cancelini, Otávio Ianni, Stuart Hall e Renato Ortiz) que trata da globalização, da mundialização da cultura e do crescimento da cultura popular mundial e sua relação com a educação, em Pierre Bourdieu (em seus estudos aplicados à Sociologia da Educação) e em Bernard Lahire, esta pesquisa tem como foco a seguinte pergunta: como se configura o consumo das músicas veiculadas pelas mídias nas experiências dos jovens? O trabalho discute a presença da música atualmente veiculada pelas mídias, seu consumo por estudantes de educação básica, bem como sua relação com aspectos diversos do comportamento desses jovens, especialmente comportamentos de consumo, provocando a reflexão sobre a presença da música em espaços escolares informais e sobre o papel da educação musical escolar nesse contexto. Os dados desta investigação foram obtidos por meio de observações, entrevistas e grupos focais, realizados em duas escolas, uma pública da rede estadual de educação e uma particular. Procurou-se conhecer os gêneros musicais mais apreciados e consumidos pelos alunos e observar o processo de escolha desses gêneros, assim como a forma como essas músicas chegam até eles. Investigou-se a influência das escolhas musicais de alunos no seu comportamento e nos seus hábitos de consumo e se há influência da educação musical escolar nas suas escolhas musicais. Nas observações, entrevistas e grupos focais foram encontradas, respectivamente, quatro instâncias de mediação: escola, família, mídias e grupo social. Foram sete as categorias de análise, criadas a partir dos dados colhidos na investigação, que se encontram a seguir: música como marca de vida pessoal e subjetividade, música como fator de criação e identidade, música como engajamento social, música e corporeidade juvenil, música como elemento de fruição estética, música e consumo, consumo musical, idade e gênero. O acesso fácil e corriqueiro às músicas veiculadas nas mídias faz com que seu poder seja amplificado e multiplicado grandemente. Por isso elas adentram as escolas nas bocas, nos celulares, nos Ipod, nos notebooks, nos tablets e nas mentes dos jovens, misturando-se aos contextos e conteúdos curriculares, nas salas de aula, nos corredores e pátios. As relações desses jovens e de todos os outros estudantes com o mundo das mídias são uma parte importante de sua formação e preparo para lidar no mundo atual e futuro. Diante de um quadro expressivo de consumo musical por parte desses jovens das duas instituições, os educadores precisam compreender hábitos de apreciação musical informal de alunos – para

ampliação de repertório e cultura musical - procurando fazer disso um aprendizado informal de música.

Palavras-chave: Músicas das mídias. Jovens. Consumo musical. Comportamento. Mediação.

ABSTRACT

This thesis has its basis in Cultural Studies authors (García-Canclini, Otávio Ianni, Stuart Hall and Renato Ortiz) that has written about globalization, cultural globalization, the growth of global popular culture and how this can be related with education. It also explores Pierre Bourdieu's studies in Sociology of Education and the researches of Bernard Lahire with the purpose of reflecting on the following questions: how do teenagers consume the songs marketed by the media and how does this consumption can influence their experiences? This study analyzes the presence of the songs that are currently marketed by the media, its consumption by middle and high school students and how they can be related to the behavior of these teenagers, especially when it comes to their purchase decisions, with the purpose of thinking about the presence of music in the informal places of schools and also discussing the importance of musical education in this context. The research data has been generated by observations, interviews and focus groups that took place at one public and one private school of Belo Horizonte. This process had the purpose of learning which music genres were most popular among the students, how the process of choosing these genres works and how the songs are delivered to them. It was also analyzed how the music choices may be related to the students' behavior and their consumption habits, and if music education programs at the schools can influence their musical preferences. During the process of collecting data, four instances of mediation were found (school, family, media and social group) and seven categories of analysis were created: music as a mark of personal life and subjectivity, music as a factor of creation and identity, music as social engagement, music and youth corporeality, music as an element of aesthetic enjoyment, music and consumption, music consumption, age and gender. The power of the songs marketed by the media is greatly increased and expanded by the easy access to them. They are present at schools on the students' mouths, in their cellphones, Ipods, laptops, tablets and inside their minds, intermingled with the curriculum content and contexts, in the classrooms, halls and schoolyards. The relation between the world of media and the teenagers is an important part of their development and can influence the way they deal with the world. Faced with an expressive music consumption scenario, as seen with the students of both schools, educators must understand the habits of teenagers when it comes to informal music appreciation, in order to try to increase the repertoire and musical culture of the students and to turn this into a process of informal learning in music.

Keywords: Music of the media. Teenagers. Music consumption. Behavior. Mediation.

1. INTRODUÇÃO

O avanço das canções das mídias e a sua inserção no contexto escolar tornam urgente a discussão do tema por professores e alunos de Música, em todos os níveis da escolaridade. O conceito de canção das mídias será utilizado aqui como encontrado em Valente (2003): refere-se àquela canção que, mesmo não tendo surgido para ser gravada em disco e tocada no rádio, passou por esse processo.

A observação de grupos de estudantes em muitos contextos nos quais atuei como professora de Música levou-me a perceber a presença ostensiva e crescente das canções das mídias nesses ambientes, além da forma com que elas se destacam e parecem influenciar o cotidiano de alunos. Numa escola municipal da região leste de Belo Horizonte, há quase vinte anos, observei o seguinte comportamento em jovens do ensino fundamental noturno. Na hora do recreio, a coordenação do turno permitia a eles que levassem seus próprios CDs para serem tocados no som da escola, durante aquele intervalo. O que se via era uma grande agitação, uma alegria contagiante de jovens que queriam ouvir suas músicas preferidas tocadas para todos ouvirem. O tempo era curto, e isso gerava uma verdadeira disputa entre eles para ver que CD seria tocado naquele dia. A observação desse comportamento deixava-me impressionada com o entusiasmo deles diante da música, e com a grande importância que davam àquele evento.

Segundo Canclini, em *Consumidores e Cidadãos*, as identidades “[...] atualmente, configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir” (CANCLINI, 2008, p. 30). Se entendermos esse consumo também como o consumo de bens simbólicos, poderemos afirmar, baseados no referido autor, que a apreciação das canções veiculadas pelas diversas mídias pode participar efetivamente da constituição das identidades de sujeitos.

Alguns estudiosos das áreas da educação e de outras, como a comunicação social, têm realizado pesquisas sobre educação, música e mídia, e sobre um fenômeno significativo e crescente como a influência das mídias na sociedade, a fim de que educadores possam refletir mais profundamente na escolha de caminhos para a formação de jovens cidadãos em construção de suas subjetividades. Segundo Melo e Tosta,

[...] se não há mais como desconsiderar que a mídia é, em larga escala, produtora e formadora de discursos de todas as ordens (político, educativo, econômico, religioso, ético, moral, dentre outros), à instituição de ensino cabe estar atenta a essa disseminação de idéias que dizem respeito a valores, comportamentos, atitudes, etc. [...] (MELO e TOSTA, 2008, p. 27).

Estes autores afirmam que a escola deve problematizar as ideias trazidas pelas mídias, no sentido de favorecer as aprendizagens sobre o mundo (MELO e TOSTA, 2008, p. 27).

A pesquisa de Momo sobre infância e consumo, realizada dentro de escolas de ensino básico, concorre para as ideias acima e para a pesquisa que pretendo realizar. A autora diz que

[...] as condições do mundo contemporâneo (marcadas, principalmente, pela tecnologia, pela mídia e pelo consumo) alteram os processos de produção, circulação e consumo de significados, gerando uma cultura distinta daquela de outros tempos (MOMO, 2007, p. 34).

Ela afirma que, diante disso, a cultura passou a ser central em todos os aspectos da vida, pois ela perpassa as atividades humanas e todas as representações que se têm sobre os acontecimentos. Essa pesquisadora lança um olhar sobre as questões da mídia e do consumo, buscando entender “o modo como operam na produção da cultura e do próprio mundo contemporâneo” (MOMO, 2007, p. 50).

A trajetória escolar dos sujeitos não é algo que se dá isoladamente, distanciada de outros contextos sociais em que convivem, tais como as práticas de entretenimento pelas quais chegam até eles as canções das mídias. Este estudo trata-se de uma investigação sobre aspectos da constituição das identidades de indivíduos e da busca pela compreensão de um elemento que coexiste com a sua escolarização e a sua formação – o consumo de música –, e que, por isso, não pode mais ser visto como algo delas distanciado.

Fundamentada em autores da linha dos Estudos Culturais¹ (EC) como Ianni, Hall, Canclini, Ortiz e outros que tratam da globalização, da *mundialização da cultura* e do crescimento da

¹ Os Estudos Culturais são um campo de estudos que procuram desconstruir a pretensa organização acadêmica como um espaço estruturado por áreas, com seus objetos delimitados e específicos. Têm origem na fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, criado na Universidade de Birmingham (Inglaterra), em 1964. Nunca estiveram ligados a um campo disciplinar específico, mas fizeram uso da Antropologia, Sociologia, Filosofia, História, Teoria Literária. Nos anos 90, passaram a optar por pequenas narrativas, questionamento do conhecimento científico, análise da produção de significados, a preferência pelo local, etc. (PARAÍSO, 2004).

cultura popular mundial e sua relação com a educação, e na Sociologia da Educação, com Bourdieu e Lahire, esta pesquisa discute a presença da música atualmente veiculada pelas mídias, seu consumo por estudantes fora e dentro da escola de educação básica, além da sua relação com aspectos diversos do comportamento desses jovens – sobretudo comportamentos de consumo – a fim de provocar a reflexão sobre a presença da música em espaços escolares informais, bem como sobre o papel da educação musical escolar diante dessa realidade. Segundo Granja, “usa-se a música para influenciar comportamentos tão diversos quanto a atitude do consumidor nas compras” (GRANJA, 2006, p. 68). O autor comenta, ainda, sobre a “transformação da música num bem de consumo” (GRANJA, 2006, p. 68), o que suscita discussões dentro do presente tema.

A pesquisa investigou a relação das canções das mídias com as escolhas musicais e o comportamento, em geral (inclusive nos hábitos de consumo), de jovens. Para tal, utilizaram-se a observação não estruturada (O), grupos focais (GF), e entrevistas não-estruturada e semiestruturada (E). Os colaboradores da pesquisa são alunos jovens de duas escolas de ensino básico, localizadas em duas regiões de Belo Horizonte – uma da rede pública estadual e outra da rede particular de ensino. A faixa etária escolhida foi de doze a dezessete anos.

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar o papel das canções das mídias no cotidiano de alunos que frequentam escolas de ensino básico. Procurou-se conhecer os gêneros musicais mais apreciados e consumidos pelos alunos e observar o processo de escolha desses gêneros e por que tipos de mídias eles chegam aos alunos. Investigou-se a influência das escolhas musicais de jovens no seu comportamento e nos seus hábitos de consumo, e se há influência da educação musical escolar nas escolhas musicais de alunos.

O que motivou este trabalho foi a constatação da presença flagrante das canções das mídias no ambiente escolar de diversas instituições em que lecionei. Elas estão presentes em salas de aula de várias disciplinas, não somente de aulas de Música, em recreios e festas escolares e em eventos formais e informais – nesses, quase sempre levadas por alunos. Minha inquietação com essa expressiva ocorrência gerou, sobretudo, o seguinte problema de pesquisa: como se configura o consumo das músicas veiculadas nas mídias nas experiências dos jovens?

Os objetivos desta investigação foram: a) entender como a vivência de experiências musicais tem relação com processos identitários em jovens; b) compreender como as canções das mídias podem criar e modificar comportamentos de jovens; c) conhecer os tipos de experiências musicais que ocorrem em ambientes escolares informais; d) compreender como a educação musical escolar pode influir nas escolhas musicais de jovens.

Discutir sobre o consumo de música entre alunos da educação básica faz ver diversos aspectos que interessam aos educadores musicais como objeto de reflexão. A oferta atual de música feita pelas mídias muitas vezes obedece à indústria fonográfica, no gosto e no descarte fácil e rápido, e em características que lhe são peculiares. Este estudo propôs-se a investigar aspectos do consumo e da apreciação dessa música por estudantes de doze a dezessete anos, e sua presença expressiva na escolha musical desses alunos, no cotidiano, inclusive com entrada no meio escolar.

A pesquisa investigou os gêneros musicais que se ouvem hoje, predominantemente, em grande parte das mídias, em nosso país. O estudo verificou a influência desse quadro na escolha de produtos musicais e na adoção de comportamentos por parte de alunos, especialmente, de comportamentos de consumo. Investigar a situação da música consumida por alunos da escola básica parece ser um caminho viável para ajudar a criar alternativas de oferta ao jovem de algo que possa transformar o que ele tem recebido pelas mídias, e até mesmo fazê-lo alcançar patamares apurados do senso crítico e estético. Respeitar o gosto musical e as escolhas do aluno e oferecer na escola o que ele quer ouvir poderiam ser os primeiros passos para descortinar um mundo musical diversificado e rico.

Esta pesquisa também se propôs a contribuir para o aperfeiçoamento da concepção de professores quanto à educação musical, a partir da conscientização destes quanto à presença da música em espaços informais dentro da escola. Outra contribuição pretendida por esta investigação é o desenvolvimento da capacidade crítica daqueles que estão se formando para atuar na educação musical escolar, levando-os a refletir sobre a questão das músicas das mídias e seus principais aspectos no que se refere à educação e à constituição das identidades dos sujeitos. Uma educação musical bem estruturada poderá servir para ajudar na formação de seres humanos mais críticos e conscientes de suas escolhas estéticas, de cidadãos prontos a estender essa capacidade a esferas amplas de sua vida pessoal e de suas relações em sociedade.

Esta tese está organizada em 7 seções. Na seção que se segue a esta introdução, intitulada *Pressupostos teórico-metodológicos*, são apontados os principais autores e conceitos que serviram de base para a pesquisa, oriundos dos Estudos Culturais e da Sociologia, e apresenta a metodologia. O capítulo *Sobre música, mídias, juventude e consumo* apresenta uma reflexão teórica sobre os conceitos de música, mídias e juventude, e uma revisão de literatura a respeito do que se pesquisou sobre cada um deles. Em *Mídias e as músicas das mídias*, discorro sobre as músicas das mídias, mídias tradicionais, mídias digitais, mídias sociais e dos os gêneros musicais citados pelos sujeitos da pesquisa, além de apresentar uma breve descrição de cada um deles. A quinta seção, *Sujeitos da pesquisa e seus mediadores* descreve alguns dos principais dados recolhidos na coleta em observações, entrevistas e grupos focais, e, no capítulo *Experiências musicais dos jovens e subjetividades*, aprofundo-me nas categorias de análise encontradas na investigação. A sétima seção apresenta as reflexões e considerações finais sobre a pesquisa desenvolvida.

É importante ressaltar que há ocorrência de muitas citações retiradas das observações, entrevistas e grupos focais, que são, sobretudo, falas dos sujeitos que vêm enriquecer de maneira expressiva o texto desta tese, pela riqueza de detalhes e pela exteriorização de sua espontaneidade e contribuições valiosas. Cada citação ou conjunto de citações são acompanhados por análises e comentários.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1 Introdução

Este capítulo visa a anunciar as principais referências de base para a pesquisa, uma vez que compreendemos que os apoios teóricos para a construção do objeto, para a metodologia e para a análise dos dados estão distribuídos em todos os capítulos, mas há conceitos básicos que dão sustentação ao trabalho. Nesse sentido, serão apresentados conceitos advindos dos Estudos Culturais e da Sociologia, além dos aspectos metodológicos.

Dentro da linha dos Estudos Culturais, a investigação lançou mão de diversos conceitos, tais como globalização, mundialização da cultura, cultura popular mundial, homogeneização da cultura e identidade.

Para compreender o termo globalização, encontra-se, em Ianni, o conceito de sociedade global:

As sociedades contemporâneas, a despeito de suas diversidades e tensões internas e externas, estão articuladas numa sociedade global. Uma sociedade global no sentido de que compreende relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, ainda que operando de modo desigual e contraditório (IANNI, 2008, p. 39).

De acordo com ele, o que predomina nesses contextos “são singularidades, particularidades cuja fisionomia possui ao menos um traço fundamental conferido pelo todo, pelos movimentos da sociedade civil global” (IANNI, 2008, p. 39).

Para Canclini, “a globalização não é um simples processo de homogeneização, mas de reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las” (CANCLINI, 2008, p.11).

Dentro desse campo, é relevante o conceito de mundialização da cultura, processo que marca, atualmente, as sociedades do planeta. Ele ajudou a compreender processos de disseminação e consumo de bens da cultura, dentre os quais, as canções das mídias. Para Ortiz, “não existe nem existirá uma cultura global, mas sim um processo de mundialização da cultura, que na sua amplitude planetária e na sua diversidade, articula-se ao movimento de globalização da

técnica e da economia”². Segundo ele, em *Os artífices mundiais da cultura*, músicas nacionais de diversos países consideradas não comercializáveis devido à sua cor local (características que as diferem muito da música ocidental comercial) passam por um processo no qual são adaptadas para adquirirem características mais “universais” e serem facilmente vendidas no mundo todo (ORTIZ, 1994, p. 200). O músico e compositor José Miguel Wisnik fala do uso generalizado que a música popular faz do sistema tonal – sistema que predomina nas músicas de tradição ocidental (WISNIK, 1989), o que poderia explicar, de certa forma, como músicas compostas em outro sistema, como o modal – predominante nas músicas de culturas orientais diversas – teriam difícil aceitação no mercado global. Arranjos com certos timbres e com padrões rítmicos já aceitos e incorporados pelo consumidor podem ser estratégias infalíveis de venda. Isso faz parte do projeto que Ortiz chama de “mundialização da cultura”, isto é, a consolidação do mercado de consumo do planeta. No mundo globalizado ou padronizado, a segmentação e a especialização coexistem com a homogeneização de gostos, tendências de consumo e de comportamentos, e estilos de vida. Alguns poucos grupos econômicos detêm a produção e a distribuição de produtos de consumo, inclusive os da cultura, “sendo responsáveis pela definição de padrões de legitimidade social” (ORTIZ, 1994, p. 165). O autor chama a atenção para o fato de os interesses econômicos de tais corporações criarem um poder que supera os poderes políticos locais e o poder de instituições como a escola e as tradições populares. Com isso, tradições artísticas e musicais nacionais são indelevelmente afetadas pela entrada de produtos culturais/musicais de gêneros mais comerciais.

Para entender o surgimento de outro importante conceito, o de cultura popular mundial (ORTIZ, 1994), é preciso compreender o que é imperialismo cultural. Robertson (2002 *apud* COSTA, 2004) afirma que, no imperialismo cultural, um país exerce influência sobre a cultura dos demais, difundindo valores, hábitos e comportamentos. A mundialização dos produtos da cultura tem a seu serviço as mídias do planeta, atingindo milhões de pessoas todos os dias, em todo lugar. Ortiz refere-se à televisão e ao cinema como os criadores dessa cultura e afirma que não somente a economia e a política, mas também a cultura é forma de exercício de poder. As novas mídias, no entanto, vêm para aumentar essa influência nos modos de vida das populações, trabalhando, segundo ele, com duas tendências paradoxalmente concorrentes: a homogeneização e a individualização (ORTIZ, 1994, p. 180). Segundo Costa,

² <http://www.antropologia.com.br/entr/entr10.htm>

[...] a homogeneização da cultura não implica o desaparecimento das diferenças dos hábitos, das necessidades e do consumo das culturas locais, mas pelo contrário, observa-se a presença de uma homogeneização de produtos, idéias, imagens, possibilidades trazidas pelo aumento do fluxo entre culturas (COSTA, 2004, p. 260).

Costa afirma que “é essa diversidade de opções que compõe a mundialização cultural e que é compartilhada – e não sobreposta – com os símbolos e significados da cultura local” (COSTA, 2004, p. 265). Para Giroux, “a emergência dos novos meios assinala um momento único na ampliação do imperialismo cultural para a esfera da vida cotidiana” (GIROUX, 1995, p. 134). Ainda de acordo com ele, uma estratégia muito utilizada com essa finalidade é a disseminação do uso do idioma inglês que se mundializa, funcionando como agente eficaz no projeto de homogeneização de mercados consumidores. No caso desta pesquisa, tal fator é de extremo interesse, uma vez que, dentre as canções veiculadas pelas mídias, uma parte significativa delas é cantada em língua inglesa.

Na escolha de bens culturais, a ação de homogeneizar gostos provoca uma tendência de padronização no tocante, por exemplo, à música. Com o avanço das mídias no planeta, um gosto universal vem sendo ofertado ao consumidor/apreciador e a estratégia dos vendedores de produtos da chamada cultura popular mundial é fazer com que, ao escolher um produto, o consumidor tenha a sensação de que está criando sua própria identidade, sua representação pessoal. Como ilustração, citemos a diversidade de canais de televisão e emissoras de rádio que geram a impressão de oferecer produtos adaptados ao gosto individual, mas que, em grande parte, oferecem programas homogeneizados em formato e conteúdo. Segundo Silva, “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela usa” (SILVA, 2004, p. 10). Pode-se exemplificar com o seguinte: é comum ao jovem gostar de determinado gênero musical. Apreciá-lo pode contribuir para sua aceitação por um grupo ao qual deseja pertencer, e para sua proximidade e afinidade com os seus pares, para a criação da sua representação pessoal. De acordo com Ianni (2002), em *A sociedade global*, no afã de realizar um projeto social ambicioso, o processo de legitimação social é fundamental, e é por meio dele que são estabelecidos, valores socioculturais, marcas, signos e símbolos ou, pode-se dizer, a identidade do jovem do exemplo citado. Silva afirma que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade” (SILVA, 2004, p. 18-19).

O que isso tem a ver com o consumo das canções das mídias por jovens estudantes? Uma canção apropriada por uma geração, durante certo tempo, significa muito mais do que a simples escolha de um produto cultural. Por exemplo: a canção tema do personagem de um filme pode suscitar o desejo de possuir a roupa ou o adereço usado por aquele personagem. Pode-se perceber aí uma estratégia à qual os jovens são expostos, constantemente. Entretanto, Costa (2004) afirma que a cultura local “recria significados [...] que podem ser bem diferentes daqueles dados pela cultura que exportou” (p. 260) sua influência, o que quer dizer que a cultura local não é aniquilada, mas sim transformada pelo processo de mundialização da cultura. A autora cita Sansone (2001), ao recontar o caso da importação do *hip hop* por jovens surinameses, o que não os deixou iguais aos americanos, mas integrou esses jovens a jovens holandeses, numa “sociedade tradicional muito marcada pela representação étnica” (COSTA, 2004, p. 261).

Momo (2007), em sua pesquisa de Doutorado, que abordou práticas de consumo de crianças e suas manifestações no cotidiano escolar, afirma que a mídia tem sido uma das principais produtoras das representações e tem se ocupado em produzir significados compartilhados (p. 31). Ao falar do consumo, em sua pesquisa, ela não se refere apenas à aquisição de bens materiais, mas, sobretudo, ao consumo de representações e significados que promovem a formação de identidades (p. 31).

O conceito de diferença, bem como o de identidade, ambos encontrados em Silva, também muito contribui para o que esta pesquisa pretende identificar. Segundo ele, “a identidade, tal como a diferença, é uma relação social” e “na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade” (SILVA, 2004, p. 81). Ele afirma que, na disputa pela identidade e na enunciação da diferença, está expresso o desejo de diversos grupos de ter acesso a bens sociais, e que isso tem uma conexão direta com relações de poder. Esses dois conceitos estão, ainda, relacionados à forma como a sociedade classifica, exclui e inclui indivíduos (p. 81-82). A compreensão da identidade e da diferença, e da produção dos dois conceitos na sociedade é fundamental para o estudo das relações entre a música, enquanto bem simbólico, e das tendências e comportamentos de jovens em processo de formação de suas identidades. A pesquisa exprime a importância de levar essa discussão à sala de aula, pois isso pode representar um esforço no sentido de conscientizar os estudantes a respeito de aspectos da realidade em que vivem, com o objetivo de despertar a capacidade crítica para suas escolhas estéticas e, também, por meio delas.

Esta pesquisa lançou mão, também, de diversos conceitos desenvolvidos por Pierre Bourdieu em sua obra na área da Sociologia da Educação. São eles: o *habitus*, o espaço social, o campo e os capitais econômico, cultural, simbólico e social (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009).

O conceito de *habitus* deve ser entendido como um sistema de disposições duráveis estruturadas de acordo com o meio social do sujeito. Ele seria a mediação entre as dimensões subjetiva e objetiva do mundo social, ou seja, entre a estrutura e a prática. As práticas sociais apresentariam propriedades típicas da posição social do sujeito que as produz. Segundo Bourdieu, cada sujeito vivenciaria experiências que estruturariam sua subjetividade, constituindo uma “matriz de percepções e apreciações”. Essa matriz, ou *habitus*, orientaria suas ações em todas as situações a partir daí, e possuiria um sistema de disposições gerais que seriam adaptadas a cada novo contexto. O *habitus* seria, portanto, fruto da incorporação da estrutura social e da posição social de origem no interior do sujeito. Esse conceito é de grande importância na obra de Bourdieu, e tem o papel de articulador entre três dimensões de análise: a estrutura das posições objetivas, a subjetividade dos indivíduos e as situações concretas de ação. O presente conceito permite que esse autor sustente a existência de uma estrutura social objetiva, baseada em múltiplas relações de luta e dominação entre grupos e classes sociais. Segundo Bourdieu, as propriedades que caracterizam certa posição social são incorporadas pelo sujeito, e as ações desse sujeito refletem a sua posição social. Essas marcas constituiriam sua subjetividade, o que faria com que o sujeito, mesmo não tendo uma visão de conjunto da estrutura social e não tendo consciência dessa estrutura, fosse capaz de escolher como agir de forma a perpetuar as relações de dominação existentes na sociedade.

Graças ao conceito de *habitus*, seria possível, segundo Bourdieu, superar o subjetivismo e o objetivismo. No subjetivismo, as práticas do sujeito passariam a ser vistas como um conjunto mais ou menos estável, diferenciado conforme a sua posição social. O objetivismo seria superado pelo referido conceito porque as estruturas sociais deixariam de ser vistas como produtoras de comportamentos de forma mecânica. Segundo Bourdieu, os indivíduos não seriam seres autônomos e conscientes, nem seres mecanicamente determinados pelas forças objetivas. Eles agiriam orientados por um *habitus*, ou seja, uma estrutura incorporada que refletiria as condições da realidade na qual eles foram socializados.

Esse autor atribui grande importância à dimensão simbólica ou cultural nos processos de produção e reprodução da vida social. Bourdieu contrapõe-se a três tendências sociológicas ao

refletir sobre as produções simbólicas: a primeira, que toma os sistemas simbólicos como estruturas estruturantes que organizam a percepção da realidade nos indivíduos (Durkheim); a segunda, que vê esses sistemas como realidades organizadas em função de estruturas subjacentes que se buscam identificar (estruturalismo linguístico de Saussure); a terceira, representada pelo marxismo, que vê os sistemas simbólicos como instrumentos de dominação ideológica. Bordieu procura estabelecer uma síntese dessas três tradições da seguinte forma: as produções simbólicas estruturariam a percepção dos indivíduos porque são internamente estruturadas, sintetizando, assim, subjetivismo e objetivismo. Ele ainda argumenta que a estrutura presente nos sistemas simbólicos e que estruturam as ações dos indivíduos reproduz as diferenciações e hierarquias da sociedade. Para ele, os sistemas simbólicos seriam sistemas de percepção, pensamento e comunicação, e não meramente instrumentos de dominação ideológica (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009).

Bourdieu afirma que os sistemas simbólicos podem ser, ao mesmo tempo, produzidos e apropriados por um grupo de especialistas de um campo de produção da cultura. Nesse sentido, ele utiliza o conceito de *campo*, que seriam certos espaços de posições sociais nos quais determinado tipo de bem é produzido, consumido e classificado. Dentro desse sistema, os indivíduos passam a lutar pelo controle da produção e pelo direito de hierarquizar e classificar tais bens. O que indivíduos e instituições que ocupam posição dominante desejam é manter o estado atual que os beneficia, e para isso, adotam estratégias conservadoras. Os que ocupam posições inferiores no campo aceitariam a hierarquia ou tentariam subvertê-la.

Dentro de um campo, certos padrões culturais seriam considerados superiores (aqueles produzidos pelos dominantes) e outros inferiores (aqueles produzidos pelos dominados). Bourdieu chama a isso de “violência simbólica”, ou seja, a imposição de certa cultura sobre outra, sob alegação de superioridade. Os valores da cultura popular não seriam, para ele, um sistema simbólico autônomo e coerente, por sua incapacidade de se contraporem à cultura dominante. Segundo o autor, tanto membros da cultura dominante quanto da cultura dominada não teriam consciência do caráter dominante e arbitrário, ou seja, dos mecanismos de funcionamento da dominação cultural, os primeiros por terem sido criados nessa forma de cultura, e os demais por reconhecê-la como superior.

Essas hierarquias dos bens culturais reforçariam, reproduziriam e legitimariam as hierarquias sociais, ou seja, a divisão de classes sociais. Os indivíduos envolvidos com bens culturais

considerados superiores ganhariam prestígio e poder social naquele campo. Bourdieu emprega o termo “capital cultural” para definir o poder advindo da produção, apreciação e consumo de bens culturais. Por exemplo: o domínio do padrão culto da língua funciona como um capital para que o indivíduo tenha acesso a lugares melhores na escola, no mercado de trabalho e até a um matrimônio interessante. Existem diversos tipos de capital, tantos quanto forem os campos de produção da cultura. Assim, na lógica de Bourdieu, o capital cultural pode servir para uma reutilização desse em outros campos da vida social. As hierarquias de bens simbólicos hierarquizariam os indivíduos e os grupos sociais. Ao restringirem a mobilidade social do indivíduo, essas hierarquias reforçam as estruturas de dominação social. Isso significa que, para se mover de uma classe a outra, seria necessário possuir certo capital cultural. Não adiantaria, por exemplo, ter posse do capital econômico e não ter um bom nível de linguagem. O que se pode perceber é que, quanto mais capitais tiver um indivíduo, mais chances ele pode ter de ascensão social, segundo o autor.

Essas hierarquias também reproduzem, como afirma Bourdieu, de forma eufemizada, a estrutura de dominação da sociedade. As diferenças entre as classes populares e dominantes se refletem na linguagem, nos valores, nos gostos e nas práticas culturais. Os populares valorizariam os bens considerados úteis, enquanto os dominantes valorizariam os bens estéticos. Em relação às obras artísticas, haveria valorização das formas abstratas pelas classes dominantes, e das formas mais facilmente decifráveis pelas populares. A cultura de cada grupo refletiria suas condições de existência. Os indivíduos perceberiam como hierarquias apenas simbólicas o que são, na verdade, hierarquias sociais. Isso permitiria a legitimação das diferenças e hierarquias sociais. Essa transfiguração das hierarquias permite que o indivíduo de posição mais elevada na sociedade se sinta merecedor disso, e que o de posição menos elevada se sinta inferiorizado e reconheça a superioridade dos dominantes (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009).

Como se viu, para Bourdieu, a estrutura presente nos sistemas simbólicos e que orienta as ações dos agentes sociais reproduz as hierarquias do mundo social, ou seja, as estruturas de poder e dominação social (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009). Para entender esse funcionamento, é preciso compreender que as produções simbólicas são geradas, classificadas e também apropriadas por um campo de produção e distribuição desses bens simbólicos ou culturais. A esse grupo, como foi citado acima, Bourdieu chama de campo, no interior do qual

há luta pelo controle e pelo direito de hierarquizar os produtos da cultura, legitimando alguns e desvalorizando outros.

Considerando as classificações e hierarquias feitas em função dos bens culturais, por Bourdieu, e relacionando-as ao objeto de pesquisa, veríamos as preferências dos sujeitos da pesquisa como uma forma de submissão dos jovens ao que lhes é ofertado e tomaríamos suas preferências como indícios de um pertencimento social. Investigações futuras sobre diferenças entre escola pública e particular, nesse sentido, poderiam ajudar a compreender se essas clivagens sociais alteram a recepção dos jovens de diferentes classes sociais, em relação a esse consumo, mas essa comparação não é objeto da pesquisa.

Buscando também uma sociologia que focaliza os indivíduos e analisa fenômenos de consumo cultural numa escala microssociológica e possibilidades de convivência de mais de uma preferência, no mesmo sujeito, encontramos outras possibilidades. Em *A cultura dos indivíduos*, Lahire (2006) afirma que os bens culturais são submetidos a um julgamento sustentado por um sistema de oposições (p. 69), e apresenta o quadro dessas oposições simbólicas:

As oposições simbólicas – entre a alta cultura e a subcultura, entre o cultural que eleva e o comercial que rebaixa, entre o refinado que enriquece e o grosseiro que idiotiza -, que ainda hoje estruturam inúmeros discursos sobre a cultura, têm uma história: elas são o resultado de um trabalho obstinado de separação do trigo cultural e do joio subcultural. (LAHIRE, 2006, p. 65).

Lahire também comenta a hierarquização dos bens culturais por grupos que, segundo ele, por serem dominantes, estariam aptos a fazer e desfazer “a legitimidade das práticas, das obras e das maneiras culturais de fazer, de sentir e de pensar” (LAHIRE, 2006, p. 65). Essa seria a maneira pela qual atuariam os campos descritos por Bourdieu, grupos que lutam pelo poder de determinar o que é válido ou não, o que é superior e inferior em relação à cultura. Lahire utiliza, ainda, os conceitos de “cultura quente” e “cultura fria”, que seriam, respectivamente, a cultura de origem popular e a cultura de origem erudita. A cultura quente, vista pela fria, seria composta por obras pobres e destituídas de valor estético ou lógico, enquanto a mesma cultura quente veria a outra como uma cultura complicada, desprovida de alegria e de vida (LAHIRE, 2006, p. 67-68). Para Bourdieu, seria o equivalente a dizer que

[...] os membros das classes populares preferem as obras que retratam diretamente a realidade, que têm uma mensagem facilmente decifrável e que podem servir para pensar sobre o dia-a-dia, as classes dominantes valorizam as formas abstratas, o exercício estético, a ausência de qualquer mensagem direta (NOGUEIRA, 2009, p. 38).

Pode-se dizer, portanto, que Lahire utiliza-se de muitas das ideias fundamentais de Bourdieu sobre a realidade social e a cultura, porém, esse autor também critica aspectos relevantes da obra bourdieusiana, como será visto adiante.

Sobre a análise sociológica da cultura das classes sociais, Bourdieu afirma que a cultura da elite é muito próxima da cultura escolar (BOURDIEU, 1998a). De acordo com ele, a herança advinda da classe social à qual pertence um indivíduo e o grau de sua instrução são determinantes na escolha dos produtos simbólicos que irá eleger.

Assim, por exemplo, a frequência a museus (que – como se sabe – está fortemente ligada a todos os outros tipos de práticas culturais, assistência a concertos ou frequência a teatros) depende estreitamente do nível de instrução (BOURDIEU, 1998, p. 59).

Entretanto, Nogueira e Nogueira (2009) comentam a visão de Lahire, mostrando que esse autor sugere como indispensável uma análise individual, ao lado da análise macrosociológica feita por Pierre Bourdieu. Segundo eles, a tese central de Lahire seria de que “a experiência de vida de um sujeito particular dificilmente pode ser deduzida do seu pertencimento a uma única coletividade ou do fato de estar inserido numa posição específica da estrutura social” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 92). Em *A cultura dos indivíduos*, o referido autor critica uma análise simplificada dos indivíduos, que os veja apenas como membros de uma classe social determinada, e que tenham gostos culturais que são os gostos de sua classe. Ele diz que é preciso inserir esses indivíduos em uma rede concreta de suas ligações de interdependência, para que se possa verificar seus gostos, atividades e consumos culturais (LAHIRE, 2006).

Em *Gostos de classe e estilos de vida* (1983), Bourdieu desenvolve os conceitos de gostos e estilos de vida das classes sociais, os quais contribuem bastante com esta pesquisa.

O gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida. O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou héxis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo que se entrega diretamente à instituição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados (BOURDIEU, 1983, p. 2).

Ao dizer que “cada dimensão do estilo de vida simboliza todas as outras” (BOURDIEU, 1983, p. 2), o autor quer dizer que há uma coerência entre as diversas áreas de atividades cotidianas e o que ele chama de estilo de vida. É como se houvesse algo que ligasse todos os gostos e as escolhas de consumo do sujeito ao estilo de vida por ele adotado, no que se refere a produtos diversos, quase tanto quanto ao que se refere especificamente ao gosto e às escolhas de obras de arte para sua apreciação.

Sobre essa, ele afirma que não há nada que mais distingue as classes sociais do que a competência para reconhecer obras de arte legítimas, e a capacidade de transpor esses critérios para escolher objetos simples do cotidiano (BOURDIEU, 1983, p. 8). Tal afirmativa nada mais é do que outro modo de dizer o que se disse acima sobre cada dimensão do estilo de vida.

Bourdieu define, assim, a relação entre o estilo de vida das classes populares e o das classes dominantes:

O estilo de vida das classes populares deve suas características fundamentais, compreendendo aquelas que podem parecer como sendo as mais positivas, ao fato de que ele representa uma forma de adaptação à posição ocupada na estrutura social: encerra sempre, por esse fato, nem que seja sob a forma do sentimento da incapacidade, da incompetência, do fracasso ou, aqui, da indignidade cultural, uma forma de reconhecimento dos valores dominantes. O que separa as classes populares das outras classes é menos (e, sem dúvida, cada vez menos) a intenção objetiva de seu estilo que os meios econômicos e culturais que elas podem colocar em ação para realizá-la (BOURDIEU, 1983, p.19).

O autor diz que a ausência de luxos nos consumos daquelas classes não é a única característica do seu estilo de vida, mas há também a substituição desses bens consumidos pelas classes dominantes por outros inferiores (BOURDIEU, 1983). É provável que esta pesquisa consiga encontrar uma correspondência para esse fenômeno no caso do consumo de produtos musicais, verificando se ele ocorre da mesma forma que se dá com bens culturais de outras naturezas.

Ele também trata dos conceitos de cultura popular e arte popular em comparação à cultura dominante:

Mas aqueles que acreditam na existência de uma “cultura popular” – verdadeira aliança de palavras através das quais impomos, queiramos ou não, a definição dominante de cultura – devem esperar encontrar, se eles forem lá ver, nada mais do

que uma forma mutilada, diminuída, empobrecida, parcial, da cultura dominante e não o que eles chamam de contracultura, cultura realmente dirigida contra a cultura dominante, conscientemente reivindicada como símbolo de um estatuto ou profissão de existência separada (BOURDIEU, 1983, p. 26).

Suas colocações sobre o gosto popular para espetáculos são muito detalhadas, enfatizando os tipos de eventos, o caráter, o ambiente, etc., no intuito de caracterizar as escolhas estéticas dos sujeitos originários, em geral, das classes populares. Bourdieu afirma que seus gostos são, prioritariamente, destinados aos “espetáculos mais espetaculares” (BOURDIEU, 1983, p. 10) no tocante a trajes, música, ação, movimento fantástico, com preferência pelo cômico e pela inversão das convenções sociais. Ele se refere, também, ao gosto desse público pela arte figurativa e à recusa aos estilos que desconstroem essa arte, como o cubismo.

As considerações do autor sobre os gostos musicais são bastante interessantes para esta pesquisa. Ele analisa dados quantitativos, demonstrando que o conhecimento de compositores e obras da música erudita tem relação direta com o capital escolar, ou seja, com o nível de escolaridade dos entrevistados (BOURDIEU, 1983, p.11). A pesquisa deverá verificar se tal relação corresponde à realidade dos sujeitos que serão investigados, observando em que níveis do ensino básico esses se encontram, e se possuem formação musical dada pela escola ou por outras fontes. Mais adiante, ele afirma que a distância em relação às obras de arte legítimas estaria na total dependência da distância de níveis altos de escolaridade, não fosse a relevância da cultura transmitida pela família nessa definição, devido à precocidade “na transmissão dos instrumentos de apropriação e do modo de apropriação legítimo” (BOURDIEU, 1983, p. 14). O que ele chama de ideologia do gosto natural é um fenômeno que opõe duas formas diferentes de aquisição da cultura: uma feita com naturalidade e lentamente, durante os primeiros anos de convívio familiar, e outra feita na escola, acelerada, como se para tentar recuperar o que não se recebeu no seio da família. Ele diz que a primeira forma é aquela que assegura uma relação mais familiar com os bens da cultura erudita, pois essa teria sido inculcada com mais tempo e geraria mais desembaraço no trato com os bens legítimos, ao contrário da “cultura de verniz”, que seria a segunda forma.

Ainda em *Gostos de classe e estilos de vida*, Bourdieu descreve os procedimentos usuais das classes médias em relação à cultura, afirmando que seu gosto, em geral, é constituído por uma mistura dos gêneros artísticos legítimos, ou seja, aqueles do gosto das classes dominantes, mesmo que ultrapassados, e dos produtos médios da cultura de massa.

Essa mistura de gêneros, essa confusão de ordens, essa espécie de bricabraque onde se alinham os produtos legítimos "fáceis" ou "ultrapassados", fora de moda, desclassificados, portanto, desvalorizados – posto que um símbolo de distinção apropriado com atraso perde tudo o que faz seu valor distintivo – e os produtos "médios" – do campo da produção em massa, é a imagem objetivada de uma cultura pequeno-burguesa (BOURDIEU, 1983, p. 32)

Ao avaliar a colocação do autor, pode-se verificar que as classes médias consumiriam uma combinação de bens culturais oriundos das classes que estão acima de si, e de outros que não são propriamente os consumidos pelas classes populares, mas que teriam origem nas linhas de produção em massa, assim como esses.

Como se viu anteriormente, Lahire (2006) pensa os gostos de classe e os estilos de vida a partir de uma visão microssocial, o que o difere de Bourdieu. Ele observa casos individuais de consumo de bens culturais diversos, em sujeitos pertencentes a classes sociais e profissionais as mais variadas. Ele, porém, aproxima-se de Bourdieu quando afirma que as classes médias

geralmente se caracterizam por sua posição intermediária nas relações sociais, por suas propriedades culturais contraditórias, por seus contatos com universos culturais socialmente opostos e por sua oscilação permanente entre boa vontade cultural e relaxamento, entre consumo de produtos da “grande cultura” (às vezes confessando falta de competências) e consumo de produtos mais populares (acompanhado eventualmente de uma vergonha cultural a ser confessada), quase sempre dentro de um mesmo campo cultural (musical, literário, cinematográfico, etc.) (LAHIRE, 2006, p. 250).

Comenta, ainda, que Bourdieu sempre se referia à burguesia como a classe na qual se encontrava, mais facilmente, a tendência a gostos culturais que misturam os das elites e os das classes populares. Entretanto, em suas pesquisas, Lahire levanta dados individuais de diversos sujeitos dessas classes que mostram que esse não é o traço mais característico das escolhas culturais das classes médias (LAHIRE, 2006, p. 250).

Os conceitos acima descritos nortearam a pesquisa no que diz respeito à apreciação e à apropriação de produtos da cultura, musicais ou não, pelos sujeitos participantes. Tanto a dimensão macrossocial proposta por Bourdieu, como a microssocial indicada por Lahire foram produtivas para a análise, tendo em vista a complexidade de fatores envolvidos na formação do gosto musical. Além disso, se há uma legitimação que vem de determinantes sociais e de uma violência simbólica, assim como estilos de vida que explicam as preferências dos jovens, há contradições no mesmo sujeito e modos singulares de lidar com a música, se

considerarmos a cultura dos indivíduos. Essas posições de análise foram indispensáveis para que se pudesse fundamentar a coleta e a análise de dados sobre questões relacionadas a bens simbólicos e ao seu consumo pelos sujeitos, bem como para uma visão atenta das individualidades nas ações desses sujeitos.

Há também um campo conceitual trazido pelos estudos socioantropológicos empreendidos pelos Estudos Culturais, sobretudo com base nos estudos sobre as mídias, que problematiza as classificações do que é popular. Se não pensarmos apenas em classificar o gosto dos jovens como legítimos ou não legítimos, ou populares e eruditos, temos outras dimensões, sobretudo se consideramos o modo de divulgação da cultura musical implementado pela indústria cultural. Assim, foi importante, para a pesquisa, a forma como Hall (2009) discute o conceito de “cultura popular”, em *Notas sobre a desconstrução do “popular”*.

De acordo com esse importante intelectual do campo dos Estudos Culturais, o termo “popular”, conforme o senso comum, é aquilo que é assim considerado porque as massas o ouvem, compram, leem, consomem e parecem apreciar muito e, visto dessa forma, é associado à manipulação e ao aviltamento da cultura do povo (HALL, 2009, p. 237). Ele mesmo questiona essa definição, por considerar que as pessoas que consomem esses produtos seriam, portanto, consideradas aviltadas e tolas, ou seja, isso seria tomar o povo como “uma força mínima e puramente passiva” (HALL, 2009, p. 237). Hall também critica os que opõem a ideia dessa cultura à outra que seria a “autêntica cultura popular”, pois considera que esses teóricos estariam desconhecendo “as relações absolutamente essenciais do poder cultural – de dominação e subordinação – que é um aspecto intrínseco das relações culturais” (HALL, 2009, p. 238). Ele afirma que, ao contrário, “não existe uma ‘cultura popular’ íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de forças das relações de poder e de dominação culturais” (HALL, 2009, p. 238). Retomando Pierre Bourdieu, como visto anteriormente, ele considera que os valores da cultura popular não seriam um sistema simbólico autônomo e coerente, por sua incapacidade de se contraporem à cultura dominante (embora diga que os que ocupam posições inferiores no campo cultural aceitariam a hierarquia ou tentariam subvertê-la, o que poderia pressupor luta), mas afirma que as relações culturais são relações entre classes dominantes e dominadas (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009). Hall chama a atenção para o fato de que, apesar de as indústrias culturais terem o poder de “impor e implantar tais definições de nós mesmos de forma a ajustá-las mais facilmente às descrições da cultura dominante” (HALL, 2009, p. 263), isso não faz de nós uma “tela em branco”.

Segundo ele, no entanto, essas formas culturais impostas nos influenciam, sim, e nesse ponto, ele se encontra com Bourdieu, ao afirmar que

[...] há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular; para cercá-la e confinar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes (HALL, 2009, p. 239).

É importante ressaltar que, para esse autor, existe uma identificação e um reconhecimento por parte do público, diante dos produtos da cultura popular comercial, e que, por isso, as pessoas respondem a eles. Assim, trata-se não apenas do determinante classe social, mas também do poder que as mídias atuais têm para “popularizar”, ou fazer executar as músicas para diferentes classes sociais e públicos. Hall vai, a partir daí, apresentar uma segunda definição de cultura popular, como sendo todas as coisas que o povo faz ou fez, portanto, mais ligada à antropologia, a qual ele também critica, alegando que não se pode juntar tudo numa só lista, sem observar o que realmente pertence aos domínios da elite dominante ou à cultura da “periferia”. O mais importante nessa forma de descrever a cultura popular não seria ver os conteúdos de cada uma das duas categorias, pois esses sempre mudam, mas “as forças e relações que sustentam a distinção e a diferença; em linhas gerais, entre aquilo que, em qualquer época, conta como uma atividade ou forma cultural da elite e o que não conta” (HALL, 2009, p, 240). Aqui, ele cita a escola e o aparato acadêmico como elementos que distinguem a parte “valorizada” da cultura, o que em Bourdieu pode ser confirmado quando este afirma que a cultura da elite é muito próxima da cultura escolar (BOURDIEU, 2008a).

Hall propõe uma terceira maneira de definir a cultura popular, dizendo que o essencial para isso são as relações que a colocam em tensão contínua com a cultura dominante (HALL, 2009). Essa definição caracteriza-se pela ideia de variação constante do domínio das formas e das atividades culturais, atentando para as relações que estruturam esse campo em formações dominantes e formações subordinadas. Observa o processo em que algumas coisas são preferidas e outras são deixadas de lado enquanto produtos da cultura. Aqui, essa definição se encontra, também, com o conceito de campo desenvolvido por Bourdieu (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009), como um espaço de lutas por dominação cultural, nos quais se trabalha para validar ou não determinados produtos culturais, ou seja, para manter o poder adquirido de produzir e classificar tais produtos. Hall sustenta que o principal foco dessa visão de cultura popular é a relação entre a cultura e questões de hegemonia. Se acreditamos na força que as

diferentes mídias contemporâneas vêm exercendo nessa luta de poderes, em relação a outros tipos de inculcação, temos fenômenos novos a investigar no campo da produção cultural e consumo de músicas, para pensar a relação entre hegemonia e comércio, entre culturas dominantes e culturas periféricas e suas classificações, entre diferentes classes sociais e consumo.

2.2 Contribuições dos Estudos Culturais

É fundamental analisar dados da coleta de observações, entrevistas e grupos focais realizados nesta pesquisa, a partir de colocações da linha dos Estudos Culturais (EC). Para isso, tomo alguns conceitos muito presentes nesses estudos, tais como os de identidade e diferença, subjetividade, representação, produção de significados, mundialização da cultura, cultura popular e consumo; e também a partir de colocações da Sociologia em aspectos relativos à Educação, com Bourdieu e Lahire, todos já apresentados e discutidos acima.

Ao discorrer sobre identidade e representação, Woodward (2000) afirma que a compreensão dos significados, nos sistemas de representação, está vinculada às “posições-de-sujeito” que esses significados produzem, ou seja, como os sujeitos se posicionam dentro desses sistemas. Para examinar sistemas de representação, a autora analisa a relação entre cultura e significado. A representação inclui dois elementos: as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais se produzem os significados. É a relação entre esses dois elementos que constitui a representação, um processo cultural que “[...] estabelece identidades individuais e coletivas” (WOODWARD, 2000, p. 17). Os sistemas simbólicos nos quais a representação se baseia é que podem responder a questões individuais básicas como: quem sou eu, quem eu quero ser ou quem eu poderia ser. Os Estudos Culturais (EC) sugerem que os sistemas simbólicos tornam possível às pessoas serem o que são e aquilo em que se podem tornar. É importante notar que a música toma parte nas representações que jovens possuem. Conforme os EC, os sistemas simbólicos, juntamente com as práticas de significação é que criam as representações. A música, considerada nesse caso como um sistema simbólico, juntamente com as práticas de significação desses sujeitos, compõe a representação desses jovens e, conseqüentemente, produz significados. Assim sendo, ela posiciona as pessoas como sujeitos no mundo.

P. nos falou que, depois de começar a ouvir samba, sentiu uma grande influência em suas composições de *rap*, que antes disso, tinha um universo bem reduzido em gêneros musicais, e ouvindo o gênero samba, ele sente que houve um crescimento no seu trabalho de compositor de *rap*. O aluno também contou-nos que não pensa em estudar música em nível de graduação, mas deseja uma formação na área de engenharia ou técnica de som e gravação em estúdio, e áreas afins (O SM2).

Contam ,ainda, que vão gravar um videoclipe com uma música de autoria da banda e um CD, no ano que vem. Pergunto como foi a escolha do repertório, e respondem que têm umas quarenta músicas escritas, mas que o objetivo é começar tocando *covers*, e depois, músicas próprias que vão lançar no mercado musical (O PII1).

T. R., do 9º ano (Fundamental), começa a falar. G. volta a falar também. Brinca, dizendo que é atriz da Globo e está dando sua primeira entrevista. Ligo o gravador de novo. Ela conta que tem um grande sonho de ser uma grande atriz de musicais, fazer musicais, fazer faculdade de Artes Cênicas, e que no ano que vem quer fazer um curso de teatro no Palácio das Artes e vai fazer também aula de canto. Tem que fazer dança e quer muito ser atriz musical. E quer iniciar a faculdade aqui e fazer um mestrado fora, nos Estados Unidos, Julliard, essas faculdades famosas, e ser uma grande atriz musical, segundo ela (O PII2).

E SM10 – Eu gosto muito de Artic Monkeys, que é uma banda. E eu acho que eles são incríveis porque as letras são tipo filosóficas e... são muito boas. *Rock* alternativo. Me inspiram muito quando escuto, elas falam muito sobre a minha vida. Têm uma relação muito forte comigo.

E SM12 – Ah, eu ouço *pop*, *rock*, às vezes, porque eu sou atraído por esses estilos de música. É difícil de explicar. Porque eu ouço mesmo muitas músicas, aí acaba que eu começo a gostar, tanto que eu quero ser um compositor, músico, quando eu crescer, profissional mesmo.

Aqui se vê que a influência pode chegar a levar os sujeitos a realizar as mesmas atividades de compor e tocar, assim como seus ídolos:

E SM14 – [...] Bastante, porque me influencia muito, tá no meu dia completamente, eu escuto todo dia, e também me influencia na hora de escrever. Eu escrevo algumas músicas e alguns poemas. Aí eu tiro a inspiração deles.

Pesquisadora – Me fala um pouco da sua experiência com música. Os meninos ali estavam contando... Como é?

E SM14 – Eu sei tocar violão, bateria e guitarra. Agora eu tô mais no violão, comprei um há pouco tempo. Lá em casa a gente faz música, fica lá brincando com o violão e tal. Acho bem legal.

Pesquisadora – Quais estilos você toca mais?

E SM14 – *Rock*, mais *rock*.

E PII 5 – O estilo de vida desses cantores que falei é basicamente o *skate*. Eu ando de *skate* há um ano, mais ou menos, e sempre levei esse estilo comigo, sempre carreguei. E basicamente eu fui influenciado a escutar isso, porque a gente vive naquele mundo dos skatistas, curte aquilo. Daqui a pouco a gente vai e acaba escutando, gostando.

Silva (2004), por sua vez, coloca a identidade e a diferença como relações sociais, e a luta por identidade como uma luta por outros recursos simbólicos. Cabe refletir sobre o que é a marcação entre identidade e diferença no contexto do consumo musical praticado por esses

jovens. O que definiria as identidades no decorrer dessas práticas? O que é a diferença? Por exemplo, quando um sujeito afirma “sou roqueiro” ou outro afirma “sou músico”, essas identidades não podem ser compreendidas, segundo Silva, fora de um processo de produção simbólica e discursiva, em que o “ser roqueiro” não tem nenhum referente natural ou fixo. As identidades só têm sentido em relação com uma cadeia de significação formada por outras identidades que, por sua vez, também não são fixas ou predeterminadas. A identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva.

E SM2 – Eu acho que só não escuto *funk* e sertaneja, porque eu acho que não são músicas que têm uma harmonia... Como eu sou músico, eu entendo o quesito, então, não têm uma harmonia adequada, não têm um pensamento musical, é mais uma coisa à toa.

Esse jovem afirma ser músico, ele se identifica como tal, e parece que, por ser assim, ele tem a capacidade de perceber elementos estéticos das canções que ouve, e julgá-los.

E SM2 – Se parece com o deles, o jeito que eu ajo, as minhas atitudes, e a minha parte da área que eu toco a música, também parece. Por exemplo, o jeito de eu me vestir, principalmente. Eu sou diferente, não sei, o jeito que eu ajo, eu acho, assim meio roqueiro, o pessoal fala... Não por gostar, mas por atitudes mesmo.

Por sua vez, esse outro se identifica como roqueiro, e suas atitudes e modo de ser fazem parte desta identidade. Ele próprio diz ser diferente em seu jeito de agir, diferente dos outros, naturalmente, e conta que as pessoas falam isso. Ele é assim “não por gostar”, mas isso tudo parece ser inerente à sua identidade de roqueiro. Aqui, nota-se o consumo de ideias dentro do estilo de vida do jovem, ideias estas apreendidas por ele por meio do consumo da música *rock*.

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder (SILVA, 2000, p. 81)

2.2.1 Mundialização da cultura e outros conceitos

No entanto, a produção de identidades que escapam ao território mais próximo que envolve as relações diretas de uns com os outros, sem mediação das tecnologias, é possível de ocorrer

porque há uma mundialização da cultura. Os Estudos Culturais estabelecem esse conceito de mundialização da cultura, e mais: o de cultura popular mundial, homogeneização de gostos, apropriação de bens culturais e consumo, todos eles essenciais para a análise de dados desta investigação.

Ortiz afirma que “a globalização das sociedades e a mundialização da cultura fazem parte de um processo que atravessa as sociedades nacionais” (ORTIZ, 2005, p. 146). Para ele, o nacional e o global são penetrados pela mundialização. O autor usa o caso da mundialização da língua inglesa para exemplificar esse conceito, e explica que, ao se tornar língua mundial, ela se insere em todas as áreas das relações internacionais (ciência, informática, etc.), mas isso não significa que as línguas nacionais deixaram de existir. O que ocorre, porém, é uma hegemonia dessa língua, um maior prestígio dela em relação às outras, ou seja, estabelece-se aí uma relação de poder. Ortiz afirma que o inglês “se transforma numa forma ‘alta’, conformando palavras e gostos musicais, e penetrando a mídia, a publicidade [...]”(ORTIZ, 2005, p. 146). Muitos sujeitos da minha pesquisa citaram canções em inglês como suas preferidas, e mais, como sendo esse o motivo para que sejam as de sua predileção. Outros se referiram a elas como sendo atraentes para se buscar o entendimento da língua, numa possível expressão da importância que atribuem ao aprendizado do referido idioma.

E PII9 – É *pop* e sertanejo. Ah, eu acho legal. As músicas *pop* são em inglês, eu faço inglês, aí, eu gosto.

E PII10 – Mais na letra, mesmo sendo em inglês, aí eu procuro a tradução. Quando eu gosto de uma música em inglês, aí eu vou e procuro.

Para esta jovem, música sem o conteúdo trazido pela letra não satisfaz a sua necessidade de consumo musical.

E PII7 – Porque você não pode ouvir uma música se você não sabe a letra. Você começa a cantar ela em inglês e tal, fala de coisas que não têm nada a ver, sabe? Então é sempre bom estar olhando as letras. (Pesquisadora: Você entende as letras?) Algumas sim, algumas não. As que eu não entendo ou procuro na internet.

Pesquisadora – Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?

E PII14 – Mais nas letras.

E PII11 – Eu gosto mais do ritmo, mas se me chamar muita atenção a música, principalmente se for inglês, eu pesquiso muito na internet a letra. Ela destaca muito na música, dá um ritmo diferente na hora, pode ser gritando, pode ser falando com uma voz diferente.

Uma delas criticou a hegemonia do idioma inglês, nas seguintes palavras:

Ela escuta também uma banda que se chama Maná, que é de um país hispano, mas não sabe de qual. Mas diz que é gostoso, e que acha meio triste esse povo que só escuta música em inglês e português e que acha que músicas de outros países são ruins. Ela acha que isso é muito preconceito. Ela acha que, se a Índia fosse a maior potência do mundo, as pessoas ouviriam música indiana e achariam normal, e achariam músicas em inglês 'esquisitas, horrorosas e estranhas'. [...] A menina volta a falar. Diz que ele sabe mais o inglês porque é a língua que as pessoas consideram universal, todo mundo aprende, que se todos tivessem que 'aprender indiano' ou 'a língua deles de lá', todos saberiam a música deles (O SM9).

Segundo Ortiz, a modernidade-mundo rompe as fronteiras do Estado-nação. Nesse contexto, ela atravessa os limites das especificidades nacionais e culturais e os dilui. Ele explica que, “até então, o termo (cultura popular) se aplicava às produções e ao modo de vida das classes populares [...]. A cultura popular contemporânea é, em boa medida, fabricada por esferas especializadas que escapam ao domínio das localidades.” (ORTIZ, 2005, p. 45). Para Ortiz, a modernidade-mundo traz consigo um outro tipo de civilização.

A desterritorialização de signos, imagens e objetos deita as raízes de uma cultura internacional-popular. [...] a noção de cultura popular se amplia. Ela passa abranger um conjunto de práticas desenraizadas, cuja presença é simultânea nos diferentes recantos da sociedade global (ORTIZ, 2005, p. 45).

Certas práticas musicais e outras decorrentes delas, verificadas nos dados coletados desta investigação, tais como consumir gêneros de música internacional (*rock, rap, pop*), vestir-se ou usar adereços como os de seus ídolos internacionais, inserem-se nas descrições de modernidade-mundo e de cultura popular-mundial, descritas por Ortiz (2005): “Os alunos do 2º ano estão se reunindo nos degraus do ginásio, para cantar. Eles estão fantasiados de vários personagens do cinema e outros: Super-homem, Homem Aranha, Branca de Neve, princesas, Cinderela, rei, bruxas” (O SM7).

O tema escolhido foi cinema norte-americano. Cada turma de meninas, desde as menores do ensino fundamental até as do médio apresentavam uma coreografia inspirada em um filme da Disney. A abertura e algumas cenas dos filmes eram projetadas num telão no palco. As roupas faziam referência ao tema ou a personagens, e pareciam muito bem confeccionadas. Cada número começava com o tema musical principal de cada filme, como introdução, e depois começava uma música americana, cantada em inglês, rápida e bem forte, ao estilo de balé moderno, e a partir daí desenvolvia-se a coreografia típica desse tipo de dança (O SM10).

É digno de nota, nos exemplos acima, que a escola particular (E2) incentiva o uso desses elementos culturais típicos da cultura popular-internacional em seus eventos, nem sempre dando vez a elementos da cultura nacional e das tradições populares do país.

Segundo Ianni, “o inglês como língua franca e a música *pop* como elemento da cultura internacional-popular” (IANNI, 2008, p. 113) são símbolos em circulação mundial.

Os meninos usam calças jeans escuras, tênis e camisetas pretas com estampas de grupos de *rock*: Slayer (C.), ACDC (banda favorita do J. V.) e Venom (G., 14 anos). Eles também usam umas pulseiras características de roqueiros, pretas com apliques de metal prateado. Eles dizem que vão comprar mais adereços, para ficarem mais caracterizados, pois querem criar um visual que, segundo J. V. não será escandaloso, chamativo, mas uma coisa natural. [...] A dupla de alunos com violão e voz se apresenta. Na segunda canção, a menina canta fora do tom do violão, embora sua voz seja bonita e afinada (O PII).

Aqui também cabe observar a questão da homogeneização de gostos citada pelos EC como sendo característica das sociedades globalizadas. A ocorrência repetitiva de certos gêneros e de certos cantores e grupos de música popular, nas entrevistas e grupos focais, revela essa homogeneização dos gostos musicais. Ianni (2008) comenta que a homogeneização de gostos, padrões e linguagens, modas e estilos faz parte do processo de penetração da cultura internacional-popular, numa busca de melhor entrada e aceitação nos países diversos. É assim que se adaptam mercadorias diversas para serem mais facilmente palatáveis aos públicos de culturas nacionais variadas, como telenovelas e canções. Por isso, encontrei depoimentos de meninos e meninas dizendo consumir canções *pop* brasileiras, *rock* nacional, *raps* feitos por compositores locais, e que falam de questões localizadas em contextos nacionais e locais³. Canclini, por sua vez, comenta a globalização do ponto de vista da cultura, afirmando que

[...] apesar de existirem tendências globalizadoras, sobretudo nas indústrias culturais, não tem sentido falar numa cultura global que substituiria as culturas nacionais, quando apenas uma pequena fração dos produtos cinematográficos, musicais e internéticos são gerados sem marcas locais” (CANCLINI, 2007, p. 49).

Diante dessa colocação, cabe questionar se, diante da grandiosidade da indústria cinematográfica americana, por exemplo, poderíamos nos referir à “pequena fração”. Isso significa que, como se vê na coleta de dados desta pesquisa, a profusão de cantores e grupos nacionais citados, que fazem música brasileira apropriando-se gêneros originalmente

³ Cf. anexos das entrevistas E SM e E PII.

internacionais⁴, coincide com essa pequena fração de produtos culturais estrangeiros, referida por Canclini; mas esse fenômeno de agregar local e internacional é uma hibridização que agrega outros elementos ao que o autor chama de pequena fração.

Como já foi visto anteriormente, Hall (2009) propõe definir a cultura popular nas suas relações de tensão contínua com a cultura dominante. É no contexto dessa posição acadêmica e política que procuro refletir sobre as relações entre classes sociais e consumo de música, entre culturas periféricas e cultura dominante. Diante dos levantamentos desta investigação sobre jovens e consumo musical pelas mídias, passo a questionar que elementos recolhidos (gêneros musicais, grupos de música e cantores, práticas musicais de sujeitos) fazem parte da cultura dominante e quais pertencem às culturas periféricas. Será que ainda podemos dizer, hoje, que o gênero musical sertanejo, com todos os matizes de música comercial que possui e que tanto o distanciaram da sua cultura de origem, com a sua inserção em novas classes sociais, pertence a uma cultura periférica? Ou que o *rap*, tendo atingido classes sociais as mais diversas, atualmente, é ainda um gênero musical da periferia das grandes cidades? Quais são, nos dizeres de Hall (2009), as formações dominantes e as formações subordinadas nesse jogo que envolve mídias e público de música? Elas seriam imutáveis ou mudariam de posição? Diante do poder midiático de eleger um produto e levá-lo a atingir recordes de audiência e consumo, enquanto outros são relegados ao esquecimento, estabelece-se uma luta por legitimidade e hegemonia de bens da cultura, de produtos musicais e outros afins, muitas vezes derivados destes. Tudo isso diz respeito ao conceito de campo de Bourdieu (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009): o território de luta para dominar determinado setor da cultura, influenciando na opinião e no gosto do público e, conseqüentemente, nas suas escolhas de consumo.

Ao problematizar a ideia de consumo, passo a comentar alguns aspectos dessa prática importante e definidora de identidades, nos dias de hoje, segundo estudiosos dos Estudos Culturais, e que se relaciona com as práticas e representações dos jovens investigados, tendo sido uma das principais hipóteses da pesquisa. Tomando como foco as estratégias mercadológicas de criação de necessidades de consumo na atualidade, com maior foco na publicidade e estratégias de incitação ao consumo, Ianni aponta as estratégias econômicas que produzem necessidades de consumo:

⁴ Idem.

Os aumentos de consumo, a contrapartida dos aumentos de produção, agem por sugestão ou emulação na criação das necessidades. As expectativas aumentam na medida em que vão sendo alcançadas. Ou então os produtores podem proceder ativamente a criação de necessidade através da publicidade ou do *marketing*. As necessidades passam assim a depender da produção (IANNI, 2008, p. 65).

O autor afirma que a cultura do capitalismo pode transformar tudo em mercadoria, inclusive signos, símbolos, emblemas e fetiches: “Aos poucos, em todos os lugares, regiões, países, continentes, a despeito das diferenças socioculturais que lhes são próprias, os indivíduos e as coletividades são movidos pela mercadoria, mercado, dinheiro, capital, produtividade, lucratividade” (IANNI, 2008, p. 73).

O autor destaca que as empresas, corporações e conglomerados colocam-se como centros de mando e decisão, transformando tudo num grande *shopping center* que se espalha pelo mundo. Assim, nos lugares mais diversos, aparecem as marcas da globalização. Segundo ele, a empresa global dedica-se ao planejamento em escala mundial, pois sua finalidade é organizar e integrar a atividade econômica, visando o lucro (IANNI, 2008).

Finalmente, ele chega a definir a indústria cultural como uma

[...] técnica social por meio de qual se trabalham mentes e corações e embora não atinja integralmente a todos, pois há a criatividade de indivíduos, [...] é uma expressão inegável da cultura mundial e está presente no modo pelo qual os indivíduos e coletividades informam-se, divertem-se, ocupam seu tempo livre, pensam os problemas reais e imaginários (IANNI, 2008, p. 138).

Ianni cita as mudanças nos modos de vida de populações, a partir da racionalidade da produção de mercadorias materiais e culturais que são manipuladas pela publicidade e pela indústria cultural como sendo necessidades reais e imaginárias. Tudo isso modifica valores e padrões culturais locais, regionais e nacionais, num evidente movimento de globalização de tendências e de comportamentos. Aí se vê o consumo como formador de identidades nos indivíduos.

No decorrer da coleta de dados, vários sujeitos se referiram ao consumo por eles praticado em torno de mercadorias musicais/culturais:

Pesquisadora – Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?

E PII2 – Eu já me inspirei na roupa do 2 Pac, gosto muito dela, da roupa dele.

E PII6 – Acho que sim com certeza, principalmente de roupa, no estilo que bate muitas vezes com as coisas que você gosta (E PII6).

E PII16 – Sempre. Em atividades de Artes, no quarto, a escolha de material, caderno, tudo. Que tem a marca deles (E PII16).

Embora haja exemplos como os acima, muitos jovens me surpreenderam, negando sofrer influência de qualquer tipo dos seus ídolos do mundo da música. Outros afirmaram sofrer influências mais relacionadas a comportamentos não propriamente de consumo de produtos.

Ortiz (2005) utiliza o termo “mundialização” para os domínios da cultura, deixando “globalização” para a economia e a tecnologia. Sobre consumo, Ortiz considera a mundialização da cultura como a geradora de um “conjunto de referenciais e de signos, sobretudo no âmbito da sociedade de consumo, o que permite aos indivíduos construírem suas identidades dentro de novos parâmetros. Pode-se falar no advento de identidades mundializadas” (ORTIZ, 2005, p. 14). Ele diz que isso mina a legitimidade das tradições culturais locais, o que vem ao encontro do que Ianni (2008) nos apresenta:

Hoje, deparamos com uma singularidade de costumes. Calças *jeans*, sapatos, tênis, jaquetas, casacos, *fast-food*, bebidas e comida industrial denotam a imanência de um padrão civilizatório mundializado. Os diversos grupos sociais partilham até mesmo um imaginário coletivo comum, composto por signos comerciais, imagens de cinema, televisão, pôsteres de artistas, cantores de música *pop* etc. (ORTIZ, 2005, p. 40).

Ortiz esclarece o conceito de desterritorialização (de hábitos, costumes), em geral, quando explica que a cultura mundializada circula livremente, independe de qualquer espaço ou lugar, por meio da publicidade, do *marketing* global (ORTIZ, 2005).

O processo de mundialização da cultura engendra, portanto, novos referentes identitários, como a juventude. Nas sociedades contemporâneas, a conduta de um extrato particular de jovens só pode ser entendida como situada no horizonte da mundialização – *t-shirt*, tênis, calças *jeans*, ídolos de *rock*, *surf*, são referências desterritorializadas que fazem parte de um léxico, de uma memória juvenil internacional-popular. Cultuada ritualmente nos grandes concertos de música *pop* [...] aproximando pessoas a despeito de suas nacionalidades e etnias (ORTIZ, 2005, p. 89).

O autor comenta que, para construir suas identidades, os jovens escolhem signos e símbolos globalizados, para se identificarem entre si. Ressalta, ainda, que o consumo é um modo de conduta, um tipo de ética, e que os produtos da cultura são mais do que objetos, são

referências de vida: “Nele, os indivíduos se reconhecem uns aos outros e constroem suas identidades” (ORTIZ, 2005, p. 170).

Canclini assim se manifesta sobre consumo, mídia e identidade, deixando brechas para a ideia de um consumo crítico:

Temos de estudar o consumo como manifestação de sujeitos, buscar onde se favorece sua emergência e sua interpelação, onde se propicia ou se obstrui sua interação com outros sujeitos. [...] a recente reestruturação das relações de poder, tanto no campo do trabalho como no do entretenimento, está, cada vez mais, reduzindo a possibilidade de ser sujeito a uma ficção de mídia (CANCLINI, 2007. p. 26).

O autor cita a integração multimídia dentro do processo de globalização, explicando que ela articula filmes, vídeos, discos, direitos de transmissão televisiva e a produção de *gadgets* (camisetas, brinquedos, etc.), para comercialização. Atualmente, segundo ele, as empresas transnacionais sufocam as nacionais na área do entretenimento, absorvendo as produtoras sobreviventes, inclusive no campo da música comercial. Ele alerta, porém, para o fato de isso não significar a homogeneização nem a substituição do local pelo global, mas a interação e a convivência de ambos.

Cabe considerar os reflexos sociológicos do consumo entre jovens, dentro desse panorama que descrevem os Estudos Culturais e os estudos sociológicos, que o apresenta como sendo definidor de identidades e de modos de vida e comportamento.

E SM3 – Usei tênis que um cantor – Dinho Ouro Preto – usou. Do Capital Inicial.

E PII3 – Eu gosto do MC Pet, tá ligado? Porque as músicas deles são legais também. O ritmo dele, o visual. (Pesquisadora: Como é o visual dele?). Ah, ele gosta de andar com um colar, boné, blusa de frio, um tênis chamado *Mizuno* e uma calça. Ele anda mais assim.

Tendo em vista que, embora alguns declarem consumir produtos da cultura a partir de seus consumos musicais, como se vê acima, vários sujeitos da pesquisa são críticos sobre consumo de determinados gêneros musicais propriamente ditos, e por isso, deve-se pensar que pode haver outras forças atuando nesse contexto, para fora das relações capitalistas. A influência familiar e do grupo social e a contribuição da escola podem estar aí envolvidos.

Lahire (2006), por sua vez, refere-se a uma nova estrutura de oferta de gêneros da cultura, “caracterizada pela mistura de gêneros, dos mais nobres aos mais comuns” (LAHIRE, 2006, p. 545), e afirma que isso é reflexo de novas estruturas de percepção. Essa mistura ou indiferenciação de gêneros é, segundo ele, “uma verdadeira fórmula geradora de práticas e representações, isto é, uma disposição ou um hábito cultural que põe em questão as separações, as divisões, as fronteiras outrora mais firmemente estabelecidas” (LAHIRE, 2006, p. 545). Esse autor, portanto, fala de mudanças nos padrões de consumo cultural, até algum tempo padronizados entre “mais nobres e mais comuns” (LAHIRE, 2006, p. 545), e que passam atualmente por um processo que os mescla uns aos outros. Na investigação feita entre jovens, nesta pesquisa, verificou-se, muitas vezes, a ocorrência dessa mistura de escolhas musicais em um só indivíduo, que mencionava artistas e gêneros musicais completamente diferentes como sendo suas preferências.

Em sua recente tese de doutorado em Educação, Bethônico (2014) demonstra relevante interesse por questões de consumo na escola de ensino básico, e seus reflexos na formação de estudantes. Ao discorrer sobre o letramento em *marketing*, o autor cita os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como documento de referência para se introduzir o tema do consumo em sala de aula, numa perspectiva multidisciplinar. Após análise detalhada do referido documento, Bethônico conclui que

[...] embora tenha sofrido diversas críticas, ter sido concebido há quase vinte anos e por haver dúvidas no seu atual impacto quanto à formação de professores, o conjunto dos PCN se mostra como um importante auxílio para a formação de consumidores críticos (BETHÔNICO, 2014, p. 165).

Ele mesmo, entretanto, mostra-se crítico quanto a estratégias de ensino do consumo nas escolas, com base nos PCN, afirmando que elas são inadequadas quanto às estratégias de consumo atualmente usadas pelas organizações, em relação aos públicos infantil e juvenil. O autor acredita que, devido à exposição desses públicos à TV e à internet e às suas campanhas, deveriam ser propostos trabalhos de análise crítica e de produção, na escola (BETHÔNICO, 2014).

Neste ponto, faço uma reflexão que considero indispensável. Ao observar e entrevistar os jovens, eu percebi que eles, muitas vezes, apresentavam ou se referiam a práticas de consumo relacionadas à música. Algumas delas eram claramente colocadas por eles, nas entrevistas,

conforme já foram citadas neste texto. Penso, no entanto, se essa consciência de que consomem e compram, muitas vezes, inspirados nos seus ídolos e músicas é sempre presente para esses sujeitos. Talvez, nesse sentido, a educação escolar para o consumo consciente pudesse interferir, naturalmente observando que a questão de modelos e imitação parece própria à condição juvenil na qual se encontram.

2.3 Aspectos sociológicos que põem em relevo a formação dos gostos musicais e a legitimidade cultural

Conforme Nogueira e Nogueira (2009), ao se referirem ao pensamento de Bourdieu,

as práticas sociais seriam estruturadas, isto é, apresentariam propriedades típicas da posição social de quem as produz, porque a própria subjetividade dos indivíduos, sua forma de perceber e apreciar o mundo, suas preferências, seus gostos, suas aspirações, estariam previamente estruturadas em relação ao momento da ação (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 24-25).

Bourdieu tem a convicção de que, aos sujeitos, escapa o sentido objetivo das ações, de que eles agem como membros de uma classe social mesmo quando não possuem consciência clara sobre isso. Assim, agiriam de acordo com sua posição social, sem a plena consciência de que estariam atuando no sentido da perpetuação das relações de dominação. Segundo Nogueira e Nogueira (2009), estudiosos de Bourdieu,

[...] a subjetividade dos sujeitos é algo socialmente estruturado – no sentido de estar configurada de acordo com a posição social específica ocupada originalmente pelo sujeito na estrutura social – e que suas percepções, apreciações e ações refletem essa estruturação interna, ou seja, apresentam características que indicam a vinculação com determinada posição social (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 27).

Outro conceito fundamental em Bourdieu é o de capital cultural, que ele utiliza em analogia ao capital econômico. Por exemplo: o domínio da língua culta funciona como moeda – capital – que propicia recompensas a quem o possui, seja no mundo escolar ou profissional. O capital cultural pode se apresentar em três modalidades: objetivado, incorporado ou institucionalizado. O primeiro tipo está relacionado à propriedade de objetos culturais valorizados, como livros e obras de arte. O segundo se refere à cultura legítima internalizada pelo indivíduo, como habilidades linguísticas, crenças, conhecimentos, hábitos e comportamentos relacionados à cultura dominante (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009). Pode-

se ver, no exemplo abaixo, o depoimento de um aluno sobre hábitos de consumo musical de sua família e que são seus também, propiciados pelo ambiente de casa e levados pelo seu pai.

E PIII1 – Ouço muita música porque meu pai é músico, ele toca ali no Palácio das Artes, ele toca... ele é percussionista. Ele toca nas aulas de balé do Palácio das Artes e numa companhia ali em cima, chamada Corpo. Eu ouço várias vezes muitas músicas em casa, o meu pai também. Aí, todo mundo da família escuta muita música. Eu gosto do *rock* clássico porque tipo... tem umas bandas bem boas que eu curto muito, temos Beatles, Led Zeppelin, Pink Floyd, um monte de músicas. Porque as músicas deles são muito chiques, chiques mesmo, eu gosto muito. Às vezes eu ouço pela internet, celular, na rádio mesmo, no CD do meu pai, desse jeito.

O terceiro se refere à posse de certificados escolares, que tendem a ser valorizados socialmente como atestados de formação cultural (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009).

Em sua obra *A cultura dos indivíduos*, já referida aqui, Lahire (2006), apoiado em dados estatísticos como entrevistas a mais de cem pessoas e observação de comportamentos e de documentos diversos, muda o foco do olhar sobre a cultura e suas diferenças em classes sociais (variações interclasses) para um olhar sobre diferenças internas de cada indivíduo (variações intra-individuais), em relação às suas práticas e preferências culturais. Esse olhar para as estruturas microssociológicas o difere de Bourdieu, que atribui os gostos e escolhas culturais sendo relativos ao pertencimento a classes sociais.

Não focalizando fatores de legitimidade e homogeneidade nem da legitimidade cultural em suas pesquisas, Lahire levantou tais práticas e preferências dentro de diversos domínios culturais. Ele encontrou as pessoas entrevistadas manifestando

[...] ambivalências, oscilações ou alternâncias dentro de cada campo (por exemplo, música clássica e música *pop* ou literatura clássica e literatura folhetinesca ou revistas *people*) e/ou de um campo cultural a outro (da leitura à música, da televisão aos programas culturais, etc) (LAHIRE, 2006, p. 18-19).

“Uma nova menina diz gostar de clássico. Eu me viro e pergunto quais. Ela diz que gosta de ‘Johann Sebastian Bach, Salieri, Mozart, Strauss, Rachmaninov, *pop* também, *rock*, vai tudo” (O SM9). Essa foi a única menção de jovens à música clássica, em todas as coletas de dados da minha pesquisa. Pode-se notar que seu gosto é bem eclético, enquadrando-se no que Lahire descreve acima.

A argumentação de Lahire é sobre a importância de se estudar o individual para se entender o social, na contramão de estudiosos que, segundo ele, só validavam resultados quando podiam ser “generalizáveis”. Assim é que seus estudos revelam os motivos individuais de tantas variações de gostos, tais como:

[...] experiências socializadoras heterogêneas na infância e na adolescência, [...] mudanças importantes de condições materiais e/ou culturais de vida, [...] efeitos específicos e localizados de formações escolares muito especializadas, [...] relações ambivalentes com sua própria cultura familiar de origem ligadas às condições de “transmissão” do capital cultural dos pais, influências conjugais [...] e relações de amizade (LAHIRE, 2006, p. 19).

No caso desta pesquisa, poderíamos pensar que, entre os motivos individuais para as variações de gosto dos seus sujeitos, estariam a identificação com estados de ânimo, ser membro de um grupo/tribo, e também influências da escola, em alguns casos, para citar somente alguns. Para Lahire (2006), as realidades individuais são sociais e são socialmente produzidas, e

[...] as variações intra-individuais dos comportamentos culturais são produto da interação entre, de um lado, a pluralidade de disposições e de competências culturais incorporadas [...] e de outro, a diversidade de contextos culturais [...] nos quais os indivíduos têm de fazer escolhas, onde praticam, consomem, etc. (LAHIRE, 2006, p. 20).

Se formos tratar de diferenças quanto ao pertencimento social dos grupos das duas escolas investigadas, relacionando-as quanto aos gêneros musicais consumidos por jovens da escola pública e da escola particular, as coincidências são muitas, como já se mostrou em outra passagem deste trabalho, o que invalidaria a teoria da legitimidade, de Pierre Bourdieu, uma vez que existem alunos de diferentes grupos sociais representados nas duas escolas, com gostos que vão de um extremo ao outro, e não estamos colocando a questão de qual grupo legitima essas práticas culturais, ou se o que é legitimado pelos jovens da pesquisa não seria classificado como um saber cultural relevante numa classificação entre tipos de saberes que uma instituição como a escola ou os críticos culturais, em determinado tempo e contexto, poderiam fazer.

De acordo com Lahire (2006), o mundo social nunca foi tão unificado a ponto de permitir a existência de apenas uma escala de legitimidade cultural, mesmo que essa esteja dentro das classes dominantes, e do reconhecimento dessa legitimidade por parte dos indivíduos das classes dominadas. Interessante é a sua colocação e reflexão sobre o deslocamento da ordem

cultural dominante, pois ele exemplifica com o caso relativo ao consumo musical de jovens. O autor refere que um jovem fã de um roqueiro não dá o menor crédito à questão da legitimidade da cultura musical dominante, porque, para ele, o seu ídolo é aquele em quem ele põe toda a fé. Assim se expressou um aluno da escola particular (EP2) a respeito de um ídolo de música *pop* que ele admira: “E SM12 – É um dos meus artistas preferidos, inclusive, lá no topo, número um. Vida louca. Eu admiro neles o seguinte... é porque eles são os famosos, é o cara, é a bola da vez, né? São os *tops*”. É como se para ele apenas isso interessasse, a admiração que tem por seu ídolo.

Lahire cita, ainda, que é o grupo de jovens estudantes que forma uma instância de consagração de gêneros artísticos, e que o grupo de iguais é que permite a legitimação, que é sustentada pelo mercado midiático. Para ele, a música, o cinema e a televisão são os que mais atraem jovens para essa prática em conjunto, mais do que a literatura, por exemplo, que não permite as trocas e compartilhamentos da mesma forma grupal que estes (LAHIRE, 2006). Observei isso entre os jovens da escola pública (EP 1), no hábito de ouvirem juntos o mesmo fone de ouvido, comum especialmente entre as meninas, que, muitas vezes, também dançam e conversam, enquanto escutam música (O PII2, O PII3, O PII4).

Ainda sobre legitimidade cultural, ele diz que a crença na legitimidade cultural de produtos e práticas supõe a relação entre populações, e que somente nessas relações se determinará a força ou a fraqueza da legitimidade em jogo.

Assim, as populações que passam pela escola sem encontrar ali um sentido e um interesse hoje são facilmente atraídas por instâncias de consagração (televisão, rádio, imprensa escrita, etc.) objetivamente em luta com a instituição escolar e não se sentem envergonhadas diante de certos bens culturais legítimos. Em vez disso, sua crença orienta-se a outros bens e a outras práticas e, desse modo a legitimidade de bens objetivamente dominantes pode debilitar-se ou desaparecer completamente para elas (LAHIRE, 2006, p. 55).

Nessa perspectiva, é importante destacar em Lahire a conceituação de cultura popular e de alta cultura. O autor afirma que há duas formas de dominar culturalmente: pelo nome e pela popularidade, como canções, séries de TV, etc. e pela raridade e pela nobreza, como obras musicais e pictóricas, obras literárias e teatrais, etc. (LAHIRE, 2006). Segundo ele, as duas formas dominam, uma pela extensão do seu público e a outra pelo prestígio que conquistou historicamente: “O que faz a diferença entre essas diversas ordens legítimas é sua força social ou sua potência social relativa, isto é, sua capacidade de se impor a um número maior ou

menor de indivíduos” (LAHIRE, 2014, p. 56). Essas afirmações vêm ao encontro de uma questão que encontrei em minhas reflexões sobre se a cultura erudita seria realmente dominante diante do poder da cultura comercial, movida pelas mídias, na atualidade, e que arrasta consigo milhões de espectadores e ouvintes nas sociedades do planeta.

2.4 Metodologia

Os dados desta investigação foram obtidos por meio de observações, entrevistas e grupos focais, realizados em duas escolas, uma pública da rede estadual de educação (EP1) e uma particular (EP2). No primeiro semestre de coleta, foram feitas 14 observações, sendo 5 na primeira escola e 9 na segunda. Foram observados espaços escolares em que ocorria música, exceto salas de aula, pois o objetivo da pesquisa era conhecer a presença da música das mídias entre jovens dentro da escola, mas não em contextos formais e escolarização.

Após essa etapa, foram entrevistados, individualmente, 30 jovens de 12 a 17 anos, sendo 16 na escola EP1 e 14 na escola EP2. As entrevistas foram feitas durante os recreios, nos pátios e corredores das escolas. Eu levava um gravador e abordava os meninos e meninas que, geralmente, estavam em grupo, conversando, ouvindo música – muitas vezes em seus dispositivos eletrônicos – e lanchando. Alguns deles se aproximavam de mim, percebendo que eu estava interessada em conversar com eles, e se ofereciam para falar, motivados pela presença de uma pessoa estranha na escola.

Foram realizados 4 grupos focais, sendo 2 em cada escola. Os grupos tinham entre 7 e 10 membros e eram mistos. Os encontros aconteceram em salas das escolas que foram disponibilizadas para esse fim. O primeiro grupo foi feito com jovens de 15 e 16 anos, do segundo ano do ensino médio. O segundo foi feito com meninos e meninas de 13 e 14 anos, do nono ano do ensino fundamental. Esses dois grupos eram da escola EP2. O terceiro e quarto grupos foram feitos com alunos do sexto ano do ensino fundamental, com idades entre 12 e 13 anos, na escola EP1.

Os colaboradores desta pesquisa foram escolhidos entre jovens de doze a dezessete anos, de duas escolas de ensino básico, na cidade de Belo Horizonte: a pública (EP1), com a música em seu currículo formal, e a particular (EP2), com atividades livres de música em escolinhas e

oficinas. Entretanto, o foco desta investigação não foi a sala de aula de Música ou de qualquer outra disciplina que utilizasse a música como recurso pedagógico, nem apenas eventos escolares formalmente promovidos pelas escolas – embora esses últimos tenham sido, eventualmente, observados.

Foi escolhida, primeiramente, a observação não-estruturada, característica de estudos qualitativos, que vê comportamentos não determinados, visando a descrever e compreender o que está acontecendo numa situação (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999). Na observação, pode-se estabelecer “uma relação de conhecimento com seu objeto de estudo, que é, por sua vez, um fenômeno concreto da vida social, imbricado em relações sociais e de poder e numa rede de significados socialmente compartilhados” (TURA, 2003, p. 184).

A observação colaborou com esta investigação, por ter um potencial expressivo para entrar em contextos concretos em que conviviam os sujeitos envolvidos com os fenômenos que foram estudados. Tais contextos foram, principalmente, os ambientes escolares de convívio social e recreação, fora da sala de aula: pátio, corredores, festas e outros. Esses ambientes foram observados, preferencialmente, durante eventos formais ou informais, com a presença de música cantada, ouvida, gravada, falada. A ausência dessa, porém, não inviabilizou o olhar para os comportamentos dos sujeitos, uma vez que o consumo extrapola o conteúdo e melodia das músicas, interferindo nos gestos, na moda, na linguagem e no comportamento em geral. Tal procedimento foi o que proveu a pesquisa de maior e mais ricos dados durante as coletas.

Momo (2007), em sua tese de doutorado sobre mídia e consumo na infância, recolheu dados inestimáveis para sua pesquisa, apresentando estratégias metodológicas de cunho etnográfico que também serão indispensáveis ao meu trabalho, por meio da observação nos espaços escolares. Ela encontrou, vendo salas de aula, festas e recreios, uma infinidade de usos e comportamentos infantis ligados ao consumo de artefatos divulgados e “vendidos” pelas diversas mídias em nosso país, de ordem material – tais como jogos, brinquedos, produtos tecnológicos, roupas, calçados, adereços corporais, penteados, etc. – e de ordem simbólica – como desenhos animados, filmes, personalidades famosas das mídias, canções e cantores, danças, dizeres entre os alunos. Suas observações parecem ter sido bastante cuidadosas, indicando modos de interação dos sujeitos envolvidos. Momo buscava verificar as relações entre mídias e consumo, como proponho em meu trabalho, e a coleta interessante que fez de artefatos musicais, dentre os demais encontrados por ela, criou uma expressiva identidade com

meu trabalho, bem como a opção pela observação como um procedimento chave na procura de dados para a minha pesquisa.

A entrevista não-estruturada ou semiestruturada, outro instrumento a ser utilizado na pesquisa, é empregada no intuito de conhecer o significado que o sujeito dá ao tema pesquisado, a eventos e a situações, e para ajudar o pesquisador a construir os significados que está buscando. No caso presente, ela foi desenvolvida em combinação com os grupos focais (GF), tendo sido realizada antes desses, para que os discursos produzidos na situação de grupo não determinassem a posição individual dos sujeitos. A entrevista também foi estendida a outros colaboradores não integrantes dos GF, alunos das mesmas escolas, pertencentes à mesma faixa etária daqueles, e que estavam envolvidos em situações observadas anteriormente. As fases não-estruturada e semiestruturada se prestam, respectivamente, a introduzir o tema ao entrevistado e clarear aspectos que serão enfocados, e fazer perguntas específicas sobre o tema (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999). Os encontros dos GF e as entrevistas foram gravados e, posteriormente, transcritos, para a seleção e análise dos dados recolhidos.

O grupo focal também foi uma estratégia metodológica utilizada como método complementar de coleta de dados qualitativos. Esse método é uma forma de entrevista que busca recriar um determinado contexto ou ambiente social “onde o indivíduo pode interagir com vizinhos, deve às vezes defender suas opiniões, pode contestar as dos outros” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 194). “O GF foi estruturado, inicialmente, por Robert Merton e colaboradores, na década de quarenta”⁵. Atualmente, é usado em pesquisas em Antropologia, Comunicação e Educação, e proporciona quantidade e qualidade de dados, sem perder a unidade de análise proposta, buscando obter a compreensão de seus participantes sobre um tema, através de suas próprias palavras e comportamentos.

O grupo focal “permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados” (GATTI, 2005, p. 9). Esse procedimento metodológico foi eleito porque possibilitaria a interação entre jovens, procurando imitar o meio no qual ocorrem suas conversas informais – os corredores e pátios da escola – em momentos de recreação. Ele foi utilizado como fonte de

⁵ <http://www.msmedia.com/ceprua/artigos/clarissa1.fdf>

obtenção de dados qualitativos e realizado após a entrevista individual. Os dois complementaram-se, a fim de evitar a conformidade, que ocorre quando os participantes não fornecem informações no grupo que forneceriam na entrevista individual (GATTI, 2005, p. 4).

Abaixo, encontram-se os roteiros das entrevistas individuais e dos grupos focais:

Questões feitas nas entrevistas individuais:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?

Questões feitas nos grupos focais:

1. Qual é a experiência de vocês com música?
2. Vocês curtem música mais quando estão sozinhos ou em grupo? Por quê?
3. O que vocês mais fazem quando estão num ambiente com outros jovens quando tem música?
4. Que grupos e cantores são os seus preferidos e o que vocês mais admiram neles?
5. Alguma vez vocês já se inspiraram nesses cantores ou grupos de alguma forma?
6. Onde vocês mais partilham música, em que mídias e lugares?

3. SOBRE MÚSICA, MÍDIAS, JUVENTUDE E CONSUMO

3.1 Encontrando os conceitos

Este capítulo discorre sobre alguns conceitos fundamentais para esta pesquisa: música (sendo utilizado aqui o gênero canção) mídias, juventude e consumo. Busquei o conceito de canção em Napolitano (2002). Os conceitos de mídia e consumo foram encontrados nos Estudos Culturais, em autores como Canclini (2007), Ortiz (1994) e Ianni (2002), e outros como Melo e Tosta (2008) e Fischer (2006). O conceito de juventude encontra-se em Dayrell (2012).

3.1.1 Canção

Napolitano (2002) afirma que o samba, surgido como gênero musical entre 1917 e 1931, é que marca o nascimento da canção moderna brasileira. A canção brasileira, segundo ele, foi consolidada entre os anos de 1959 e 1968 é considerada por ele como “veículo fundamental de projetos culturais e ideológicos [...] dentro de uma perspectiva de engajamento típico de uma cultura política ‘nacional-popular’” (NAPOLITANO, 2002, p. 47). O autor traça assim as trajetórias de alguns dos principais gêneros de música popular em nosso país, após a referida época:

- Anos 40 e 50: com a consolidação do rádio, gêneros como o baião e outros regionais ganham espaço nesse veículo, bem como o samba-de-morro, mais tradicional.
- Anos 1958 a 1969: eclode a Bossa Nova, feita da mistura de gêneros musicais brasileiros com tendências modernas internacionais como o *jazz* e o *pop*: “o advento definitivo da música popular moderna no Brasil” (VENÂNCIO, 1984, p. 9 *apud* NAPOLITANO, 2002, p.63). No meio desse período, surge a MPB, segundo Napolitano, “um ponto médio entre a tradição ‘folclorizada’ do morro e do sertão e as conquistas cosmopolitas da Bossa Nova” (NAPOLITANO, 2002, p.64), e uma música de tom nacionalista que foi bastante criticada por outra corrente musical do período: o Tropicalismo. O Tropicalismo representou uma abertura para uma herança musical do passado, negada pela Bossa Nova e pela MPB, como os gêneros bolero e marchinhas, considerados de “mau gosto”, e representou um fechamento para a MPB e seus

valores marcados pelo nacional-popular de esquerda e para a ideia de resgate da tradição musical considerada autenticamente brasileira (NAPOLITANO, 2002).

- Anos 1972 a 1979: a MPB como centro da história musical brasileira – época marcada pelo aprofundamento da segmentação no consumo musical, que “definía o lugar dos artistas no mercado e o tipo de produto musical a ser oferecido ao grande público consumidor” (NAPOLITANO, 2002, p.70). A MPB estava no topo da hierarquia musical e era aberta a várias tendências, desde setores intelectualizados a vanguardas jovens. Nesse ponto, Napolitano considera que o Tropicalismo deixa de ser um gênero e se incorpora ao amplo sistema da MPB. Também surge uma linha chamada *pop-rock*, ligada à poesia de vanguarda, às subculturas jovens e a ousadias estéticas por influência do Tropicalismo. Ao lado disso, havia a música romântica, bastante popular. Dessa forma, a MPB deixa de ser considerada como gênero e passa a ser vista como um complexo cultural plural, marcada pela “problemática simbiose entre valorização estética e sucesso mercantil” (NAPOLITANO, 2002, p.72). Isso significa que quase todos os gêneros de música brasileira passaram a ser considerados como MPB e ela, tendo saído da classe média intelectualizada, chega até as classes populares:

Entre nós, brasileiros, a canção ocupa um lugar muito especial na produção cultural. Em seus diversos matizes, ela tem sido termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas sobretudo, das nossas sociabilidades e sensibilidades coletivas mais profundas (NAPOLITANO, 2002, p.77).

Há outros aspectos relevantes também considerados por esse autor, que diz respeito à estrutura da canção e à sua *performance*. Para ele, numa análise histórica, é importante trabalhar com o “entrelugar” das duas instâncias, não reduzindo uma à outra. Napolitano acredita que, ao estudar a história de uma música, é preciso identificar a gravação em relação à época a se estudar, localizar o meio que a veiculou e mapear os espaços culturais e sociais nos quais a música se realizou. Embora a análise histórica não seja o foco deste trabalho, a observação desses aspectos aqui citados também é de extrema relevância para a análise dos dados da pesquisa, análise que não pode negligenciar espaços sociais e culturais que servem de pano de fundo para a composição e o consumo das canções citadas, ouvidas, compostas e apreciadas pelos sujeitos desta investigação.

Dentro da estrutura da canção, Napolitano (2002) identifica que ela trabalha com uma série de linguagens (música, poesia) e de informações (sociológicas, históricas, biográficas, estéticas), mas que ela também vai além e não pode ser reduzida a isso, uma vez que ela se realiza como um artefato cultural. Por isso, não se pode analisar, por exemplo, apenas a letra, desconsiderando o arranjo, a melodia, o ritmo, o gênero (NAPOLITANO, 2002). Quanto à *performance*, ele cita que a canção não só passa pela leitura do cantor, mas “deve se transformar em artefato que é resultado de um tratamento técnico, lastreado por uma tecnologia de registro e suporte sonoro historicamente determinada. Esta cadeia tecno-industrial acaba interferindo no próprio ato do criador e do intérprete” (NAPOLITANO, 2002, p. 101).

3.1.2 Mídias

O termo mídia tem origem no latim e significa meio, veículo, canal. O conceito de mídia dado por Melo e Tosta (2008) define-a da seguinte forma:

Constitui uma das mais importantes características da modernidade, distingue-se da comunicação humana pelo uso de tecnologias específicas e pelo surgimento de instituições responsáveis pela sua produção, fenômeno esse que se convencionou chamar de meios de comunicação de massa (MCM), *mass media* ou simplesmente mídia (MELO; TOSTA, 2008, p. 12).

O foco desses autores é a relação entre as mídias e a educação dentro da escola. Eles afirmam que as mídias exercem papel de mediação com e na sociedade, inclusive na instituição escolar, e que conformam discursos tais como o político, o econômico, o religioso, o ético, o moral e o educativo. Por esse motivo, consideram que a escola deve ter atenção a esses discursos e problematizá-los dentro de sua instituição, para favorecer as aprendizagens sobre o mundo. Os autores dizem que a mídia é um outro local do saber, que influencia na formação dos indivíduos, juntamente com a família e a escola, promovendo também, como essas, representações discursivas.

Eles se referem às proporções imensas que tomou a indústria midiática no planeta, inclusive com o uso de suportes digitais, mais recentemente, e também tratam do fato de que as indústrias midiáticas exportam produtos simbólicos adaptados para o consumo internacional, podendo embutir, neles, valores intelectuais que “aspiram traduzir a nossa identidade”

(MELO; TOSTA, 2008, p. 30). Acrescentam, ainda, que a mídia tem o foco na fabricação de artefatos que se materializam em palavras, sons e imagens, e que ela é uma fonte de poder.

A centralidade dessa imagem na mídia é discutida por Ianni, (2008), quando o autor afirma que a TV tem fascínio pela imagem, e o que não tem imagem e não é, portanto, visível, não merece informação e não existe. “O choque emocional que as imagens produzem [...] não se compara com o que podem produzir os outros meios” (RAMONET, 1991 *apud* IANNI, 2008, p. 116-117). Ianni fala dos modos de vida produzidos pela mídia, sobretudo, pela imagem veiculada, o que ele chama de “*video-clip* mundial”. Essas imagens manipuladas pela publicidade, caracterizadas pela fugacidade e pelo colorido, criam necessidades reais e imaginárias de consumo de mercadorias materiais e culturais produzidas.

Melo e Tosta colocam-se, assim, diante da questão da TV nas sociedades contemporâneas:

Em termos quantitativos, há um veículo que monopoliza hoje as atenções dos consumidores: a televisão. Sua vantagem reside no apelo multissensorial (combinando visão e audição e despertando o tato e o olfato pelos efeitos da imagem em movimento) (MELO; TOSTA, 2008, p. 78).

Os autores preocupam-se com os estudos sobre esse meio de comunicação, devido ao fato de ser ele a maior fonte de informação do mundo atual.

A questão entre TV e educação também está presente nas reflexões de Fischer, quando a autora afirma que o trabalho pedagógico sério e criativo pode “desmanchar os materiais televisivos” (FISCHER, 2006, p. 30), fazendo pensar sobre as formas de controle da sociedade civil naquilo que é produzido e veiculado pela televisão. Como Melo e Tosta, a autora também relaciona as grandes instâncias da cultura (como a TV) com a formação das identidades e das subjetividades. Ela questiona as formas pelas quais a publicidade televisiva representa ou exclui sujeitos da sociedade, e afirma que a escola ainda não está instrumentalizada para se dirigir à criança e ao jovem telespectadores (p. 30-31). Tal como Ianni, Melo e Tosta citam o consumo relativo às mídias como a TV, e falam, também, do rádio: uma notícia de jornal conduz a um filme, um seriado na televisão estimula a leitura de um livro, um programa de rádio incita a audição de um disco, um filme motiva a compra de um fascículo ou uma revista (MARQUES DE MELO, 1998 *apud* MELO; TOSTA, 2008).

O rádio é outra importante mídia e que ainda tem grande penetração na sociedade, a despeito da ascensão das novas mídias digitais. Ele apareceu no Brasil no início do século XX, e “cresceu sob o signo da regionalização, mas ultimamente vem sendo nacionalizado por meio de redes conectadas via satélite” (MELO; TOSTA, 2008, p. 44). Ao lado disso, os autores citam o crescimento das rádios comunitárias, sob o comando de movimentos sociais, e que realizam transmissões clandestinamente. Os autores afirmam que o rádio e a TV tornaram-se acessíveis aos bolsões populacionais desprovidos de escolaridade básica, dando a eles a chance de saber o que se passa no mundo ao seu redor.

Napolitano comenta que, no final dos anos 1940, “o rádio era um veículo de comunicação consolidado e em franco processo de expansão, sobretudo entre as classes populares urbanas (brasileiras)” (NAPOLITANO, 2002, p. 56). O autor destaca a importância dessa mídia na transmissão de música, na penetração de gêneros musicais estrangeiros tais como o bolero, a rumba, o cha-cha-cha e o *cool jazz* em nosso país, bem como na entrada de gêneros nacionais como o samba, o baião e outros gêneros “regionais”.

Sobre as mídias do século XX, Ortiz (2005) conta que, nas décadas de 1920 e 1930, com o rádio, o cinema falado, os quadrinhos e a publicidade, o panorama das comunicações se altera e os meios passam a atuar de forma nunca antes vista. Assim, surge a cultura de massa, como um espaço no qual as pessoas veem expressas as suas vontades individuais. Nessa época, a mídia surge como um fator de unificação dos consumidores, como um guia de consumo para as pessoas, orientando suas condutas. Segundo o autor, na América Latina, esse quadro se repete de forma mais expressiva ainda, devido à grande heterogeneidade de seus povos. “Nesse contexto de dispersão cultural e geográfica, os meios de comunicação atuam como fatores preponderantes. Eles soldam a diversidade existente no seio da unidade nacional” (ORTIZ, 2005, p. 111). Assim, os meios como o cinema, a música, a radionovela e a telenovela elaboram uma cultura nacional-popular. Entretanto, para Bourdieu (1980 *apud* ORTIZ, 2005), a análise de tudo isso não é feita por meio de cultura de massa, mas em função das posições no seio da sociedade. A distribuição e o consumo de bens pelas mídias é feita levando-se em consideração o capital cultural dos indivíduos e sua condição de classe. Esse sociólogo discute incansavelmente as relações entre gosto, consumo de bens culturais e pertencimento de classe social.

Também preocupados com questões de gosto relativas às mídias estão Fischer (2006) e Ortiz (2005). Fischer questiona de que modo o gosto estético dos jovens está se formando diante do hábito de ver TV, que sons eles estão ouvindo, que imagens lhes agradam e com que se identificam. Ela se baseia em Stuart Hall, pensador de destaque na linha dos Estudos Culturais, para assumir como ele uma concepção mais ampla de cultura:

[...] chamaremos de cultura o conjunto complexo e diferenciado de significações relativas aos vários setores da vida dos grupos sociais e das sociedades e por eles historicamente produzidas (as linguagens, a literatura, as artes, o cinema, a TV, o sistema de crenças, a filosofia, os sentidos dados às diferentes ações humanas (FISCHER, 2006, p. 25).

A autora propõe que o trabalho pedagógico se abra à fruição dos programas veiculados pelas mídias para conhecer a linguagem utilizada por elas, bem como as próprias emoções do espectador.

Ortiz (2005), por sua vez, fala da cultura internacional-popular, citando os programas da rede de televisão a cabo MTV, cuja audiência planetária faz com que esses circulem entre jovens do mundo todo. O autor diz que, com as revistas de *rock*, a música em vinil ou CD, eles determinam gostos e julgamentos estéticos de jovens espalhados por todo lugar. Como se vê, ambos os autores estão se referindo ao papel das mídias, especialmente a televisiva, na formação de gostos na juventude, destacando a força desses meios na realização dessa tarefa.

Caminhando para as mídias do século XXI, encontramos Melo e Tosta, que assim as caracterizam:

Trata-se de uma indústria marcada por um sistema complexo de natureza empresarial [...]Tendo uma estrutura simultaneamente padronizada e segmentada, o hibridismo estrutural (que caracteriza os cenários dessas mídias) rege-se pelos princípios da produção em série. Por outro lado, abriga espaços que pressupõem uma intervenção artística, estética, não comportando regras de produção muito rígidas (MELO; TOSTA, 2008, p. 36).

Os autores afirmam que esse sistema trabalha com uma tecnologia sofisticada de tendência internacional, não podendo, contudo, perder a perspectiva das tradições nacionais. Logo, a relação entre tradição e modernidade, entre local e global está em suas características.

Sobre as mídias e a globalização, Canclini alerta para o fato de que “as novas fronteiras da desigualdade separam cada vez mais quem é capaz de se conectar a redes supranacionais de quem é abandonado em seu reduto local” (CANCLINI, 2007, p. 30). Ele afirma que produtos materiais e culturais difundidos pelo mundo não trazem mais a marca nacional, pois são interligados “em discursos e práticas que podemos ver multiplicados em sessenta ou cem sociedades” (CANCLINI, 2007, p. 30).

A segmentação de consumo, típica da globalização, caracteriza a questão do consumo e dos meios de comunicação atuais. Por isso, de acordo com Ortiz, “o problema da gestão moderna seria combinar o descentramento da economia mundial e a oferta de produtos adequados ao gosto de cada um” (ORTIZ, 2005, p. 116). Para ele, a “fragmentação” está intimamente ligada à tecnologia e à informação:

[...] o fato de um conjunto de técnicas recentes se fundamentar na informática levaria, necessariamente, a uma modificação radical do tecido social. Existiria assim uma ruptura entre as ‘novas’ e as ‘velhas’ tecnologias. Estas últimas – cinema, televisão, imprensa – são consideradas como sendo de ‘massa’. Nelas, alguns indivíduos, utilizando poucos canais de comunicação, veiculariam as mesmas mensagens para uma grande audiência. Um conteúdo padronizado atingiria o público como um todo. As ‘novas’ tecnologias seriam de outra natureza. Elas favoreceriam a descentralização da produção, a diversificação das mensagens, a interação entre o emissor e o receptor (ORTIZ, 2005, p. 116-117).

Ora, tudo isso está intrinsecamente relacionado ao advento das novas mídias, cuja dinâmica passa por outros caminhos diferentes daqueles das mídias tradicionais, como se vê acima. Houve uma mudança nas formas de comunicação, mudança que está enraizada no desenvolvimento vertiginoso das tecnologias da informação, que alterou até mesmo a natureza das mensagens ao alterar as maneiras de se comunicarem os interlocutores.

3.1.3 Juventude

Dayrell propõe a compreensão do conceito de juventude a partir de duas componentes: biológica e social. Ele também destaca a dificuldade de se falar de uma única juventude:

O que se verifica são juventudes, jovens que vivenciam de formas diversas essa fase da vida. Quanto à adolescência, Dayrell afirma se tratar de uma categoria utilizada principalmente pela psicologia. Na Sociologia da Juventude, a adolescência costuma ser considerada como uma fase da juventude, como seu período inicial (GOMES; COSTA, 2010, p. 1).

Para Dayrell, hoje existe a centralidade da sociabilidade constituindo o ser jovem atual. Ele afirma que a juventude é uma categoria que não se reduz a uma faixa etária, e por isso deve ser pensada, “não como uma categoria homogênea, mas marcada pela diversidade” (2010). Por isso, ele utiliza juventude no plural. Segundo ele, a ideia de “juventudes” deve dar conta de uma diversidade imensa, quanto à origem social, espaço geográfico, de raça, de gênero - todas as variáveis sociológicas que interferem nessa construção social.

Uma vez que a presente pesquisa trata de uma investigação com jovens, faz-se relevante citar a fala de Dayrell sobre essa faixa etária. De acordo com ele,

a categoria adolescência foi cunhada pela Psicologia, no final do século XIX. Desde então, ela tem sido apropriada pela abordagem psicológica que tende a uma compreensão individualizada desses sujeitos. Em geral, a Sociologia da Juventude pensa a adolescência como a etapa inicial da juventude. Uma etapa claramente demarcada pelas transformações biológicas que apontam a entrada do indivíduo na fase da juventude (GOMES; COSTA, 2010, p. 5).

Embora se refira à diversidade encontrada nas juventudes, o sociólogo aponta a dimensão da sociabilidade como uma característica comum à condição juvenil, e constitutiva do ser jovem. A sociabilidade envolve o grupo com o qual o jovem troca ideias e constrói uma determinada identidade, com quem ele faz atividades de lazer, com quem sai. Dayrell destaca a dimensão da cultura presente na juventude e afirma que, a partir do ano 2000,

as manifestações artísticas têm expressado o próprio processo das transformações mais amplas, sobretudo tecnológicas. O jovem tem mais facilidade de construir determinadas práticas culturais através das tecnologias, quando ele aparece não só como consumidor, mas também como produtor (GOMES; COSTA, 2010, p. 5).

Seu consumo e produção envolvem a criação de vídeo, música, dança, etc. Em todas essas expressões, os jovens constroem espaços de identidade própria, que aparecem no corpo, por meio de roupas, adereços, cabelos e outros artefatos que expressam uma determinada identidade (GOMES; COSTA, 2010). Dayrell afirma que esses diversos estilos dos jovens constroem seu posicionamento no mundo e “indicam uma tendência da centralidade do simbólico na sociedade contemporânea, e com isso, a centralidade da imagem” (GOMES; COSTA, 2010, p.5). O sociólogo se refere ao estilo cultural eleito pelo jovem como uma resposta às “suas necessidades de pertencimento e a formas de comunicação mais autênticas, contribuindo na construção de identidades individuais e coletivas” (DAYRELL, 2012, p. 317).

Ele reflete sobre a importância das instâncias socializadoras, como a escola e outras, para formar jovens de hoje para um mundo de incertezas em todas as áreas, seja na vida social, na escola ou no mercado de trabalho. Cita também o papel do jovem atual, dividido entre ser jovem e ser aluno, pois, segundo ele, a vida juvenil invadiu a escola. Para exemplificar, comenta o hábito de jovens ouvirem música e usarem o celular em sala de aula: “Hoje a escola já não é mais o centro de informação. A internet possibilita muito mais informação do que qualquer um de nós, professores, pode ter. E isso faz com que a nossa função [de professores] tenha que ser repensada” (GOMES; COSTA, 2010, p. 11). Dayrell propõe que a escola seja um lugar de construção conjunta de significados, entre educadores e educandos, um espaço de diálogo entre eles, que favoreça essa construção.

3.1.4 Consumo

Para promover uma reflexão acerca desse conceito, foram consultados autores da linha dos Estudos Culturais, além de outros estudiosos que discutem o consumo em geral, o consumo de arte e o consumo relacionado às mídias. Tal reflexão inicia-se com a perspectiva de Canclini sobre globalização e consumo. Para esse estudioso,

a globalização pode ser vista como um conjunto de estratégias para realizar a hegemonia de conglomerados industriais, corporações financeiras, majors do cinema, da televisão, da música, de informática, para apropriar-se dos recursos naturais e culturais, do trabalho, do ócio e do dinheiro dos países pobres, subordinando-os à exploração concentrada com que estes atores reordenaram o mundo na segunda metade do século XX (CANCLINI, 2007, p. 29).

Ele se refere ao consumo de bens culturais dizendo que as sociedades exportam e importam bens materiais que passam de um país a outro, e também circulam mensagens coproduzidas em diversos países, “expressando, no plano simbólico, processos de cooperação e intercâmbio” (CANCLINI, 2007, p. 30). O autor pensa que não se deve defender a opção de se globalizar ou de se individualizar, e que os estudos que melhor tratam desse tema não são aqueles que apontam para uma revisão de questões de identidade isoladas, mas os que ensinam a encarar a heterogeneidade, a diferença e a desigualdade. Assim, não se reduz a questão da globalização à oposição entre global e local, indagando se é possível “instituir sujeitos em estruturas sociais ampliadas” (CANCLINI, 2007, p.28), mesmo que, segundo ele, nós não possamos, na maioria das vezes, controlar os cenários de produção e de consumo de bens.

Canclini aborda a questão das mídias afirmando que as pesquisas de audiência não procuram conhecer hábitos de consumo, mas sim confirmar preferências do consumidor num determinado dia e horário. O que se deseja é manter o público ligado a uma programação elaborada de forma padronizada. Ele alerta para a importância de se estudar o consumo como manifestação de sujeitos, e atenta também para a transformação da possibilidade de ser sujeito em uma ficção da mídia, tanto no campo do trabalho como no do entretenimento.

Ortiz (2005) trata de duas tendências mundiais que convivem, atualmente, nos mercados, relativas à homogeneização da cultura. A globalização seria sinônimo de padronização da conduta. Na globalização da economia, emergiria uma sociedade na qual os homens se comportassem de maneira idêntica, com um mercado compacto e padronizado e seus produtos consumidos mundialmente. Essa padronização significa a criação de um formato adequado a fazer com que os produtos se multipliquem industrialmente. Ao lado dessa visão, há outra em que existe a multiplicidade, caracterizada por reivindicações locais, avessa a princípios unificadores. Para alguns estudiosos da tecnologia, a técnica diversificaria as relações sociais. Em relação ao consumo, isso acarretaria a personalização no atendimento a clientes, a diversificação de gostos no consumidor. Ortiz acredita que se deve romper com essa dualidade, e entender que “a modernidade-mundo se realiza através da diversidade” (ORTIZ, 2005, p. 23). Para ele, a modernidade-mundo traz um tipo de civilização em que “a desterritorialização de signos, imagens e objetos dita as raízes de uma cultura internacional-popular” (ORTIZ, 2005, p. 45). Essa cultura geraria uma paisagem de mercadorias que são traços comuns de uma memória compartilhada por todo o planeta.

Para falar de globalização e consumo, Ianni (2008) cita Galbraith (1987) quando o filósofo norte-americano diz que

os aumentos de consumo, a contrapartida dos aumentos de produção, agem por sugestão ou emulação na criação das necessidades. As expectativas aumentam à medida que vão sendo alcançadas. Ou então os produtores devem proceder ativamente à criação de necessidades através da publicidade ou do *marketing* (GALBRAITH, 1987 *apud* IANNI, 2008, p. 65).

Assim, Ianni afirma que as empresas colocam-se como centros de mando multinacionais, transnacionais, mundiais, globais ou planetários: “São responsáveis pela formação, funcionamento e transformação do que se poderia denominar o *shopping center* global,

espalhando-se por países e continentes” (IANNI, 2008, p. 136). O autor descreve o mundo das mercadorias hoje como um caleidoscópico arsenal disperso pelo planeta, produzido por alguns e consumido por muitos (IANNI, 2008, p. 136).

Ao descrever o consumo mundial, Ianni fala do consumo de arte quando se refere à indústria cultural. Ele afirma que a industrialização da cultura faz com que as pessoas prescindam dos originais e cria a ilusão de que o simulacro é a obra. Também cita Adorno e Horkheimer, quando esses dizem que os produtos da indústria cultural serão consumidos até pelos distraídos (ADORNO e HORKHEIMER, 1985 *apud* IANNI, 2008). Para Ianni, a indústria cultural pode ser vista como uma técnica por meio da qual se trabalham mentes e corações, embora ressalve que sua eficácia é variável entre as pessoas, pois há a criatividade cultural de indivíduos, grupos e classes.

Concluindo o pensamento de Ianni a respeito do consumo, encontra-se a ideia de que ele se baseia, atualmente, na inutilidade. Os objetos simbolizam comportamentos e distinção social. “No seu âmbito, os indivíduos constroem suas identidades, partilham suas expectativas de vida, modos de ser. O mercado é, portanto, uma instância de socialização. [...] O consumo se desvenda, assim, como uma instituição formadora de valores e orientadora da conduta” (IANNI, 2008, p. 124-125).

Quem também fala sobre consumo em arte é Napolitano, referindo-se à música de forma especial. Esse autor diz que o consumo musical desprende-se do material musical, ou seja, do conteúdo musical. Para ele, hoje em dia, consome-se o sucesso musical reconhecido como tal, consome-se a música como mercadoria “apreciada conforme a medida do seu próprio sucesso e não pela assimilação profunda da obra” (NAPOLITANO, 2002, p. 25).

O consumo relacionado a seus aspectos culturais é abordado por Fischer:

[...] (a roupa que vestimos sempre foi mais do que uma simples peça destinada a cobrir nossos corpos; sempre os grupos atribuíram sentidos às suas práticas mais prosaicas), [...] e se não pudermos ser, que nos esforcemos para parecer, e isto até pode bastar, porque cultivar a imagem (de si mesmo, de um produto, de uma ideia) mostra-se como algo tremendamente produtivo) (FISCHER, 2006, p. 27-28).

A autora estende suas reflexões para a questão das mídias no consumo, dizendo que, quando reproduzimos ideias ou consumimos produtos, possivelmente é porque fomos convencidos de

algo, “porque as imagens ou coisas ditas, naquele lugar e através daqueles recursos de linguagem, fizeram sentido para nós [...] Talvez simplesmente porque ali nos reconhecemos, nos sentimos representados” [...] (FISCHER, 2006, p. 28-29). Fischer também afirma que as estratégias de produção e veiculação de materiais televisivos no discurso da publicidade têm usado a ideia de novidade como estratégia para estimular o consumo, no sentido de que haverá sempre algo novo a ser desejado, comprado e consumido. A autora destaca que o *novo* vendido pelas mídias é feito apenas de pequenos acréscimos sobre produtos antigos, no afã de vendê-los. Ela chama a atenção para a tarefa da educação no sentido de estudar e conhecer essas estratégias e a “complexa trama de significações que aí estão em jogo” (FISCHER, 2006, p. 51).

3.2 Entrelaçando conceitos

Esta seção trata das buscas realizadas no Portal CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior), no banco de teses e dissertações da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), na revista *Em pauta* da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), e no Portal Scielo/Revista Lume da UFRGS pelos termos que regem a minha investigação. Tais levantamentos levaram-me a encontrar diversos artigos, monografias, dissertações e teses a respeito do assunto. A procura deu-se pelos termos seguintes, relacionados aos principais conceitos debatidos pela pesquisa: juventude/comportamento, música/gosto, mídias e consumo. Nesta discussão, procuro por em diálogo autores que levantaram esses conceitos em suas pesquisas, e que podem trazer luzes à minha investigação. A escolha dos bancos da ABEM e da UFRGS foi feita devido ao fato de conterem um grande número de trabalhos científicos na área da Educação Musical, e por serem representativos da pesquisa na referida área, devido aos seus grupos de estudos e seus trabalhos bastante significativos em nosso país.

Os conceitos presentes nesses trabalhos foram discutidos pelos autores, sendo que o de juventude encontra-se, em sua maioria, sempre ao lado dos conceitos música/gosto, mídias, consumo e comportamento. A tentativa de separação entre eles, ao estudar a abordagem feita por quase todos os autores, foi difícil, uma vez que se encontram profundamente entrelaçadas nos textos, nos quais se pode perceber como música/gosto, mídias, consumo e comportamento

juvenil estão interligados na realidade do cotidiano atual. Neste trabalho, procurei organizá-las de acordo com a ênfase dada pelos autores a uma ou mais delas, e é o que se segue abaixo. Os conceitos música/gosto, comportamento e juventude foram tratados por diversos autores de maneira bastante inter-relacionada, por isso, ao selecioná-los, optei por juntar os referidos conceitos, agrupando os trabalhos que deles tratam. Este grupo foi também o que maior número de pesquisas apresentou no levantamento feito aqui.

Os conceitos mídia/juventude, consumo/juventude, assim vistos e debatidos como pares de termos são amplamente discutidos por diversos estudiosos dentro deste levantamento.

Nesses bancos pesquisados, foi encontrado um número menor de trabalhos que debatem sobre consumo e música, porém, esses são muito expressivos, devido à atualidade do tema e ao potencial para instigar novos estudos. As referidas pesquisas serviram bastante à minha investigação, sobretudo por tratarem das relações entre música e consumo, nos universos juvenis. Para justificar meu olhar acurado para esses escritos, explico que o cerne da pesquisa era buscar as formas como se entrelaçam as músicas apropriadas por jovens e o consumo de mercadorias, em geral, por estes estudantes, bem como o consumo de músicas e produtos musicais e os chamados produtos culturais, especificamente.

3.2.1 Música e consumo

Em *Eu sou o que eu curto: a música como artefato constituidor de identidades juvenis*, Daros *et al.* (2003) discutem gostos musicais e letras de canções definindo identidades. O trabalho procura entender como letras de canções e as relações dos jovens com seus ídolos ajudam a construir suas identidades a partir de seus consumos e discursos. A pesquisa baseia-se nos Estudos Culturais, que definem identidades como sendo “instáveis, múltiplas e produzidas culturalmente pelos discursos” (DAROS *et al.*, 2003, p. 959). Segundo os autores, considera-se a música como um discurso que produz identidades, pois é fonte de inspiração para os jovens sobre seu cotidiano. Uma das categorias levantadas pela pesquisa foi a busca de identificação de jovens com as letras dos repertórios que ouvem, expressando o que sentem e pensam, e constituindo, assim, suas identidades.

Num viés mais marxista, De Nez e Siebiger (2011) abordam as letras de canções populares brasileiras (entre os anos 1950 e 1980) e a alienação, fundamentada em Marx, no sentido de

distanciar o homem da sua realidade. Baseado também em Adorno, o artigo trata da “necessidade de maior observação por parte da sociedade e principalmente por parte dos educadores” nos aspectos da alienação provocada por tais canções, voltadas apenas para o consumo de massa que caracteriza tantas vezes a produção musical.

Reforçando essa vertente, mas tratando da produção de sentidos, Janotti Junior (2008) acredita que a análise da canção de massa é importante para compreender o papel que ela ocupa na comunicação e na cultura contemporâneas. Ele afirma que suas dimensões plásticas e materiais como a *performance*, a voz, o corpo e o ritmo, “estão diretamente ligadas às definições de canção popular massiva e gêneros musicais, bem como às estratégias de produção de sentido desses formatos” (JANOTTI JUNIOR, 2008, p. 31). Para ele, a análise das canções é o ponto de partida para abordar aspectos sociais e culturais inscritos nas condições de consumo dessas mesmas canções. Como se vê, esse trabalho tem afinidade com os anteriores no tocante à valorização da análise das canções de massa. Também em minha pesquisa, jovens colaboradores fazem, por vezes, comentários referentes a letras de canções que ouvem pelas mídias, aderindo ou criticando os seus conteúdos e apontando outros gêneros e músicas de sua preferência quanto ao aspecto das mensagens trazidas por suas letras.

Steingress (2008) vê o consumo musical sob a atual influência da globalização, tendo a música atual um papel na construção de estilos de vida novos e da identidade pós-moderna, em substituição à música étnica e nacional. O autor faz uma revisão crítica do enfoque sociomusicológico da perspectiva da cultura, para aprofundar nela a partir de Adorno. Nota-se, na minha investigação, uma total ausência de citações a respeito da música étnica brasileira pelos sujeitos. A música globalizada, aquela que se ouve no mundo todo, independentemente do país onde se está e que é divulgada grandemente pelas mídias, domina as referências dos jovens que participaram da pesquisa. Comentários deles também sugerem que seus estilos de vida, tais como modos de se vestir e de se comportar, são bastante inspirados em músicos e cantores e em conteúdos expressos por essas canções.

Mesmo com a cultura globalizada, há aspectos do consumo que precisam ser observados. “Pela primeira vez, desde o nascimento da cultura industrializada, mais da metade da população é capaz de personalizar qualquer parte do seu entorno graças a um reproduzidor de MP3 ou através de um celular” (BULL, 2010, p. 55). O autor afirma que esse consumo personalizado de sons é um modo de estar-no-mundo, que permite filtrar sons que interessam

criar paisagens sonoras que satisfaçam ao indivíduo. Ele considera o uso do iPod positivamente como uma forma de “toxicidade prazerosa na qual sob um mundo totalmente mediatizado subjaz um desejo de uma experiência não mediatizada de acesso ao mundo e às emoções de cada um” (BULL, 2010, p. 55).

Sobre a interferência das novas tecnologias da esfera digital no consumo musical, Oliveira (2012) afirma que as novas tecnologias mudam a indústria musical que, segundo eles, “é uma das indústrias que têm tido mais dificuldade em manter o seu volume de negócios e fazer crescer os seus lucros ao longo do processo de transição para o digital” (OLIVEIRA, 2012, p. 2). Para o autor, a internet e as novas tecnologias digitais interromperam a natureza dos negócios tradicionais da indústria musical, inclusive. Isso tem tido forte impacto na maneira como a música é consumida, impondo novas oportunidades e também ameaças para a indústria e para a cultura musical. Em sua pesquisa, ele procura perceber os comportamentos e hábitos de consumo musical e como isso pode transformar a indústria da música. Os dois trabalhos acima se referem ao uso de novas mídias no consumo musical, o que é muito evidente nos dados colhidos durante a minha investigação. iPod, CD e MP3 são, ao lado do celular, grandes meios utilizados pelos jovens para ouvir música. Desses, porém, o celular é o mais presente nas observações feitas por mim e nas citações feitas por eles quando se perguntava sobre isso.

Os estudos acima privilegiam a visão da música relacionada a questões de consumo. Alguns deles se referem ao consumo da própria música por meio das novas mídias e como essas mudaram as características dos modos de apropriação do consumidor, e as formas de produção e negociação desses produtos no mercado. Entretanto, à minha pesquisa interessa mais a abordagem focada nos conteúdos veiculados pelas canções das mídias no que se referem à criação de estilos de vida, modos de ser jovem no mundo de hoje, comportamentos de consumo, em suma, na formação de identidades juvenis inspiradas por essas letras apreendidas das referidas canções. Considero que esse aspecto é de extrema atualidade e importância nos contextos atuais – assim como descrevem De Nez e Siebiger (2011), e Janotti Junior (2008) – e que, por isso, merecem novas investigações e discussões nos espaços acadêmicos, uma vez que o consumo em geral integra a vida das populações e de legiões de jovens em todo o planeta, de forma irreversível.

3.2.2 Juventudes e mídias

Os textos abaixo referidos destacam relações entre juventudes e mídias, tema que vem ocupando cada vez mais espaços nas pesquisas de educadores da atualidade.

Preocupados com as influências da tecnologia sobre jovens, Schwertner e Fischer (2012) falam dos efeitos das mudanças tecnológicas nos modos de sociabilidade destes, partindo de dados recolhidos numa pesquisa sobre o uso do tempo em relação ao consumo cultural de jovens. Os autores se fundamentam em Canclini e Dayrell, autor este que, na minha pesquisa, é referência por falar da centralidade da música e de movimentos musicais na constituição das identidades juvenis. O estudo de Schwertner e Fischer quer investigar “sobre tempo e protagonismo, tempo e desejo de conexão permanente, tempo e imediatismo das relações, tempo e nostalgia precoce” (SCHWERTNER; FISCHER, 2012, p. 395).

Fouce (2010) discute, ainda, o valor e a sociabilidade em torno da música. Ele cita que a música é um dos campos em que a cultura digital tem tido maior alcance. Ele se baseia em uma ideia de Prensky de que há nativos digitais e imigrantes digitais. Ao observar o fácil trânsito dos meninos e meninas que entrevistei, chego a concluir que eles são nativos digitais, devido à tamanha intimidade que revelaram ter com as mídias digitais em suas práticas de escuta.

Práticas culturais juvenis são o tema de Trotta (2009), que fala de música, grafite, literatura, consumo juvenil e tecnologias mediando essas práticas. O autor analisa a coletânea *Culturas juvenis no século XXI*, organizada por Silvia Helena Simões Borelli e João Freire Filho, a qual apresenta 16 ensaios de pesquisadores sobre o tema da juventude em contextos urbanos atuais. Segundo ele, “há uma notável pluralidade de objetos e de abordagens das práticas culturais da chamada ‘condição jovem’, apresentando debates teóricos sobre a juventude quase sempre apoiados em extensas pesquisas empíricas” (TROTТА, 2009, p. 185).

A música é o tema abordado em quase um terço dos artigos, o grafite, o audiovisual, os best-sellers literários, a internet e os celulares se tornam objetos de análise, com os quais os jovens articulam modos de pertencimento perpassados por sua condição etária e pelas diversas formas de violência e incertezas a que são expostos (TROTТА, 2009, p. 185).

O artigo de abertura, de Martín-Barbero, intitula-se “A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens”. Ele estuda práticas culturais dos jovens, definidos como “sujeitos íntima e estruturalmente mediados por suas interações pela e com a tecnologia” (p. 22). A preferência pelo uso coletivo do computador em *cibercafés* (em detrimento de usos privados ou escolares) é um exemplo de que

[...] “navegar em grupo” (p. 19), “compartilhar músicas” (p. 22) e produtos audiovisuais (p. 14) são modos de articular uma “experiência sensorial” (p. 29) afirmativa de uma condição jovem em latente tensão com uma sociedade que dela desconfia e, muitas vezes, rejeita (TROTТА, 2009, p. 186).

Os organizadores da coletânea, João Freire Filho e Silvia H. S. Borelli, assinam, respectivamente, os artigos “Retratos midiáticos da nova geração e regulação do prazer juvenil”, e “Cenários juvenis, adultescências, juvenilizações: a propósito de Harry Potter”. Esse primeiro trabalho discute como a adolescência foi vista desde muito tempo com desconfiança e como as revistas femininas juvenis visam uma construção de consumidores(as) idealizados(as) e estereotipados (FILHO, 2008). O outro discute “a hipótese de um “vazamento das fronteiras” (BORELLI, 2007, p. 61) entre os universos de leituras dirigidos aos segmentos adulto e juvenil e suas implicações na complexificação do universo de consumo jovem. Segundo Trotta, “a série aponta para o engessamento causado por uma definição de juventude estritamente fundada no consumo massivo, destacando que processos como juvenilização e adultescência atravessam os significados e as práticas culturais identificadas” (TROTТА, 2009, p. 187) como sendo de jovens.

Há relação possível entre a música veiculada nas mídias e a educação oferecida na escola? Subtil (2009) discute como o conhecimento da música midiática pode se relacionar com a educação escolar. A autora “busca desenvolver algumas idéias sobre as práticas musicais, considerando o aporte das mídias na produção de outros sentidos e na socialização cultural que lhe é inerente” (SUBTIL, 2009, p. 75). Ela quer entender a apropriação ou não das músicas das mídias pela escola a partir de autores como Penna, Porcher, Snyders, entre outros. Além disso, aborda a possibilidade do uso das veiculações midiáticas como forma de

educar musicalmente, e aponta-se para a necessidade de se formar para e com as mídias. Uma das contribuições que minha pesquisa pretende oferecer é sobre o uso das músicas de mídias pela escola, não numa apropriação fácil e descartável, mas em trabalhos que estimulem o diálogo e as reflexões de educadores e de educadores musicais no sentido de seu melhor emprego: tornar alunos cada vez mais críticos e conscientes na construção de sua identidade e de sua cidadania.

Situar o jovem como sujeito é essencial para Enne (2011) que discorre sobre juventude, estilo de vida, consumo e mídia, configurando e reconfigurando identidades juvenis. Ela busca “refletir sobre a relação entre a construção da categoria semântica ‘juventude’ e o processo histórico da constituição da modernidade ocidental” (ENNE, 2011, p. 13). A autora considera que a ideia de juventude, “em sua convergência com os ideais de renovação, ruptura e movimento, traduz-se como categoria-chave para a modernidade” (ENNE, 2011, p. 13). É importante notar o aspecto histórico dessa pesquisa, no qual ela encontra o jovem como sujeito objetivado se consolidando em cena efetivamente a partir de meados do século XX, “quando o contexto sociocultural permitirá que a confluência entre juventude, consumo e mídia” (ENNE, 2011, p. 13), e em sua relação com a configuração e reconfiguração das identidades:

[...] alguns eixos dos estilos de vida jovens construídos pós-50 – em especial, renovação, hedonismo e relação com o consumo – se legitimam, na modernidade tardia, como novo espírito do tempo, agora celebrado como estilo de vida coletivo, levando a uma busca por não envelhecer e manter-se jovem, independentemente da faixa etária em que se vive (ENNE, 2011, p. 13).

Embora este trabalho não se trate de um estudo sobre música e juventude, sabemos que a época da história de juventude que ele aborda é facilmente identificada como um período de efervescência musical entre jovens do mundo ocidental, com destaque para o surgimento de gêneros musicais como o *rock*, marca indelével da juventude nos anos 50-60. Além disso, ela cita consumo e mídia como elementos configuradores de identidades, aspecto também presente na minha investigação.

Na minha coleta de dados, impressionou-me bastante a forma como os jovens compartilham música na *internet*, não somente por sua habilidade ao fazer isso, mas pela intensidade e frequência com que tal fato vem ocorrendo, de acordo com depoimentos deles. Essa prática parece constituir uma parte importante de suas identidades sem a qual não pertenceriam aos

grupos que pertencem, não seriam, enfim, quem são. Dentro da ideia de compartilhamento de música, Ribeiro (2010) fala do *rock* e do processo de consumo cultural de ouvintes jovens de uma rádio. A autora quer compreender de que maneira o *site* contribui para o processo de articulação do consumo cultural de jovens porto-alegrenses, especialmente no que se refere ao gênero musical *rock*. A pesquisa referencia-se nas concepções de hibridização e consumo cultural de García-Canclini e está estruturada em duas etapas: a primeira, quantitativa, traz o levantamento de sexo, idade e tempo de participação dos 1500 usuários e traça um panorama dos gêneros musicais mais escutados por eles. A segunda etapa identifica como se dá o compartilhamento de gêneros musicais na *web* e como o consumo desses gêneros contribui para a construção da identidade desses jovens. Ela investiga práticas relativas a cinco categorias de análise: práticas culturais e o uso da tecnologia; gostos musicais e práticas de consumo; compartilhamento musical; sociabilidade; *rock* e identidade.

Não investiguei a fruição musical fora da escola, especificamente, uma vez que colhi dados nos ambientes escolares, mas as histórias que os alunos me contavam tinham boa parte de suas vidas com música fora da instituição escolar. Eles se referiam a festas, a momentos na rua e em casa, a instantes solitários em que ouvem suas canções, enfim, a contextos diversos em que fruem música. Não percebi diferenças, de modo geral, nas práticas musicais de jovens da escola pública para jovens da escola particular. Há, aliás, bastante semelhança nesse aspecto, no que diz respeito a recursos utilizados para escutar música e a hábitos de consumo musical. Rabaioli (2002) pesquisa como jovens usam a música fora do ambiente escolar, sua fruição e produção musical. Ele investiga classes econômicas e sexos diferentes por meio de questionário que pergunta sobre hábitos musicais tais como assiduidade na fruição e na produção musical e recursos que utilizam para lidar com as músicas. As conclusões são de que “a acessibilidade a determinados recursos e/ou práticas tende a evidenciar índices diferenciados de fazeres musicais realizados pelos diferentes estratos sociais” (RABAIOLI, 2002, p. 8). A pesquisa chega, ainda, a confirmar que a música é intensamente praticada por jovens fora da escola, por meio da fruição, criação ou execução.

Garbin (2001), em sua pesquisa *www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br- um estudo de chats sobre músicas da internet*, aproxima-se bastante do que pesquisei, uma vez que ela investigou a formação de identidades juvenis a partir de conversas de jovens em *chats* sobre música, da *internet*, também fundamentada nos Estudos Culturais. A pesquisadora analisou conversas em 112 chats, durante aproximadamente dois anos. Ela focou em dois gêneros de música popular:

o *rock* e o pagode. Seu trabalho pode ser descrito como um estudo do discurso como espaço de representação e/ou criação de identidades, identidades juvenis e gênero.

Esses estudos sobre *juventude e mídia* discorrem sobre diversos aspectos relacionados ao tema, dentre eles a TV e outros meios da tecnologia da comunicação. No texto de Schwertner e Fischer (2012) há uma clara preocupação dos autores com a questão da sociabilidade do jovem, a partir das novas mídias, e com as concepções deste sobre a construção da alteridade. Bordini (2010) também investiga as ideias jovens a respeito do outro e de si mesmo, pelo viés das concepções de gênero. Isso significa que esses autores denotam interesse nítido pela formação da identidade do jovem, bem como pela sua trajetória social no convívio com seus pares.

Os outros autores transitam pelo tema da *juventude e mídia* acentuando a relevância dos novos meios de comunicação na construção das identidades juvenis, o consumo e a apropriação desses meios pelos jovens, e como esse trânsito os faz consumir produtos da cultura, em geral. Esses aspectos dizem respeito à investigação que desenvolvi, uma vez que interessava à minha pesquisa conhecer comportamentos juvenis em torno do consumo de bens, a partir do seu consumo de músicas pelas mídias. Fouce (2010), além de citar o papel da música na sociabilidade de jovens, fala de inovações tecnológicas modificando as formas de apropriação musical por jovens, da gratuidade nesses processos e da mudança do mercado musical originada por isso.

Outro aspecto interessante é a investigação de Rabaioli (2002), que identifica a criação musical e a *performance* musical por jovens e adolescentes, além da fruição, mais comumente observada e pesquisada pelos estudiosos. Nas primeiras observações feitas para a minha investigação, já deparei com diversos jovens e adolescentes que compõem e tocam música, inclusive com participação em eventos culturais e festivos da escola. Chamou-me a atenção a colocação de Subtil (2009), que parece se preocupar com as relações entre músicas das mídias e escola, ou seja, como esta convive com aquelas. Na minha pesquisa, também investigo as entradas dessas canções no ambiente escolar (recreios, festas, corredores), embora não observe salas de aula, e procuro entender, pela observação e pela entrevista a alunos, como a educação musical pode influenciar a apreciação musical de estudantes nessa faixa etária.

3.2.3 Música, gosto, comportamento e juventude

Na seção sobre música, gosto, comportamento e juventude encontram-se numerosos trabalhos. Em *O que faz uma música “boa” ou “ruim”: critérios de legitimidade e consumos musicais entre estudantes do ensino médio*, Silva (2012) discorre sobre consumo musical, identidade de gênero e como jovens narram suas formas de consumir músicas (*shows* musicais, aquisição de CDs, de DVDs, artefatos de bandas, cantores/as, execuções instrumentais, bate-papos na internet, aprendizado de instrumentos). Ele também registra o que os jovens dizem a respeito de música “boa” ou “ruim” nesses contextos em que lidam com música. Esse autor pesquisa o cotidiano escolar e aborda a questão da legitimidade musical e cultural a partir de conceitos da sociologia do gosto de Bourdieu e dos Estudos Culturais. Ele também identifica a relação entre consumos musicais e pertencimento identitário, e entre consumos musicais e identidade de gênero. Meus sujeitos de pesquisa também narraram de maneiras interessantes suas formas de consumir músicas, e muitos deles revelaram capacidade crítica desenvolvida para comentar a respeito do que ouvem pelas mídias. Na análise de dados, também utilizo Boudieu e os Estudos Culturais, que são referenciais teóricos da tese. Bourdieu é especialmente relevante quando analiso gosto musical em jovens, e os Estudos Culturais serviram bastante para tratar de identidade e consumo.

Em *Concepções de jovens de 8ª série sobre música: possíveis implicações para a implementação das práticas musicais na escola*, Sebben e Subtil (2010) pesquisam o consumo musical de alunos por meio de suas concepções de música obtidas por questionário, e o papel da escola na Educação Musical. Nesse levantamento e discussão, eles procuram aproximar essas questões da educação musical escolar. Para isso, abordam aspectos referentes ao consumo, às características individuais e sociais da prática musical e seus usos e funções. “Os fundamentos metodológicos embasam-se no materialismo histórico e dialético, considerando que os sujeitos e espaços da pesquisa inserem-se na realidade econômica, política, social e cultural mais ampla” (SEBBEN; SUBTIL, 2010, p. 48). Os autores verificam “que as concepções dos alunos sobre música decorrem de práticas objetivas, calcadas em elementos individuais e sociais e que se evidenciam nos usos e funções a ela atribuídos” (SEBBEN; SUBTIL, 2010, p. 48). A partir disso, propõem que a escola, como espaço fundamental de socialização, pode apropriar-se dos conhecimentos dos alunos para começar uma implementação da educação musical nas escolas de educação básica. Essa ideia vem ao

encontro de uma pesquisa citada acima, sobre a qual comentei ter afinidade com uma proposta do meu trabalho: contribuir para a educação musical na escola, mostrando que é possível incluir no ensino de música as práticas e gostos musicais trazidos por alunos de ambientes não escolares.

Arroyo (2009) discute sobre estudos a respeito de juventudes, músicas e escola, para contribuir com a educação musical escolar.

Sua pesquisa visou mapear, analisar e discutir dez dissertações e uma tese que trazem a articulação entre juventudes, músicas e escolas, produzidas no Brasil entre 2000 e 2007. Esses trabalhos são oriundos de um banco de 101 teses e dissertações defendidas entre 1996 e 2007 que apresentam a interação entre juventudes e músicas em diversos campos do conhecimento (ARROYO, 2009, p.53).

O trabalho documental de Arroyo é muito relevante devido ao grande volume de trabalhos levantados na área, denotando preocupação de educadores musicais com essas relações entre juventude, músicas e escola. Dentro disso, a autora se aproxima da pesquisa anterior.

Durante a coleta de dados e a análise, sobretudo no que diz respeito a questões de gosto musical, esse aspecto me fazia refletir muito no quanto é complexo o tema: De onde vem o gosto? A que influências está sujeito? Ele é passível de alterações durante a trajetória de um indivíduo? Deve-se, no contexto educacional, interferir nos processos de escolha musical de alunos? Como? O trabalho de Hennion (2009) debate a formação do gosto musical, e o que parece diferenciá-lo de outros trabalhos é que o gosto musical é visto nele como uma conquista significativa e uma atividade situada, em vez de algo reduzido a um jogo de identidades e diferenças sociais. Para o autor, o gosto “é uma modalidade problemática de vinculação ao mundo. [...] Explicar o gosto exige que o sociólogo se concentre nos gestos, objetos, corpos, meios, dispositivos e as relações envolvidas. O gosto é um comportamento” (HENNION, 2009, p. 25). O que ele afirma é que, nessa visão pragmática, tudo isso produz as competências de um amante de música, e que reproduzir, escutar, gravar e fazer que outros escutem música é muito mais do que a realização de um gosto que já existia. Sua visão é de que as formas de fazer essas coisas se combinam, formam subjetividades e não se pode reduzir isso às obras musicais apenas. Para ele, o gosto do aficionado em música não é uma escolha arbitrária explicada por razões sociais ocultas. O autor defende vinculações próprias

como base para essa reflexão, mas também como técnica coletiva de se entender os caminhos da sensibilidade de cada um e como isso pode ser compartilhado com outros.

A pesquisa de Silva (2004) trata de música na construção da identidade de gênero entre jovens no espaço escolar. Foram usadas entrevistas e observações. O trabalho usou como referencial teórico autores que trabalham no campo de gênero, escola e educação musical numa perspectiva relacional – como Louro (1995, 1997, 1999 e Scott (1995) –, identificando as concepções de gênero dos jovens pelos usos simbólicos que fazem da mídia (GREEN, 1997; VALDIVIA; BETTIVIA, 1999).

Os resultados obtidos apontam que as preferências musicais dos jovens são ativas e dinâmicas e estão relacionadas com as diferenças de gênero socialmente construídas. As identidades de gênero são construídas através da música veiculada pela mídia reproduzindo as relações sociais existentes na sociedade (SILVA, 2004, p. 75).

Verificou-se que, embora a identidade de gênero não seja fixa, imutável, a escola procura reforçar no seu papel de produtora de sujeitos as concepções de meninos e meninas em torno do tema. Nesse ponto, a pesquisa referida se aproxima de questões colocadas por mim logo acima, quanto ao papel de atuação da escola nas concepções existentes em cada sujeito a respeito de música e gosto musical.

Nos depoimentos da minha pesquisa, houve poucas referências ao rádio, prevalecendo comentários sobre outras mídias, como o celular e os dispositivos citados no trabalho de Cuesta e Julián. Quanto à interação, os jovens utilizam muito as mídias sociais diferentes do rádio, para trocar ideias sobre música, divulgar lançamentos e seus grupos musicais favoritos. Em busca de conhecer melhor o rádio como mídia de divulgação musical, o estudo de Cuesta e Julián (2012) discute estratégias de emissoras de rádio para captar ouvintes no marco das novas lógicas de consumo musical em dispositivos de áudio portáteis. Por meio de entrevistas a diretores de rádios de Bogotá, levantaram-se estratégias que eles utilizam. Foram feitos grupos focais com jovens de 14 a 17 anos e de 21 a 25 anos para entender o que os leva a sintonizar estações de rádio, se têm outros dispositivos como MP3 o iPod. Descobriu-se, assim, que a inovação de conteúdos e a interação pelas redes sociais é o maior atrativo aos ouvintes – isso tudo gera sensação de proximidade e afinidade entre locutor e ouvinte.

Buscando conhecer consumos e narrativas sobre legitimidade em músicas de estudantes do Ensino Médio, Silva (2008) discute os conceitos de “música boa” e “música ruim”, e a música formando identidades. Seu objetivo central é

[...] investigar discursos de jovens sobre seus consumos musicais (shows musicais, aquisição de CDs, de DVDs, execuções instrumentais, bate-papos na internet, aquisição de artefatos de bandas, cantores/as, aprendizado de instrumentos, escutas musicais, etc.) e como estes operam na distinção entre o que comumente se denomina ‘música boa’ e ‘música ruim’ em seu cotidiano escolar (SILVA, 2008, p. 5).

Foram feitas entrevistas semiestruturadas e observações entre jovens estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS, para buscar critérios de legitimidade musical a partir de suas falas. Para compreender tudo isso, o pesquisador procurou entender o termo “bala”, que se refere a tudo que é chato, desinteressante e “mal-feito” e o termo “frau”, que faz referência a tudo que é legal, bacana, interessante e “bem-feito”. A pesquisa busca fazer o professor perceber e compreender distintas formas de se relacionar com a música e com a cultura juvenil, e atribuir legitimidade a fenômenos musicais que ocorrem entre os jovens. Tudo isso foi feito por meio de conceitos-chave, questões, eixos de análise levantados pela pesquisa. Sua base teórica é Stuart Hall (Estudos Culturais) e Bourdieu, principalmente.

O estudo traz uma definição de consumos musicais baseado no conceito de consumo de Grant McCracken e no conceito de consumos culturais empregado por Germán Muñoz Gonzáles e Elisabete Maria Garbin e faz apontamentos para uma história dos consumos musicais no Ocidente para melhor definir o que entendemos por consumos musicais (SILVA, 2008, p. 5).

O autor preocupa-se com consumos musicais e processos de pertencimento identitário e consumos musicais e identidade de gênero. Consumos musicais e identidades também são conceitos abordados na minha investigação, durante a qual, muitas vezes, surgiram colocações sobre legitimidade musical em falas de jovens. Alguns deles criticam e questionam certos gêneros musicais midiáticos como não sendo válidos como expressão musical, e até mesmo, como não sendo música. Isso aponta para a capacidade de discernimento presente entre eles, contrariando o que às vezes se pensa da postura de jovens diante do que consomem pelas mídias.

A pesquisa sobre o movimento hip hop em Porto Alegre, de Mafioletti (2010) discute como o hip hop dá oportunidades, acolhe e engloba pessoas na periferia. O trabalho tem enfoque

histórico sobre o movimento *Hip Hop* em Porto Alegre, numa comunidade de “jovens protagonistas das primeiras manifestações individuais e coletivas que deram origem às redes de relações interpessoais e significados ligados à cultura negra em Porto Alegre” (MAFIOLETTI, 2010, p. 5). Seu objetivo era conhecer lideranças de jovens de periferia, suas redes de relações, resgatando trajetórias de vida e o modo como formulam, implementam e conduzem projetos. Foi feita observação participante e ouvidos relatos de três interlocutores entrevistados (modalidade individual e em grupo). Chegou-se a conhecer o papel significativo do Hip Hop, que acolhe e promove identidades sociais, crenças e valores dos jovens da periferia.

Silva e Silva (2008) já discutem o *hip hop* e a noção identitária. Esse artigo faz uma revisão das pesquisas acadêmicas sobre o *hip hop*, apontando a preponderância do conceito de identidade nos referidos estudos:

trata-se de entender a fabricação do subúrbio e da juventude como problema social, analisando, assim, as concepções que dão sustentação aos ideais corretivos e moralizantes que as abordagens sobre o Hip Hop expressam através de uma ênfase nos seus benefícios identitários (SILVA; SILVA, 2008, p. 1).

Os autores pretendem contextualizar a ascensão do conceito de identidade nas visões sobre o *hip hop*, em direção a sua conjugação com o conceito de cidadania. Os dois trabalhos acima se encontram na temática do *hip hop* e na preocupação em descrever tal movimento cultural como elemento formador de identidades e protagonismo juvenis. Em referências feitas por sujeitos da minha pesquisa a grupos musicais e seus líderes, especialmente dentro dos gêneros *rap* e *funk*, percebe-se com clareza a força com que certas personalidades musicais atuam sobre seu público, gerando influências tantas vezes declaradas pelos jovens, e demonstrando o protagonismo referido pelos pesquisadores acima.

Rosa *et al.* (2007) narram sobre tempo livre do jovem e uso da música: “A organização de jovens em torno de expressões relacionadas ao universo musical vem configurando-se como um dos principais componentes dentro do contexto cultural do tempo livre dos/as jovens” (ROSA *et al.*, 2007, p. 3). O trabalho investigou a relação entre horas de lazer juvenil e preferência musical relacionada e formação de identidades. Tem como objetivo identificar o papel do gênero e da etnia e faixas etárias jovens dentro disso. Realizado na cidade de Canoas (RS), foi feito por meio de um *survey* com alunos do Ensino Fundamental e Médio de escolas

privadas e públicas. Foram levantados os estilos musicais preferidos por alunos entre 10 e 24 anos, e o resultado foi: música gaúcha, pagode, *rap*, *funk*, *heavy metal/punk*, *pop rock*, sertaneja, evangélica, *reggae*, *rock*, *black music*, *dance*, *gospel*, MPB, axé e todas. Para verificar as frequências predominantes, utilizou-se a análise estatística percentual: “O estudo apresentou a impossibilidade de estabelecer relações causais entre identidade e gênero, raça/etnia e faixas etárias, uma vez que, essas relações se dão num processo contínuo de construções culturais” (ROSA *et al.*, 2007, p. 1). Meu estudo não tem a preocupação de relacionar etnias a consumo musical, mas reflete em dado momento sobre relações entre, por exemplo, idade/gênero e preferência por determinados gêneros musicais ou grupos/bandas/cantores. Seu intento foi também levantar os principais gêneros escolhidos e consumidos pelos sujeitos, assim como as maneiras pelas quais estes os apreciam e transitam nas práticas de apreciação.

No meu trabalho, procuro perceber a importância das trocas fora da sala de aula, feitas em torno da música, protagonizada pelos jovens, que conversam, discutem, cantam e até mesmo tocam instrumentos, e se informam nessa interação com seus pares. Assim, busco considerar que esses espaços são locais de construção de identidades, saber e aprendizagem musical e cultural. Santos (2006) discute música produzindo identidades, formas de ser, de se vestir e de comportar-se. Seu objetivo é analisar como certas práticas ligadas à música podem constituir identidades juvenis de alunos do Ensino Médio noturno do Instituto de Educação, escola pública de Porto Alegre, a partir de um projeto denominado Projeto das Tribos. A autora utilizou a sociologia das juventudes, os Estudos Culturais e, como procedimentos, a observação participante, entrevistas semiestruturadas, análise de documentos e registros fotográficos:

Evidenciou-se que os saberes e experimentações desses alunos, dentro do espaço escolar, são mais amplos e complexos do que as relações estabelecidas nos processos de ensino-aprendizagem restritos às salas de aula [...] Observou-se que a música assume papel importante nos processos de identificação dos jovens, nas diferentes maneiras pelas quais criam e recriam seus grupos de pertencimento/amizade – as Tribos – e nas formas através das quais incorporam características específicas, determinadas preferências musicais, modos de vestir, maneiras de agir e de marcar o próprio corpo. (SANTOS, 2006, p. 4)

Doebber *et al.* (2005) falam de corpos marcados pelos gostos e escolhas musicais de jovens. O projeto estuda jovens, música e processos identitários, e “tem como objetivo analisar como a música, enquanto artefato cultural contribui para o processo de construção das culturas e

identidades juvenis” (DOEBBER *et al.*, 2005, p. 2). É investigada a produção de estilos juvenis, especialmente as suas vestimentas, músicas e outros artefatos. Tem a fundamentação teórica no campo dos Estudos Culturais em Educação e os procedimentos metodológicos são entrevistas, observações e diários de campo. Conclui-se que “muitos jovens além de usarem da vestimenta para comunicar sua maneira de ser e seus gostos musicais vão além e passam a portar símbolos e mensagens expressos no corpo, nos adereços e até mesmo na forma de tatuagens e *piercings*” (DOEBBER *et al.*, 2005, p. 2) e que os jovens podem valorizar esses elementos como suporte de comunicação com seus pares.

Rosa (2004) tem por objetivo produzir uma possibilidade de análise cultural, considerando os depoimentos de doze jovens estudantes, com idades entre 13 a 18 anos, estudantes de 8ª série de uma Escola da Rede Pública de Ensino da Grande Porto Alegre. A autora utiliza o campo dos Estudos Culturais e de Gênero e o grupo focal como procedimento metodológico.

Um dos principais propósitos dessa investigação foi observar os modos como jovens, por meio de seus depoimentos, se utilizavam de seus corpos “fazendo arte”, produzindo suas aparências e estilos com enfeites e indumentárias, “inscrevendo marcas” e diferenças como possíveis recursos de resistência aos rigores, vigilâncias, controles e “homogeneização” escolares. (ROSA, 2004, p. 5)

Observou-se que jovens fazem esse tipo de inscrição em seus corpos para sentirem-se incluídos em grupos sociais que os utilizam, a fim de estabelecerem aproximações e convivências.

Os dois trabalhos acima giram em torno da corporeidade juvenil, embora o segundo não se refira à relação da música com isso. No contato com os colaboradores da minha investigação, pude encontrar diversos exemplos da forte relação que os jovens têm com seus corpos, e no significado que há em adorná-los dessa ou daquela maneira, muitas das quais relacionadas ao consumo musical exercido por eles. Foi assim que encontrei, na escola particular, uma jovem de cabelos longos e azuis, com tatuagens e piercings, e que se dizia musicista, roqueira, e nos contou, no grupo focal, sua experiência de tocar e cantar na rua com seu grupo. Conheci também uma banda de *rock* de meninos na escola pública, que usam roupas e adereços típicos de músicos de grandes bandas, e que me explicaram a importância de usar aquele visual e de como se produzir daquele jeito. Para eles, suas identidades musicais estão intrinsecamente vinculadas à aparência que apresentam. Os dois casos são contados em pormenores no

capítulo adiante e podem ser vistos também nos anexos (Grupos Focais EP2 e Observações EP1) da tese.

Em seu trabalho *Voz, expressão e canção: A juventude urbana e o rock nacional dos anos 1980*, Rochedo analisa as bandas de rock nacionais dos anos de 1980, formadas por jovens que, em suas canções, “imprimiram parte da memória musical da geração diretamente afetada pelo período de ditadura” (ROCHEDO, 2011, p. 27). De acordo com a pesquisadora,

as composições destes grupos registram o retrato social de uma época e o perfil sócio cultural do país que voltava a viver uma democracia. Nas letras são identificadas vivências de um processo de transição, tanto na esfera política, quanto na vida pessoal. O resultado desta movimentação pode ser visto como uma redefinição da música brasileira: expressão e voz do jovem através das canções do *rock* (ROCHEDO, 2011, p. 27).

Esse estudo contribui como exemplo de um movimento musical de juventude altamente divulgado pelas mídias da referida época e que teve sucesso muito expressivo em nosso país, seus significados e resultados na construção da identidade jovem de um determinado período. Ele aborda o perfil comum das letras entre bandas, a transição da censura do regime militar para a não censura, os temas polêmicos das letras (sexo, drogas, violência), e a preocupação da juventude com a liberdade de expressão. Alguns desses aspectos encontram-se bastante relacionados à minha pesquisa, tais como a relevância das letras das canções, a construção das identidades de jovens e as disposições da juventude a partir da sua relação com o que ouvem pelas mídias. Alunos das duas escolas pesquisadas foram enfáticos em citar seus gostos musicais herdados de avós e pais para o *rock* nacional dos anos 1980. Isso me impressionou bastante, uma vez que essas canções que povoaram minha adolescência já ficaram há muito tempo perdidas, não tocam mais nas rádios e estão predominantemente gravadas em vinil. No entanto, meninos e meninas falam delas com tal familiaridade que me causa surpresa, e me chama a atenção também o fato de demonstrarem entender os contextos sociais em que elas foram compostas e gravadas, segundo narrativas de alguns deles.

Os trabalhos mencionados acima sobre música, gosto, comportamento e juventude identificam-se de forma importante com a minha pesquisa, uma vez que ela investiga comportamentos de jovens por meio de seus hábitos de consumo musical, o que naturalmente passa pelo gosto musical desses sujeitos.

Os autores mencionados estão interessados em estudar a música dentro da escola (SILVA, 2004; ARROYO, 2009; SEBBEN; SUBTIL, 2010), seja na formação de conceitos de gênero em jovens, seja com levantamento de estudos a respeito de música, escola e juventude, ou na pesquisa sobre consumo musical de alunos por meio de suas concepções de música e o papel da escola na Educação Musical.

Silva (2012) discorre sobre consumo musical, e também identidade de gênero, e como jovens narram suas formas de consumir músicas, tudo isso ligado à questão do gosto, tão discutida por Boudieu, que é um dos referenciais teóricos da minha pesquisa. Hennion (2009) debate a formação do gosto musical, e baseia-se em Bourdieu e Lahire. Ao ver o gosto musical como uma atividade situada, em vez de apenas um jogo de identidades e diferenças sociais, aproxima-se de Lahire, ultrapassando Bourdieu ao não atribuir o gosto apenas à questão de classes sociais. Também se fundamenta em Bourdieu o trabalho de Silva (2008) sobre “música boa e música ruim”, no qual a discussão em torno do gosto musical de jovens interfere na formação de suas identidades. A discussão sobre gosto musical é, em geral, comum nos meios sociais, e se acirra em ambientes onde se pesquisa e trabalha com música. Na coleta inicial de dados da minha pesquisa, já deparei com alguns comentários de estudantes a esse respeito, referindo-se a este ou àquele gênero musical como se fosse “o melhor” ou “o pior”.

O movimento *hip hop* é discutido por Silva e Silva e Mafioletti (2009), sempre com o foco na relevância desse na constituição de identidades juvenis, principalmente, de moradores de periferias. O *hip hop*, como outros movimentos ligados a gêneros musicais e artísticos diversos, possui, muitas vezes, um papel social em periferias das grandes cidades, dando direcionamento a vidas de adolescentes e jovens pobres.

Corpos juvenis marcados por inscrições, adereços e caracterizados pelo uso de roupas específicas são tratados por autores diversos (SANTOS, 2006; DOEBBER; MARTINS; GARBIN, 2005; ROSA, 2004). A observação dessas características não pode ser deixada de lado em pesquisas sobre juventude, em especial naquelas que tratam da música, uma vez que elementos ligados ao corpo são peças fundamentais na composição visual de músicos e certas “tribos” de apreciadores musicais. Questões de modelo e imitação por jovens foram percebidas nos primeiros contatos meus com o campo de pesquisa, ao entrevistar e assistir à apresentação musical de um grupo de *rock* de alunos na escola pública, já citado acima.

Ao analisar uma coletânea sobre usos e práticas juvenis, Trotta (2009) se refere a práticas de sociabilidade entre jovens, as quais lembram uma já observada por mim numa das escolas que visitei, na coleta de dados. Meninas jovens de 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º do Ensino Médio têm o hábito de compartilhar seus fones de ouvido com outras, ouvindo duas alunas, simultaneamente, a mesma música, enquanto conversam entre si e, muitas vezes, num grupo maior. Parece que aquela ação tem uma importância simbólica de dividir, compartilhar seu gosto e lazer com seus pares, mais do que a própria ação de escutar. Mais importante mesmo do que o conteúdo do que se escuta, parece ser o momento de conviver com seus pares.

No tocante à sociabilidade juvenil, ainda, é curioso o trabalho de Cuesta e Julián (2012), no qual os autores discutem estratégias de emissoras de rádio para captar ouvintes, mesmo no mundo dominante dos novos dispositivos de áudio portáteis ditando o consumo musical, principalmente de adolescentes e jovens. No afã de entender o que os leva a sintonizar estações de rádio, uma vez que possuem outros dispositivos como MP3 ou iPod, a pesquisa descobre que a interação pelas redes sociais é o maior atrativo aos ouvintes, pois gera sensação de proximidade e afinidade entre locutor e ouvinte. Isso se relaciona com o que foi anteriormente comentado a respeito da busca de sociabilidade pelos meios midiáticos. Para Bull (2010), o *iPod* é um modo de estar-no-mundo que permite individualizar a apreciação musical, filtrando sons que satisfaçam o indivíduo. Para Cuesta e Julián é também importante explorar uma mídia tradicional e muito mais antiga como o rádio, na compreensão de novas sociabilidades. É interessante é notar que o rádio se renova e parece rejuvenescer na era das mídias digitais.

3.2.4 Consumo e juventude

Em *El consumo juvenil en la sociedad mediática*, Muñoz Gonzalez (2008) fala sobre como a internet afeta a produção de sentido e as identidades de jovens em fase de formação. Dentro disso, analisa alguns efeitos, desafios e perspectivas da internet na vida desses sujeitos. O autor aborda modificações nos espaços culturais do jovem a partir da internet, o isolamento no ciberespaço; os usos das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação); a produção dos saberes e como ficam suas identidades nesse contato. Percebi, em conversas com os jovens, que esse isolamento de que fala o autor acima, embora realmente exista, não é, por vezes, a tônica da vida deles com a internet. Verifiquei que ela serve a uma ampliação de contatos

peçoais impressionante e que as músicas das mídias permeiam essas relações surgidas constante e vertiginosamente nos meios de comunicação virtual.

Creio que estudos como os de Paz (2004) se fazem cada dia mais necessários, uma vez que não é somente a música que estimula o jovem, segundo o autor, em suas incursões pelo mundo do consumo. Certamente, os produtores desse universo mágico dos *shopping centers* não os criaram sem análises e pesquisas a respeito do tema. A partir daí, educadores devem se preocupar em aprofundar seus conhecimentos no tocante a esses aspectos, uma vez que a juventude está profundamente envolvida com o consumismo, de forma geral, representado magistralmente pelos contextos dos grandes centros comerciais espalhados pelas médias e grandes cidades do planeta. Este autor descreve jovens e consumo, oferta comercial e sua relação com cultura juvenil, e faz observações acerca de espaços de convivência jovem, como *shoppings* e centros recreativos de Buenos Aires. Esses são observados por permitirem, segundo o autor, que os jovens classifiquem a si e aos demais, ao mesmo tempo em que produzem uma redefinição do consumo desses espaços e de seus bens. O pesquisador aborda o consumismo, afirmando que tudo nesses locais (arquitetura, música, decoração, eventos, propagandas, vitrines) conflui para estimulá-lo. Isso gera, segundo ele, um forte impacto nos sistemas socioeconômicos locais, juntamente com a postura ativa dos jovens que os frequentam.

Refletindo sobre o consumo juvenil, Oliveira e Tomazetti (2012) refletem sobre a cultura de consumo de mercadorias e seus sentidos para adolescentes e jovens do Ensino Médio. Fundamentado em Hannah Arendt, Zygmunt Bauman e Jurandir Freire Costa, os autores preocupam-se em conhecer e compreender o atual desinteresse juvenil pela sala de aula. Tratam da sociedade de consumo e os comportamentos existentes nesse contexto. Os autores concluem seu estudo afirmando que esse cenário colabora no desinteresse juvenil pela construção do Ensino Médio como um projeto de longo prazo, e que a escola torna-se, assim, um ambiente de diversão.

Essas colocações vão ao encontro do trabalho citado anteriormente, no qual o autor se refere ao universo do *shopping center* como espaço de consumo juvenil. Pode-se pensar, até mesmo, em como seria inusitado encontrar nos jovens um entusiasmo tão significativo quanto à escola, como aqueles que demonstram diante do paraíso das compras e de suas múltiplas ofertas de diversão, alegria e consumo. Durante entrevistas e observações em minha coleta de

dados, imaginei alunos e alunas participando das aulas de Música com aquele mesmo entrosamento, interesse e vontade de aprender que mostravam a mim, entrevistadora, quando lhes perguntava algo sobre suas canções e músicos preferidos. Havia disputa pelo espaço para falar no gravador, risos, debates, cada um querendo contar o que sabia, alguns desafiando colegas quanto a seus conhecimentos sobre determinado cantor ou banda. Dessas observações, também surgiu em mim a certeza de que esse domínio e interesse extraescolares apresentados por jovens, na área da Música, podem e devem ser utilizados pela escola na implementação de uma educação musical mais atraente e engajada como cotidiano deles, tornando-se assim mais apta a transformar a realidade em que vivem.

Em *Juventud y consumo: bases analíticas para una problematización*, Catalán Marín (2010) aborda que elementos culturais e psicossociais orientam o consumo de jovens, a partir de uma perspectiva relacional.

Apresenta-se um contexto macrossocial que define as sociedades que possuem uma cultura de consumo e sua relação com a juventude. Em seguida, desenvolve-se um conjunto de elementos psicossociais e culturais do consumo para uma análise futura. Por último, faz-se uma apresentação relacional dos elementos conceituais que permitem orientar a interpretação do consumo da juventude dentro de um contexto social específico, isto é, dentro das sociedades de consumo (MARÍN, 2010, p. 137).

O trabalho de Mattos e Castro (2008) vem reforçar a importância de discussões em torno do consumo. Elas abordam os sentidos da liberdade na sociedade de consumo, na qual há uma infinidade de escolhas possíveis entre bens, objetos e experiências e questionam como fica o jovem diante disso: “Discutimos que na articulação entre liberdade e consumo devemos ficar atentos aos modos como os indivíduos se apropriam das interpelações do mercado para exercerem suas escolhas de estilos de vida” (MATTOS; CASTRO, 2008, p. 151). As autoras observam narrativas de jovens cariocas nos quais a questão do consumo aparece como sendo “central à construção de suas subjetividades” (MATTOS; CASTRO, 2008, p. 151). Como resultados da pesquisa, elas encontraram os jovens apontando as armadilhas do consumo ilimitado, e concluíram que o mundo de aparências é superestimulado pelo consumo que os faria se submeter às exigências externas. Os dois trabalhos acima se preocupam com a maximização do consumo na vida de jovens nas sociedades. Posso analisar que também cheguei à mesma conclusão de Mattos e Castro (2008), ao encontrar jovens apontando criticamente canções e gêneros musicais que consideram menos válidos no elenco de suas escolhas estético-musicais. É importante pensar em como essa reflexão pode se estender ao

âmbito do consumo de bens e produtos da cultura, em geral. É essa capacidade crítica que a Educação deve estimular e promover nos contextos diversos da escolaridade.

Embora se saiba da existência de revistas especializadas em música, os sujeitos da minha pesquisa não se referiram a essa mídia em seus comentários. Acredito que a efervescência das mídias digitais seja, em grande parte, responsável por essa ausência, pois o consumo dessas revistas era muito comum há algumas décadas. Santos (2012) pesquisa sobre a aceitação de veículos de comunicação de uma agência publicitária, entre jovens. Considerando a mudança motivada pelos meios de comunicação no comportamento de consumo de jovens, o trabalho desse autor é verificar a Kzuka, empresa de comunicação multimidiática do Grupo RBS (RS), voltada para os jovens. Seu objetivo é “desvendar se o público-alvo conhece e consome os veículos da empresa; os motivos para consumir; quais suas percepções acerca dos conteúdos; e se a Kzuka é conectada aos jovens, conforme se apresenta” (SANTOS, 2012, p. 3). Primeiramente, o autor identificou as motivações para o consumo da revista Kzuka entre estudantes. Depois, identificou o consumo de todos os espaços midiáticos da marca Kzuka, sempre por meio de questionários. Assim, conseguiu-se “descobrir o grau de conhecimento e consumo dos jovens para com cada um dos veículos da empresa, além de desvendar suas impressões acerca da marca, dos meios e dos conteúdos, bem como avaliar se as técnicas mercadológicas da empresa estão de acordo com o público-alvo” (SANTOS, 2012, p. 3).

Considero o estudo de Marques (2012) bastante relevante no que diz respeito ao consumo familiar de bens. Ela mostra como filhos consumidores influenciam o consumo nos pais. Ela afirma que a facilidade de uso de tecnologia é um dos fatores dessa influência, bem como a diminuição do número de filhos por família e o aumento dos rendimentos. A pesquisa foi feita sobre uma revisão de literatura e com entrevistas com 21 famílias, envolvendo pais e filhos pré-adolescentes, na idade de 10 a 14 anos: “Entre os resultados encontrados destacam-se uma tendência das famílias serem mais abertas às opiniões e sugestões dos filhos, e a crescente participação desses não só na busca por informações e escolhas, mas em um peso efetivo no momento da tomada de decisão pelos pais” (MARQUES, 2012, p. 7). É bastante revelador o resultado da pesquisa quanto a indicar que filhos influenciam pais também na compra de bens familiares e não somente de produtos de seu interesse individual, e que fatos como a culpa e a compensação emocional a filhos leva pais a comprarem por influência desses. Nas relações de influência familiar, em minha investigação, o que percebi foi o oposto do que é aqui comentado pela autora, uma vez que muitos jovens declararam ser influenciados por seus

pais, e até mesmo por irmãos mais velhos, nas escolhas e gostos musicais que possuem. Talvez fosse interessante questionar se o contrário também acontece no campo do consumo musical, ou seja, se os filhos jovens influenciam seus pais, assim como esse autor os encontrou influenciando-os em escolha de outros produtos da cultura.

A pesquisa de Feldmann (2008) investiga como os jovens consomem, baseando-se em aspectos históricos ocorridos no final da segunda Guerra Mundial – as transformações comerciais, políticas e sociais. Segundo ele, “as nações ocidentais, em especial o continente europeu, passam a supervalorizar suas crianças e seus jovens, valor este que rapidamente se estende às Américas” (FELDMANN, 2008, p. 4). Com isso, os estudos sobre a adolescência crescem, e esses indivíduos passam a ter um novo *status* social e “um novo significado na sociedade [...] que é inclusive representado por escolhas de consumo” (FELDMANN, 2008, p. 4). O autor reflete a respeito da teoria do consumidor, questionando se ela descreve o comportamento de consumo do jovem, considerando que ele é um ser em transformação biopsicossocial. Sem dúvida, o jovem passou a representar uma fatia significativa dos mercados de consumo mundiais, e isso é sentido no campo da música de forma evidente e crescente. Com as declarações dos sujeitos da minha pesquisa, principalmente aquelas referentes a consumo musical e de bens culturais ligados à música, pude notar como essa é uma realidade cada vez mais presente e que não pode ser ignorada pela Educação, da mesma forma como não é ignorada pelos profissionais do *marketing* comercial.

Rossi (2007) discute questões como aprender a ser jovem e estilos de vida por meio do consumo de mercadorias. Seu objetivo é “desconstruir discursos acerca dos modos de ser jovem na contemporaneidade articulados ao consumo como prática social” (ROSSI, 2007, p. 4). A pesquisa foi feita sobre a seleção de edições do Caderno Patrola, encartado no Zero Hora, jornal de maior circulação no Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, também foram analisadas conversas com jovens leitores do Caderno por meio do *Messenger* e e-mails com a editora do Caderno. A autora

[...] analisa o modo como os discursos do Caderno Patrola não apenas sugerem objetos de consumo que podem constituir certos modos de ser jovem, como também podem ensinar o que consumir para ‘possuir’ tais modos, para, assim, adotarem-se as ditas posições desejáveis de ser jovem (ROSSI, 2007, p. 4)

Ela afirma compreender que “é através das estratégias engendradas no âmbito da cultura do consumo que objetos, imagens, desejos, identidades, valores, modos de ser podem ser transformados em mercadorias: podem ser ‘adquiridos’, consumidos e por fim descartados” (ROSSI, 2007, p. 4). A pesquisa possibilitou, segundo a autora, entender como se investe no mercado jovem, fabricando produtos e “transformando os produtos fabricados pelos jovens em algo rentável” (ROSSI, 2007, p. 4). A estudiosa afirma que muitas pessoas, por desejarem permanecer jovens, consomem produtos das culturas juvenis, as quais se tornam, assim, bons negócios. Assim como a pesquisa de Santos (2012), já citada anteriormente, o trabalho de Rossi também é relevante, na medida em que ambos se referem a veículos midiáticos impressos atuando nos comportamentos de consumo de jovens. O de Rossi descreve pontos importantes, tais como a descartabilidade de produtos e a juventude como um estado movido pelas práticas de consumo, mais do que uma faixa etária. A questão do descartável em música é flagrante para qualquer bom observador e ouvinte das mídias, especialmente, do rádio. É comum que grandes e meteóricos sucessos de audiência se tornem, em pouco tempo, obsoletos, logo após estrondos de venda e recordes de execuções em emissoras. É comum confundir-se qualidade estético-musical com desempenho de sucesso em mídias de canções que se ouvem muito, e que costumam ser também tocadas por períodos curtos de tempo. Por isso, impressionaram-me alguns depoimentos de jovens ao mencionarem canções, bandas e músicos há muito fora das principais mídias como sendo seus favoritos. Acredito que esse seja um movimento paralelo, que acaba por manter vivos nomes já esquecidos dos grandes meios de comunicação veiculadores de música.

A evocação da memória pelas mídias é tema de Westphalen *et al.* (2005) que descrevem de que modos a memória da mídia serve para incentivar o consumo, principalmente, de jovens que rememoram momentos evocados por materiais simbólicos ofertados no presente. A pesquisa “examina o papel dos meios de comunicação na configuração dessas práticas de rememoração” (WESTPHALEN *et al.*, 2005, p. 845), tais como revistas atuais destinadas ao público jovem, que fazem releituras de dadas épocas.

No estudo desses materiais, verificou-se a predominância de discursos memorialísticos que privilegiam experiências de consumo em massa, particularmente aquelas ligadas ao mercado de entretenimento infantil e juvenil (televisão, música, moda, brinquedos, etc.) (WESTPHALEN et al., 2005, p. 845).

É relevante que os autores chamem a atenção para o procedimento oposto das mídias em relação a passados políticos e fatos importantes da história que ficam esquecidos, ao lado desse tipo de fenômeno. Ainda pensando, na minha pesquisa, num movimento de buscar o desenvolvimento da crítica para a cidadania de jovens apreciadores de música, pode-se utilizar desses produtos culturais, bem como de outros, para dar a conhecer acontecimentos importantes da história das sociedades. Aqui também se vê um estudo sobre mídias impressas divulgando produtos da cultura jovem, num importante papel de rememorar épocas passadas claramente com o intuito de vender, mas acabando por manter vivos bens culturais já adormecidos. Encontrei histórias de pais e avós fazendo esse papel com os jovens, em casa, quando me contaram que seus gostos vêm se perpetuando neles mesmos, que não conheceriam tais canções se não fosse por meio dos mais velhos.

No texto *O comportamento de consumo do jovem e a teoria do consumidor*, de Feldmann (2008), encontro razões para acreditar que minha pesquisa e futuros trabalhos sobre esse tema são muito relevantes para a área da Educação. Esse pensamento deve-se, sobretudo, ao fato de ter tomado conhecimento de aspectos históricos que originaram a trajetória do consumo juvenil, aspectos que se geraram há décadas, e que parecem, no entanto, tão recentes e atuais. Mudanças políticas, econômicas e sociais continuam configurando identidades nessa faixa etária tão específica e cheia de vulnerabilidades. Isso tudo não pode ser desprezado por pesquisadores da área, bem como por educadores, em geral, principalmente pela duração desses fenômenos que envolvem o jovem como consumidor, mesmo que transmutados, através dos anos, com novas roupagens.

Sobre consumo e juventude, interessam-me bastante os trabalhos acima, sobretudo por tratarem do tema que é bastante central na minha investigação. Os grupos focais realizados revelaram aspectos diversos e inúmeros sobre hábitos de consumo relacionados ao consumo musical de jovens entrevistados. A riqueza de dados que esse procedimento de coleta proporcionou aos resultados da pesquisa foi surpreendente, e atribuo isso ao fato de que a troca de ideias entre seus pares os fazia ficarem mais soltos e espontâneos do que nos momentos de entrevistas individuais feitas anteriormente. Assim, falavam mais e de maneira

bastante expressiva. Esses foram materiais coletados que aproveitei muito na análise, e que podem ser vistos em capítulos posteriores desta tese.

4. MÍDIAS E MÚSICAS DAS MÍDIAS

4.1 Introdução

Este capítulo trata das músicas das mídias e aborda os conceitos de mídias sociais e mídias digitais – os quais constituem os meios pelos quais elas são mais veiculadas atualmente –, além de discorrer sobre o rádio e a TV como mídias tradicionais pelas quais se divulgam músicas. Discorre, também, sobre os gêneros musicais comumente presentes nas mídias diversas, e que foram mais citados pelos sujeitos desta pesquisa. Antes mesmo de concluir a coleta de dados, na qual possivelmente eu recolheria os gêneros citados, comecei a perceber o quanto era importante fazer tal levantamento e distinção, uma vez que os alunos colaboradores da pesquisa citavam-nos em todas as nossas conversas – sendo que alguns deles eu não conhecia, ou pouco havia escutado.

Ao procurar descrever conceitos, neste capítulo, nem sempre os encontrava em fontes bibliográficas tradicionais, tendo que recorrer a *sites*, na ausência ou escassez de artigos científicos ou livros. No decorrer do texto, procuro refletir sobre esses conceitos – mídias sociais, mídias digitais e gêneros musicais –, sobre as relações entre eles e alguns dos dados obtidos nas minhas coletas, antecipando o tratamento efetivo desses dados, o qual é feito no capítulo 6, tratamento que já foi realizado em parte no capítulo 2, que descrevem a investigação de maneira pormenorizada.

Considero relevante refletir aqui sobre a canção como gênero musical presente nas preferências e hábitos de audição dos sujeitos desta pesquisa. Na obra *História e música*, Napolitano afirma que a canção brasileira tem sido “termômetro, caleidoscópio e espelho não só de mudanças sociais, mas, sobretudo de nossas sociabilidades e sensibilidades coletivas mais profundas” (NAPOLITANO, 2002, p. 77). Para ele, a estrutura geral da canção envolve elementos de duas naturezas: os parâmetros verbo-poéticos (motivos, categorias simbólicas, figuras de linguagem, procedimentos poéticos) e os parâmetros musicais de criação (harmonia, melodia, ritmo), embora afirme que a canção vai além dessas linguagens e informações específicas, sendo um artefato cultural que não é música nem poesia (NAPOLITANO, 2002, p. 96). Ele também acredita que a análise de canções deve ser feita

sob os aspectos musical e verbal, e comenta sobre a recepção musical por parte do ouvinte de música popular que, segundo ele,

[...] possui dispositivos, alguns inconscientes, para dialogar com a música. [...] Estes dispositivos, verdadeiras competências, não são apenas fruto da subjetividade do ouvinte diante da experiência musical, mas também sofrem a implicação de ambientes socioculturais, valores, expectativas político-ideológicas, situações específicas de audição, repertórios culturais socialmente dados (NAPOLITANO, 2002, p. 80-81).

Outra questão importante tratada pelo autor é a da indústria fonográfica e uma das abordagens sobre essa, segundo a qual ela pode ser entendida a partir da teoria do “campo social” de Bourdieu (1994). De acordo com tal abordagem, cada escolha feita para um produto musical mudaria o resultado final desse (escolha dos músicos, da interpretação, do arranjo, da mixagem, etc.). Além disso, existem agentes mediadores do processo de criação/socialização da música que tentariam moldar a audiência à sua imagem e gosto, sentindo o “pulso” do público, mas não o manipulando propriamente (NEGUS, 1999 apud NAPOLITANO, 2002). Essa abordagem defende que a música popular “é mediada por tecnologias de transmissão específicas e pelo trabalho de grupos ocupacionais específicos (produtores, DJ’s, programadores de rádio, jornalistas)” (NAPOLITANO, 2002, p.35). O autor orienta para que sejam levados em conta elementos que interferem nos hábitos culturais subjetivos, como a organização da indústria fonográfica.

4.2 Mídias sociais

O conceito de mídias sociais significa a produção de conteúdos de forma descentralizada e sem o controle editorial de grandes grupos. A expressão “mídias sociais” refere-se aos meios de interação entre pessoas pelos quais elas criam, compartilham, trocam e comentam conteúdos em comunidades e redes virtuais. Por meio delas, os indivíduos e comunidades compartilham, criam juntos, discutem e modificam conteúdos gerados e postados por usuários. As mídias sociais geram mudanças na forma como organizações, comunidades e indivíduos se comunicam.

As redes de amplo alcance oferecem, além da interconexão imediata e interfaces multimídia, a possibilidade de pessoas interagirem em tempo real. Essa condição amplia as alternativas de comunicação e alteram o papel do receptor/emissor, que na sua maioria tinha uma ação passiva. As novas possibilidades de comunicação apresentam um cardápio variado em que o processo de comunicação ganha traços diversos. O emissor pode enviar e receber textos, imagens, sons e vídeos simultaneamente com uma ou mais pessoas independentemente do lugar e do tempo.

Essa autonomia propicia um solo fértil para a criação de redes sociais (AMORIM; CASTRO, 2010, p.2).

“Nas redes sociais, cada indivíduo tem sua função e identidade cultural. Sua relação com outros indivíduos vai formando um todo coeso que representa a rede” (TOMAÉL et al., 2005, p. 93). Ainda segundo os autores, conforme a temática da organização da rede, podem ser formadas diversas e mutáveis configurações: “A rede, que é uma estrutura não-linear, descentralizada, flexível, dinâmica, sem limites definidos e autoorganizável, estabelece-se por relações horizontais de cooperação” (TOMAÉL et al., 2005, p. 93). Nos espaços das redes, compartilham-se conhecimento e informação:

A formação de redes nas organizações ocorre por meios e formas variados, desde uma conversa informal com um colega de trabalho na hora do café, em encontro com os amigos após o expediente, em reuniões, congressos, listas de discussões, portais corporativos, até situações formalmente criadas com a finalidade de alcançar resultados específicos (TOMAÉL et al., 2005, p. 94).

Segundo os autores, a partir do desenvolvimento dos meios de comunicação, principalmente da internet, as relações sociais não precisam do espaço físico e geográfico para ocorrer, mas as relações em rede refletem e influenciam o ambiente ao seu redor. A troca de informação nas redes gera conhecimento aos atores nela envolvidos, conhecimento que pode ser ampliado e modificado.

Jenkins (2009) também fala do conhecimento gerado pelas interações promovidas pelas mídias. Ele se refere às “novas culturas do conhecimento” (JENKINS, 2009, p. 257), quando cita os conhecimentos compartilhados por pessoas nas redes sociais, e diz que “estamos ainda aprendendo como se opera numa cultura do conhecimento. Estamos ainda debatendo e determinando os princípios fundamentais que irão definir nossas interações com os outros” (JENKINS, 2009, p. 320). Ele comenta que essa nova cultura surge exatamente num momento em que estamos mudando paradigmas de sociedade em relação ao arraigamento à geografia física, e a laços de relacionamentos voluntários e intelectuais. Para Jenkins, a cultura do conhecimento está ligada à influência da cultura de massa, e serve para circular seus produtos.

Diante disso, é preciso refletir sobre que tipo de conhecimento está sendo produzido e veiculado pelas mídias sociais e que está presente nas interações de jovens por meio dessas mídias. Faz-se necessário preocupar-se com um melhor aproveitamento do potencial midiático na produção e na veiculação de conhecimento que possa ser apreendido por esses

públicos juvenis e possa compor a sua formação individual e coletiva. Vale questionar se a escola está realmente se apropriando desses recursos para incrementar seus materiais pedagógicos em todas as áreas do conhecimento, inclusive da arte e da música, que é o foco desta investigação. Mais: vale discutir se a escola está atenta à grande atração que as mídias sociais exercem sobre jovens, e se está disposta a tirar proveito máximo desse fenômeno, em vez de tratar disso como algo ameaçador aos propósitos da educação escolar.

Atualmente, como destacam Amorim e Castro (2010), tem crescido o número de estudos nas Ciências Sociais que tentam compreender o efeito do uso das comunicações móveis na vida das pessoas, devido à crescente penetração dessa tecnologia em todas as classes sociais. São comuns questionamentos como: “Quais as alterações que a comunicação móvel promoveu na forma de as pessoas se relacionarem? Se houve mudança, quais os traços marcantes do processo de interação social?” (AMORIM; CASTRO, 2010, p. 3).

As *mídias sociais* diferem-se, fundamentalmente, das mídias tradicionais, como jornais, televisão, livros ou rádio, por terem a interatividade como característica marcante. A relevância das interações sociais propiciadas pelas mídias atuais é assim explicitada por Amorim e Castro:

[...] a constituição e o funcionamento da sociedade estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a «cultura da mídia». Sua existência não se constitui fenômeno auxiliar, na medida em que as práticas sociais, os processos interacionais e a própria organização social se fazem tomando como referência o modo de existência desta cultura, suas lógicas e suas operações (AMORIM; CASTRO, 2010, p. 8-9).

Abaixo, seguem detalhes sobre algumas redes sociais citadas pelos sujeitos desta pesquisa:

- Facebook: A rede de Mark Zuckerberg tornou-se a mais usada no Brasil na primeira semana do ano passado. Lançada em 4 de fevereiro de 2004, a plataforma conta com 693 milhões de usuários. Inicialmente, o Facebook era limitado aos estudantes da Universidade de Harvard, mas se expandiu para outras faculdades, como a Universidade de Stanford. Posteriormente, passou a ser aberto para estudantes de ensino médio e para usuários com mais de 13 anos.

- Youtube: Site de compartilhamento de vídeos, o Youtube teve início em uma garagem de São Francisco, na Califórnia, em 2005. Funcionários de uma empresa de tecnologia, Chad Hurley e Steve Chen criaram um programa de computador para ver vídeos com os amigos. A ideia surgiu devido à demora e, muitas vezes, à impossibilidade de enviar arquivos audiovisuais por email. Menos de dois anos depois, o Google comprou a plataforma por US\$ 1,65 bilhão.
- Twitter: O Microblog começou a ser desenvolvido em 2006 por ex-funcionários do Google. Evan Williams e Biz Stone trabalharam no Google e se juntaram a Jack Dorsey para criar um serviço de troca de status, como um SMS. Conhecido inicialmente como Status, a ferramenta que antecedeu o Twitter permitia o envio de mensagens por celular e fazia um twitch (vibração) quando havia novas notificações.
- WhatsApp: WhatsApp Messenger é a última palavra que se ouve nas bocas dos jovens para se referirem a aplicativos que enviam e recebem mensagens. Na coleta de dados desta pesquisa, os jovens se referiram bastante a ele como mídia para troca de músicas ou de informações sobre músicas de sua preferência.

Ele é uma aplicação multi-plataforma de mensagens instantâneas para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e mensagens de áudio de mídia. A empresa com o mesmo nome foi fundada em 2009 e está sediada em Santa Clara, Califórnia. Competindo com uma série de serviços com base na Ásia, WhatsApp cresceu de 2 bilhões de mensagens por dia em abril de 2012 para 10 bilhões em agosto do mesmo ano. De acordo com o Financial Times, WhatsApp "tem feito para SMS em celulares o que o Skype fez para chamadas internacionais em telefones fixos". Em Junho de 2013, o aplicativo alcançou a marca dos 250 milhões de usuários ativos e 25 bilhões de mensagens enviadas e recebidas diariamente.⁶

Os jovens observados e entrevistados nesta pesquisa citaram, na maioria das vezes, o Youtube e o Google como sendo seus veículos preferidos para acessar músicas. Referiram-se, também, a mídias mais tradicionais, principalmente o rádio, mas não com a mesma frequência com que falavam dessas duas, bastante presentes em seu cotidiano. O seu uso parece integrar as práticas desses estudantes, assim como outras atividades corriqueiras, tais como estudar, ler, etc., e isso pode ser percebido em suas falas quando a elas se referem, pois fazem isso com muita naturalidade e demonstram dominar tais mídias enquanto consumidores.

⁶ <http://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>

4.3 Mídias digitais

Devido à interatividade ser uma das grandes características das mídias digitais é importante dizer que

[...] a interatividade possibilitada pelas novas mídias permite a interconexão entre pessoas, a interação com conteúdos digitais, a participação do usuário na produção de conteúdos, as novas formas de comunicação. Além desses aspectos, coloca-se aqui um outro sentido de interatividade: aquele que diz respeito ao caráter prático da construção de sentidos a partir dessas novas tecnologias.⁷

Segundo Monteiro (2013), as novas mídias dependem de estruturas da tecnologia, as quais condicionam o funcionamento e o uso das mídias.

Gosciola define as novas mídias como “o vasto campo delimitado pelas tecnologias digitais” (GOSCIOLA, 2003, p. 15). Ele afirma que, a cada nova tecnologia surgida, existe uma mudança nas percepções humanas. Também compara as novas às velhas e tradicionais mídias de comunicação de massa, como a TV e o rádio, dizendo que, além de atingirem um público cada vez maior, as novas mídias atuam de maneira descentralizada, autogerida, gratuita e colaborativa. Essa colaboração se expressa até mesmo em conteúdos, aumentando a força e o alcance das novas mídias. O autor também discorre sobre a interatividade: “um recurso de troca ou de comunicação de conhecimento, de ideia, de expressão artística, de sentimento” (GOSCIOLA, 2003, p. 89).

Sobre a convivência das antigas e das novas mídias, Jenkins (2009) observa que estas não excluem aquelas, mas que muitos líderes da indústria afirmam que os jovens preferem mídias nas quais podem exercer maior influência e ter mais interatividade e participação a assistir à TV, nos dias atuais. Ao comentar isso, o autor se refere àquela que é uma das principais características das mídias digitais: a interatividade.

Colaboradores desta pesquisa referiam-se ao acesso das mídias para ouvir música e, no tocante a isso, a TV foi realmente esquecida. O rádio, como mídia tradicional, foi lembrado por diversos deles, embora a efervescência de dispositivos eletrônicos de última geração vistos nas mãos de grande parte dos jovens estudantes, pelos pátios e corredores das escolas

⁷ <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/novas-midias-interatividade-e-a-pratica-cientifica>

visitadas. Isso pode demonstrar um investimento expressivo em novas mídias digitais com a finalidade expressa de escutar música. Muitas vezes, a impressão que eu tinha, ao observá-los usar tais aparelhos, era a de que eles faziam parte definitivamente do seu material escolar e, mais, dos seus hábitos e modos de vida, como se não pudessem mais estar sem eles. No decorrer da coleta de dados desta investigação, pude perceber que os alunos não citam a televisão como mídia de acesso às músicas que gostam de ouvir. Como dito anteriormente, as mídias novas são sempre as mais citadas, e o rádio aparece algumas vezes em seus comentários. Ocorreu-me, nessas ocasiões, que o motivo estaria exatamente no fato de a TV não apresentar possibilidade de interatividade e portabilidade da mesma forma que as novas mídias o fazem, e que mesmo o rádio oferece. A busca por interatividade caracteriza de forma relevante as relações entre jovens nos dias atuais. Ao observá-los no pátio e nos corredores das escolas, portando seus celulares e fones de ouvido, muitas vezes vinha a impressão de que essas interações são uma constante em seus cotidianos, e que eles não poderiam mais viver em sociedade sem isso, tal a familiaridade com que transitam e dizem transitar pelas mídias.

Jenkins fala em uma “cultura da convergência”, querendo demonstrar que essa é uma era em que as novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas. O que é o surgimento das novas mídias para Jenkins? É o momento no qual “novas tecnologias midiáticas permitiram que o mesmo conteúdo fluísse por vários canais diferentes e assumisse formas distintas no ponto de recepção” (JENKINS, 2009, p. 38). Ele argumenta que os novos meios de comunicação não estão substituindo os antigos, mas estes convivem com aqueles, forçosamente. Também mostra que o conteúdo de um meio pode mudar – como ocorreu com a TV, que substituiu o rádio para contar histórias –, mas que o meio continua a funcionar dentro de um sistema maior de opções para a comunicação.

O autor destaca que a convergência das mídias é mais do que uma mudança tecnológica: ela altera a relação entre tecnologias, indústrias, mercados, gêneros e públicos. “A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento” (JENKINS, 2003, p. 43). É importante notar como ele considera o consumo e o consumidor como partes integrantes e indispensáveis nesse processo, afirmando que a convergência das mídias envolve uma transformação na forma de produzir, bem como na forma de consumir os meios de comunicação. O autor diz que o consumidor assume o controle das mídias e que isso também faz com que aconteça a convergência. Como ele assume esse controle? Vivenciando papéis diferentes diante das mídias, como alguém que usa

entretenimento, que se relaciona, que estuda, que envia e-mails, que escreve e realiza muitas outras atividades por meio das novas mídias. Consumidores estão usando as diferentes tecnologias para interagir com outros consumidores. O autor caracteriza os novos consumidores desta era da seguinte maneira:

Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos (JENKINS, 2009, p. 47).

Insistindo na temática do consumo e do consumidor em sua relação com as mídias atuais, esse autor diz que pesquisadores de *marketing* falam em “comunidades de marca” para compreenderem melhor por que grupos de consumidores criam laços com certos produtos, e como isso, passando pelo estágio das emoções, está ligado ao sucesso das marcas. Esses consumidores divulgam marcas por meio das novas mídias, estratégia da qual, segundo Jenkins, as indústrias midiáticas dependem muito.

O autor dá destaque para a situação da cultura diante das mídias atuais. Ele afirma que, com o tempo, as mídias de massa substituíram a cultura tradicional, que pode ser considerada como aquela vinculada a lugares geográficos, transmitida por famílias, etc. Surgiu, assim, a indústria do entretenimento comercial e uma cultura comercial, pois sua busca pela perfeição, inatingível para artesãos, por exemplo, ou para muitos artistas populares, acabou por suplantar essa antiga forma de cultura. Logo, a cultura comercial tornou-se a cultura comum; “a cultura da convergência será construída sobre referências de vários conglomerados da mídia” (JENKINS, 2009, p. 194).

Outro tema que esse autor discute em torno das novas mídias é o da cidadania. Sobre ela, ele discute a forma como o uso das novas mídias pode desenvolver o senso e participação cidadã consciente em processos políticos e de consumo de mercadorias, por exemplo. Segundo ele, a troca de materiais de amadores por via das mídias pode se tornar foco de conversas e persuasão, podendo atingir um público grande. O autor diz, também, que hoje o consumo não deve ser visto como o oposto da participação cidadã, pois ele é algo compartilhado por pessoas nas mídias e gera ações compartilhadas. Assim, ele pode ser considerado um exercício de cidadania – constatação que faz o autor chamar a atenção para o fato de que o

envolvimento de cidadãos em elementos da cultura popular divulgados pelas mídias deveria ser também estendido à esfera da política, pelos mesmos meios (JENKINS, 2009).

A grande e diversificada oferta de produtos comerciais pelas mídias faz perguntar sobre a possibilidade de questionamento das necessidades reais de compra e utilização desses produtos por consumidores, de forma geral. A compulsão por comprar tem sido discutida por áreas como a psicologia e outras interessadas nos comportamentos humanos. É interessantíssima a proposta de Jenkins sobre o uso das mídias para conscientizar sobre o consumo de mercadorias, e as novas mídias interativas oferecem, realmente, essas condições. A troca frenética de ideias, informações, críticas pelas redes sociais é o campo propício para o surgimento de novos conceitos sobre o que é consumir, o que é necessidade de consumo ou o que é puramente impulso no sentido de comprar. Nesse campo, também a escola pode aproveitar o acesso fácil de estudantes às novas tecnologias, a fim de orientá-los a usar as mídias com olhos críticos, educando-os para o consumo consciente.

Esse autor dá importância expressiva à questão da mudança de paradigma no consumo, que passa de individualizado a prática interligada de rede, chegando a afirmar que ela talvez seja a maior mudança propiciada pelas novas mídias. Ele afirma que o entretenimento comercial pelas novas tecnologias é um aprendizado para as pessoas se envolverem com coisas mais sérias, também por meio delas, como a política. Ao se referir às comunidades de fãs que há nas mídias, ele destaca que elas indicam um novo modo de se pensar sobre cidadania e colaboração (JENKINS, 2009). Nota-se a preocupação de Jenkins em estender os efeitos do uso e do enorme crescimento das novas mídias a esferas mais “sérias” das questões sociais. Sua opinião é de que o poder da grande mídia não vitimiza os consumidores, mas que os mobiliza, e isso faz alterar antigos modos de vê-la como a vilã das sociedades e de ver os consumidores como pessoas enganadas e inconscientes de suas condutas nas escolhas de consumo.

Dentro dos Estudos Culturais, ao discorrer sobre consumo, Ianni (2008) afirma que os aumentos de consumo agem por sugestão na criação de necessidades, criadas por produtores através do *marketing* ou da publicidade. Segundo ele, todos os lugares do mundo são movidos por dinheiro, mercadoria, capital, lucratividade e produtividade. As corporações e conglomerados multinacionais, transnacionais, mundiais, globais ou planetários transformam

o mundo num *shopping center* que se espalha por países e continentes (IANNI, 2008). Para o autor,

[...] não há dúvida de que o que se oferece à audiência dispersa pelos quatro cantos do mundo são as imagens, formas, cores, sons, movimentos, falas, ritmos, espaços, estilizações, pasteurizações, realidades, naturalidades, magias, ilusões, articuladas na sistemática da indústria cultural, voltada para a cultura de massa, a cultura internacional-popular (IANNI, 2008, p. 138-139).

Como se vê, esse autor tem uma visão menos otimista das relações de consumo, e o vê com certo determinismo quanto aos efeitos que ele produz nos indivíduos.

Canclini (2007), por sua vez, afirma que as pesquisas sobre consumo, no caso das mídias, não procuram conhecer os hábitos de consumo dos cidadãos, mas somente confirmar preferências pontuais em determinado dia e horário. Segundo ele, elas não se importam em saber nada sobre preferências do consumidor, apenas desejam mantê-los ligados a uma programação elaborada em estúdios padronizados. Ele, porém, destaca a importância do papel das pessoas nesses processos de globalização e consumo, afirmando que, por esse papel,

[...] a globalização deixa de ser um jogo anônimo de forças do mercado regidas apenas pela exigência de conseguir sempre o lucro máximo na concorrência supranacional. [...] Nós, consumidores, podemos expandir o lado ativo dos nossos comportamentos até reinventar o modo de sermos cidadãos (CANCLINI, 2007, p. 59).

Pode-se perceber que o autor não dispensa a reflexão sobre o papel das pessoas nas questões de consumo, aproximando-se de Jenkins (2009) quando esse considera a mobilização de cidadãos diante das referidas questões, num movimento no sentido da conscientização sobre as escolhas de consumo.

4.4 O rádio

Esta importante mídia tradicional tem, ainda, uma grande penetração pública, apesar do advento e crescimento cada vez mais expressivo das mídias digitais, como difusora de música. Por isso, nesta seção, serão apresentados aspectos de sua trajetória na sociedade brasileira e de suas principais características como veículo de música em nosso país.

Segundo Seren (2011), “o rádio e a televisão são principais vias de acesso dos jovens da escola pública aos seus cantores e grupos favoritos, enquanto os jovens da escola privada têm a internet, amigos e família como meios mais expressivos de acesso” (SEREN, 2011, p. 119). No entanto, na coleta de dados da minha investigação, poucos alunos citam o rádio e quase ninguém fala da televisão como veículo para se ouvir música, independentemente de serem alunos da escola pública ou privada. Ainda assim, seus recentes e também tradicionais papéis como transmissores de música, especialmente o rádio, levaram-me a discorrer sobre eles nesta seção.

De 1919 a 1922, houve a introdução do rádio no país, com a primeira emissora – Rádio Clube de Pernambuco. Depois veio a RCA Victor, e em 1923, chegou a primeira emissora a funcionar regularmente, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, uma rádio educativa e cultural, depois encampada pelo Ministério da Educação (MELO; TOSTA, 2008).

Em meados dos anos 40, o rádio era um veículo já consolidado e em expansão, principalmente nas classes sociais das cidades. Entravam novos gêneros estrangeiros, como o bolero, a rumba, o tcha-tcha-tcha, o *cool jazz*, e o baião nacional ganhava espaço no rádio. Entre os anos 40 e os 50, os gêneros predominantes eram o samba de morro, o samba-canção abolerado e as canções de carnaval. Os principais nomes da época eram Wilson Batista, Geraldo Pereira, Ary Barroso, Dorival Caymmi. Os estilos eram de grande sonoridade, com interpretações vocais estridentes e potentes (NAPOLITANO, 2002).

Essa foi a “era de ouro”, que surgiu para resgatar o passado musical que parecia ameaçado pelas chanchadas musicais. Nomes como Almirante e Lúcio Rangel foram animadores que demarcaram no rádio e na imprensa a boa música popular. Músicos como Noel Rosa e Pixinguinha e aqueles ligados ao choro passaram a ser revalorizados:

[...] a música popular carioca, produzida nas primeiras três décadas do século XX, trazia a marca de uma autenticidade cultural, verdadeira reserva de nacionalidade e identidade popular urbana que, [...] era ameaçada pelo artificialismo comercial e pelos gêneros híbridos que dominavam o rádio (boleros, samba jazzificados, rumbas e marchas carnavalescas de fácil aceitação popular) (NAPOLITANO, 2002, p.58).

Nessa época, a folclorização do conceito de povo se afirmava como forma de preservar a identidade e se contrapor ao surgimento da modernidade vinda do exterior. Em fim dos anos 40 e nos 50, houve uma febre folclorista que se caracterizava por pressupor que o povo tinha

uma identidade básica ancorada na tradição e pela ideia de salvar a música popular autêntica. No entanto, a música popular mais comercial estava ligada aos interesses do cinema e do rádio. Os folcloristas urbanos tentavam fazer com que a música urbana carioca fosse considerada como autenticamente brasileira. A intelectualidade julgava, em plena era do rádio (1946-1956), que as influências estrangeiras (do *jazz* e da música erudita europeia) eram o joio, e o samba e outros gêneros de raiz, o trigo da música popular. Nesse período, houve movimentos em prol desse ideal, veiculados pelo rádio, como o I Festival de Velha Guarda, na Rádio Record, em 1954, que reuniu pioneiros do samba como Pixingulinha, Donga e João da Baiana. Os resultados de tudo isso foram o surgimento de uma aura de autenticidade e grandeza estética para a música popular, a valorização do samba “autêntico”. Os anos 30 e parte dos anos 40 passaram a ser considerados “era de ouro” (NAPOLITANO, 2002).

De acordo com Melo e Tosta (2008), atualmente o rádio tem somente 5,2% dos investimentos publicitários. Ultimamente, ele vem sendo nacionalizado, por via satélite, após ter sido regionalizado durante décadas. Tem crescido também, segundo os autores, o universo das rádios comunitárias, emissoras de pequeno alcance, sendo muitas delas clandestinas. Os autores caracterizam o rádio como sendo a maior fonte de diversão, informação e educação das classes trabalhadoras, e afirmam que ele atinge 87,8% das residências em nosso país.

Nesse panorama, como ficam as mídias digitais, como ficam os celulares e os outros dispositivos sonoros utilizados para se ouvir música, os quais encontrei em abundância pelos pátios e corredores das escolas onde colhi dados? Questionaria novamente: de onde viria a aparente e quase indiferença dos sujeitos da minha pesquisa pela TV enquanto mídia para acessar músicas? Viria da maior acessibilidade a outros meios ou da menor transmissão de conteúdos musicais por alguns canais de televisão, atualmente, quando comparada ao rádio e a outras mídias?

4.5 Gêneros musicais

Neste tópico serão trabalhados alguns conhecidos gêneros musicais veiculados por mídias em nosso país. Eles foram escolhidos com base nas referências feitas por sujeitos da investigação, quando questionados sobre suas preferências musicais, e também em outras respostas nas entrevistas e grupos focais. Eles se revelaram como sendo os mais ouvidos e, até mesmo,

tocados por alguns dos jovens colaboradores desta pesquisa. A lista abaixo não pretende esgotar os gêneros musicais presentes nas mídias, uma vez que parti das referências dos sujeitos de pesquisa, mas apenas evidenciar algumas de suas características fundamentais, citando, de vez em quando, aspectos de suas gêneses e histórias.

4.5.1 Sertanejo

Os diferentes subgêneros que formam a música sertaneja são: moda-de-violão, cururu, catira, querumana, cana-verde, batidão, guarânia, pagode-de-violão, toada, corrido, polca mato-grossense, dentre outros, todos com estabilidade em termos de estrutura, temática e estilo. Ela é reconhecida fora do seu público, especialmente por um de seus elementos distintivos: a dupla cantando em terças. Até 1929, a música sertaneja era simbolizada pelos diversos gêneros nordestinos populares nos anos 10 e 20, tais como emboladas e desafios (OLIVEIRA, 2009).

Com as primeiras gravações de duplas formadas por “*autênticos caipiras do interior paulista*” – nos termos das próprias gravações – a música sertaneja começou a ser “colonizada” pela estética do interior do centro-sul, a estética caipira. E nesse processo, a dupla cantando em terças tornou-se a formação central do gênero. Apesar de todas as mudanças sofridas pela música sertaneja nos últimos 80 anos, a dupla foi o elemento que se manteve (OLIVEIRA, 2009, p. 44).

Alguns afirmam que a dupla caipira está relacionada a formas europeias, como a técnica do fabordão, de harmonização vocal que veio com os portugueses. Uma série de subgêneros constituintes da música sertaneja, das quais se tem registro desde o século XIX, tais como o catira e o cururu, já traziam a dupla cantando em terças.

O catira, dança típica do interior de São Paulo, tem sua parte instrumental organizada em torno de dois instrumentistas-cantores, e descrições do cururu também fazem referência a isto. Assim, não é descabido observar que a predominância da forma dupla na música sertaneja se deve à referida “colonização caipira” deste gênero (OLIVEIRA, 2009, p. 44).

Oliveira (2009) comenta que os cantores de uma dupla sertaneja são indicados pelos termos “primeira” e “segunda”. O da primeira é o que faz a linha melódica central da canção e o da segunda é aquele que canta terça acima ou abaixo, ou seja, faz a “segunda voz”. São muito valorizados os músicos capazes de trabalhar tanto como primeira quanto como segunda. O canto em duplas na música sertaneja foi marcado por determinadas duplas que “fizeram escola”. Por isso, fala-se no estilo “Tônico e Tinoco”, “Tião Carreiro e Pardinho” ou

“Milionário e José Rico”, dentre outros. Os violeiros dizem que, no caso dessas duplas, o que as diferencia é o jeito de cantar.

Embora o canto em terças seja o elemento mais importante, a presença de determinados instrumentos oferece também um elemento de estabilidade e reconhecimento à música sertaneja enquanto gênero musical, mesmo para quem não faz parte do público apreciador do gênero. No entanto, ao contrário do canto em duplas, esse aspecto foi, do ponto de vista nativo, o que mais se alterou ao longo do tempo e é um dos cerne das cisões no campo da música sertaneja.

Em termos de instrumentação, as mudanças entre o que era gravado na década de 30 e o que é gravado hoje são bastante audíveis. Se Alvarenga e Ranchinho se apresentavam na década de 30 com violão, viola e, por vezes, acordeom e percussão; atualmente, duplas como Bruno e Marrone contam com uma banda de apoio formada por guitarras, contrabaixos, bateria, teclados, percussão, naipe de metais, *backing vocals* e, no caso desta dupla em específico, por vezes, **sem** uma viola. Eis um dos motivos dos debates no interior do campo, à medida que a viola é o instrumento-símbolo da música sertaneja (OLIVEIRA, 2009, p. 48, grifo do autor).

O instrumento característico é a viola caipira: um modelo com dez cordas distribuídas em cinco cordas duplas e afinadas de maneira característica. Existem inúmeras afinações: “cebolão”, “cebolinha”, “rio-acima”, “rio-abaixo”, “oitava”, “paulista”, “cana-verde”, dentre outras. Assim, a afinação mais comum na música caipira é o “cebolão”, uma afinação na qual a viola, com suas cordas soltas, produz um acorde de mi maior.

Duplas atuais, que apareceram para o cenário sertanejo a partir da segunda metade dos anos 80, tais como Zezé di Camargo e Luciano, Bruno e Marrone, Gian e Geovanni, não têm a referência do violeiro, como tinham as duplas mais antigas, como Tinoco da dupla com Tônico. Nesse sentido, a viola tornou-se um sinal de tradição, sendo que sua presença, em muitos casos, tornou-se um elemento diacrítico entre o que é considerado o ‘verdadeiro’ sertanejo daquele que não o é (OLIVEIRA, 2009, p. 49).

Um de seus principais compositores, José Fortuna, afirma que, pelos temas, a música sertaneja pode ser dividida em quatro estilos: “dor-de-cotovelo, raiz, erótico e humorístico”. Excetuando-se o último, os outros três tornaram-se um senso comum na música sertaneja. Outra temática muito importante e denotativa da idéia de “raiz”: são as narrativas relativas a viagens, muito comuns na história do gênero e que indica a transitoriedade característica das classes sociais ligadas a este gênero musical (OLIVEIRA, 2009).

A principal forma pela qual a música sertaneja se apresenta é a canção, forma discursiva em que música e letra são articuladas. Há alguns subgêneros denotativos de ancestralidade na música sertaneja: catira, cururu, querumana, cana-verde e outros. As atuais duplas sertanejas, como Zezé di Camargo e Luciano, afastam-se desses subgêneros.

Quando se acusa estas duplas de fugir à tradição, não se faz pela sua aproximação com a música *country* norte-americana (como se verá, aproximações a gêneros estrangeiros são constantes na história da música sertaneja), mas sim por não darem espaços para estes subgêneros ancestrais (OLIVEIRA, 2009, p.63).

Outros subgêneros são oriundos da relação da música sertaneja com gêneros estrangeiros: “gêneros paraguaios”, como a guarânia, o rasqueado e a polca mato-grossense. Além dos gêneros paraguaios, há também os mexicanos, tais como o bolero, a rancheira e o corrido (OLIVEIRA, 2009).

Segundo Seren (2001), a música sertaneja e a música caipira são, muitas vezes, admitidas como gêneros correlatos, o que é um equívoco:

Na atualidade, diante das múltiplas faces da música sertaneja, muitas duplas comerciais ainda se autodenominam herdeiras incorruptíveis da boa música caipira de raiz (ou moda de viola), que se assinalam pela simplicidade da linha melódica, pelo prosaísmo campesino, pelo lirismo bucólico da vida rural. São comumente executados por instrumentos típicos do Brasil colônia como a viola, a gaita e o acordeom (SEREN, 2011, p. 123-124).

O autor vê aspectos, na música desse gênero, que não são comentados por Oliveira (2009), tais como a temática sertaneja voltada para o universo machista, preconceituoso, banalizador do corpo da mulher, e que faz apologias ao uso do álcool e à traição amorosa masculina. Ele também comenta aspectos comerciais atuais em torno do sertanejo, como os eventos faraônicos e caríssimos voltados ao mundo rural que chama de moderno, e a indústria fonográfica que lucra e alimenta esses eventos inserindo neles novos artistas e escoando suas produções pelo rádio. Ele ressalta, por isso, a força ainda permanente do rádio nesse contexto. Nota-se aí a criação de um estilo de vida em torno do gênero musical sertanejo, por meio de comportamentos, práticas culturais tais como *shows*, rodeios, uso de vestuário e adereços típicos. Ianni (2008) chama a atenção para o fato de que nenhuma mercadoria é inocente:

Ela é também signo, símbolo e significado. Carrega valor de uso, valor de troca e recado. Povo o imaginário da audiência, auditório, público, multidão. Diverte, distrai, irrita, ilustra, ilude, fascina. Carrega padrões e ideais, modos de ser, sentir e

imaginar. Trabalha mentes e corações, formando opiniões, ideias e ilusões (IANNI, 2008. p. 48).

Outro elemento citado por ele e também comentado por Oliveira (2009) é a instrumentação utilizada pelas duplas sertanejas comerciais, que inclui a guitarra elétrica, estratégia que, segundo Seren, é utilizada para atrair simpatizantes do *rock and roll*. Ele também destaca a importância da TV na divulgação desse segmento e cita a vertente sertanejo universitário, que é o relançamento de antigos sucessos privilegiando o acústico, sem guitarras elétricas. Esse estilo, de acordo com ele, ganha o público por meio da internet e discos piratas, para depois alcançar a grande mídia (SEREN, 2011). Os participantes de sua pesquisa citaram o sertanejo universitário de forma expressiva, o que não ocorreu com os sujeitos da minha investigação, os quais citam majoritariamente o sertanejo comercial, dentro das vertentes do gênero.

4.5.2 MPB

De acordo com Seren (2011), esse gênero surge com segunda geração da Bossa Nova, na segunda metade da década de 1960, e tem como referência Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque e, na década seguinte, Elis Regina, Milton Nascimento, Djavan e outros. Apreciado pela classe média urbana, foi bem pouco citado nos dados da pesquisa desse estudioso, como também nos dados das minhas coletas. Eles aparecem na fala de poucos alunos – e, quando ocorrem, advêm sobretudo dos alunos da escola privada, que se referem a alguns cantores, principalmente Chico Buarque.

O conceito de MPB encontrado em Napolitano (2002) mostra que ela foi consolidada nos anos 1970 e suas bases eram mais socioculturais do que estéticas, o que dificultou seu reconhecimento como gênero musical:

[...] quase tudo poderia ser considerado MPB. Todos os gêneros e estilos, todas as tradições musicais, todas as posturas, conservadoras ou radicais, poderiam ter seu lugar no clube, desde que prestigiados pelo gosto da audiência que definia a hierarquia musical (NAPOLITANO, 2002, p. 73).

O autor afirma que os critérios de valoração da música eram mais socioculturais, tais como os tipos de audiência e o reconhecimento valorativo. A MPB sintetizou tradições estéticas (poesia culta e poesia popular, música folclórica e música da era do rádio, música de vanguarda, *jazz* e *pop*) e apontou caminhos para o que viria depois. Seu público era o circuito

letrado-universitário, o da cultura de massas e o da vanguarda e de contracultura. Além disso, “expressou um momento de aliança social e política entre diversas classes sociais em torno de um ideal de nação, defendida primordialmente por setores nacionalistas de esquerda” (NAPOLITANO, 2002, p. 32).

4.5.3 Samba/pagode

Consolidado entre os anos 20 e 30, o samba surgiu como um gênero que mudaria a história da música brasileira. A palavra designava as festas de danças dos escravos na Bahia do século XIX. Sua primeira geração foi influenciada pelo maxixe e pelo choro (Donga, João da Baiana e Pixinguinha) (NAPOLITANO, 2002). Napolitano alerta para o perigo de se pensar em gêneros musicais puros devido a experiências e fusões musicais, como é o caso do samba. O autor conta que esses fundadores do samba formataram a formação orquestral da era do rádio, e disponibilizaram em gravações suas obras para as gerações posteriores. Há também as duas vertentes do samba carioca, fundadas por Noel Rosa e Ismael Silva: o samba do asfalto, mais cadenciado e melódico, e o samba do morro, mais rápido e acentuado. A trajetória do samba vai das casas e quintais, onde ele surgiu, à gravação comercial e ao rádio (SANDRONI, 2001 *apud* NAPOLITANO, 2002). Já a escola de samba surgiu da necessidade de se delimitar a diluição cultural do samba inserido nas novas camadas urbanas brasileiras, como se para manter a tradição, no final dos anos 1920 (NAPOLITANO, 2002).

Uma das ideias mais comuns sobre o samba é a que supõe sua associação com valores simbólicos do "negro" ou do "ser negro". Duas vertentes principais caracterizam essa posição. Uma tem orientação histórica, e sugere que os valores originados das culturas de origem africana se mantêm vivos na prática do samba. A outra tem uma orientação mais voltada para as desigualdades sociais que envolvem grupos ligados ao samba, e para a importância do samba como uma expressão de resistência da população "negra", tratada como uma classe (LIMA, 2010, p. 2).

Lima (2010) comenta que a síncope, característica rítmica do samba, é citada por autores como sendo semelhante à sincopação do *jazz* norte-americano. Segundo o autor, o que mais assemelha o samba da música vinda da África é o complexo polifônico de acentos rítmicos e tímbricos. O samba concebido como expressão de resistência à dominação, como uma instância da luta de classes, é definido por Sodré (1998 *apud* LIMA, 2010) como uma “afirmação da identidade negra”.

A observação de vários grupos ligados ao samba me inclina a questionar a existência comum de uma tal classe social nos muitos contextos em que o estilo é praticado, embora eu não discuta o valor do ‘negro’ como categoria sociológica operativa na sociedade brasileira, e especialmente no âmbito do ‘mundo do samba’ (LIMA, 2010, p.7).

O autor relativiza o conceito de classe social nesse contexto, preferindo considerar o “negro” como categoria sociológica relevante dentro dele. Ao observar o desenvolvimento histórico do samba, Lima (2010) comenta que, após um processo de décadas, ele se cristalizou como símbolo da nacionalidade em torno de 1930, entre as diversas variantes de expressão mais local. Ele considera que o simbolismo da brasilidade é pertinente quando se trata de samba, em todos os contextos.

O samba não é muito citado por estudantes colaboradores da minha pesquisa, sendo o pagode mais presente do que ele, nos dados recolhidos. O pagode tem suas origens no samba e aparece nas favelas e subúrbios do Rio de Janeiro. O termo era usado como sinônimo de festa, e passou a ser usado para designar samba, por sambistas se referirem às suas festas de tal modo (SEREN, 2011).

Nos países orientais: China, Japão, Coreia e Nepal; a palavra *pagode* designa local religioso, situado dentro ou próximo de templos, na maioria budista. No Vietnã, designa local de trabalho. Segundo o Dictionnaire Historique de La Langue Française, a palavra surgiu pela primeira vez no idioma francês em 1545, significando ‘templo de uma religião oriental’. Na definição acadêmica do folclorista Câmara Cascudo, é uma festa regada com comida e bebida, e de reunião íntima. No Brasil, a palavra designa muito mais um estilo musical ligado às raízes do samba.⁸

O grupo Fundo de Quintal usava o termo no sentido de festa, em suas canções, e passou a incluir novos instrumentos como o tantã, repique de mão, banjo com braço de cavaquinho e teclado. Isso gerou um novo ritmo, nos anos 1980. Na década seguinte, vieram suas canções mais românticas e passaram a vender mais. Os grupos de pagode são formados por jovens de classe média com instrução escolar superior, os quais criaram o subgênero pagode universitário, como os Inimigos da HP e Jeito Moleque. Essa vertente mistura outros gêneros como *pop*, *raggae* e *rock* nacional (SEREN, 2011).

⁸ <http://www.infoescola.com/musica/historia-do-pagode/>

4.5.4 Forró

A história do forró está ligada à figura de Luiz Gonzaga, menino de origem pobre, nascido em Pernambuco. A melhoria dos transportes e dos meios de comunicação e o rádio como fenômeno massivo, desde os anos 1930, foram condições propícias para o surgimento do gênero forró. O desenvolvimento das indústrias do disco e do rádio, nas décadas de 1930 e 1940, foi responsável pelo desenvolvimento do samba e do forró. A música de Gonzaga passa a ser incentivada pelo governo e por setores da intelectualidade, além do movimento modernista que estimula a música nacionalista (COSTA, 2012).

Naquela época, falava-se em

[...] samba, polca, valsa, tangos, mazurcas, *scottisch* e até novidades dos EUA como *foxtrot* e *charleston*. Do lado nacional ouviam-se maxixes, modas, marchas, cateretês e desafios sertanejos. Entretanto, não há referências institucionalizadas ao gênero baião/forró (COSTA, 2012, p. 121).

O baião é considerado um movimento dos anos 40, um manifesto de uma nova música inventada pela dupla Gonzaga e Teixeira. Sua temática é sobre a vida do homem do sertão, ou é cômica. Todos os elementos que compõem a música – passando pela letra, (a seca, o êxodo, a chuva, os animais, a religiosidade, as festas juninas), o sotaque, o vestuário e outros – irão caracterizar o nordeste por meio daquele gênero musical. Convencionou-se, nas últimas décadas, chamar a esse ritmo genericamente de forró. Até os anos 1950, forró era dança, baile, depois passa a ser o conjunto de danças do Nordeste (COSTA, 2012). Segundo Cascudo (2001, *apud* COSTA, 2012) o termo forró pode vir de *forrobodó*, significando festança, ou *for all*, “para todos” – as festas promovidas pelos gringos imigrantes na região. O instrumento característico é a sanfona.

Em meados da década de 1950, com a Bossa Nova, o baião entra em declínio, e a sanfona é “trocada” pelo violão, instrumento mais urbano. A partir de 1990, a entrada de bateria eletrônica e os sintetizadores vêm descaracterizar o baião. Surge uma nova geração que, além de Dominginhos, parceiro de Gonzaga, tinha Raimundo Fagner, Alceu Valença, Zé Ramalho, Elba Ramalho, Belchior. Nessa época, forró passa a designar um gênero, e não mais somente um espaço onde se dança, e, assim, esse gênero cai no gosto urbano. A morte de

Gonzaga, em 1989, é considerada a segunda crise do baião, tendo sido a primeira durante a chegada da Bossa Nova (COSTA, 2012).

Aos poucos, o mercado do forró vai se transformando e ganhando o público urbano jovem, passando a se apropriar de elementos da cultura *pop*, como o eletrônico: guitarra, baixo, órgão elétrico, bateria, instrumentos do *rock*. Há também o trompete, o sax e o trombone, instrumentos de metal. A sanfona tem sua importância bem diminuída. Essa nova música tem apelo sensual e temática sexual, o que atrai jovens urbanos como público. Após essas mudanças, a vestimenta dos músicos também passa a compor o contexto do novo forró: mulheres vestidas com sensualidade e homens cabeludos (COSTA, 2012). Aqui, nota-se claramente a questão do consumo de produtos da cultura gerada por um gênero musical, em torno do qual se criam práticas de comércio de produtos a este relacionados.

É pertinente refletir se o forró, em seu atual contexto, poderia ser relacionado a fenômenos de identidade cultural e estilos de vida. Segundo Ortiz (1988, *apud* Ianni 2008, p. 74), “o novo ciclo de ocidentalização recoloca o problema da mundialização da indústria cultural, com a expansão dos meios de comunicação de massa e a produção de uma cultura de tipo internacional-popular”. Porém, afirma Ianni (2008), os povos continuam a produzir culturalmente e utilizam ingredientes nativos nessas produções. Segundo o autor, na sociedade global, os nacionalismos e nacionalidades ressurgem com novos significados, em outros horizontes, porque, nesse processo, estruturas nacionais são quebradas, dando lugar a particularismos, regionalismos e singularidades.

Costa (2012) fala de espaços de entretenimento, discos, casas de espetáculos, confecções de roupas, e um forró eletrônico predominantemente cearense. Ele cita a banda Mastruz com Leite como sendo a que tirou a sazonalidade do forró e deixou de associá-lo apenas à época das festas juninas. Caracterizam o estilo: dançarinas seminuas no palco, dois ou mais cantores em duetos ou solo, muita potência na aparelhagem eletrônica e na iluminação, além de variantes de gênero (merengue, calypso e lambada) tocados nos *shows*.

Segundo o autor, não há homogeneidade entre os estilos, mesmo dentro do forró eletrônico, criado pela referida banda. Há as vertentes: forró confirmado (reivindica longevidade), forró elétrico (aceitação do grande público), forró universitário (que reivindica o romantismo) e forró pé-de-serra (que reivindica a tradição). O forró universitário, cujos grupos são formados

por jovens de classe média urbana, amadores que participavam de concursos universitários de música, é bastante citado por sujeitos da minha pesquisa. Esse é mais dirigido a um público feminino e tem estilo mais suave, como os grupos Fala Mansa e Rasta Pé (COSTA, 2012).

Segundo Costa (2012), há muitas críticas em torno do forró eletrônico, as quais o acusam de ser descartável e não ter nada a ver com as tradições nordestinas. O seguinte trecho deixa isso mais claro:

[...] é possível inferir que os ornamentos distintivos não podem ser simplesmente mais a ‘fulô no cabelo’, mas sim, uma enorme grife de marcas de roupas, aparelhos tecnológicos e automóveis. Qualquer semelhança com um shopping center não é mera coincidência. No espaço do forró eletrônico estar na moda (do consumo) é um requisito importante para ser visto (e distinguido!) (COSTA, 2012, p. 142).

Notam-se, no trecho, claras referências a questões de consumo vinculadas à apropriação de música comercial por seus públicos, referências que muito interessam à minha investigação, a qual procurou conhecer a ocorrência desse tipo de questão entre os jovens colaboradores. Foi constatado, diversas vezes, que esse ambiente de consumo de produtos decorrente de seu uso e venda por artistas músicos leva os jovens a imitá-los nesse sentido, mas, em outras vezes, isso não foi registrado entre as respostas dos entrevistados, conforme já foi comentado anteriormente.

Costa (2012) destaca, ainda, que o avanço da tecnologia é o grande motor para o crescimento da indústria do forró eletrônico.

4.5.5 Rock

Rock and roll é o nome de um gênero musical que veio da expressão “rocking and rolling”, que quer dizer “balançar e rolar”.

As suas principais influências são: Blues, Boogie-woogie, Country, Folk, Gospel e ritmos africanos. Esta expressão designa um conjunto heterogêneo de estilos musicais surgidos a partir dos anos 40 nos meios juvenis dos Estados Unidos e da Inglaterra e que se situam entre o setor mais comercial da música pop e a chamada música culta.⁹

⁹ <http://www.significados.com.br/rock-and-roll/>

A música *rock* nasceu a partir de um conjunto, grupo ou banda, com uma base instrumental comum (guitarra elétrica, baixo elétrico, percussão e teclados), apesar de, por vezes, serem utilizados outros instrumentos (como violinos, saxofones, etc.). As composições costumam ter letras breves e são independentes umas das outras.

O *rock* tem uma base cultural predominantemente anglo-saxônica e serviu como meio de difusão do estilo de vida anglo-norte-americano. “Este gênero musical está ligado com uma tomada de consciência por parte dos intérpretes e público, que utilizam a música como instrumento de reivindicação (por exemplo, em concertos a favor de grupos ou países em dificuldades)”¹⁰. Também ligado à busca por novas tendências musicais, o *rock* um dos campos mais ativos da música experimental.

Surgido nos anos de 1950, o *rock* vem passando por mudanças em seu estilo, há várias décadas. Está relacionado à contestação por parte da juventude, a movimentos socioculturais do século XX. São nomes importantes ligados ao *rock*: Bill Haley, Elvis Presley, The Shadows, The Beatles, The Rolling Stones, The Kinks, The Who. A partir dos anos 80, “o *rock* foi fortalecido através de meios audiovisuais (com videoclipes) se tornou finalmente em um fenômeno estável e apreciado pelas grandes massas”¹¹.

O *rock* é bastante citado por sujeitos da pesquisa, principalmente o nacional dos anos 1980, mas também alguns grupos clássicos estrangeiros como os Beatles, The Rolling Stones e Led Zeppelin. É interessante notar que os jovens entrevistados, muitas vezes, se referem a esses grupos de *rock* como sendo clássicos e demonstram conhecer a importância deles na história de música popular. Alguns estudantes mostram orgulho em cultivar esses ídolos, gosto que quase invariavelmente herdaram de seus pais.

Esse *rock* brasileiro se caracteriza por “um número limitado de recursos musicais, harmonias e melodias simples e letras simples de fácil identificação com o universo jovem [...] ou mesmo com críticas à sociedade de consumo” (DANTAS, 2007, p. 118). Segundo este autor, o grupo Blitz, em 1982, deu início ao *rock* dos anos 80, abrindo espaço a outros grupos. Quem dominava a cena eram os cariocas, paulistas e brasilienses.

¹⁰ <http://www.significados.com.br/rock-and-roll/>

¹¹ Ibidem.

Segundo Dantas (2007),

[...] o *rock* brasileiro dos anos 80 tem dois momentos bem definidos. O primeiro é dominado pelos grupos cariocas e vai até a realização do Rock in Rio, em 1985. Mas, somente no segundo momento, depois do festival, com o aparecimento das cenas de São Paulo e Brasília, é que os principais grupos do gênero definem suas sonoridades (DANTAS, 2007, p. 119).

Os principais grupos e cantores desse gênero e dessa época são: Lulu Santos, Ritchie, Barão Vermelho, Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, Paralamas do Sucesso, Léo Jaime, Ira, Ultraje a Rigor, Titãs, RPM, Legião Urbana, Capital Inicial.

Em meados dos anos 1980, o gênero passa a ser o mais lucrativo da indústria fonográfica brasileira, e o motivo é que os grupos de *rock* tinham seus próprios repertórios e compositores, arranjadores e intérpretes, dispensando gastos com outros profissionais. Caracterizavam-se por guitarra, baixo, bateria, teclado e voz, e sua estratégia era se fazer uma alternativa para o mercado jovem brasileiro, diante da já desgastada MPB (DANTAS, 2007).

Assim, a não incorporação de elementos e sonoridades tradicionais da música popular brasileira foi uma forma de, ao mesmo tempo, se desvincular da MPB e propor uma nova alternativa de consumo para a juventude. Essa estratégia também teve outros desdobramentos. Os grupos de rock dos anos 80 não utilizam os subterfúgios linguísticos para driblar as sentinelas da censura ou mesmo a linguagem rock brasileiro do final dos anos 60 e da década de 70. O mais comum é o uso de uma linguagem direta para falar de temas cotidianos e ligados ao universo juvenil (DANTAS, 2007, p.126).

Alguns sujeitos da minha investigação, como citado acima, falam do *rock* brasileiro dos anos 80 como sendo um de seus gêneros preferidos. Interessante notar que essa época está distante deles uma geração, sendo a música que embalou a juventude de seus pais, de modo geral. Nisso, nota-se a influência da família como formadora de opinião e do gosto nos jovens, uma vez que alguns deles chegam a comentar que têm discos em casa que pertencem a seus pais e mães, e até mesmo a seus avós.

O gênero *rock*, assim como o MPB, serve, muitas vezes, como elemento de protesto político e ideológico, mais do que outros gêneros citados aqui e referidos pelos sujeitos da minha pesquisa. Ambos parecem, por tradição, se prestar a esse papel de favorecer o engajamento e a crítica social e política.

4.5.6 Eletrônica

A música eletrônica é um dos mais importantes pilares da indústria fonográfica, a que mais cresceu nos últimos anos. Seu reconhecimento crítico e popularização podem se comparados ao dos *rock* nos anos 60 e 70.

Antes de ser sinônimo de balada e tecnologia, a música eletrônica foi algo rústico e até erudito. A partir da invenção do fonógrafo, por Thomas Edison, iniciou-se uma fase de reprodução e disseminação musicais.

Já no final da década de 1940, com essa possibilidade de gravar e reproduzir sons cada vez mais expandida, o francês Pierre Schaeffer começou a unir diferentes instrumentos e gravações em uma só música. Os ruídos gerados pelos toca-discos de vinil, unidos a manipulação da velocidade ou do sentido da leitura feita nas gravações, deu origem as primeiras mixagens.¹²

Depois disso, as técnicas utilizadas na Alemanha eram aplicadas a sons gerados por osciladores elétricos. O caráter era experimental e ainda clássico. Foi na década de 60 que o gênero chegou aos Estados Unidos:

O uso de vertentes da música eletrônica teve grande influência nos trabalhos de bandas como The Beatles e Beach Boys, que deixavam de lado o uso de instrumentos acústicos, para usar sintetizadores e outros equipamentos eletrônicos. No entanto, nenhuma outra banda, integrou tal vertente com tanta maestria quanto a inglesa Pink Floyd. Seu rock psicodélico e progressivo, principalmente dos discos iniciais, como *The Piper at The Gates of Dawn*, mostrava uma mistura coesa dos elementos eletrônicos, edições assimétricas e efeitos de teclado que, mais tarde, virariam sua marca registrada.¹³

Em meados dos anos 70, o Kraftwerk, grupo alemão, começou com trabalhos experimentais, utilizando instrumentos desde baixo, guitarra e violinos a sintetizadores (equipamentos que têm como fim elaborar sons artificialmente) e osciladores, formando um som único, e entre 1975 e 1978, passaram a influenciar a música contemporânea.

As músicas compostas eletronicamente são fractais – objetos dotados de formas fragmentadas. Todo resultado musical é reutilizado como ingrediente das futuras obras, portanto a gravação de uma música transforma-se de meta artística em fragmento fugaz que será modificado, mesclado, desfigurado [...].¹⁴

¹² <http://omelete.uol.com.br/musica/musica-eletronica-especial-parte-i/#.Uw5Xr-25fIU>

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ <http://www.infoescola.com/musica/eletronica/>

Com o aparecimento dos computadores, os primeiros aparelhos de armazenamento e mistura de músicas, os *samplers*, surgiram – assim como a possibilidade de manipular virtualmente os sons e alterar as funcionalidades de instrumentos. Desse modo, apareceram novos estilos musicais, devido às possibilidades tecnológicas. Esse gênero é o resultado do trabalho de um grupo sobre um acervo já produzido, no qual todos atuam simultaneamente “como geradores do material que alimentará a composição integral, conversores de formas, criadores, intérpretes e receptores do produto final, em um processo que se autoestrutura”.¹⁵

A música eletrônica chegou à grande mídia pelo filme *Os Embalos de Sábado À Noite*, com John Travolta, tendo início a era do disco, com as discotecas e a dança misturada ao estilo eletrônico. Dessa junção, surgem os subgêneros mais conhecidos como o *house*, o *techno* e o *trance*. “Outros grupos atuais também unem o rock às composições eletrônicas, tais como o Tangerine Dream, Can, Neu! e Popol Vuh”.¹⁶

Alguns alunos referiram-se à música eletrônica em minha coleta de dados, mas o número não é muito expressivo diante de outros gêneros como o sertanejo, o pagode e o *pop*.

4.5.7. *Gospel*

O termo inglês *gospel*, cuja tradução para a língua portuguesa é “evangelho”, deriva do inglês antigo *God-spell*, que significa *good tidings*, ou *good news* – em português, “boas novas”.

O pentecostalismo norte-americano é uma chave para o entendimento da música *gospel*, visto que foi o berço onde se originou esse estilo musical e também proporcionou o espaço litúrgico em que as transições e inovações foram expressas culturalmente (MENDONÇA, 2008, p.14).

A evolução da música *gospel* inspirou o *rock* dos anos 50, com danças exageradas e roupas extravagantes, e grandes nomes como Bill Halley, Chuck Berry, Jerry Lee Lewis.

Um grande divulgador deste gênero foi Elvis Presley, inclusive chegou a ganhar o *Grammy* três vezes. Ele amava esse tipo de música, assim como o *rock n’ roll*, o *blues* e o *country*. [...] Dentre tantos grandes nomes desse estilo, Thomas A. Dorsey, falecido em 1993 aos 96 anos de idade, destaca-se nesse cenário como o Pai da Música Gospel. Foi ele quem “brigou”, juntamente com as cantoras Sallie Martin (falecida aos 92 anos - 1988) e Willie Mae Ford Smith (falecida aos 90 anos - 1994),

¹⁵ <http://www.infoescola.com/musica/eletronica/>

¹⁶ *Ibidem*.

para a consolidação do estilo Gospel nas igrejas. Ele teve a oportunidade de presenciar suas músicas sendo cantadas nas mesmas igrejas onde foram, um dia, rejeitadas.¹⁷

Mendonça (2008) mostra que, nos Estados Unidos, passou-se o que está acontecendo recentemente aqui no Brasil sobre a apropriação de gêneros de música *pop* pelo *gospel*:

A partir dos anos 80, a *Christian Contemporary Music* (a música cristã contemporânea norte-americana) tornava-se a marca de uma indústria geradora de bilhões de dólares, enquanto estilos musicais *pop* de apelo juvenil – *dance*, *tecno*, *hip hop*, *rap* e, também, *acid*, *hard*, *punk* e outras variações do rock – recebiam letras de temática religiosa. Nas décadas de 1950 e 1960, os grupos pentecostais introduziam pequenos cânticos (os corinhos) com ritmos e estilos populares brasileiros e, nos anos 60 e 70, acompanhando a ideologia nacional-popular, aconteciam movimentos de inclusão da música popular brasileira na liturgia protestante (MENDONÇA, 2008, p. 14).

No Brasil, a música *gospel* chegou por meio de missionários batistas e presbiterianos americanos e, na década de 80, com um sentido bem diferente do tradicional, passou a designar “*rock* Cristão”. Entre os artistas da música *gospel* brasileira mais famosos, podemos citar Aline Barros, Cícero Nogueira, Oficina G3, Cassiane, Raiz Coral, Arautos do Rei, Ludmila Ferber, Cristina Mel, Renascer Praise e Fernanda Brum.¹⁸

Disseminado como um estilo musical no começo do século passado, o *gospel* encontra seu apogeu no Brasil na última década do século XX ao transpor as fronteiras de origem norte-americana, ser devidamente globalizado pelo cristianismo contemporâneo e tornar-se marca de uma nova cultura cristã (MENDONÇA, 2008, p. 220).

Como já dito acima, nas décadas de 80 e 90, a explosão *gospel* abriu espaço para a entrada de uma enorme variedade de gêneros musicais em nosso país. A coexistência de muitos estilos musicais leva ao ecletismo de gêneros nos programas musicais de rádios e TVs (MENDONÇA, 2008).

O universo do gênero *gospel* não consiste apenas em músicas e letras com temas religiosos cantados por músicos evangélicos, mas também revela a estrutura da tecnologia e do mercado evangélicos que se desenvolveram em seu entorno. Além disso, há as novas atitudes e

¹⁷ <http://www.infoescola.com/musica/gospel/>

¹⁸ <http://www.infoescola.com/musica/gospel/>

condutas cristãs geradas a partir das transformações religiosas e culturais envolvidas em todo esse contexto (MENDONÇA, 2008).

Os músicos neopentecostais têm adotado gêneros musicais de sucesso popular, como o *funk*, o *rock*, o forró, o pagode. A música *gospel* tem se caracterizado pela reprodução dos gêneros musicais nacionais e pela adaptação de tendências musicais globalizadas, e tem acompanhado a diversidade dos estilos musicais divulgados pelos meios de comunicação de massa. A canção *gospel* brasileira também se integra com os modelos da canção *pop* em sua elaboração musical, execução artística, difusão comercial e midiática e recepção pública (MENDONÇA, 2008).

A canção *gospel* moderna demonstra atender não somente às demandas espirituais e emocionais dos fiéis, como também às exigências do mercado. O *gospel* pode ser descrito como um fenômeno cultural-religioso de mercado (CUNHA, 2007 *apud* MENDONÇA, 2008). Além disso, ele designa uma cultura, a cultura *gospel*. Os grupos neopentecostais contam com a música *gospel* para ajudá-los na sua expansão, sendo a música *pop* o principal referencial.

As igrejas cristãs, católicas e evangélicas, desde os anos 50 e 60 do século passado, divulgaram suas mensagens por meio do rádio e da TV, e essa presença nas mídias televisiva e radiofônica é verificada em todo o território nacional. Pode-se notar a variedade de bens de consumo vinculados aos pentecostais (MENDONÇA, 2008). Na realidade brasileira, a música *gospel* teve sua explosão algumas décadas depois das citadas por Mendonça, muito ajudada pelas mídias, em geral, o que a fez tornar-se um fenômeno de sucesso.

Nesse processo de expansão, a música *gospel* desempenha um papel de grande relevância, servindo ao mesmo tempo como marca do pentecostalismo contemporâneo. O intensivo uso da mídia funciona como grande divulgador dos conteúdos religiosos, sendo que boa parte da programação diária das rádios e TVs está reservada às músicas *gospel* apresentadas por um elevado número de cantores, “astros” da indústria fonográfica evangélica. Essa indústria é constituída por um conjunto de gravadoras que, além de artistas, produtores, músicos e técnicos, agrega retransmissoras de rádio, ocupa espaços pagos nas TVs abertas e estabelece escritórios de promoção e administração das carreiras do seu elenco de cantores (MENDONÇA, 2008, p. 230).

O autor destaca que alguns desses artistas têm seus produtos musicais distribuídos por gravadoras da esfera secular, como é o caso da cantora evangélica Aline Barros, com dois

CDs e dois DVDs lançados via LGK Music e Som Livre, em abril de 2008. Também chama a atenção para o fato de eventos *gospel* apropriarem-se de modelos seculares de entretenimento, desde os locais escolhidos, como os nomes dos espetáculos (“balada *gospel*”, “*gospel night*”, “*gospel planet*”), e a figura do artista *gospel* como atração. Alguns eventos importantes nesse âmbito são: “Marcha Pra Jesus”, “SOS Vida”, “Canta Rio”. O papel da música *gospel* não se restringe a facilitar a busca pelo êxtase espiritual, mas também é de destaque pelo fato de ter sido apropriada pela indústria fonográfica (MENDONÇA, 2008).

No início do século XX, as canções *gospel* já evidenciavam semelhanças com a música secular: estrutura de verso-refrão, tríades primárias e acordes de sétima com variação nos 3º e 7º graus da escala para criar as *blue notes*, e sua inserção na indústria fonográfica e divulgação pelo rádio somente veio aumentar essa proximidade. Nos Estados Unidos, a música *gospel* proporcionou o desenvolvimento do *rock and roll* e da *soul music* nos anos 1950 e, no Brasil, encontra um panorama semelhante quanto a seguir os modelos da indústria da música *pop* (MENDONÇA, 2008).

A adoção de quase todo tipo de gênero musical no Brasil é a responsável por tanto crescimento da indústria do *gospel*: baladas, forró, *rap*, pagode.

A diversificação dos estilos na música *gospel* é, mais que uma estratégia de mercado, um mandamento da contemporaneidade, que valoriza a identidade musical local, geralmente composta de gêneros antes considerados “impróprios” (para a liturgia) [...] (MENDONÇA, 2008. p. 239).

Ele comenta que a fronteira é cada vez mais tênue entre o sagrado e o secular nesse campo, destacando a venda de marcas e produtos ligados a cantores *gospel*, enfatizando que a mídia *gospel*, por meio de programas de rádio e TV, revistas e internet, divulga amplamente produções musicais e produtos ligados à cultura *gospel*.

As páginas virtuais das gravadoras, dos grupos musicais e de aficionados do *gospel*, são indicadoras do uso da internet como plataforma de *marketing* da canção neopentecostal. Há *sites* de cartões evangélicos, de *download* de canções e oferecimento de cifras e *videoclips* das músicas, comentários e reflexões sobre as atividades litúrgico-musicais, endereços eletrônicos de relacionamento com parceiros evangélicos, informações e notícias sobre o mundo *gospel* e eclesialístico e oferta e comercialização de produtos e acessórios (MENDONÇA, 2008, p. 246).

Nas considerações do autor, notam-se também as relações de consumo entre o gênero musical e outros produtos culturais materiais e simbólicos que giram em torno dele, criando-se uma indústria própria do *gospel*. Concluindo, Mendonça (2008) refere-se à música *gospel* como “fator de sacralização da cultura *pop*, fator de legitimação para o discurso da identidade nacional e fator de busca do êxtase emocionalista e da catarse” (MENDONÇA, 2008, p. 245-246).

Nos Estudos Culturais, Ianni (2008), por sua vez, refere-se ao poder de um protestantismo secularizado que toma conta de indivíduos e de grupos, que adotam a ética protestante para fins diversos, inclusive os de produtividade e acumulação. Diante de tais colocações, cabe a constatação sobre o surgimento de um mercado de música *gospel*, bastante crescente de uns anos para cá, a produzir milhões em CD, DVD e *shows* de ídolos *gospel*, num verdadeiro processo de secularização da religiosidade.

Embora esta pesquisa tenha encontrado referências em trabalhos acadêmicos, essas não são muito facilmente encontradas, especialmente a respeito de alguns gêneros musicais, como o *gospel*, o que me levou a buscar informações em sites da área de educação.

As referências a esse gênero como preferido de alunos restringem-se, quase sempre, a jovens evangélicos que foram colaboradores desta investigação. É relevante notar que as questões de consumo estão muito presentes nas reflexões de Mendonça (2008), ao se referir às características da música e da cultura *gospel*, o que está intrinsecamente relacionado à minha investigação. O depoimento de uma aluna da escola pública, um dos poucos que citam o referido gênero, deixa claro que a apreciação de canções *gospel* influencia seu modo de pensar e comportar-se diante do mundo, ou seja, o seu estilo de vida. Por suposição, creio não ser provável que seja este o gosto musical de alunos de uma escola particular católica, cuja expressão através da música é menos constitutiva do modo de ser da referida religião do que de religiões evangélicas. De outra forma, também não é provável a manifestação, numa escola pública laica, de preferências musicais religiosas, embora a música se constitua, desde Lutero, como um dos principais veículos de evangelização e do modo de exercer a religião pelos grupos evangélicos.

4.5.8 Axé

Segundo Castro (2010), a estética musical da *axé music* possui diversos estilos e gêneros musicais locais e globais, como o frevo, o ijexá, o samba, o *reggae*, a salsa, o *rock* e lambada, entre outros. Percussão e guitarras caracterizam a *axé music*.

Estimuladas e contratadas por empresários destes blocos carnavalescos, e, seguindo parâmetros estético-musicais apontados pelos Novos Baianos, Dodô e Osmar, Moraes Moreira, Pepeu Gomes, Armandinho, e da religiosidade e força percussiva apontada por blocos afro como Filhos de Gandhi, Muzenza, Badauê, Ilê Aiyê e Olodum, iniciou-se a formação de um relevante conjunto de novos artistas e estrelas de trio em Salvador, tais como Luiz Caldas, Sarajane, Ademar e Banda Furtacor, Virgílio, Jota Morbeck, Djalma Oliveira, Lui Muritiba, Daniela Mercury, Zé Paulo, Marcionílio, Banda Pinel, entre outros (CASTRO, 2010, p. 204).

Até a primeira metade da década de 1980, Dodô e Osmar, no quesito trio-elétrico, e frevo enquanto gênero musical massivo, eram as duas referências do carnaval de Salvador. O cantor Luiz Caldas desloca tais referências, inscrevendo não somente o trio-elétrico Tapajós, mas o ijexá nas rádios comerciais da cidade (CASTRO, 2010).

Em 1985, Luiz Caldas lança o LP *Magia*, que logo alcançaria as paradas de sucesso de boa parte do Brasil com a faixa *Fricote (Nêga do cabelo duro)*. *Fricote* representava uma musicalidade baiana de entretenimento. A canção foi muito bem recebida, assim como o artista com visual exótico, o que reforçava as dinâmicas musicais tais como a musicalidade e a territorialidade dos blocos-afro – relevantes enquanto referência estética (CASTRO, 2010).

A expressão *axé music* surge dos textos e críticas do jornalista baiano Hagamenon Brito à produção musical.

Na relação inicial de seus primeiros artistas e a Imprensa, a diminuta compreensão acerca do gênero contemplava a dependência desta com o setor fonográfico nacional, e, quase sempre orientavam para a suposta ausência de criatividade e baixa qualidade técnica de seus músicos e intérpretes. A correlação de forças midiáticas e musicais, à época, procurou, sem sucesso, ofuscar que na nomenclatura *Axé music*, para além dos preconceitos e estereótipos, continha a possibilidade de fusão, do encontro entre estéticas e instrumentos musicais distintos: Axé, representando o afro, o tribal, o negro, o candomblé; *Music* contemplava o *pop*, o *world music*, neste caso, estilizado pelo encontro de guitarra e timbau, além da mediação pela voz em refrões fáceis e repetitivos (CASTRO, 2010, p. 205).

Em 1986, o álbum *Magia* atinge a marca de 120 mil cópias vendidas e as exposições midiática e musical de Luiz Caldas crescem, apontando novas possibilidades para a indústria

fonográfica. Na década de 1990, é esse mercado que ativa seus mecanismos, personagens e teias midiáticas, e eleva a *axé music* e seus principais interlocutores ao topo das paradas musicais nacionais, reposicionando no tabuleiro competitivo da indústria fonográfica o gênero sertanejo (CASTRO, 2010).

Pode-se perceber a predominância da percussão nos blocos afro, blocos de trio, artistas e bandas responsáveis pela música dos blocos de corda – ainda que alguns blocos afro tenham experimentado instrumentos harmônicos e melódicos.

Aliando a percussividade dos blocos afro aos acordes e harmonias de bandas e artistas como Luiz Caldas, Sarajane, Reflexu's, Daniela Mercury, Banda Eva, Banda Beijo (Netinho), Chiclete com Banana, Asa de Águia, entre outros, consolidou-se na agenda dos programas televisivos, de rádio, do mercado fonográfico nacional, sendo alvo dos interesses das gravadoras *majors* em atividade no país (CASTRO, 2010, p. 206).

Pode-se notar, de forma expressiva, no caso do gênero axé, o papel relevante da TV na divulgação da música e das personalidades de seus ídolos. A divulgação de música axé e das figuras de seus cantores e cantoras é flagrante e intensa na mídia televisiva, em *shows*, programas de auditório, e trilhas sonoras de novelas, dentre outros programas. Ramonet (1991, *apud* IANNI, 2008) se refere à força da imagem veiculada pela TV, dizendo que só o visível merece informação, que a televisão é uma mídia central e produz muito impacto no espírito do público. Ao refletir sobre isso, pode-se encontrar o papel do videoclipe musical, da TV na transmissão do universo axé, de forma bastante semelhante à que é descrita acima. A dança, as roupas, o gestual, os rostos dos ídolos da música deste gênero somente são viáveis pela imagem, e isso tem muita força e é bastante explorado por essa mídia.

Segundo Castro, a *axé music* está ligada à existência de mitos como o da monocultura, da suposta baixa qualidade técnica e de sua tão propagada crise/decadência/desaparecimento, mas tais mitos não são verdadeiros (CASTRO, 2010).

A *Axé music*, assim como os demais gêneros musicais produzidos na Bahia contemporânea, constitui-se enquanto marca distintiva e agregadora de significantes, relações físicas/metafísicas e potencialidades, tal como qualquer outro gênero musical. Passando ao campo simbólico, *Axé music* pressupõe diversidade e dela se (retro)alimenta, onde é comum seus artistas experimentarem em seus repertórios músicas inteiras, fragmentos, ou combinações entre gêneros presentes na produção musical baiana (CASTRO, 2010, p. 207).

Músicos do universo axé também estão envolvidos em outros estilos e gêneros musicais em Salvador, tais como o choro, *jazz*, samba, *rock*, *funk*, forró, eletrônico, entre outros. Os timbres e a sonoridade marcam a estética musical da *axé music* e as bandas e artistas souberam aliar a força da sonoridade percussiva à variedade de timbres e recursos tecnológicos como guitarra, bateria, contrabaixo, saxofone, etc.

Em outras palavras, o encanto se dá pela magia e carisma do artista, seu entrosamento com seus pares, repertórios selecionados e previamente testados nas dezenas de shows e micaretas realizadas durante o ano, dentro e fora do Brasil. [...] Entrosamento, carisma, virtuosismo e sensibilidade são elementos referenciais nas justificativas de obtenção do sucesso por parte dos artistas e bandas de *Axé music* (CASTRO, 2010, p. 211).

O autor destaca que, enquanto *world music*, a musicalidade baiana denominada *axé music* conjuga dois aspectos fundamentais: referência rítmica original (percussão) efusão de gêneros, estilos e células musicais. O constante diálogo entre tradição e modernidade, no qual tambores e guitarras se encontram (CASTRO, 2010).

A *axé music* foi pouco citada por jovens na investigação. Há que se considerar o fato de que, se esta pesquisa fosse realizada no estado da Bahia, berço do axé, os resultados seriam provavelmente bem diferentes deste.

4.5.9 Funk

O *funk* é um gênero musical que se originou nos Estados Unidos na segunda metade da década de 1960, quando músicos afro-americanos, misturando *soul*, *jazz* e *rhythm and blues*, criaram uma nova forma de música rítmica e dançante. O *funk* tira a ênfase da melodia e da harmonia e a coloca no aspecto rítmico com baixo elétrico e bateria no fundo. Músicas de *funk* são comumente baseadas em um acorde apenas como acompanhamento. James Brown, em meados dos anos 1960, inovou o *funk* e esse passou a ser considerado um gênero musical distinto.

O derivado do funk mais presente no Brasil é o funk carioca. Na verdade, essa alteração surgiu nos anos 80 e foi influenciada por um novo ritmo originário da Flórida, o Miami Bass, que dispunha de músicas erotizadas e batidas mais rápidas. Depois de 1989, os bailes funk começaram a atrair muitas pessoas. Inicialmente as letras falavam sobre drogas, armas e a vida nas favelas, posteriormente a temática

principal do funk veio a ser a erótica, com letras de conotação sexual e de duplo sentido.¹⁹

Descrevendo o *funk*, Dayrell afirma que os jovens

[...] assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca. Nesse contexto, a música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza. Muitos deles deixam de ser simples fruidores e passam também a ser produtores, formando grupos musicais das mais diversas tendências, compondo, apresentando-se em festas e eventos, criando novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual além da lógica estreita do mercado (DAYRELL, 2002, p. 3).

O autor comenta que, a partir de uma pesquisa realizada em periferias de Belo Horizonte com jovens que participam de grupos de *rap* e *funk*, procura apreender os significados que os jovens atribuem à sua experiência de participar desses grupos musicais, buscando, assim, compreender os sentidos que esses significados têm no processo de construção social desses jovens (DAYRELL, 2002).

O autor menciona as relações do jovem integrante dos grupos com a cultura e as mídias, mediada pela sua participação e pelo convívio com seus pares.

[...] esse jovem vai abrindo outros espaços, nos quais o grupo de pares, o estilo ao qual adere e o consumo dos meios de comunicação de massa vão cada vez mais se constituindo como parâmetros de avaliação e organização das relações interativas com a realidade externa. Esse jovem tem acesso a múltiplas referências culturais, constituindo um conjunto heterogêneo de redes de significado que são articuladas e adquirem sentido na sua ação cotidiana (DAYRELL, 2001, p. 5).

A pesquisa de Dayrell mostra jovens pobres, com histórico de exclusão escolar, trabalhadores em funções sem qualificação ou desempregados como sendo os integrantes desses grupos musicais. Eles veem, na música e no consumo cultural, momentos importantes de trocas sociais, a oportunidade de se tornarem produtores, e, assim, ressignificar sua vida de jovem (DAYRELL, 2002). Como se vê, esse estudioso da juventude procura conhecer e explicar a relevância da música *funk* na subjetividade de adolescentes e jovens, na construção de suas identidades. Ele assim caracteriza a música *funk*:

A música *funk*, diferentemente da música *rap*, não tem muito sentido em si mesma, cumprindo o seu papel efetivo como meio de animação dos bailes. Assim, a produção musical é caracterizada pela transitoriedade, por ser descartável, executada

¹⁹ <http://www.brasilecola.com/funk>

por um período relativamente curto, sendo logo substituída por outra. Os temas abordados são diretamente ligados ao universo das vivências juvenis, sendo comum abordarem as relações afetivas, a descrição de bailes e sua animação ou temas jocosos de situações ocorridas na cidade, além da exaltação das diferentes galeras (DAYRELL, 2002, p. 15).

Ainda comparando os dois gêneros, Dayrell comenta que

[...] a identidade do *funk* é a oferecida pelo estilo de possibilidades de viver e expressar as pulsões, os desejos e as necessidades que caracterizam a condição juvenil. Tanto é que não existe nenhuma exigência de coerência entre o comportamento pessoal e o comportamento como um MC, o que vimos existir entre os jovens que aderem ao *rap* (DAYRELL, 2002, p. 16).

Importante é notar as distinções entre esses dois gêneros, feitas pelo autor, que pode ser resumida da seguinte forma: o *funk* não tem o mesmo espaço de construção de jovens como negros e pobres que tem o *rap*. A identidade construída pelos funkeiros é fluida e efêmera, imbricada com elementos da cultura popular e da indústria cultural. Essa identidade é provisória, faz parte de uma fase da vida do jovem na qual ele busca estar em grupo e ter momentos de alegria junto a seus pares, afirmando-se como sujeitos (DAYRELL, 2002).

Muitos jovens que entrevistei têm, no *funk*, um de seus gêneros musicais prediletos, tanto na escola pública quanto na escola particular. A maioria deles não deixa claro se participa de algum grupo de *funk*, mas alguns citam o fato de compor dentro desse gênero. Outros se referem ao *funk* e a nomes de funkeiros de que gostam.

O gênero é bastante citado pelos estudantes, que comentam, quase sempre, sobre seu interesse pelas letras e seus conteúdos, tais como questões sociais, vida na favela, violência urbana, dentre outros.

4.5.10 Rap

O *rap* é um discurso rítmico com rimas e poesias (abreviação de *rythm and poetry*), que surgiu nos anos 1970, entre as comunidades negras das periferias de Nova Iorque. É uma das manifestações fundamentais da cultura *hip hop*, sendo os outros: o grafite, o *breakdance* e o disc-jóquei (DJ). O *rap* aborda situações atuais da sociedade, talvez por isso seja muito consumido pela juventude, principalmente das periferias das grandes cidades. Esse gênero é

uma espécie de porta-voz da periferia, transmitindo denúncias, carências, revoltas e informações (SOUSA, 2008).

Estilisticamente é possível perceber no rap as constantes rupturas rítmicas que estão a serviço da mensagem. O acompanhamento instrumental privilegia o ritmo marcado e os cortes bruscos provocados pelos arranhões nos toca-discos, além das colagens de trechos cantados de músicas já gravadas, que normalmente têm a função de reforçar a letra (SOUSA, 2008, p. 25).

Caracterizado ritmicamente por uma “linearidade e o estilo inconfundivelmente repetitivo e sincopado, o *rap* faz com que se o compare ao ritmo tribal da música africana” (CONTADOR, 2001, p. 44). Segundo esse autor, o *rap* é feito por poetas de rua e, embora se distancie das músicas africanas tradicionais pelo uso da tecnologia na sua concepção, não se afasta desse padrão rítmico caracterizado pela repetição e pela cadência sincopada. Ele comenta, ainda, que esse gênero “ritualiza o processo de identificação dos jovens negros a partir de contextos locais” (CONTADOR, 2001, p.71).

Dayrell (2002) também comenta sobre a prevalência de contextos locais na temática desse gênero musical. “[...] o conteúdo poético tende a refletir o lugar social concreto em que cada jovem se situa e a forma como elabora suas vivências, numa postura de denúncia das condições em que vive [...]” (DAYRELL, 2002, p. 11-12). O autor chama a atenção para o fato de que as práticas juvenis sobre o *funk* e o *rap* não devem ser consideradas processos de homogeneização e de massificação cultural, pois a história dos grupos que ele investigou aponta para características próprias e para a criação de identidades próprias, fundadas nas condições sociais em que vivem os seus integrantes (DAYRELL, 2002).

Os MCs, “ou mestres de cerimônia”, compõem e cantam o *rap*, enquanto os DJs, ou “disc-jóqueis”, são responsáveis por manipular gravações no aparelho de som, com arranhões das agulhas sobre os discos.

O *rap* é um gênero com bastante ocorrência entre as preferências dos jovens colaboradores desta pesquisa. Há o caso de um aluno da escola particular que contou ter composto um *rap* como uma releitura de uma canção de Chico Buarque, composição que apresentou no colégio, num evento cultural chamado Buarque-se, o que denota a prática de apropriação da música levada pela escola por parte do jovem, para uma releitura junto a gêneros musicais de sua escolha.

4.5.11 *Pop*

Um dos gêneros mais citados por jovens colaboradores desta pesquisa,

[...] o *pop* surgiu nos Estados Unidos na década de 50. O estilo musical é marcado pela conservação da estrutura formal da música: “verso – estribilho – verso”, executada de modo sensível e melódico, normalmente assimilado por um grande público. Ainda são características dos cantores Pop o hábito de fazer cenários de shows extravagantes, muita dança e inúmeros outros artificios.²⁰

Na década de 30, surgiram estilos que influenciariam o desenvolvimento do gênero, como o *blues* e o *country*. Os principais cantores foram: Bing Crosby, Frank Sinatra, Dean Martin e indiretamente, Elvis Presley. O estilo evoluiu e surgiram os cantores como Bob Dylan, Carole King, Neil Diamond, e algumas músicas do The Beatles que podem se caracterizadas como *pop*.

No cenário da música dos anos 70 surgiram os estilismos country dos Eagles, o rock-influenced pop de Rod Stewart, Steely Dan, Fleetwood Mac. e ABBA, além dos novos sons vindos da Disco e dos Bee Gees, e o piano-based Pop de Billy Joel e Elton John.²¹

O *pop* dos anos 80 revela Michael Jackson e Madonna, considerados “rei” e “rainha” do *pop*.

Os anos 90 foram marcados pelas boy bands e girl groups (grupos de 5 a 6 garotos ou garotas vocalistas dançantes que se revezavam no solo vocal). Alguns exemplos de bandas assim que estouraram na época são Spice Girls e Backstreet Boys. Ainda nesse período, podemos citar o surgimento das pop princesses, como Mandy Moore, Britney Spears, Beyoncé, Jessica Simpson e Christina Aguilera, e os fenômenos do pop latino Ricky Martin, Jennifer Lopez, Shakira e Enrique Iglesias.²²

Atualmente, percebe-se uma influência de Madonna nas cantoras Britney Spears e Christina Aguilera, com músicas de temática mais sensual. Surgem também Avril Lavigne, Hilary Duff, Lindsay Lohan, *College Pop* (grupo de cantores vestidos de estudantes jovens) e High School Musical. Mendonça (2008) fala sobre a música *pop* como algo sem limites claros para definição.

A música *pop*, via de regra, é entendida como um produto descartável, cujas letras estariam emolduradas por melodias fáceis e produção sem maiores pretensões artísticas [...]. A música *pop* compreende não apenas as convenções sonoras que

²⁰ <http://www.brasilecola.com/artes/pop.htm>

²¹ Ibidem.

²² Ibidem.

estabelece – seu conjunto de melodia, letra e arranjo –, mas também as convenções de performance – o gestual, o visual e as interpretações vocais dos artistas – e as convenções sócio-mercadoológicas – a interação entre os produtores musicais, os executivos de uma gravadora, a divulgação midiática e a atuação do público (MENDONÇA, 2008, p. 235).

Esse autor comenta que o conceito de música *pop* foge a uma demarcação formal, porque qualquer artista/banda ou gênero musical – samba, *rock*, *reggae*, calypso – pode ser considerado como *pop*. As características principais do *pop* são: a elaboração do artefato musical, a intensa difusão midiática, a atração de grande público, enfim, a cadeia produção-circulação-consumo.

As mídias – TV, rádio, cinema, revistas, internet – exercem o papel de maximizar o raio de divulgação da música *pop*, buscando atingir o maior número de ouvintes. É inegável a forte presença do mercado atuando em conjunto com os artistas e produtores musicais do cenário *pop*. No entanto, a constatação de relações mercadoológicas não impede a fabricação de músicas com alto grau de complexidade e sofisticação artística, nem a força do mercado pode ser vista como um prejuízo às culturas humanas (MENDONÇA, 2008, p. 236).

A questão do descartável na música *pop* é, no meu ponto de vista, uma das mais características desse gênero musical, pois ele está inserido fortemente nessa cadeia de produção e consumo do mercado fonográfico.

Ao descrever sobre o popular na cultura, Hall (2011), dos Estudos Culturais, considera a tensão constante entre cultura popular e cultura dominante, e cita, também, essa cadeia pela qual passa o “descartável”, ao se referir a um “processo pelo qual algumas coisas são ativamente preferidas para que outras possam ser destronadas” (HALL, 2011, p. 241). Segundo ele,

[...] o significado de uma forma cultural e seu lugar ou posição no campo cultural não está inscrito no interior de sua forma. Nem se pode garantir para sempre sua posição. [...] O romance é uma “forma” burguesa? A resposta só pode ser historicamente provisória: quando? Quais romances? Para quem? Sob quais condições? (HALL, 2011, p. 241-242).

Há que se refletir, também, sobre as considerações de Ianni (2008), estudioso dos Estudos Culturais, sobre o papel do idioma inglês no contexto da música *pop*. A língua utilizada pelo referido gênero musical compõe – ao lado de outros elementos como o turismo, as migrações, o consumo de mercadorias de todo lugar – a formação “da individualidade e da cidadania, da

subalternidade e autoconsciência, de habitantes de campos e cidades, países e continentes” (IANNI, 2008, p. 113).

Alguns jovens entrevistados durante a minha coleta de dados citaram o interesse que têm pela língua inglesa, advindo da prática de ouvir canções *pop*, dizendo que procuram entender as letras para que sua escuta seja mais cheia de sentido, e não mera repetição de palavras desconhecidas, ou uma apreciação apenas dos elementos musicais como a melodia e o ritmo.

4.5.12 *Techno e House*

Segundo Contador (2001), o *techno* e o *house* são

[...] símbolos de uma pós-modernidade estética juvenil ocidental [...], participam do renovar de um certo populismo na criação musical e artística com o advento do novo papel do *disc-jockey* (DJ); de simples entertainer a músico (CONTADOR, 2001, p. 56).

Esse personagem não se limita a escolher músicas, mas segundo esse autor,

[...] patrocina a ritualização de todo um comportamento juvenil [...] em plena pista de dança [...] o *techno* e o *house* encurtam [...] espaços entre a pista de dança e o mundo exterior, porque ritualizam o próprio processo de identificação de uma certa juventude [...](CONTADOR, 2001, p. 56).

As técnicas do *sampling* e da sequenciação empregadas pelo DJ na construção rítmica e sonora desses dois gêneros musicais são empregadas na edificação da chamada “nova música africana de dança”, em estilos como o *kuduro*, o *zouk* e a *kizomba* (CONTADOR, 2001). Segundo o autor, há um código estético e visual associado a esses estilos de dança. A tecnologia torna possível a utilização de outras músicas já gravadas na construção de novas, ou seja, tornar novo um elemento do passado, criando um contexto musical novo.

Consideradas como subgênero da música eletrônica, entre os sujeitos da minha investigação, muito poucos se referiram ao gênero *techno* e ao *house*.

4.6 Conclusão

Como se pode notar, a multiplicação do número de mídias sociais e digitais abre possibilidades enormes de acesso aos usuários, ampliando as chances de consumo de música e de vários gêneros musicais por esses meios. Autores aqui citados tratam as mídias novas e tradicionais como sendo dois campos que convivem, atualmente, sem exclusão das mais antigas, apesar da efervescência das novas. Questões ocorrem a respeito desse atual grande acesso às mais variadas formas de mídias sociais e digitais: a maioria das pessoas estaria preparada para acessar de maneira produtiva e aproveitável as mídias que acessa, ou seja, explorando por completo suas possibilidades tecnológicas, de conteúdo, seus recursos, de modo geral, em função do próprio crescimento enquanto indivíduo e cidadão consciente e crítico?

Os gêneros musicais aqui citados, por sua vez, representam uma importante fatia do que é tocado e consumido, hoje, nas mídias diversas. Nas referências dos colaboradores da pesquisa, pode-se perceber a ausência de gêneros como os da música erudita, músicas folclóricas nacionais e estrangeiras, além das poucas citações de músicas de culturas não ocidentais, dentre outros. Essas estão também ausentes da maioria das mídias, especialmente nos canais de TV aberta e nas rádios, em geral. Há uma prevalência de gêneros, na preferência dos sujeitos desta investigação, que são nacionais ou estrangeiros, principalmente, norteamericanos, em detrimento dos oriundos de outras nacionalidades. Como pesquisadora, fica o meu questionamento: por que as grandes gravadoras e a grande mídia comercial dão prioridade apenas a esses gêneros, privando o público do contato com uma maior diversidade e com mais oportunidades de escolha? Tal posição dos dois setores restringe expressivamente as opções de ampliação e desenvolvimento dos gostos estéticos e culturais dos indivíduos, se pensarmos que, na esteira de uma música, vem uma série de elementos interessantes vinculados à sua origem, à cultura em que se insere, à proposta que traz e aos grupos sociais que representa.

5. SUJEITOS DA PESQUISA E SEUS MEDIADORES

5.1 Introdução

Este capítulo descreve a pesquisa em todos os seus passos, os ambientes físicos das duas escolas pesquisadas, os procedimentos utilizados na coleta de dados (observações, entrevistas, grupos focais). Ele também apresenta a análise de alguns aspectos centrais da pesquisa inferida das práticas vividas e declaradas pelos jovens nos dados recolhidos em cada um dos procedimentos e as reflexões que fiz em torno delas, os fundamentos teóricos (os Estudos Culturais e seus conceitos, os conceitos desenvolvidos por Bourdieu e Lahire na Sociologia da Educação) embasando análises de dados, e as conclusões.

Esta pesquisa foi realizada em duas escolas de ensino básico, com alunos de idades entre 12 e 17 anos, que cursam do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, os quais foram sujeitos de observações, entrevistas e grupos focais.

Vários contextos das escolas, nos quais também havia música, foram observados, mesmo que não necessariamente envolvendo exclusivamente alunos dessa faixa etária. Isso porque minha intenção era conhecer os usos das músicas das mídias nos ambientes escolares estudados, uma vez que os sujeitos focalizados estavam convivendo naqueles ambientes e, portanto, experimentando-o com todas as suas características. Assim, observei um festival de dança, no qual participavam alunas desde a Educação Infantil até o 3º ano do Ensino Médio, e um sábado letivo com evento de literatura, no qual participavam alunos da Educação Infantil e 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Meus primeiros contatos nas escolas foram feitos por meio de dois professores conhecidos por mim de outros lugares. Um deles leciona na escola privada e o outro na escola pública. Antes disso, eu já havia feito contato em uma escola pública na qual obtive autorização para pesquisar, e em outra escola privada, a qual não me respondeu o pedido para realizar a minha pesquisa em suas dependências. Acabei optando por essas outras escolas nas quais minha entrada foi bastante facilitada por esses conhecimentos anteriores com os referidos professores. Passo a descrever as duas instituições, para uma melhor compreensão dos contextos e dos processos da coleta dos dados feita durante a pesquisa.

A escola pública estadual foi fundada em 1927 e fica localizada no centro de Belo Horizonte, na chamada região Centro-Sul. É um prédio antigo, tombado pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico) e, por isso, foi recentemente reformado, mantendo suas características originais, e está muito bem conservado e limpo. Ele possui, no primeiro andar, dois pátios internos pequenos, rodeados por corredores com salas de aula, formados por grandes arcos. Ali, há salas de aula, sanitários e secretaria. Uma pequena escada leva a um segundo andar com salas de aula, com os gabinetes da diretoria e a sala dos professores. Nesse andar, há um salão nobre com móveis antigos e decoração também antiga, da época da fundação da escola, com luminárias, cadeiras, um relógio de pé, e vitrais coloridos, que é fechado por um biombo de madeira, através do qual se pode ver seu interior. Esse ambiente parece ser preservado do contato do público por razões do tombamento do prédio. A escola referida é considerada modelo na Educação Básica da Rede Estadual de Minas Gerais, e atende a uma clientela de várias origens sociais, oriunda de diversos bairros e regiões da cidade, segundo informações obtidas.

A escola privada católica fica localizada num bairro da região noroeste de Belo Horizonte. Possui um pátio interno com muitos canteiros floridos, corredores internos e externos. Há uma parte onde fica a administração do colégio. Há salas de aula no primeiro andar e no segundo andar. O colégio tem em suas dependências uma garagem aberta do tipo estacionamento, com muitas árvores, canteiros, e bastante espaçosa. Nesse andar, ainda há um auditório, os sanitários infantis e vinte e três salas de aula, sendo que algumas delas são especialmente preparadas para as crianças da Educação Infantil, com mesas e cadeiras pequenas. Por ser uma instituição religiosa católica, em meio aos canteiros há um pequeno altar com imagens de Nossa Senhora e do Sagrado Coração de Jesus. Uma escadaria leva às salas de aula do segundo andar. Podem-se ver as salas de aula pelas janelas que dão para o corredor, e há um número aproximado de quarenta carteiras por sala. No segundo andar, há vinte e cinco salas de aula, além de sanitários masculino e feminino e dos gabinetes das coordenações do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. No subsolo, há um pátio grande com quadras abertas e alguns bancos de alvenaria, e uma quadra esportiva coberta. Nesse espaço, ocorrem os recreios, atividades esportivas e outros eventos. A escola atende, principalmente, a uma clientela de classe média, oriunda do bairro e da região onde fica situada, de acordo com informações obtidas.

Na coleta de dados, optei por fazer primeiramente as observações, o que foi realizado durante um semestre letivo. Foram feitas dezesseis observações nas duas escolas. A observação participante é aquela em que o pesquisador se torna parte da situação, interagindo com os sujeitos, buscando partilhar seu cotidiano e conhecer o que é estar na situação dos sujeitos (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004). Durante as observações, interagia espontaneamente com alunos e professores e, nesse contexto, fiz algumas entrevistas informais, no calor dos acontecimentos.

A referência que uso para as observações na escola E1 (pública) é O PII, e para a escola E2 (particular) é O SM. Para entrevista, E PII e E SM, para grupo focal uso GF PII e GF SM.

Minha primeira visita foi à escola particular, para fazer um reconhecimento do espaço físico em seus diversos ambientes. A primeira visita à escola pública foi também com o mesmo objetivo, mas naquele dia havia uma reunião de pais e professores, o Dia D. Esse é um dia de parada das escolas estaduais, em que elas apresentam e discutem os resultados do PROEP, que é uma prova aplicada pelo governo do estado em todas as escolas da rede, em três anos da vida escolar do aluno – no 5º ano e 9º ano Fundamental, e no 3º ano Médio, que corresponde ao final da escola básica. Nessa reunião, haveria uma participação de alguns alunos da Escola com números musicais, o que foi bastante proveitoso para as minhas primeiras observações. Antes do início da referida reunião, andei pelos corredores, nos dois andares, pelo pátio, e pude ver, pelos vãos de uma antiga porta, uma sala mobiliada com móveis também antigos. Ali, havia lustres, mesa e cadeiras bem entalhadas, e parecia ser uma sala usada somente em momentos especiais. Fotografei esse local, também o piso, os telhados e corredores, e lembrei que minha avó contara ter estudado naquela escola. Em dado momento, alguns jovens entraram por uma porta lateral, e uma funcionária que acompanhava minha visita me apresentou a eles, dizendo que esses fariam a apresentação musical durante o evento. Nossa conversa começou espontaneamente e quase não percebi que ali, de maneira informal, eles já me passavam dados valiosos para a minha pesquisa. Logo liguei o gravador para registrar o máximo possível (O PII1).

As observações seguintes, nas duas escolas, duraram em torno de três meses e mostraram uma diversidade grande de contextos e de informações preciosas para a minha pesquisa. Foram feitas em recreios, nos pátios e corredores; em festas escolares; em feira de ciências; em feira de literatura; em evento cultural; em audição musical; em festival de dança; em assembleia

escolar. De modo geral, elas revelaram talentos artísticos e musicais de alunos, comportamentos; práticas musicais cotidianas com música; práticas de sociabilidade com música; gostos musicais e preferências por gêneros musicais; comportamentos relacionados ao consumo de música; influência de canções veiculadas por mídias; influência de famílias nas escolhas musicais de alunos; iniciativas escolares de incentivo à arte e à música e concepções das escolas sobre música e educação musical. Algumas dessas categorias de análise eram esperadas e foram levantadas nas hipóteses do meu projeto de pesquisa, outras foram verdadeiras surpresas para a minha expectativa de pesquisadora. No decorrer da análise dos dados, isso será explicado em detalhes.

Escolhi observar os espaços escolares diferentes das salas de aula, pois queria ver eventos com música, e a sala de aula nem sempre oferece essa oportunidade, embora alguns professores de disciplinas diversas lancem mão da música como recurso no processo de ensino e aprendizagem. Não estava interessada no ensino de música, mas nas manifestações de consumo de música no espaço escolar, reguladas por esse espaço ou nele conformadas. Eu imaginava ver a música acontecendo espontaneamente e também ter a chance de encontrá-la em espaços inusitados, como ocorreu na feira de ciências da escola pública (O PII 5). Queria ver os sujeitos em suas interações livres e voluntárias com música, não obrigados por circunstâncias como aulas, ou pela imposição de um momento formal de aprendizagem. Considero que esse intento teve sucesso, pois encontrei flagrantes de envolvimento de alunos com música bastante interessantes e práticas musicais e de sociabilidade com música, extremamente relevantes e reveladoras para a pesquisa.

No semestre seguinte, tiveram início as entrevistas individuais e esse procedimento durou dois meses, com duas visitas semanais, uma a cada escola. Foi eleita a entrevista semiestruturada, que consta de um roteiro para coletar informações básicas, com perguntas que atingissem os objetivos pretendidos. Foram feitas trinta entrevistas com alunos de 12 a 17 anos nas duas escolas.

A referência que uso aqui para as entrevistas na escola pública é a (E PII) e, para a escola particular, é a (E SM).

Em cada visita, eu entrevistava três alunos, às vezes quatro. Aos poucos, fui observando como os meninos se comportavam diante da minha presença no pátio, no meio deles, com um

gravador e um caderno de anotações. Alguns se aproximavam com espontaneidade, principalmente os mais novos, de doze e treze anos. Outros também perguntavam o que eu estava fazendo e eu respondia. Uns se ofereciam para me dar a entrevista, alguns deles com bastante entusiasmo – fato que percebi, mais frequentemente, na escola pública. Por vezes, juntavam-se em volta de mim enquanto eu entrevistava um colega. Eu via curiosidade e interesse em seus olhos. Os alunos mais velhos, em geral do 9º ano Fundamental e do Ensino Médio, não tinham esse costume, mas invariavelmente atendiam com boa vontade à minha solicitação, nas duas escolas. Quando eu falava que a entrevista era sobre música, uns diziam: “eu quero, eu quero”.

Muito interessante e digna de nota, desde já, quando inicio a narrativa sobre as entrevistas, é a postura de todos os alunos com quem falei, respondendo sempre “sim” à primeira pergunta: “Você ouve música com frequência?” Essa resposta sempre me fazia voltar à minha própria adolescência, quando eu também ouvia música com frequência, todos os dias, no rádio, nos LPs e fitas K7 que gravávamos com nossas canções preferidas. É mesmo um fenômeno evidente a escolha do jovem pelo hábito de ouvir música em seu cotidiano, e isso parece se repetir por gerações.

As entrevistas eram sempre feitas num tempo curto, durante o recreio, mas é notável a riqueza de dados que eles me deixaram em poucos minutos de conversa. Alguns mais tímidos, falando menos, outros mais desinibidos, contando experiências musicais vividas e extrapolando as respostas que eu esperava. Aos poucos, meninos e meninas enchiam o gravador de histórias suas com a música: a música que aprenderam a ouvir com seus pais e que era de uma geração anterior, a música que é parada de sucesso hoje, a música que embala suas vidas, seus sonhos, suas dores e suas alegrias de jovens. Os conteúdos revelaram gêneros musicais variados, alguns que eu desconhecia; grupos musicais e cantores diversos; influência das famílias, das mídias e de grupos sociais nas escolhas de consumo musical por alunos; influência das escolas no gosto musical de alunos; riqueza de personalidades jovens que, ao explicitar suas vontades, seus hábitos corriqueiros, seus sonhos ousados, revelavam seus olhares sobre a vida e sobre seus mundos jovens, muitas vezes de maneira profunda e instigante.

Nas primeiras visitas para entrevistar alunos, nas duas escolas, senti uma insegurança típica de um pesquisador, mesmo já tendo passado pela experiência desse procedimento durante o mestrado. Naquela ocasião, os sujeitos eram alunos da escola onde eu lecionava, e isso muda

bastante as circunstâncias do contato inicial com eles. Comecei a imaginar que os meninos e meninas não se interessariam por me ouvir e responder, e que eu precisaria correr muito para conseguir colaboradores entre eles. Aos poucos, vi que me enganei, pois havia boa vontade de sua parte. Com o passar das entrevistas, fiquei mais solta e conseguia flexibilizar a forma de fazer as perguntas, usando palavras menos formais, mais próximas do linguajar deles, com maior descontração. E a isso eles correspondiam com respostas espontâneas e, muitas delas, cheias de detalhes que enriqueciam os dados. Sentia, em alguns casos, que ficaria ali por muito mais tempo conversando com alguns deles, se fosse possível.

Os grupos focais (GF) foram feitos em dois meses, totalizando quatro grupos, dois na escola pública e dois na escola particular. Participaram deles jovens que contribuíram nas entrevistas individuais e outros jovens, nas duas escolas. O número de membros variou entre sete e dez jovens, com grupos sempre mistos em relação aos gêneros, e nos quais as idades pouco variavam: um grupo com pessoas de 15 e 16 anos, um com 13 e 14 anos e dois com 12 e 13 anos.

Os encontros aconteciam em uma sala de aula, onde colocávamos carteiras em círculo e nos sentávamos. Eu levei uma aluna da universidade para me acompanhar e fazer anotações sobre a dinâmica, enquanto eu gravava as conversas dos grupos focais. A disposição das carteiras, a princípio, me preocupou no sentido de que parecesse estarmos em uma atividade de classe, e não num encontro, o que poderia causar uma formalidade que eu queria evitar. Ao contrário, desejava criar um ambiente em que os meninos e meninas se sentissem o mais à vontade possível.

Isso não foi prejudicial ao andamento da dinâmica. Esses grupos se revelaram extremamente ricos em trocas entre os seus membros. Os jovens conversavam e contavam casos, a princípio com alguma timidez e, aos poucos, acabavam por se soltar. Eles comentavam falas de seus colegas, interferiam, de forma geral, para acrescentar elementos pertinentes ao tema e experiências interessantes com música.

Durante a realização dos GF, pude observar a riqueza da interação entre seus membros, a espontaneidade demonstrada pela maioria dos jovens colaboradores da pesquisa, e até mesmo a alegria de alguns por estarem participando com suas ideias. A soltura com que falavam era, por muitas vezes, mais evidente do que aquela demonstrada nas entrevistas individuais,

embora, no início dos encontros, eu tenha percebido certa dificuldade em tirar o caráter de aula ou, pelo menos, de atividade escolar. Depois dos primeiros momentos, isso ia desaparecendo. Parece que a presença de seus pares os estimulava a falar mais e a travar diálogos sempre muito interessantes, principalmente a partir de um certo ponto da dinâmica, depois de já haverem percebido do que se tratava ela. Nesse ponto, a timidez era deixada de lado por quase todos eles.

5.2 Aspectos do ambiente social/cultural: as mediações na formação do gosto e de algumas práticas musicais dos jovens

Este tópico analisa alguns eventos formais e informais envolvendo a música e algumas opiniões de jovens, evidenciando fatores que podem explicar os acontecimentos em torno da música e a ação dos sujeitos. Nas observações, entrevistas e grupos focais, encontrei, respectivamente, os seguintes dados:

- Observações: envolvimento da escola em evento musical; envolvimento do aluno com evento musical da escola; estímulo da família para a música; concepções da escola sobre música; concepções de alunos sobre música; a escola e o gosto musical de alunos; as mídias e o gosto musical de alunos; práticas musicais de alunos.
- Entrevistas: gostos musicais de alunos; gosto musical e opinião da família e do grupo social; acesso às mídias; preferência por letra ou por música.
- Grupos Focais: jovens que tocam instrumentos e cantam; jovens que ouvem música sozinhos ou acompanhados; música que transforma experiências; música para dançar; preferência por letra ou por música; gosto musical e opinião da família; as canções e os cantores das mídias; música compartilhada virtualmente ou presencialmente; gêneros musicais.

Na primeira parte, vamos encontrar os dados que se referem à instância de mediação: escola, família, mídias e grupo social. Na segunda parte, trataremos das práticas musicais dos sujeitos, mesmo sabendo que também é preciso conectá-las às mediações.

5.2.1 Indícios sobre a mediação familiar

Aqui se encontram casos de estímulo familiar ao aprendizado de música por alunos, e investimentos dos pais nesse tipo de formação. A mediação familiar mostrou-se importante na coleta e análise dos dados desta pesquisa.

B. A., do 9º ano e também com quinze anos tem experiência de tocar violão, guitarra, baixo, e conhece teoria musical, que aprendeu numa escola inglesa. Tem noções de intervalos, escalas. Sua maior frustração é o colégio não ter aulas de Música no currículo, e um dos motivos pelos quais sua família vai transferi-la para outra escola, no próximo ano, uma que possui um projeto curricular que oferece música [...] T. F., aluna do 9º ano, quinze anos, teve a experiência de tocar piano num curso de extensão universitária, na sua infância, aprendeu teoria e a prática do instrumento. Hoje em dia, ela faz aula de canto em uma escola particular. Ela gosta de tocar *rock*. H. G. P., também do mesmo ano e idade, tentou aprender violão numa aula particular. Gosta de tocar *rock* e MPB. Parou o aprendizado por falta de tempo, mas tem vontade de continuar. G. M, seu colega, toca violão e guitarra. Aprendeu com professor particular, e seus gêneros preferidos são: *rock* e metal (O SM 6).

Na escola pública, encontrei C. (14 anos) e seus colegas, membros de uma banda de *rock* que ia se apresentar naquele momento.

Fico surpresa quando diz que ele e o C. estudam música há um bom tempo, ele no projeto do SESC, tocando violino na Orquestra Filarmônica Mirim e na Orquestra de Câmara do SESC, e C. já estudou na escola de música Allegro Moderato, onde fez violão clássico por um ano e meio e dois anos de guitarra. Diz que o que aprendeu com seu professor, faz com que 'pegue as coisas' com mais facilidade, como partituras musicais (O PII 1).

Como se vê, tive contato com alguns alunos que buscam experiências musicais fora da escola, por estímulo de suas famílias, e algumas delas custeiam aulas particulares para eles. Encontrei, também, alunos que recebem influência direta de suas famílias para praticarem música ou, simplesmente, para ouvirem música de determinados estilos e compositores (O SM 6, E SM 2, E SM 7, E SM 9, E SM 14, E PII 11, E PII 15). A maioria dos que recebem aulas particulares está na escola particular (E2), onde não há ensino formal de música, o que faz surgir um questionamento: os pais que pagam aulas particulares de música estariam dispostos a fazê-lo para suprir uma carência educacional da escola? Ou seria iniciativa dos próprios alunos? Numa das entrevistas informais, feita em uma observação nesta escola, uma aluna declarou que seus pais a trocariam de colégio para um que oferecesse aulas de música (O SM 6). As referências à influência de pais em gostos musicais de alunos faz pensar em uma espécie de herança que legam a seus filhos, e os jovens parecem reconhecer isso, especialmente quando uma delas afirma que irá passar isso a seus filhos também.

A partir da pergunta “Que estilos de música você ouviu mais? Por quê?”, feita nas entrevistas individuais, houve alunos que afirmaram influenciar-se pelo gosto musical e opinião da família. Eles, muitas vezes, não se limitavam a responder os nomes dos estilos musicais, mas ampliavam suas respostas, comentando sobre a origem dessas escolhas, frequentemente vindas da convivência com alguém de casa.

E PII11 (12 anos, menino) – Ouço muita música porque meu pai é músico, ele toca ali no Palácio das Artes, ele toca... ele é percussionista. Ele toca nas aulas de balé do Palácio das Artes e numa companhia ali em cima, chamada Corpo. Eu ouço várias vezes muitas músicas em casa, o meu pai também. Aí, todo mundo da família escuta muita música.

Pesquisadora – Seu pai é que leva essas músicas?

E PII11 – É, algumas vezes, umas sim, outras não. Tem algumas que eu escolho.

E PII15 (12 anos, menina) – *Rock*, não sei, porque mais me identifico. Quando eu era pequena eu escutava muita música por causa da minha mãe e do meu pai, assim... *rock*. Aí eu fui crescendo, fui entendendo.

E PII10 (12 anos, menina) – *Pop*, porque é mais animada. Meu pai era locutor de rádio.

E SM13 (15 anos, menina) – Eu gosto de sertanejo, música *pop*, eu gosto de ouvir. Normalmente vem das minhas amigas que me apresentam, do meu irmão...

E SM14 (15 anos, menino) – Esse meu gosto, essa ideia de música pra mim foi formada pelo meu irmão, que tem banda de *rock*. Aí, ele me influenciou muito nos meus gostos musicais. Ele é mais velho, tem vinte anos.

Dentro de suas experiências com música, alguns citaram espontaneamente suas famílias como origem de seus gostos e interesses musicais:

G., GF SM1 (15-16 anos, menino) – Tocando, também. Quando eu vou para festas de família, geralmente, tem alguém que toca lá. Eu toco violão, meu tio toca teclado. Meu primo toca pandeiro, tem um outro que toca bateria.

L., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Em festa, em festa de família, assim. Meus pais sempre gostam muito.

I., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Pra mim também, escutando, tocando. Meu pai toca violão e desde pequena eu curto *rock'n roll* antigo. Meu gosto é bem exclusivo para o *rock'n roll*.

Embora nos grupos focais não tenha havido uma pergunta específica sobre o papel de suas famílias na definição de seus gostos musicais, como foi o caso das entrevistas individuais, alguns jovens revelaram existir essa relação entre escolhas e práticas musicais familiares e seus próprios gostos de consumo musical.

5.2.2 Mediação da escola nas interações com a música

Nas coletas de dados, percebi o relevante papel da mediação escolar na formação do gosto musical de seus alunos, seja por seu estímulo a atividades musicais, ou pelos vácuos que muitas vezes se fazem nessa atuação junto aos estudantes.

Na escola particular, assisti ao evento Museu Vivo/Buarque-se (O SM2), uma espécie de feira de cultura cujo tema foi a vida e a obra de Chico Buarque, compositor e cantor. Foram envolvidos os alunos do Ensino Médio e seus professores. Nos dias que o antecederam, eu estava na escola para observar um recreio, quando começou a tocar uma canção na voz de Chico Buarque: *Nosso Bolero*. Um casal de alunos vestidos a caráter dançou e foi muito aplaudido. Era um anúncio do evento próximo e um chamado a todos para que participassem. Conversei com a “professora P., de Literatura e História da Arte, que se aproximou de nós espontaneamente, para saber o que fazíamos no pátio, e com um aluno do Ensino Médio que se chama Pedro, apresentado a nós pela professora” (C. C. O SM2). Percebi o grande entusiasmo da professora com o evento idealizado e organizado por ela, enquanto me explicava alguns detalhes das apresentações.

Sinto que há uma mobilização muito grande dos professores, da diretoria – a diretora acaba de me dar o convite impresso – em relação ao Museu Vivo. O professor de Educação Física também toca flauta transversal, e está aqui para um ensaio com alunos. Eles vão tocar a canção “Vai passar”, do Chico Buarque, e ele me convida para assistir ao ensaio (O SM2).

No dia do evento, assisti à apresentação do grupo dirigido por ele, com violão, flauta transversal e canto, grupo do qual ele fazia parte, tocando seu instrumento. Comentou comigo que se preocupava bastante com a falta de preparo vocal e de afinação de alguns alunos, devido à falta de formação musical deles. No recreio da mesma escola, vi um grupo de alunos manuseando máscaras, que

[...] me dizem que ensaiam para o Museu Vivo, enquanto lancham. Pergunto se vão representar *Os Saltimbancos* do Chico, por causa das máscaras de animais, e eles dizem que não vão me falar, para ser uma surpresa para eu assistir no sábado. Fui reconhecida por uma das meninas que foi minha aluna no coral infantil da Escola de Música da UEMG, onde leciono. Dois meninos improvisam no bongô. Pergunto se o que fazem é parte da apresentação. Uma delas me responde que sim, e que a proposta do seu grupo é mostrar o movimento *hippie* no jardim, no dia do evento, mas que a improvisação vai acontecer também (O SM3).

Os alunos pareceram-me muito animados e envolvidos com a proposta da escola.

Acabo de conversar com a professora de Arte, uma conhecida antiga, e ela me diz que não há aulas de música na Escola, apenas oficinas para as crianças pequenas, como eu já sabia, no horário extraclasse. Ela considera isso uma perda para os alunos, que deveriam, segundo ela, ter acesso às Artes Plásticas e à Música (O SM7).

A ausência de aulas de Música na escola particular chamou-me muito a atenção, desde o início das visitas. Além dessa professora, diversos alunos comentaram que gostariam que a escola oferecesse a disciplina em seu currículo, durante as entrevistas que fiz com eles.

O evento Museu Vivo/Buarque-se, da escola particular parece ter atuado sobre o gosto musical de alunos, como é o caso de P.:

[...] um aluno do Ensino Médio que se chama P., apresentado a nós pela professora. Ele é *rapper*, e deu-nos um depoimento informal, dizendo que compôs dois *rap*'s que são releituras das canções *João e Maria* e *Apesar de você*, de Chico Buarque. Ele apresentou bastante entusiasmo diante da apresentação próxima de suas composições, no sábado letivo do Museu Vivo. P. nos falou que depois de começar a ouvir samba, sentiu uma grande influência em suas composições de *rap*, que antes disso, tinha um universo bem reduzido em gêneros musicais, e ouvindo o gênero samba, ele sente que houve um crescimento no seu trabalho de compositor de *rap* (O SM2).

Também parece ser o caso de outra aluna:

Ela diz que ele (Chico Buarque) e a professora P. (História da Arte), idealizadora do projeto, tiveram uma influência muito grande em seu gosto musical e em sua maneira de ver a arte, já que através do projeto ela aprendeu que tudo pode ser arte, e a gente não deve julgar antes de conhecer. Ela afirma que não tinha muito conhecimento sobre Chico Buarque, apesar de gostar da música popular brasileira, e foi conhecendo e vendo que ele é um artista atemporal e que as letras dele são maravilhosas, os significados das suas músicas são mais lindos ainda. [...] Através do Museu Vivo, ela diz ter melhorado seu gosto musical e ser capaz de ver a arte de forma diferenciada (O SM5).

E também de outra estudante:

[...] ela fala que a professora P. escolheu o tema, mas todo mundo gostou, e ela acha que agora muita gente passou a ser fã do Chico. Ressalta que o jardim *hippie* procurou resgatar músicas nacionais e estrangeiras da contracultura, que considera importante mostrar a 'geleia geral' (O SM5).

É notável como um projeto de curta duração pode envolver alunos e demonstrar o poder de atuar em seus gostos e escolhas musicais. Essa escola não oferece música em seu currículo,

mas apenas em forma de “escolinhas” extraclasse, o que atinge apenas parte dos alunos que as frequentam. Observo que, diante do empenho da escola em promover um evento com música, diversos alunos sentem-se envolvidos, declaram gostar de tomar parte nas atividades e terem sido influenciados por elas.

Observei, também na escola particular, uma festa da família. Participei desse evento para conhecer melhor as concepções escolares sobre música, embora ele não fosse com alunos de 12 a 17 anos, a faixa etária que escolhi para pesquisar. Nessa oportunidade, ficaram claras algumas concepções da escola particular (E 2) sobre música e a forma como deve ocorrer nos contextos escolares.

A professora fala ao microfone e apresenta o que vão fazer. Neste momento, as crianças ficam de pé. Eles estão na formação clássica de coral, pois estão ocupando três degraus das arquibancadas. Tem muito barulho na quadra e a acústica não é indicada para uma apresentação desse tipo. Parece que não há instrumento acompanhador, nem regente. Começa uma gravação e os meninos cantam sobre ela. É a canção *Era uma Vez*, com Sandy e Toquinho. Os alunos fazem uma coreografia estereotipada, em que o gestual segue a letra da canção. Não se ouve absolutamente nada das vozes das crianças, e não há como avaliar afinação, musicalidade. Agora, eles vão cantar outra canção, e eu tenho expectativa de que se possam escutar um pouco as suas vozes. Mas acontece o mesmo, barulho do público, que reage com gritos e assovios, como se estivessem em um jogo, e a gravação tapando as vozes das crianças. É a canção *Sonho Meu*, da Xuxa, que canta com outro cantor. Finalmente, vão cantar a última canção: *Vamo pular*, de Sandy e Júnior. Os meninos pulam e fazem todos os gestos que a letra indica. Percebo que aqui nesta escola não há Educação Musical, como já sabia, e este trabalho é apenas visual, com destaque para os gestos dos braços e mãos das crianças, e pelas fantasias usadas por elas, o que não chega a ser nem mesmo um trabalho de dança (O SM5).

Com o mesmo intuito, assisti ao festival de dança *jazz*, que envolvia apenas meninas desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

[...] o festival a que assisti é somente de dança *jazz*, o que costumava se chamar de dança moderna ou balé moderno. O tema escolhido foi cinema norte-americano. Cada turma de meninas, desde as menores do ensino fundamental até as do médio apresentavam uma coreografia inspirada em um filme da Disney. [...] Não havia variedade de estilos musicais e coreográficos, e a diversidade se dava apenas nos figurinos e nas músicas sempre de mesmo caráter e gênero (O SM10).

Percebi a ênfase dada à cultura midiática e estrangeira, na escolha das músicas e da coreografia.

A audição de alunos da Escolinha de Violão, oferecida pela escola particular como atividade extraclasse, foi num pequeno auditório e reuniu um grupo de pais, professores e alunos. O primeiro número trazia umas brincadeiras em forma de canções, para musicalizar os meninos.

Depois, subiu ao palco um grupo de alunos maiores, que tocaram ao violão o tema do filme *Titanic* e o tema do filme *Crepúsculo/Amanhecer*. Também foram tocadas as canções brasileiras *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga, e *Garota de Ipanema*, de Tom Jobim. O professor tocou, sozinho, uma valsa de Dilermando Reis, compositor brasileiro (O SM11).

Aqui, nota-se uma ênfase na música brasileira, mesmo que ao lado de músicas conhecidas pela mídia comercial. Por se tratar de um trabalho extraclasse, fora do currículo regular da escola, é difícil afirmar se essa concepção é do professor ou da própria escola, sendo minha tendência acreditar que seria do professor, pois, ao não se vincular às exigências de um currículo escolar, e ser aquele um curso livre, ele teria o arbítrio de escolher repertórios do seu gosto.

Na escola pública, conversei com um aluno que me revelou que a escola oferece aulas de música em seu currículo, para todos os alunos. Esse foi um dado importante para ouvir os depoimentos dos outros alunos que entrevistei posteriormente, pois não sabia que a escola pública oferecia aulas de música na estrutura curricular oficial.

[...] aqui os professores querem que eles tenham uma noção de música, conhecendo as notas musicais, pegando ‘batidas’, umas noções muito interessantes. Por exemplo, na última aula, a professora passou o violão para ele, e fizeram um grupo de percussão e violão, na aula, tocando um samba clássico. Essa disciplina se chama Musicalidade, e pergunto que turmas têm essa aula. Ele diz que todas têm, e que aqui há todas as aulas para todos (O PIII).

Outra aluna já vê com olhos críticos as aulas de Música.

[...] a professora de Música da Escola não as ensina a cantar, só fica ensinando a bater o pauzinho no chão, a fazer ritmo. Na verdade, segundo ela, pensava que aula de Música era para aprender algum instrumento, mas a dela (da professora) é só pra ‘aprender a bater um pau no chão’. Pergunto se não cantam nas aulas, e dizem que não; e também se ouvem alguma gravação, e dizem que dificilmente, que é mais ritmo, e é ‘chato’ (O PII 2).

Sobre a oferta ou não da música nos currículos escolares, muitos alunos, de ambas as escolas, se manifestaram, falando também sobre suas opiniões a respeito. Os alunos da E 1, que oferece aulas de música no currículo formal, assim se expressaram sobre o fato de frequentarem aulas de música:

E PII4 – A aula de música é bem legal, a gente tem aula no contraturno. Aí, a professora, ela tem o violão, o piano, o pandeiro, e faz uns ritmos lá.

E PII7 – Frequento, a aula que mais gosto é a aula de Música. Ah... fala várias coisas.

E PII10 – Sim, é legal. Neste ano a primeira aula que teve foi só... a professora só falou, mas ela falou que nas próximas aulas a gente vai tocar, e eu gosto muito de tocar instrumento. Bateria, teclado, pandeiro, triângulo e campainha (risos).

E PII11 – Frequento, frequente, sim. A professora que dá aula de música de manhã é muito boa. A gente às vezes conversa sobre estilos musicais, ela fala o que... ela manda a gente pesquisar sobre as músicas. Muito chique.

E PII15 – Tem, é muito interessante.

E PII6 – Sim, aula de música mesmo, em que eles ensinam muitas músicas, principalmente as que você não tem costume de ouvir.

Aqui se percebe uma noção que o aluno tem de ampliação cultural, recebendo da escola a música que não conhece de outras fontes: “Tem. Eu assisto, mas não curto muito não, porque não fala de música. Por enquanto tá falando só mais de cultura mesmo” (E PII8, 16 anos, menino).

Questiono, diante desta colocação, se fica claro para os estudantes que a música, seja ela qual for, está inserida numa cultura, e estudar música significa conhecer culturas. E penso em que estratégias didático-pedagógicas poderiam ser usadas para indicar aos alunos o caminho da compreensão desse fato.

E PII14 (12 anos, menina) – Tem aula de música, mas não tem aula de música específica de instrumento.

E PII5 (12 anos, menina) – É, você não vai num instrumento específico, você vai ter diversos. Por exemplo, a professora pede pra você escolher uma música aí você vai fazer o som dessa música, mas nunca você vai aprender a tocar esse instrumento específico.

Na escola E 2, que não oferece aulas de música no currículo, os alunos assim disseram a esse respeito:

E SM10 (15 anos, menina) – Não, mas eu queria muito que tivesse (música na escola).

E SM11 (14 anos, menino) – Eu gostaria porque a música é muito boa pra você distrair, pra você formar seu pensamento e isso é muito importante para os alunos do Colégio (ESM11, 14 anos, menino).

Alguns alunos da escola particular E 2 deixaram claro que gostariam de ter aulas de música, enquanto outros, da pública E 1, comentam gostar delas. Outros demonstram uma expectativa maior em relação às aulas a que assistem, pois parecem até desejar aprender a tocar instrumentos específicos. Parece haver consciência da importância de se aprender música, por parte de alguns.

Ao analisar passagens das entrevistas da E 2, onde se realizou o evento Museu Vivo/Buarque-se, observo que tal evento pode ter atuado sobre a expressão de alunos em torno do seu gosto e de suas escolhas musicais.

E SM9 (16 anos, menina) – [...] cantor solo é o Chico. ‘Tipo assim’ as letras e o estilo e ritmo mais tranquilo combina comigo, acho que tem mais a ver comigo.

Ela diz que ele e a professora P. (História da Arte), idealizadora do projeto, tiveram uma influência muito grande em seu gosto musical e em sua maneira de ver a arte, já que através do projeto ela aprendeu que tudo pode ser arte, e a gente não deve julgar antes de conhecer. Ela afirma que não tinha muito conhecimento sobre Chico Buarque, apesar de gostar da música popular brasileira, e foi conhecendo e vendo que ele é um artista atemporal e que as letras dele são maravilhosas, os significados das suas músicas são mais lindos ainda. Ele lutou, segundo ela, numa época em que o artista não podia falar, que é diferente de hoje em dia, em que o artista tem o direito de falar o que quiser, o que torna as letras do Chico mais especiais ainda (O SM5).

E SM7 (16 anos, menina) – Olha, eu gosto muito de Legião Urbana, eu gosto de Chico Buarque e Tom Jobim também escuto muito. Gosto da letra, as letras mesmo que me chamam atenção.

Achei curiosas as menções a Chico Buarque, uma vez que esse cantor e compositor não está nas mídias comerciais com a mesma força e ocorrência que outros citados por um número expressivo de entrevistados. Além disso, outros músicos de sua geração ou cuja obra é caracterizada pela presença de gêneros musicais semelhantes aos que compõe Chico Buarque não foram muito citados, como se viu, por exemplo, nos casos de cantores de *rock* nacional, *rap*, *funk*, sertanejo e pagode, todos representados nas entrevistas por mais de um cantor ou grupo musical. Como se pode ver, a oferta de música pela escola pode fazer a diferença na ampliação cultural dos estudantes, mostrando elementos da cultura musical que eles não recebem com facilidade pelas mídias ou, muitas vezes, por suas famílias ou meio social.

5.2.3 Mediação das mídias

Os Estudos Culturais têm se dedicado a analisar as mídias como um dos indicadores da mundialização da cultura e da globalização, formadores de identidades culturais. Neste tópico, trataremos de aspectos que evidenciam a mediação que é feita pelas mídias nos gostos e no estilo de vida dos jovens.

Meninos de uma banda de *rock*, que estudam na escola pública, me contam suas opiniões sobre oferta e escolha de gêneros musicais consumidos por jovens. Esse foi um momento de entrevista informal, durante uma observação de evento escolar, em que aproveitei o fato de ter sido apresentada a eles por uma funcionária da escola. Naquele momento, pude perceber o quanto seria interessante esse tipo de conversa em algumas observações que propiciassem isso. E realmente foram oportunidades imperdíveis e ricas de informações para a pesquisa.

Mas o mais central para eles são as bandas de metal internacionais dos anos 80, principalmente Megadeth, Metallica, e o que querem fazer é voltar com esse som, principalmente, tocar para quem gosta, porque não tem como tocar para um público que não gosta desse som. Pergunto a eles qual é o tipo de público que gosta desse som que fazem, e G. responde que o público jovem está preferindo essas músicas novas – *funk*, *rap* – que ele não acha que é ‘muito música’, que é um ritmo, uma batida. Ele pensa que os pais estão influenciando muito seus filhos no *rock*, como no caso do Rock in Rio, porque tem muitas bandas que foram e vão lá e que são dos anos 80. J. V. já pensa que o *rock* nunca vai acabar, que é o ritmo que nunca vai acabar, que sempre está no ‘equilíbrio’, que tem uma esperança. Segundo ele, hoje o povo não é do *funk*, não é do *pop*, hoje as suas culturas já são ‘divididas’, principalmente, todo mundo já expressou a sua cultura. Antes não tinha isso, hoje tem o público do *rock*, tem o público do metal, sim, mas eles estão nos seus movimentos culturais, e não é isso que a mídia fala. Pergunto o que a mídia fala, e ele diz que ela está mais ligada no que vai dar mais dinheiro, atualmente. Ele acha que o *rock* ainda é e vai continuar muito forte, assim como os ritmos atuais (O PIII).

Nesses comentários, há menções a vários aspectos interessantes, tais como o resgate do *rock* que eles desejam fazer na sua banda, a crítica aos gêneros *funk* e *rap* como sendo “batidas” e não “muito música”, a visão de que os pais influenciam no gosto musical de seus filhos, a concepção de músicas e gêneros musicais como movimentos culturais, a crítica à mídia comercial como interessada em lucros, a concepção do gênero *rock* como um gênero musical que irá perdurar na história da música popular. Chamou minha atenção a fala desse menino, que tem apenas 13 anos, e que se refere, sem saber, ao hibridismo cultural. A riqueza da fala desse jovem é digna de nota neste trabalho e da atenção, também, de seus educadores e de professores de música, em geral, que poderão constatar como um indivíduo tão jovem possui uma opinião tão bem estruturada sobre o cenário musical popular atual. Isso faz pensar em

como essa maturidade de um novo músico pode e deve ser aproveitada pela escola para sua formação e para a educação de seus pares.

[...] o objetivo é começar tocando *covers*, e depois, músicas próprias que vão lançar no mercado musical. Questiono sobre que autores e cantores inspiram suas composições, e J. V. responde que se inspira mais nos Titãs, porque a banda Profilaxia toca *punk* e metal, e o jeito que os Titãs escrevem músicas eles acham muito interessantes. Segundo J. V., esta banda e o Ultraje a rigor já vão ‘direto ao ponto’ quanto às letras, que ele considera muito inteligentes, e que acha legal para sua banda cantar umas letras mais ‘diretas’. Disse que o Led Zeppelin, por exemplo, é uma banda que adora, mas cujas letras não caberiam na sua banda, por serem muito grandes e complexas. Ele até faz letras assim, mas prefere tocar e cantar coisas mais ‘diretas’ (O PIII).

Ainda conversando com J. V., o menino de 13 anos da escola pública que tem a banda de *rock*, ele revelou diversos aspectos de sua prática musical que indicam a influência das mídias em suas atividades musicais: fazer *cover* (imitar cantores, desde o visual até o repertório e o modo de interpretar canções), o gosto por bandas de *rock* nacional dos anos 1980, o gosto por uma banda de *rock* estrangeira. Quando foi tocar com sua banda, J. V. apresentou os membros pelo nome e instrumentos que tocavam, ao estilo dos líderes de bandas veiculadas pelas mídias, em videocliques, *shows* televisionados, CDs.

Uma outra aluna também se apresentou naquele dia, cantando acompanhada por um colega ao violão. No repertório, havia canções populares brasileiras do gênero MPB. O público, formado por professores e pais, em sua maioria, pediu a ela que cantasse uma canção da cantora inglesa Adele, fenômeno de mídia recém-revelada e sucesso numa novela da Rede Globo, também recente (O PIII).

Nessa categoria, encontrei alunos que afirmavam ter gosto musical eclético, termo que alguns deles utilizavam, e outros que tinham gosto musical que eu optei por chamar de excludente, uma vez que revelaram gostar exclusivamente de um determinado gênero musical. Outros, ainda, revelaram ter gosto musical diversificado.

Na escola pública, os meninos e meninas disseram ter gostos excludentes (1 *funk*, 1 sertanejo, 2 *pop*, 3 *rock*) e gostos diversos, em proporções equivalentes. Sobre outros gêneros, discorrerei a seguir. Nenhum deles revelou ser eclético quanto aos gostos musicais.

Na escola particular, alguns alunos afirmaram ter gosto musical eclético, o que considerei bastante expressivo, pois esse vocábulo não é tão corriqueiro fora do meio artístico. Outros dois têm gosto excludente, ou seja, gostam de um só estilo, sendo ele o *rock* e o outro, a MPB. Alguns revelaram que seu gosto é diversificado. As citações abaixo indicam essas preferências dos sujeitos.

E PII11 (12 anos, menina) – *Pop*, porque eu acho bem diferente, e eu gosto de escutar outros tipos de linguagem como o inglês, francês. E gosto muito também de sertanejo. Porque eu acho diferente, tem um ritmo bom, tem som de carnaval.

E PII5 (16 anos, menino) – Eu ouço música eletrônica, é... um pouco de *reggae*, e gosto também de MPB.

E PII6 (14 anos, menina) – Sertanejo, porque eu acho que nessa idade é o que mais se compara com a gente, em certas situações.

E PII11 (12 anos, menino) – Eu gosto do *rock* clássico porque *tipo...* tem umas bandas bem boas que eu curto muito, temos Beatles, Led Zeppelin, Pink Floyd, um monte de músicas. Porque as músicas deles são muito chiques, chiques mesmo. Eu gosto muito.

E PII12 (12 anos, menino) – *Rock*, porque acho interessante.

E PII13 (13 anos, menina) – *Pop*, me identifico mais.

E SM1 (17 anos, menino) – Eu gosto de muitos estilos de música, mas o que eu mais gosto é *rock*.

E SM4 (15 anos, menina) – Eu gosto um pouco de tudo, mas assim, eu gosto muito de eletrônica [...].

E SM8 (17 anos, menina) – Eu gosto de MPB, sertanejo e música internacional. Por causa do ritmo e da letra.

E SM10 (15 anos, menina) – Eu gosto muito de eletrônica e de *rock* alternativo. Porque eu acho que é muito inspirador e me ajuda quando eu estou com algum problema, escuto música e me dá uma acalmada.

E SM11 (14 anos, menino) – Ah, eu sou bem eclético, gosto de vários tipos de música, sertanejo, *rock*, samba, pagode. Eu sou bem eclético.

Na escola pública, ficaram assim dispostos os gêneros musicais midiáticos consumidos pelos alunos, em ordem decrescente de preferência: 1º) *Pop*; 2º) *Rock*; 3º) *Rap*; 4º) Sertanejo, MPB, *Funk*; 5º) Eletrônica; 6º) *Gospel*, Samba/Pagode, *Reggae*.

Na escola particular, os gêneros musicais midiáticos citados, em ordem decrescente de preferência, ficaram assim dispostos: 1º) *Rock*, Sertanejo; 2º) MPB, Eletrônica, *Pop*, Samba/Pagode; 3º) *Funk*, *Folk*, *Punk*, *Indie*.

Nota-se que os gêneros citados por alunos das duas escolas foram o *rock*, o *pop*, o *rap*, a MPB, a eletrônica, o sertanejo, o samba/pagode. O *gospel* e o *reggae* foram citados na escola pública e, na escola particular, foram citados o *funk*, o *folk*, o *punk* e o *indie*. Todos eles são gêneros veiculados pelas mídias, em geral, sendo, a sua maioria, estrangeiros – os nacionais são apenas o sertanejo, o samba/pagode e a MPB. Ao pensar se há gêneros musicais que não são veiculados pelas mídias, encontramos evidências de que gêneros como o erudito e o folclórico nacional e de outras origens não são comumente levados pelas mídias ao público em nosso país. Essa constatação se dá pela simples audiência que se faz desses meios, e também pela ausência ou quase ausência de referências a esses gêneros pelos colaboradores desta pesquisa. Aqui, vale a pena refletir sobre o papel das mídias na disseminação do conhecimento musical e da cultura musical, de uma forma ampla. A realidade sobre esse contexto nos leva a pensar que, talvez, se fossem veiculados esses e outros gêneros musicais ausentes, os jovens teriam aumentadas as possibilidades de conhecê-los, uma vez que seu acesso aos meios de divulgação é bastante significativo. Caberia também o questionamento: quais são os critérios de escolha das músicas a serem tocadas nas mídias? Por que a eleição de determinados gêneros, cantores, grupos ou bandas em detrimento de outros? O que é o sucesso musical nas mídias? Algumas músicas são ‘melhores’ ou são sucesso e por isso tocam mais? Não seria o contrário disso que se quer fazer crer: algumas músicas tocam mais e por isso são mais conhecidas e viram sucesso?

Quando interrogados sobre a origem e o porquê de seus gostos, seus motivos são os mais variados: influência de alguém, ritmo animado, compreensão da letra, identificação com a sua própria vida, gosto por aprender língua estrangeira e outros.²³

A pergunta feita nas entrevistas que gerou a categoria “canções e os cantores das mídias” (“Você alguma vez já se inspirou neles – seus cantores e ídolos musicais – para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?”) é, provavelmente, a que representa o interesse nuclear desta investigação: saber como atuam os gostos musicais e as escolhas de consumo musical dos jovens sobre as suas outras escolhas de consumo e sobre os seus comportamentos, em geral. Essa pergunta trazia uma expectativa minha de encontrar mais afirmativas dos alunos em torno dessa suposta influência sofrida por eles, mas, de certa forma, houve uma frustração da minha parte ao ouvir poucas respostas nesse sentido. Resta

²³ Cf. entrevistas E SM e E PII, questão 3.

investigar se isso denota a inexistência de tal fenômeno ou se ele é realmente pouco frequente entre os sujeitos entrevistados, ou, ainda, se ele existe, mas não foi citado com frequência, talvez por falta de estar conscientizado pelos sujeitos da investigação.

Aqui, encontrei alunos que se influenciam pelas canções e cantores das mídias e alunos que não se influenciam pelas canções e cantores das mídias, segundo revelaram os estudantes. Em ambas as escolas, mais alunos disseram não se influenciar por canções e cantores das mídias, embora o número que os diferencie dos que disseram influenciar-se seja pequeno. Diante disso, questiono novamente até onde existe a consciência individual de que há essa influência. Alguns alunos, ao responder que não se deixam influenciar, pararam e pensaram, às vezes titubeando, e alguns disseram não saber e “achar” que não. Abaixo estão algumas respostas dadas por eles a essa pergunta:

E PII2 (12 anos, menino) – Eu já me inspirei na roupa do *2Pac*, gosto muito dela, da roupa dele.

E PII5 (16 anos, menino) – O estilo de vida desses cantores que falei é basicamente o *skate*. Eu ando de *skate* há um ano, mais ou menos, e sempre levei esse estilo comigo, sempre carreguei. E basicamente eu fui influenciado a escutar isso, porque a gente vive naquele mundo dos skatistas, curte aquilo. Daqui a pouco a gente vai e acaba escutando, gostando.

E PII6 (14 anos, menina) – Acho que sim, com certeza, principalmente de roupa, no estilo que bate muitas vezes com as coisas que você gosta.

E PII7 (15 anos, menina) – Já. Como eu disse, trazem paz. Vamos supor: você terminou um relacionamento. Vamos supor que a menina está querendo suicidar, então a música vai e fala que isso não vale a pena. É muito legal o jeito que a música fala...

E PII8 – Já, o *Nocivo*, cantor de *rap*, ele fala muito isso de grafite, pichação, e eu curto pra caramba.

Pesquisadora – Você faz também ou só curte?

E PII8 – Eu faço, também.

E PII2 (12 anos, menino) – Eu sempre quis comprar a camisa deles. Meu pai ainda está procurando...do *Red Hot*.

E PII3 (13 anos, menina) – Sim. Não sei, eu acho mais bonito. Já desenhei no braço, já pintei o cabelo.

E PII4 (12 anos, menina) – Ah, não me lembro.

E SM1 (17 anos, menino) – Não, só de vez em quando, se tinha que fazer trabalho na escola sobre música, aí eu fazia sobre eles. Mas na vida mesmo, não.

E SM2 (15 anos, menino) – Já, eu acredito que já porque acho que o meu estilo de ser parece com o deles, o jeito que eu ajo, as minhas atitudes, e a minha parte da área que eu toco a música, também parece. Por exemplo, o jeito de eu me vestir,

principalmente. Eu sou diferente, não sei, o jeito que eu ajo, eu acho, assim meio roqueiro, o pessoal fala... Não por gostar, mas por atitudes mesmo.

E SM3 (15 anos, menino) – Já. Usei tênis que um cantor - Dinho Ouro Preto - usou. Do Capital Inicial.

E SM5 (15 anos, menino) – Já. Teve uma vez que eu raspei a cabeça porque tem um cantor que usa o cabelo raspado aqui do lado, aí eu fui e raspei também.

E SM7 (16 anos, menina) – Sim, já. Pra tomar decisões, eu acho. Ah, eu acho que desde o âmbito pessoal até o âmbito profissional aqui do colégio, sabe? Acho que instruem muito as músicas. As letras, elas nos dão ideias, nos ajudam mesmo a tomar decisões.

E SM11 (14 anos, menino) – Não sei, depende, por exemplo, comportamento mais rebelde querendo mudança, um país melhor, eu acho que todo mundo tem esse pensamento aqui no Brasil e o *rock* do Capital Inicial e do Legião Urbana têm bastante músicas assim, tipo *Que país é esse*, *Veraneio Vascaíno* são músicas que pedem algum tipo de mudança. Eu gosto muito desse tipo de música.

E SM12 (15 anos, menino) – Não, nunca. Eu tenho o meu estilo, eu sou eu, e vou continuar.

E SM13 (15 anos, menina) – Que eu me lembre, não.

Esse último é um dos poucos casos em que alguém negou deixar-se influenciar por seus ídolos do mundo da música. Abaixo se vê uma aluna que é herdeira de sua mãe no gosto musical, herança que, à maneira de Bourdieu, influencia diretamente na aquisição de conhecimento escolar.

E SM9 (16 anos, menina) – De comportamento meu... sim, a maioria dos meus trabalhos de literatura ou de história da arte, história, português, essas coisas que envolvem mais Humanas, eu sempre procuro me basear em alguma letra, algum poema deles, do Chico. Eles são sempre citados nos meus trabalhos e, tipo assim, quando eu era pequena eu fui muito influenciada pelo poema do Chico Buarque, pelos poemas musicais dele. Minha mãe sempre me contava dos contextos e do que essa música trazia, desde que eu era bem pequena. Então, às vezes, eu lembro muito do que minha mãe falava e me baseio nisso. Não pra tudo, não vou dizer isso que seria hipocrisia, mas seria assim. Vem de berço, meu pai e minha mãe sempre gostaram e me passaram isso desde que eu era pequena, sabe? Eu cresci ouvindo *Meu guri*, eu cresci ouvindo *A banda*, eu cresci ouvindo *Geni*. Eu cresci ouvindo esses clássicos e também acabei tomando gosto e até hoje eu trago isso e eu quero passar isso pra frente, sabe? Daqui a uns vinte anos, quando eu for mãe, eu quero passar isso pra frente.

Segundo Bourdieu,

[...] a posse de capital cultural favoreceria o desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem dos conteúdos e dos códigos [...] que a escola veicula e sanciona. Os esquemas mentais (as maneiras de pensar o mundo), a relação com o saber, as referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos (a ‘cultura culta’ ou a ‘alta cultura’) e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças, facilitariam o aprendizado escolar tendo em vista que funcionariam como elementos de

preparação e rentabilização da ação pedagógica, possibilitando o desencadeamento de relações íntimas entre o mundo familiar e a cultura escolar (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 52).

As influências reveladas se manifestam em diversos aspectos: uso de roupas e adereços, modificações no corpo, atitudes diversas diante da vida, hábitos como o de comprar objetos similares aos de seus ídolos ou de se comportar como eles, influência sobre a formação intelectual. Ao ler os comentários acima, muitas vezes nota-se que alguns jovens consomem o estilo de vida dos seus ídolos, e não apenas dividem com eles o gosto pelo uso de um determinado objeto.

Houve alunos que afirmaram acessar mídias tradicionais para ouvir música e alunos que disseram acessar novas mídias – sociais e digitais – com essa finalidade. Notável é a ausência de referência à TV como meio de ouvir música. Com o avanço das novas mídias sonoras e visuais, a televisão parece ter ficado relegada na preferência dos jovens como meio de acesso a músicas, embora ela ofereça programas musicais em variados canais abertos e pagos. Parece que a interatividade proposta por algumas das novas mídias como a internet, por exemplo, e pelo tradicional rádio terminam por afastar esse público da TV, por ser essa menos atraente, sob tal ponto de vista. O rádio foi citado por alguns, e a internet e o celular ficaram, respectivamente, em 1º e 2º lugares na preferência dos alunos para acessar suas canções prediletas, nas duas escolas pesquisadas. Alguns se referem ao site Youtube como fonte de músicas, explicando que o acessam para baixar músicas em seu computador e passá-las para o celular, no qual as escutam com fones de ouvido. A portabilidade dessa mídia é fator de sua recorrência entre as respostas dos alunos. Quase não houve referência ao CD (*compact disc*).

Diante da questão seguinte, “Onde vocês mais partilham música, em que mídias e lugares?”, houve respostas extremamente ricas e que me surpreenderam por eu desconhecer muitos dos meios citados por eles:

GF SM2 (13-14 anos, meninas) – Facebook, WhatsApp, Twitter.
Snapchat. Cê manda fotos, ou então vídeo mesmo. Você tem dez segundos pra mandar um vídeo pra uma pessoa ou pra mais pessoas, por exemplo, com a música no fundo e a letra da música no vídeo’ (A.C., GF SM2, 14-15 anos – menina).

S., GF SM2 (14-15 anos, menina) – É um aplicativo onde você pode mandar foto ou vídeo pra um colega seu. Só que tipo assim, a foto não guarda no telefone, nem o vídeo. Vê naquele momento e acabou.

A.C., GF SM2 (14-15 anos, menina) – Quando cê põe na história, cê põe a foto ou o vídeo, aí os seus contatos que você adiciona no *Snap* podem ver durante 24 horas o tanto de vezes que quiserem.

S., GF SM2 (14-15 anos, menina) – Ah, tem, por exemplo, um aplicativo que se chama *Vine*, que as pessoas têm seis ou sete segundos pra fazer um vídeo. Aí, tem vídeos de comédia ou outras situações, mas tem muitos vídeos que têm pessoas cantando e compartilhando a música que gostam com os outros. Aí, você vai e vê o vídeo, os seis segundos e, se você gostar, cê pode procurar a música ou qualquer coisa assim.

J.P., GF PII2 (12-13 anos, menino) – Eu compartilho minhas músicas no WhatsApp. A amiga que ela falou, quando a gente não tem nada pra fazer e quando a gente fica conversando no WhatsApp e no Facebook, a gente fica trocando as músicas que a gente gosta. Como é um *fandom* muito grande do One Direction. É um grupo de fãs. Tem vários grupos no Facebook.

Pesquisadora – O que é *fandom*?

J.P. - Um grupo de fãs que seguem um certo artista.

G., GF PIII (12-13 anos, menina) – Tipo assim, tem o *fandom* do One Direction que são as Directiones. O da Miley Cyrus, que são os Smiles.

J.P. – O do Fifthy Harmony.

G. – Quando tem música deles elas é que postam, eles têm página oficial no Instagram, no Facebook, aí eles vão e postam partes de músicas, ou partes de clipes. Aí meio mais a internet, tem vários grupos em tudo que você imaginar tem eles. Eles compartilham.

Seren (2011) cita que "a grande oferta de músicas e a facilidade em acessá-las e carregá-las geram um fenômeno na organização da cultura jovem e reforçam o consumismo, gerando, por sua vez, transformações na recepção musical do jovem" (SEREN, 2011, p.91). Para esse autor, é importante buscar conhecer essa nova relação do jovem com a música a partir da análise do gosto e dos meios de escuta que utilizam.

Contador (2001) refere-se ao hábito de caminhar ouvindo música no *walkman*, muito na moda há algum tempo, como uma experiência privada em relação ao mundo à sua volta, "sem deixar de delimitar este último, através da presença do corpo e das suas movimentações" (CONTADOR, 2001, p. 31). Seren (2011) comenta que foi esse aparelho que criou a escuta descoletivizada, individual de música, o que mudou o hábito de ouvir definitivamente. Pode-se ver, nos depoimentos dos jovens, a presença de experiências como essa, no costume de ouvirem o fone de ouvido individualmente no pátio da escola, embora alguns o compartilhem com colegas. Impressionou-me muito esta forma de escuta dos jovens, transformando um hábito individual de escuta em um modo compartilhado, numa provável busca de convívio e troca entre pares, de integração no momento de convivência mais importante no espaço escolar, segundo esse autor: o intervalo.

Acima, há também a coletivização do hábito de ouvir música, quando a dividem com seus pares no WhatsApp e no Facebook. Quando me contam que acessam o *fandom* para trocar entre si músicas de seus ídolos, imagino um pequeno exército determinado a uma conquista da qual dependem suas vidas, tal é o entusiasmo com que narram o fato. Seren (2011) ainda afirma que o diálogo digital entre músico e público acaba com o poder da indústria fonográfica de intermediação, e “limita sua força na demarcação de quem pode ou não fazer sucesso” (SEREN, 2011, p. 94). Nos casos contados pelos sujeitos desta investigação, percebe-se que esse diálogo existe também entre membros do público que divide um determinado gosto e pertence a um mesmo fã-clube, e não somente entre artistas e seu público. Não há como negar que tal diálogo também atua sobre os níveis de sucesso de uma canção.

Foi perguntado a eles, também nos grupos focais, se alguma vez se deixaram influenciar por canções e cantores das mídias. Abaixo, encontram-se algumas respostas dos membros:

G., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Não, eu não me deixo influenciar não. Eu gosto, mas tenho meu jeito, então não vou me deixar influenciar, não. Mas, igual a minha irmã, a Luana, ela fica ‘ai, meu Deus, Miley Cyrus...’ outro dia ela vestiu igualzinha à mulher! Porque, tipo assim, tá havendo um evento na JovemPan, assim: você vai ganhar um ingresso dependendo do melhor jeito que você se vestir, e ela tá doidinha pra ir nesse *show*, não sei porque. Aí, nisso, ela vestiu, tirou foto, vai postar lá e vai tentar ganhar. [...] Quando eu era pequena eu gostava de Rebelde, da banda Rebelde. Aí eu comprei a roupa de Rebelde, comprei carteirinha, comprei um tanto de coisa.

A.C., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Tinha também pulseira, figurinha.

L., GF SM1, (15-16 anos, menina) – O que eu acho é que quando você é mais novo, você é muito influenciado por aquilo que você gosta, pelas pessoas que você gosta. Quando a gente está mais velha, não tem tanta vontade assim porque até a gente vê muita coisa errada que ídolos que a gente tem fazem.

G., GF SM1 (15-16 anos, menino) – Quando a gente é pequeno, não tem tanto senso crítico pra saber se eles estão fazendo algo errado ou simplesmente feio, né?

I., GF SM1 (15-16 anos, menina) - É muito vergonhoso falar isso, mas até uns três anos, quando eu comecei a gostar de *rock* mesmo, eu fiquei *tipo* obcecada pelo Kurt Cobain, eu fiquei obcecada por ele, eu sabia tudo da vida dele. Fiquei obcecada pelo Nirvana, sabia praticamente todas as músicas, eu comprava livro, comprava um monte de coisas. Só que aí, há uns três anos, fui cansando disso tudo, graças a Deus. Aí eu fui percebendo: gente, o cara super drogado, super sei lá, doído, e eu ficava obcecada por ele. Aí eu fui e percebi, tipo, ‘chega’, né? Eu fui expandindo meus horizontes no mundo do *rock’n’roll*.

A.L., GF SM2 (13-14 anos, menina) – O meu estilo é por causa de muitos artistas, sabe? Porque eu me inspiro muito. Tipo a Brody Dalle do grupo Distillers, porque o estilo dela é bem parecido com o meu. Ela usa umas roupas mais surradas, umas

roupas rasgadas, e ela faz umas doideiras com o cabelo dela e eu me inspiro também.

G.S., GF SM2 (13-14 anos, menino) – Acho que, como eu falei inicialmente, acho que até hoje nenhum artista me inspirou. Algumas frases de algumas músicas me falaram alguma coisa em alguma situação pra eu fazer. Aí eu me inspirei nessas frases.

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – É, porque como eu disse, a Demi, ela me inspira, mas não me inspira em uma situação individual, não me inspira em alguma coisa que aconteceu comigo e eu pensei ‘olha ela’. Mas eu me inspiro muito também nas letras, em frases de músicas com situações. É uma coisa mais distinta.

A., GF SM2 (13-14 anos, menina) – A Selena, ela faz muita caridade, essas coisas, então isso me inspirou também a entrar pra esse tipo de projetos e tal. Eu gosto. Pesquisadora – Onde você faz esse tipo de atividade?

A. – No centro espírita que eu frequento.

G., GF PIII (12-13 anos, menina) – A minha unha é grande. Quando eu vou fazer ela, eu me inspiro neles. Assim: o Louis, que é de uma banda, One Direction, ele gosta muito de blusa xadrez e suspensório. Aí, nessa unha... ah, e ele gosta de azul. Eu pintei de branco, fiz listrinha azul, fiz o suspensório preto. No dedão, eu coloquei O. D., que é a sigla, e nesses dois dedos eu coloquei L. T., Louis Thompson. E no dedinho eu coloquei um coração. Do Niall, eu coloquei a bandeira da Irlanda. Ele é da Irlanda.

R., GF PIII (12-13 anos, menino) – Eu não posso dizer assim que os artistas são uma inspiração pra minha vida, assim. São mais inspiração para o momento que eu tô vivendo. Tipo assim, quando eu invento que eu quero seguir algum artista, fazer o que eles fazem eu faço, tipo alguns artistas de *rock* que chega um tempo que eles resolvem ser rebeldes, se rebelar contra o mundo, aí eu vou e me rebelo contra o mundo também (risos). Mais especificamente com a minha família. Mas depois de um tempo eu vou e paro. Só faltou raspar o cabelo por causa da Miley Cyrus.

C., GF PIII (12-13 anos, menino) – Eu acho assim: pra inspirar num cantor depende. Igual a G. ela inspira nas coisas que eles têm, alguma coisa mais ou menos assim. Mas pra mim é assim, a letra, sentimentos, eu acho. Uma música mais triste ou que fala uma coisa mais triste acaba deixando a gente triste, inspira a gente a ficar triste. Pesquisadora – Isso quer dizer que as músicas te inspiram mais do que os artistas. É isso?

C. – Sim, as músicas são mais importantes do que as pessoas que as cantam.

A., GF PIII (12-13 anos, menina) – Quando eu comecei a gostar de *rock*, era lápis todo dia, pulseira com espinho. Minha irmã, ela idolatra, ela idolatra muito mesmo a Miley Cyrus. O que acontece? Tipo assim, ela não tem que fazer as coisas que a Miley Cyrus faz. A Miley Cyrus raspou a cabeça. Eu acho que isso ela não vai fazer. Ela não vai beijar a Kate Perry, que mais? Ela já até tentou imitar o clipe da Miley Cyrus, sabe? É uma bola de aço e ela fica em cima dessa bola balançando. Só que como ela não tem essa bola de aço, toda vez que ela tá na gangorra ela faz do mesmo jeitinho. Ela canta a música e fica balançando. As roupas também, ela gosta muito de Chanel, a Miley Cyrus. Minha irmã toda vez que pede alguma coisa de presente é da Chanel. Sobra pra quem? Pros meus pais, né? Tipo assim, teve um show dela aqui no Rio de Janeiro, ela foi e gravou a saga dela, digamos, pra esse *show*. A Miley Cyrus gosta de porquinho. Ela pegou o porquinho dela e deu pra Miley Cyrus. Ela tem um porquinho de pelúcia que vem com um cobertorzinho, a Miley Cyrus. Ela colocou perfume e o porquinho fica assim com a coberta. Ela pegou o porquinho e colocou no palco. A Miley Cyrus sorriu pra ela e ela chorou, chorou. Eu vejo ela e tenho medo de ficar assim igual a ela, porque é estranho. Ela é vidrada. Ela tem quatorze anos, vai fazer quinze em janeiro.

J.V., GF PII2 (12-13 anos, menino) – Eu já me inspirei nos Racionais. Porque eles têm uma filosofia de vida muito boa. Eles eram bandidos e saíram, e *rap* salvou a vida deles. Quando eu vou fazer alguma coisa que eu não consigo, eu me inspiro numa música deles. A letra fala que você tem que acreditar em você, que você tem que ser o melhor, e que tem que acreditar em você e que ninguém pode tirar o mérito que você tem. Aí, quando eu tô meio que pra baixo eu ouço essa música e lembro que eu posso ser o melhor e posso conseguir.

G., GF PII2 (12-13 anos, menino) – Eu me inspirei em duas músicas do Tales Roberto que me deram vontade de aprender a tocar violão. Pra aprender a tocar aquela música, que ela é muito marcante. Ela fala sobre Deus e isso é pra qualquer religião. Quase todo mundo conhece essa música, que é *Deus é minha vida*. Quase todos conhecem e o som dela é muito bom de ouvir. Eu quis aprender a tocar violão pra quando eu não tiver nada pra fazer, tocar. E também o Tiaguinho, que ele toca cavaquinho muito bem. Eu me inspiro em várias músicas dele que são de cavaquinho. Isso tá me dando inspiração pra aprender cavaquinho.

A.L., GF PII2 (12-13 anos, menina) – Uma vez, a Paula Fernandes. Eu me inspirei nela pra eu poder inventar, compor outras músicas baseadas naquela dela. Eu compus. Eu inventei essa música tem muito tempo, na minha antiga escola, tanto que eu tive que inventar uma pras minhas amigas pra elas poderem dançar, que elas iam fazer uma apresentação, e pediram pra eu fazer a música. Aí eu fiz e deu tudo certo. Foi bem divertido.

Os jovens G. e A.L. (GF PII2) se referem a seus ídolos como estímulo para se aprofundarem em seus conhecimentos musicais. Interessante observar como essa relação pode ser benéfica para o crescimento cultural de jovens.

Aqui, há revelações de estreitas relações entre jovens e seus ídolos no tocante a seus comportamentos inspirados por estes, bem como da existência de um senso crítico apurado quanto a essas relações. A jovem A. (GF PIII1), por exemplo, analisa o comportamento da irmã mais velha como admiradora da cantora Miley Cyrus. Jovens revelaram ter adotado e deixado comportamentos relativos a seus cantores preferidos, de acordo com o momento vivido, alguns deles demonstrando serem pessoas bem críticas quanto a isso. Também estão presentes hábitos de consumo de produtos culturais relativos ao consumo especificamente musical e à admiração por ídolos cantores.

O jovem G.S. (GF SM2) demonstra diferenciar bem a apreciação por artistas da apreciação pelas suas composições, no caso, pelas letras das canções que ele diz admirar e inspirá-lo, o que pode significar um amadurecimento e um distanciamento deste jovem em relação à capacidade de fruir obras da cultura.

Nos depoimentos acima, nota-se a influência de ídolos da música sobre os jovens, desde usos corporais de roupas e adereços até costumes relativos a comportamentos de cidadania. Isso

demonstra a força dessa relação dos estudantes com seus artistas preferidos, o que deve ser levado em consideração no âmbito educacional, e não minimizado pela escola.

Os principais gêneros musicais que foram citados nos grupos focais foram: *rock* nacional, *pop*, *rock*, *axé music*, *funk*, *punk* e *jazz*. À exceção do último, todos os outros já haviam ido citados nas entrevistas individuais. A maioria dos cantores e grupos musicais mencionados pelos jovens é de *rock* ou *pop*. Embora nem sempre eles me explicassem isso, eu sempre procurei ouvir pela internet, a partir dos nomes citados, os vídeos referentes a esses, principalmente para conhecer a que gêneros pertencem. Assim, fui chegando à conclusão de que a maioria pertence a esses dois gêneros de música popular. Ao assistir aos vídeos, pude perceber grandes semelhanças entre músicos do gênero *pop* de bandas diversas, o mesmo ocorrendo para cantores e instrumentistas das bandas de *rock*. Essas semelhanças dizem respeito a seus visuais, o que inclui roupas, adereços e cabelos, e estendem-se aos comportamentos nos palcos e até mesmo à estética das canções. Diante de tantas semelhanças, comecei a pensar no que atrairia os jovens para escolherem uma diversidade tão grande de grupos musicais, e concluí que poderiam ser, talvez, detalhes imperceptíveis a mim, (que não tenho esses gêneros como os mais consumidos), o que dificultaria uma percepção mais apurada de minha parte. Também considerei a possibilidade de serem as peculiaridades das personalidades de seus ídolos, que eu não conheço tão bem como eles.

Como se vê, esses dados recolhidos não refutam os outros recolhidos nas observações e, principalmente, nas entrevistas individuais. Ao contrário, alguns deles (como preferência por letra ou por música, gosto musical e opinião da família, influência das canções e dos cantores das mídias) os reiteram. Jovens que colaboraram nas entrevistas individuais e também integraram grupos focais, além de outros que participaram apenas dos grupos focais, confirmaram esses dados. Há também dados novos que ocorreram nos grupos focais, tais como música para dançar, música compartilhada virtualmente e música compartilhada presencialmente. Os gêneros musicais citados nos grupos focais reforçam a preferência por alguns como o sertanejo, o *rock* e o *pop*, já revelada durante as entrevistas individuais.

Notáveis também foram as percepções de alguns alunos sobre as músicas das mídias, com olhares críticos para alguns gêneros musicais, em torno de sua estética. Jovens das duas escolas, independentemente de terem ou não aulas de música, demonstraram capacidade de analisar e criticar canções e gêneros veiculados pelas mídias.

E SM2 (15 anos, menino) – Eu acho que só não escuto *funk* e sertaneja, porque eu acho que não são músicas que têm uma harmonia... Como eu sou músico, eu entendo o quesito, então, não têm uma harmonia adequada, não têm um pensamento musical é mais uma coisa à toa.

Alguns pareciam confundir-se na hora de se expressar sobre o que mais admiravam em seus cantores preferidos, e mencionavam elementos da estética das canções, como no exemplo a seguir.

E SM4 (15 anos, menina) – Eu gosto da Lana Del Rey e do Imagine Dragons, a letra deles é muito legal. Acho que são meus dois preferidos. São *indie* e *folk*. Imagine Dragons é um conjunto. (Pesquisadora: O que você gosta mais neles?) As letras e o ritmo. Alguns são calmos, outros bem agitados, essa diferença.

Outros pareciam não conseguir se expressar bem sobre aspectos estéticos, mas davam pistas de que queriam falar nisso, quando questionados sobre que estilos musicais mais gostam de ouvir, como abaixo:

E SM7 (16 anos, menina) – Eu ouço mais MPB porque eu gosto do ritmo e eu acho que as letras também...

E SM8 (17 anos, menina) – Depende. Tem música que eu escuto muito por causa da letra, mas tem aquelas que ‘pega’, sabe? E você acaba ficando com elas na cabeça, e não é por causa de letra, é por causa de ritmo.

E SM14 (15 anos, menino) – Eu gosto muito de uma banda que chama Fresno. É brasileira, brasileira. Do Lucas Silveira que é o cantor da Fresno. Eu gosto também de uma banda canadense, City and Colour. Eu gosto muito das músicas dele, das letras deles. Eu me identifico muito, tem bastante sentimento. Eu acho bem bonito o que eles fazem.

E PII8 (16 anos, menino) – O Nocivo de *rap*, e *funk* o MC Rodson. Ah, eu curto a letra da música mesmo, o jeito que eles fazem a música.

E PIII1 (12 anos, menino) – Eu gosto do *rock* clássico porque tipo... tem umas bandas bem boas que eu curto muito, temos Beatles, Led Zeppelin, Pink Floyd, um monte de músicas. Porque as músicas deles são muito chiques, chiques mesmo, eu gosto muito.

Nota-se que eles usam mais referências a ritmo e letra, ao fato de gostarem mais do ritmo ou da letra, ao jeito das bandas ou cantores, às sensações que têm ao ouvir as canções. A falta de conhecimento de um vocabulário musical específico torna suas falas bastante simplificadas em torno da estética musical, deixando apenas pistas de suas ideias a respeito do que escutam. É válido lembrar que o conhecimento do vocabulário técnico de música não influencia na compreensão do fenômeno cultural mais amplo que se está analisando nesta investigação.

Mesmo sem ele, os sujeitos deixam claras suas percepções sobre as músicas que ouvem e das quais gostam ou não.

Outro aspecto muito relevante e expressivo nas observações e, sobretudo, nas entrevistas, são as afirmações dos alunos sobre os motivos que os levam a gostar de seus cantores e grupos musicais prediletos. Há justificativas que vão desde a simpatia e a admiração por seus atributos físicos e aparência, até a admiração pela qualidade musical de suas produções, passando pela apreciação das posturas e dos comportamentos de seus ídolos e pelo engajamento social de suas letras e identificação dos sujeitos com os temas. Nota-se, ainda, que os meninos e meninas, muitas vezes, mencionam as características das músicas como sendo o motivo de admirá-los. Foi citada, também, a identificação com os conteúdos das letras das canções em relação às vidas e aos sentimentos, à realidade dos jovens entrevistados. Outras citações mostram que os jovens admiram a própria condição de sucesso e fama dos seus artistas preferidos. Abaixo, encontram-se citações referentes a isso:

E PIII (12 anos, menina) – Ah, eu gosto muito do Luan Santana, da Lady Gaga, da Ryana, da Demi Lovato. Às vezes do Justin Bieber porque ele tá fazendo algumas polêmicas da música. Ele tem uma polêmica na música e na vida pessoal dele. O Luan Santana porque ele é lindo, a Demi Lovato porque ela tem um visual diferente, e a Lady Gaga porque ela faz muitas polêmicas também.

E PII2 (12 anos, menino) – Os grupos musicais que eu mais gosto é o grupo do... Abcii, que é música eletrônica, e eu gosto muito também do 2Pac, que é de *rap*. O 2Pac eu gosto dele porque com o *rap* dele ele protegia a família dele, dava voz pra quem não tinha nas favelas americanas.

E PII3 (12 anos, menino) – Eu gosto do MC Pet, tá ligado? Porque as músicas deles são legais também. O ritmo dele, o visual. (Pesquisadora: Como é o visual dele?). Ah, ele gosta de andar com um colar, boné, blusa de frio, um tênis chamado Mizuno e uma calça. Ele anda mais assim.

E PII4 (12 anos, menino) – Racionais no *rap*, e no pagode, o MC Guimê.

Pesquisadora – O que você mais gosta neles?

E PII4 – Ah o estilo de vestir, os cordões que eles usam, as roupas.

E PII5 (16 anos, menino) – Ah, eu gosto de MPB, Charlie Brown, gosto de *rap*, Haxixe, Raimundos. O que me inspira é o jeito de viver deles, o que eles pretendem trazer nas músicas.

Pesquisadora – O que é isso que você chama de ‘o jeito de viver deles?’

E PII5 – Eles procuram na música retratar a vida dos jovens, na verdade, até mesmo adulto. Tipo assim: jovem tem muita briga com namorada, muita discussão com família, às vezes, conflitos, e eles mostram muito isso na música, sabe? Buscam uma forma de entender mais ou menos, de entrar dentro do assunto.

E PIII0 (12 anos, menina) – O One Direction, o Fifty Harmony e o Embliem 3. São bonitos. O Fifty Harmony é só de meninas.

A estudante parece admirar o grupo por questões ligadas ao gênero, é o que percebi em sua fala. Interessante observar que isso pode interferir no fenômeno do consumo de música, uma vez que ela demonstra preferência por esse grupo.

E PIII1 (12 anos, menino) – Eu gosto muito dos Beatles mesmo, porque, tipo, a formação inicial dele era boa, porque o Paul e o John tocavam muito, tocam ainda (menos o John, que ele morreu). Eles eram muito bons, mesmo, pena que acabou. Led Zeppelin, Pink Floyd também. O álbum que eu gosto muito deles é *That side of the moon*.

E PIII1 (12 anos, menino) – Pink Floyd, Red Hot e Chilly Papers. Ah, o ritmo da música, o jeito que eles cantam, a voz do canto.

E PIII3 (13 anos, menina) – Demi Lovato, Selena Gomez. A história de cada uma.

E PIII5 (12 anos, menino) – Eu gosto da Avril Lavigne e Evanescence. As letras das músicas têm muito a ver comigo. Por exemplo, igual a da Avril. Tem muita letra de música que tem muito a ver comigo. Por exemplo, um momento que cê tá vivendo. Você escuta essa música e parece que está na música tudo isso que você tá vivendo

E PIII6 (13 anos, menina) – One Direction. Admiro mais as letras, a personalidade deles, tudo.

E SM1 (17 anos, menino) – O grupo musical que mais gosto é Scorpions, de *rock*. O que mais admiro é a música, a letra e a melodia.

E SM2 (15 anos, menino) – O que eu mais gosto seria o Guns ‘n Roses, uma banda norte-americana, e o que eu mais admiro neles é o guitarrista Slash da banda.

E SM5 (15 anos, menino) – Não guardo muito nome, não. Eu sou muito eclético. Eu escuto muitas músicas diferentes.

Pesquisadora – Você escolhe mais pelo estilo do que pelo grupo?

E SM5 – Sim, mais pelo estilo.

Pesquisadora – E do que você mais gosta neles?

E SM5 – Os estilos deles, a roupa, o cabelo, eu gosto bastante. E do jeito deles cantarem também.

E SM6 (15 anos, menina) – Jorge e Mateus. Porque eu acho o Mateus lindo, e porque eu gosto muito das letras das músicas, eu acho muito interessante.

E SM7 (16 anos, menina) – Olha, eu gosto muito de Legião Urbana, eu gosto de Chico Buarque e Tom Jobim também escuto muito. Gosto da letra, as letras mesmo que me chamam atenção.

E SM8 (17 anos, menina) – Eu gosto dos Beatles, Legião Urbana e Paula Fernandes. Eu gosto de Beatles por causa das letras. Todos são por causa das letras, por exemplo: Paula Fernandes é mais calmo e eu gosto muito de música calma também.

E SM9 (16 anos, menina) – Meu grupo preferido são os Los Hermanos, meu cantor preferido, cantor solo é o Chico. Tipo assim, as letras e o estilo e ritmo mais tranquilo combina comigo, acho que tem mais a ver comigo. Los Hermanos é... eu não sei dizer ao certo o estilo porque eles têm músicas de ritmos diversos. Mas eles são mais pro *pop* nacional. Eles são brasileiros, cariocas.

E SM10 (15 anos, menina) – Eu gosto muito de Artic Monkeys, que é uma banda. E eu acho que eles são incríveis porque as letras são tipo filosóficas e... são muito boas. *Rock* alternativo. Me inspiram muito quando escuto, elas falam muito sobre a minha vida. Têm uma relação muito forte comigo.

E SM11 (14 anos, menino) – Cantores sertanejos eu gosto mais do Henrique e Juliano. Eu gosto mais dos ritmos das músicas deles, de MPB gosto de Nando Reis e de bandas de *rock*, eu gosto do Capital Inicial e Legião Urbana. O estilo musical, o ritmo e as letras. Tipo assim, o Capital Inicial e o Legião Urbana têm umas letras bem rebeldes, sabe, querendo mudar. A melodia... eu gosto muito.

E SM12 (15 anos, menino) – Eu tenho vários cantores preferidos. São tantos que eu nem sei dizer, né? Sei lá... Ross Lynch, *pop* também. Ai, assim, muitos, igual Michael Jackson também. É um dos meus artistas preferidos, inclusive, lá no topo, número um. Vida louca. Eu admiro neles o seguinte... é porque eles são os famosos, é o cara, é a bola da vez, né? São os *tops*.

E SM13 (15 anos, menina) – Jorge e Mateus. Eu gosto do ritmo das músicas. Eu acho que eles são pessoas muito legais, eles chamam a atenção.

Como se vê acima, os jovens citam, em sua maioria, grupos musicais que estão muito expostos nas mídias atuais, tais como Lady Gaga, Ryana, Demi Lovato, Justin Biber, One Direction, Celená Gomez, Avril Lavine, estrangeiros; Luan Santana, MC Pet, Racionais, MC Guimê, Jorge e Mateus, Paula Fernandes, nacionais. Outros artistas estrangeiros e nacionais menos evidentes nas mídias de hoje são citados em menor número: Beatles, Pink Floyd, Legião Urbana, Chico Buarque e Tom Jobim.

Aqui, é válido pensar se há diferenças fundamentais entre a escola pública, que oferece música em seu currículo (E 1) e a escola particular (E 2), que não a oferece, no sentido de causar efeitos sobre os modos de apropriação musical dos alunos. De modo geral, embora possa se verificar a ampliação de gostos musicais em jovens, a partir de intervenções escolares como o Museu Vivo/Buarque-se (ver O SM5), realizado pela escola particular, não se pode dizer que haja diferenças entre alunos que têm aulas de música e outros que não as têm, no que diz respeito a ouvirem e curtirem canções pelas mídias diversas, e à sua capacidade de comentar e definir sobre seus elementos musicais. O que percebi de mais relevante nesse evento foi o surgimento do artista Chico Buarque para muitos dos jovens que nem o conheciam, conforme me relataram, fato que deve ser atribuído à iniciativa da escola em promover um trabalho sobre a vida e a obra de Buarque.

5.2.4 Mediação de grupos sociais

Nessa modalidade de mediação, é difícil definir o que é grupo social, tendo em vista que isso pode se referir a muitos tipos de grupos: amigos, colegas de escola, grupos religiosos, grupos culturais. No entanto, optamos por destacar essas influências no que tange ao aspecto da

mediação: “E PII9 – É *pop* e sertanejo. Ah, eu acho legal. As músicas *pop* são em inglês, eu faço inglês, aí, eu gosto. Amigos, minhas amigas gostam”. Aqui, nota-se a existência de uma rede de significados: o gosto pela música *pop* gera o interesse pelo aprendizado do idioma inglês, o que foi citado também por outros estudantes, principalmente nas entrevistas individuais.

Percebi que os estudantes não se referiram muito à influência de amigos, nem especificaram a que grupo social pertencia um ou outro que citavam. Houve uma menina na escola pública que comentou, numa entrevista individual, sobre seu gosto por música *gospel*, deixando claro que frequenta uma igreja evangélica e que a escolha vem do fato de pertencer a esse grupo. O que ocorreu mais foi comentarem sobre como ouvem música ou fazem música acompanhados de seus pares, em contextos múltiplos, mas isso será descrito em detalhes no subtítulo sobre práticas musicais dos sujeitos.

5.2.5 Práticas musicais dos jovens

Dentro das práticas musicais dos estudantes, encontrei diversas atividades entre eles, tais como: compor música; tocar instrumentos; aprender música pela internet; participar tocando e cantando de projeto cultural escolar (sobre Chico Buarque, na escola particular); realizar apresentação musical em um encontro de pais e professores; ouvir música com fones de ouvido durante os recreios; compartilhar os fones entre si; compartilhar música presencialmente e virtualmente. Algumas dessas práticas são espontâneas, exceto a participação no projeto cultural, que é um evento obrigatório anual para os alunos da escola particular. No entanto, mesmo dentro desse contexto, percebi grande interesse e envolvimento dos estudantes nas atividades, quando demonstravam prazer em atuar com música.

Encontrei alunos que tocam e que compõem música, nas duas escolas.

O pessoal está ensaiando. Os meninos estão ensaiando uma música que não é do Chico, é do Renato Russo ‘Tempo perdido’. Há vários instrumentos, até um violino. Volto ao primeiro andar e vejo o grupo hippie ensaiando a canção *Yesterday*, muito conhecida, dos Beatles. Há flauta transversal, violão, e uma aluna canta [...] há diversos alunos com instrumentos e os meninos estão cantando *A banda*, um dos primeiros sucessos dele. [...] Agora eles estão cantando *Construção*, com violão, flauta, vozes feminina e masculina. Observo o mesmo problema anterior: os meninos são muito musicais, muito envolvidos e preparados para o evento, mas a parte da afinação vocal é bastante oscilante e insegura. Nas passagens entre as estrofes de *Construção*, os meninos fazem um improviso de bateria em ritmo completamente diferente, quebrando o caráter original da canção presente nas

estrofes. Finalizam com *A banda*. São duas meninas cantando, desta vez, mais afinadas, com violão e flauta (O SM5).

E. H. e C. H., do 9º ano têm quinze anos e têm experiência de aprendizado informal de violão pela internet. Relatam que, ao colocar em prática o que aprendem, não identificam os acordes como integrantes das músicas que querem tocar. A maioria dos alunos com quem falamos não sabe que existe música integrada no Colégio, que é uma das ‘escolinhas’ que são oferecidas à noite aqui. [...] B. A., do 9º ano e também com quinze anos tem experiência de tocar violão, guitarra, baixo, e conhece teoria musical, que aprendeu numa escola inglesa. Tem noções de intervalos, escalas (O SM6).

Já mencionei, anteriormente, uma banda de *rock* de alguns alunos que tocou no intervalo de uma reunião de pais e professores, no pátio. Essa foi uma iniciativa deles, apoiada pela escola. Eles pareciam levar a atividade a sério, e conversaram muito comigo a respeito de sua banda, suas atividades musicais e expectativas quanto ao futuro do seu grupo. Esses meninos me impressionaram muito, especialmente J. V., de 13 anos, que é o líder da banda, e demonstrava muita maturidade quanto ao trabalho e a tudo que envolvia o grupo. Sua fala era parecida com a de um profissional, no que dizia respeito a conhecimentos sobre *rock*, pensamento sobre mídia e divulgação musical, projetos para o futuro da sua banda.

Pergunto pelos instrumentos e me respondem que têm duas guitarras e um baixo. O J. V. é o vocalista, e a banda se chama Profilaxia, nome dado por ele mesmo. Pergunto porque eles escolheram essas músicas para apresentar hoje. [...] Hoje estão sem o baterista, sem o outro guitarrista, e o que J. V. toca melhor, segundo ele mesmo, é violino e baixo. O C. (14 anos) vai tocar baixo hoje. Contam ainda que vão gravar um videoclipe com uma música de autoria da banda e um CD, no ano que vem. Pergunto como foi a escolha do repertório, e respondem que têm umas quarenta músicas escritas, mas que o objetivo é começar tocando *covers*, e depois, músicas próprias que vão lançar no mercado musical. Questiono sobre que autores e cantores inspiram suas composições [...] (O PIII).

Esta foi uma dupla que também se apresentou no mesmo encontro na escola pública, já citada neste texto.

L. A., do 1º ano Médio, que vai se apresentar com o violão. Vai tocar *De janeiro a janeiro*, do *Nando Reis* e outra canção que acabou de ensaiar com a colega E., quase um improviso. Pergunto sobre a formação do grupo, e ele responde que na Escola há muitas pessoas que têm o dom de cantar e que eventos como esse geram oportunidade para se juntarem e fazer música na hora mesmo. A colega vai cantar. Pergunto a ela o que vão cantar e diz que é da *Legião Urbana*, além da canção já mencionada por L.A. Ela comenta sobre uma apresentação que fizeram no ano anterior, e que querem aproveitar o momento para mostrar aos pais esse talento que o pessoal da Escola tem (O PIII).

Outra prática comum entre os alunos, principalmente os da escola pública, é ouvir música no recreio, usando fones de ouvidos e o celular. Parece ser, antes de tudo, uma prática de

sociabilidade, que reúne duplas ou grupos maiores os quais compartilham seus fones enquanto conversam e lancham.

Olho do corredor do segundo andar e vejo um grupo de quatro meninas, no meio do pátio. Elas dançam enquanto uma delas escuta música num fone de ouvidos. Acho que é a hora de chegar mais perto para ver o que fazem e ouvem. Desço as escadas e me aproximo, [...] E tem os mais velhos, mais jovens, que ficam mais em grupinhos, conversando, e muitos deles ouvindo música. Aqui eu achei um trio: um rapaz e duas moças, ele tem fones nos ouvidos. [...] Ali, no meio do pátio, tem três meninas. Duas delas estão compartilhando os fones: cada uma com um fone em um ouvido, escutando ao mesmo tempo alguma coisa. [...] Tem um monte de meninos com fones de ouvido aqui, é impressionante (O PII2).

Hoje cheguei bem atrasada para o recreio do Ensino Médio. Aqui tem uns meninos com fones de ouvido acoplados ao celular, mas não são muitos, poucos, bem poucos se comparados com os grupos do Ensino Fundamental II, que observei no recreio da tarde. Aqui observo que os alunos ouvem música, retirados em cantos, pelos corredores, isoladamente, ou em grupos no pátio [...] Acabo de ver duas meninas que parecem ser do Médio, passando no pátio com fones de ouvido, também ligados ao celular, que elas dividem entre si (O PII3).

Este é o recreio do 7º ao 9º Fundamental e do Ensino Médio. Eu reparo que os meninos mais jovens, que devem ser do 7º ao 9º ano, menores, usam muito mais os fones de ouvido nos celulares e MP3, mas principalmente nos celulares, do que os meninos mais velhos, do ensino Médio. Eles andam pelo pátio, geralmente em grupos, na sua maioria, duplas ou trios. A gente quase não vê mais aquelas brincadeiras de recreio – correr, pegador - nem mesmo entre os pequenos. Muito raro ver um menino de 7º ou 8º ano correndo pelo pátio, brincando. Eles ficam conversando, enquanto caminham, muitos deles, carregando seus fones de ouvido. Talvez haja uma prevalência das meninas quanto a este hábito, mas preciso observar melhor para ver se existe mesmo essa diferença relacionada aos gêneros. [...] Fico observando a presença ostensiva dos fones individuais e que são, também, compartilhados, por duplas de alunas, sobretudo, e imagino: em outras épocas, qual teria sido ou quais teriam sido os objetos que teriam representado esse papel nos recreios escolares. Talvez a bola, a peteca, a boneca para crianças um pouco mais novas... Interessante pensar nisso (O PII4).

Na escola particular, vi poucos alunos com essa última prática, a dos fones de ouvido. Eram observados, com raridade, alunos que os portavam, e nunca os vi compartilhando fones com colegas. Perguntei a uma aluna se o uso de fones era proibido na escola, e ela disse que somente é proibido na sala de aula, sendo liberado no pátio. Portanto, esse não é o motivo para que os estudantes não pratiquem o compartilhamento de fones de ouvido com seus colegas.

Sobre preferência entre música e letra, alguns alunos preferem as letras das canções, outros preferem ritmo/melodia das canções, outros, ainda, gostam da letra e do ritmo/melodia. Aqui, é preciso definir ritmo e melodia, dois termos musicais básicos no vocabulário da área de música, e comumente utilizados de forma indistinta por pessoas não conhecedoras da

terminologia musical. Ritmo é um dos três elementos básicos da música, juntamente com a melodia e a harmonia. É o agrupamento de sons musicais, principalmente por meio da ênfase na duração. Na música ocidental, ele é, geralmente, medido por uma pulsação regular. Melodia é uma série de notas musicais dispostas em sucessão, num determinado padrão rítmico, para formar uma unidade identificável. Seu conceito varia bastante entre culturas (SADIE, 1994).

Caberia questionar se o fato de apreciarem mais ou menos ou prestarem mais ou menos atenção à letra de suas canções favoritas teria algum impacto na percepção completa da mensagem de uma música e, conseqüentemente, no comportamento de jovens estudantes. À pergunta “Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?”, algumas das respostas foram:

E SM2 (15 anos, menino) – Nos dois, né? Pelo fato de eu ser músico, a gente presta atenção nos dois, na harmonia tanto quanto na letra, e tento aproximar um pouco da realidade as músicas que eu escuto. Algumas músicas eu acho que fazem... Já viu quando você fala assim: essa música é pra mim? Seria esse o fato.

E SM6 (15 anos, menina) – Sertanejo eu me ligo mais às letras. *Funk*, não, porque *funk* não tem letra. Os outros, eu gosto do ritmo e da letra.

E SM7 (16 anos, menina) – As letras, elas nos dão ideias, nos ajudam mesmo a tomar decisões.

E SM9 (16 anos, menina) – Numa junção dos dois, só que eu procuro me ligar mais à letra.

E SM10 (15 anos, menina) – Eu me ligo muito na letra porque eu acho que a letra tem muita influência em mim. Se for uma letra banal, alguma coisa assim, eu acho que eu não vou ouvir.

E SM11 (14 anos, menino) – Depende do tipo. Se é uma música mais pra uma festa, eu prefiro uma música com ritmo melhor. Se for uma música, por exemplo, MPB, tem que se ligar mais na letra.

E PII2 (12 anos, menino) – No *rap*, eu gosto mais das letras, mas na eletrônica é do ritmo. Na eletrônica às vezes tem umas letras legais. Os *spels* que eu gosto de ouvir e as músicas eletrônicas são todas americanas

Pesquisadora – Você entende as letras?

E PII2 – Algumas sim.

E PII5 (16 anos, menino) – Eu presto muita atenção também na letra, o que a música tem a trazer. Mas também o ritmo influencia muito.

E PII6 (14 anos, menina) – Ligo sim, e o que mais bate com a gente são as letras, principalmente, canta muito o que a gente vive hoje em dia.

E PII7 (15 anos, menina) – Tanto um quanto o outro. Porque você não pode ouvir uma música se você não sabe a letra. Você começa a cantar ela em inglês e tal, fala

de coisas que não têm nada a ver, sabe? Então é sempre bom estar olhando as letras.
Pesquisadora – Você entende as letras?
E PII7 – Algumas sim, algumas não. As que eu não entendo ou procuro na internet

Notam-se diversos aspectos na análise do fato de apreciarem mais ou menos as letras das canções que ouvem. Alguns se referem à importância de se entender as letras, à afinidade das letras com suas realidades, e até admitem que as letras possuem influência sobre si e refutam letras com conteúdos banais, além de haver quem compreenda a diferença entre música para “festa” e música para fazer pensar. Tudo isso denota a capacidade dos estudantes de avaliar o que escutam e criticar de forma pertinente suas próprias escolhas musicais.

Nos grupos focais, foi perguntado aos jovens: “Qual é a experiência de vocês com música?” Verificaram-se respostas bastante diversificadas, e um número expressivo de jovens que tocam instrumentos e cantam.

S., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Eu já toquei bateria.

G., GF SM1 (15-16 anos, menino) – Eu toco violão.

A.L., GF SM2 (menina) – Eu tenho uma banda. Toco baixo e canto.

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Eu toco violão e guitarra desde os meus seis anos, guitarra desde os doze.

G.G., GF SM2 (13-14 anos, menino) – O meu pai toca bateria, eu toco guitarra e os meus tios, eles têm uma banda: Calhambeque

F., GF SM2 (13-14 anos, menino) – Eu canto lá na minha igreja aquelas músicas mais religiosas, né? De vez em quando eles me escolhem.

A., GF PIII, (12-13 anos, menina) – Eu já toquei teclado, só que eu parei, porque as músicas que a minha professora mandava, eu não gostava muito, aí eu perdi o interesse de treinar. A minha mãe tentava, tentava pra eu continuar fazendo teclado.

C., GF PIII (12-13 anos, menino) – Eu toco violão. Eu fiz aula cinco anos, meu pai me pôs na aula e eu toco violão até hoje.

G.H., GF PIII (12-13 anos, menino) – Eu já fiz coral na igreja, mas tive que sair porque o cara falou que eu ia irritar minhas cordas vocais porque eu não sabia cantar.

G.G., GF PIII (12-13 anos - menino) – Eu fiz três anos de aula de violão só que eu tive que parar porque estava crescendo muito calo na minha mão e eu não estava conseguindo tocar direito.

G., GF PIII2 (12-13 anos, menino) – Eu tenho uma pequena experiência com violão, mas ainda não me comprometo para tocar.

Ainda nos GF, foi feita a eles a seguinte pergunta: “Vocês curtem música mais quando estão sozinhos ou em grupo? Por quê?” Os colaboradores responderam:

A.C., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Eu gosto sempre antes de dormir de escutar música, e quando estou com as amigas também. Porque pra dormir acalma e quando estou com amigos, descontraí.

G., GF SM1 (15-16 anos - menino) – Eu ouço música o tempo todo, principalmente pra dormir. Sei lá, me ajuda a relaxar, ou quando não tenho nada pra fazer, aí eu deito, coloco meu fone...

G.A., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Ah, eu escuto música no final de semana, quando estou em casa, coloco no rádio. E quando eu tô no ônibus, sei lá, é interessante.

S., GF SM1 (15-16 anos, menina) – É, eu acho que é tipo assim, eu gosto de escutar música, só que depende o tipo da música para o momento. Então, quando eu vou dormir eu prefiro música mais pra relaxar, mais calma. Quando estou com os amigos, mais relaxada... depende do momento, assim.

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Depende, porque, por exemplo, quando você tá sozinho, aí aquele tipo de música onde você pode se identificar, ou uma situação em que você tá passando ou tá pensando. Quando você tá em grupo é mais pra animar. A música une as pessoas.

A.C., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Eu concordo.

F., GF SM2 (13-14 anos, menino) – Eu geralmente escuto música mais sozinho, só que, como elas falaram, música em grupo geralmente não é muito pra você curtir a música, e sim as pessoas com quem você está escutando.

A., GF SM2 (13-14 anos – menina) – Às vezes, também, as músicas que você vai escutar com seus amigos são mais pra se divertir com eles, não só pra você prestar atenção na letra, nas letras que você gosta quando vai escutar sozinho.

A.L., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Eu costumo ouvir música mais sozinha porque... pelo fato de você ter que conviver com pessoas, e as pessoas, geralmente, elas têm um gosto musical diferente do seu. Então elas não acostumam imediatamente com seu gosto musical, aí fica todo aquele pensamento: Ah, só ouve gritaria e essas coisas, aí eles não gostam. Aí eu costumo ouvir mais sozinha.

G.S., GF SM2 (13-14 anos, menino) – Eu concordo com ela, até porque quando cê tá sozinho consegue cantar alto, se libertar mais do que quando cê tá em grupo de... por exemplo, cê não vai cantar música alto dentro de um ônibus, que é até falta de respeito.

A.C., GF SM2 (13-14 anos , menina) – Muitas vezes quando tá em grupo, se o grupo que tá cantando não tem muito... não é muito íntimo, aí tem vergonha. Quando cê tá sozinho tem mais liberdade de cantar.

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Ah, não é mesmo. (Num desafio). Depende do grupo. (Algumas meninas riem, concordando). Tipo assim, quando eu tô andando com ela, com as minhas outras duas amigas, eu canto, eu grito, qualquer coisa, não tenho nenhuma vergonha, igual a elas. Igual quando eu tô tomando banho, eu grito, minha casa escuta.

A.C. – É, mas muitas vezes pode ser que você não seja íntima, por exemplo, se você for começar a cantar com ela...

R., GF PIII (12-13 anos - menino) – Bom, depende muito da música. Tem algumas músicas que eu prefiro curtir sozinho por causa... é uma coisa que tem mais a ver comigo quando eu tô querendo ficar relaxado ou quando eu tô triste, eu escuto um

tipo de música. Mas quando eu tô com meus amigos e quero curtir, eu escuto outro tipo de música.

G., GF PII2 (12-13 anos, menina) – Tipo assim, igual a A. falou, cada música expressa um sentimento em você. Aí, quando eu tô sozinha, eu prefiro escutar uma música mais assim, que me retrata. Aí, quando eu tô animada, uma música mais animada. Ou então, quando eu tô triste, eu vou lá e coloco uma música triste. Quando eu tô em grupo, eu gosto de escutar uma música que retrata todo mundo, entendeu? Que todo mundo gosta, que todo mundo escuta, que todo mundo curte.

G.H., GF PII2 (12-13 anos, menino) – Eu gosto mais de ouvir música...depende do grupo. Tem um grupo lá na rua, a gente sai, aí a gente coloca música, é mais legal. A gente coloca o som alto e é legal. Melhor do que ouvir sozinho.

G.G., GF PII2 (12-13 anos - menino) – Eu prefiro ouvir música sozinho porque, como diz a A., expressa mais o sentimento que você tá sentindo, mas quando você tá em grupo, igual ela também falou, eu prefiro uma música mais alegre, porque todo mundo vai ficar mais feliz. Se você colocar uma música mais triste, todo mundo vai ficar com o astral baixo.

J.P., GF PII2 (12-13 anos - menino) – Eu curto ouvir música mais sozinho, porque eu presto atenção mais na música, sinto mais a música do que com outras pessoas. Porque meus amigos têm um gosto musical um pouquinho diferente do meu, então, eu prefiro sozinho.

A.L., GF PII2 (12-13 anos, menina) – Bom, eu acho que em grupo, porque cada um fala do seu estilo, aí a gente vai cantando várias músicas de vários estilos. Eu acho bem legal.

Esta última menciona a diversidade e denota perceber o valor de tal experiência na ampliação cultural. Percebe-se, em geral, a prática dos jovens de ouvir música sozinho, em busca de relaxamento, descanso e até mesmo privacidade. O hábito de ouvir música em companhia de outros jovens está vinculado ao desejo de curtir a música e se divertir, podendo até haver o desinteresse pela própria letra da canção, nesses casos. Muitos deles citam ter os dois costumes, dependendo do contexto ou de seus sentimentos e propósitos momentâneos, mas a depender, também, do caráter musical do que se propõem ouvir. Para vários deles, a música mais agitada e alegre é para instantes de curtir coletivamente aquele som, ao contrário das canções calmas e tranquilas, que sugerem mais individualidade na hora de escutar. Achei interessantes duas das citações acima, em que se referem ao respeito pelo gosto do outro ao escolherem a prática solitária de ouvir suas músicas preferidas, para não incomodar ou desagradar outras pessoas próximas. Esse aspecto é, atualmente, bastante negligenciado na maior parte dos lugares em que há música ambiente, ou até mesmo em locais onde há alguém “curtindo” um som. De modo geral, as pessoas não se interessam pela opinião ou sensação provocada pela música que estão ouvindo em alguém que não está se propondo fazer isso naquele momento, e escuta apenas por uma questão de circunstância. Pode-se pensar que essa prática leve ao aumento da poluição sonora e do estresse, em ambientes sociais diversos.

Ainda nos GF, perguntei a eles: “Qual é a experiência de vocês com música?” E também: “Vocês curtem música mais quando estão sozinhos ou em grupo? Por quê?”. As respostas sobre música que transforma experiências foram bastante ricas:

S., GF SM1 (15-16 anos, menina) – E eu gosto de escutar música porque... Não sei, parece que fica tudo diferente.

G., GF SM1 (15-16 anos, menino) – A visão que você tem da situação, de acordo com a letra da música, o que ela te passa, muda bastante. Mesmo que a situação se repita, duas músicas diferentes podem te dar duas saídas distintas para aquela situação.

I., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Eu, geralmente, quando estou sem nada pra fazer, não escuto música, porque eu gosto muito de música, então, é uma atividade que eu tenho que estar com vontade de fazer, sabe? Não é só ‘não tenho nada pra fazer, então vou escutar música’. Eu gosto de escutar música. É tipo como se fosse uma atividade preferida.

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Depende, porque, por exemplo, quando você tá sozinho, aí aquele tipo de música onde você pode se identificar, ou uma situação em que você tá passando ou tá pensando. Quando você tá em grupo é mais pra animar. A música une as pessoas.

São muito interessantes os depoimentos sobre a música transformando experiências do cotidiano. Muito ricos, também, foram os relatos de que a música aponta caminhos diante de situações vividas pelos jovens, enfatizando a relevância dos conteúdos das letras.

Ao contar que escuta música quando está com vontade, e não quando não tem nada para fazer, a jovem I. revela o lugar único e especial da música em sua vida, e a importância que isso pode ter na constituição de sua subjetividade.

A., GF PIII (12-13 anos - menina) – Cada música, cada gênero musical que eu escuto, depende... o que eu mais gosto mesmo na música é a letra. Assim eu não ligo muito pro ritmo que tem atrás dela, não. Se ela for bonita, pra mim a música se torna maravilhosa. É impressionante como você está passando por algum momento na sua vida, e uma música fala tudo aquilo que você tá sentindo. Parece que o autor fez pensando em você [...] E assim, cada música, é impressionante, cada música te faz sentir... ela pode até mudar seu estado, eu mudo meu estado de uma maneira... Eu tô triste, ouço uma música e me sinto bem melhor, ela me relaxa.

Ainda dentro de suas experiências com música, disseram a respeito de música para dançar:

A.C., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Dançando também.

A., GF SM1 (15-16 anos, menino) – Se for calminha, a gente dança também. Se for calminha, pode dançar agarradinho.

A.C., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Eu danço. *Jazz e pop*, mais *pop* mesmo. Numa academia.

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Eu também dançava *jazz e pop* desde o quarto ano

A.C. – Eu danço desde o segundo ano.

J., GF SM2 (13-14 anos, menina) – A gente dançava *jazz* desde o segundo ano aqui no Colégio. Aí a A.C. continuou.

A.C., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Depende, tipo... quando eu tô com amigas mesmo e começo a escutar alguma música, a gente começa a dançar, a se divertir, a pular, gritar.

Nas entrevistas individuais, o aspecto aqui citado não havia sido comentado pelos sujeitos da pesquisa, ou seja, a relação do apreciar música com a atividade dançante. Essa relação intrínseca entre as duas linguagens artísticas revela-se nos depoimentos desses jovens.

Em momentos diversos, ao responder a várias perguntas, os meninos e meninas revelaram seu interesse por letra e/ou música nas canções que apreciam. Aqui, há elementos curiosos, tais como o interesse ou não pelas letras das canções e sua ligação com o caráter dos gêneros musicais apreciados. Alguns deles lhes interessam por possuírem letras mais consistentes, segundo depoimentos. Outros, por sua vez, são apenas para ouvir o “ritmo” e a “sonoridade”.

Pesquisadora – Vocês não falaram porque mais gostam dos grupos, só do Legião. E os outros grupos que vocês citaram?

I., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Eu gosto da melodia, o som da guitarra. As letras também são impressionantes.

A., GF SM1 (menino) – Eu gosto também das letras que não são frases soltas. Sempre tem alguma história por trás da letra, mesmo que fictícia.

I. – Por isso que Legião Urbana é legal, porque fazem sentido as letras, né? Por exemplo, Eduardo e Mônica. Menino: Faroeste Caboclo.

S., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Por exemplo, sertanejo eu gosto do ritmo, mas as letras são coisas supérfluas, que não fazem muito sentido às vezes. Por isso que depende da ocasião. Se estiver numa festa e tocar sertanejo eu gosto, mas se for pra eu escutar, se estiver sozinha em casa, eu prefiro MPB e outras coisas assim.

G.G., GF SM2 (13-14 anos, menino) – Tem muita gente que gosta mais da música pela sonoridade e não pela letra. Nem importa com o que a letra tá falando, nem sabe o que tá falando. Eu me ligo nos dois.

J., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Depende, porque se, por exemplo, você ouve a música e ela não te toca, a letra, depende disso também; se a música te toca e você quer saber o que ela fala, e tem músicas também que você não quer saber.

Na pergunta “Onde vocês mais partilham música, em que mídias e lugares?”, eles revelaram que compartilham música presencialmente e virtualmente:

A.C., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Eu uso meu celular. Eu baixo pelo aplicativo do celular. Aí eu escuto.

A., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Eu escuto música mais pelo meu Ipod, eu baixo através da internet, ouço na escola, na rua, carro. Todo lugar.

S., GF SM1, (15-16 anos, menina) – No rádio, principalmente JovemPan. E pelo celular também, em ambientes assim: festas...

I., GF SM1 (15-16 anos, menina) – [...] Porque tem um aplicativo que chama Shazan que identifica o cantor e a música que tá tocando. É muito bom. Pesquisadora: Você tem esse aplicativo no seu celular, usa muito? Às vezes. Por exemplo, no *Trem da música* da Net, eu gosto muito de escutar as décadas antigas que tem lá pra escolher, aí muitas vezes eu gosto muito da música e, pra eu não ficar anotando, eu mostro para o aplicativo e ele detecta igual. Depois eu baixo.

G., GF SM1 (15-16 anos, menino) – Geralmente a gente junta um grupo pra ficar tocando. Alguém faz algum pedido, a gente vai também.

G.F. SM1 (15-16 anos, menina) – WhatsApp você grava o áudio. Igual à gente. Escuto a música, vou gravar e vou te mandar.

G.F. SM1 (15-16 anos, menina) – É, é. A gente muitas vezes canta junto algumas músicas. Ela escuta a música e me manda.

S., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Outro dia eu tava numa festa e escutei uma música que a G.A. enfiou na minha cabeça e não tava saindo, aí eu gravei e mandei pra ela.

A.C., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Eu tenho uma amiga que acha que canta. Aí, todo dia ela fica mandando áudio cantando música pelo celular.

L., GF SM1 (15-16 anos, menina) – A gente chega entre nós e fala assim: ‘ah, escuta essa música, no boca-a-boca mesmo’.

G., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Principalmente quando é da minha escola, né? Porque aí você chega e ‘gente, escutei aquela música’ ou senão sempre sai do escolar com uma música na cabeça. Você começa a cantar, ela pega a música, aí vai cantando. E a gente adora cantar música velha também, né?

S., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Tinha um aplicativo também no Facebook, há muito tempo, que chamava Song pop. Aí, colocava a música e você desafiava uma pessoa, um amigo, para poder adivinhar qual era o nome da música e o nome do cantor. Era muito legal.

A.C., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Eu jogava com a S.

S. – Aí quem acertasse primeiro o nome da música ou o nome do cantor ganhava.

A.C. – Você tinha um determinado tempo pra acertar entre as alternativas.

A.C., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Em todo lugar. Não tem um lugar específico. Na escola mesmo, em casa, na rua, nas festas, em vários lugares.

F., GF SM2 (13-14 anos, menino) – Internet, site, por todo lugar, redes sociais a gente também compartilha, em qualquer parte da internet você pode falar pro outro sobre as bandas e músicas que você gosta.

J., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Eu acho que qualquer lugar que você esteja com seus amigos você acaba compartilhando as músicas.

J., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Muito na escola, porque é um período que cê sempre tá com seus amigos e também a cada dia. Cê tem que ficar cinco horas na escola, então cê acaba compartilhando.

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – No mundo de hoje, se eu estiver na minha casa e escutar uma música e lembrar de alguém, sei lá, eu ligo pra pessoa e posso

partilhar com ela. Ou, como a J. falou, a escola é um dos melhores lugares porque cê tem o convívio com as pessoas. Mas em qualquer lugar você acaba compartilhando, seja virtual, cê acaba falando com a pessoa.

A.C., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Às vezes até na aula, se eu lembro de alguma música, olho pra pessoa e começo a cantar meio baixinho assim, só mexendo com a boca. No recreio também a gente fica cantando, a gente põe a música no celular e diverte.

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Na aula de Educação Física (risos).

A.C. – É, na Educação Física também. Porque é assim, tem a aula dividida entre os meninos e as meninas. Enquanto os meninos jogam, a gente canta.

A.L., GF PII2 (12-13 anos, menina) – No recreio. Eu tenho uma amiga, ela fica me falando as músicas que ela gosta e eu fico falando as músicas que eu gosto. E a gente vai se comunicando e acaba que eu escuto as músicas dela e eu gosto, e ela vai escutando as músicas minhas no celular, que a gente baixa.

J.P., GF PII2 (12-13 anos, menino) – Eu compartilho minhas músicas no WhatsApp. A amiga que ela falou, quando a gente não tem nada pra fazer e quando a gente fica conversando no WhatsApp e no Facebook, a gente fica trocando as músicas que a gente gosta. Eu gosto de *rap*, mas também gosto um pouco de *pop*. A gente tem uma coisa em comum. E fica compartilhando música.

G., GF PII2 (12-13 anos, menino) – Eu compartilho música em todo lugar. Se eu conhecer a música e souber que a pessoa gosta do mesmo estilo, eu mostro pra pessoa pra ver se a pessoa gosta. E eu compartilho dentro do ônibus, dentro do carro, na aula particular. Eu falo com minha professora: escuta essa música, ela é boa. Ela acaba escutando também. A gente põe a música e fica escutando, eu acho muito bom porque isso dá uma proximidade entre todas as pessoas. Quando vai compartilhando música, você vai conhecendo outras pessoas que gostam da música, aí você cria mais afinidade com a pessoa.

Nessas respostas, encontramos muitas coincidências com o que foi dito nas entrevistas individuais, especialmente sobre o uso disseminado de mídias sociais e mídias digitais nas práticas de consumo musical. Nos GF, eles citaram mais a utilização de aplicativos de música do que o fizeram nas entrevistas, e também se referiram com mais ênfase aos compartilhamentos presenciais das canções de que gostam. Referiram-se muito às trocas que fazem na escola e em ambientes sociais diversos, como festas, sem o uso das mídias, mas apenas cantando e contando a outros jovens sobre suas preferências. Também citaram contatos que se transformam em amigos nas redes sociais, motivados pelos compartilhamentos de música e pela afinidade de gosto em torno de cantores famosos, denotando que a música também se presta ao papel de favorecer o convívio social. O jovem G. (GF PII2) reconhece o papel da troca de músicas como sendo fundamental na ampliação do seu círculo de amizades, e relaciona afinidade de gosto com afinidade pessoal e social. Nos GF, os estudantes comentaram muito mais livremente e com maior riqueza de detalhes sobre os temas colocados para eles, especialmente sobre este item a respeito de compartilhamento

de música. Acredito que os GF favoreceram a soltura e a espontaneidade dos meninos e meninas por se sentirem à vontade junto de seus pares.

5.3 Conclusão

Pode-se pensar, diante de um quadro expressivo de consumo musical por parte desses jovens das duas instituições, num aproveitamento pela escola dos hábitos de apreciação musical informal de alunos – para ampliação de repertório e cultura musical – procurando fazer disso um aprendizado informal de música. Isso aumentaria o interesse de jovens pela música, de forma geral: aprender música, conhecer músicas de outros gêneros menos familiares a eles, entrar em contato com músicas de outras origens e povos, e conseqüentemente ampliar sua cultura e sua capacidade de respeito por pessoas que possuam gostos diversos e práticas musicais diferentes das suas.

6. EXPERIÊNCIAS MUSICAIS DOS JOVENS E SUBJETIVIDADES

6.1 Experiência musical: marcas de subjetividade

Em função desses estudos elencados e de reflexões sobre o objeto da pesquisa, foram criadas algumas categorias de análise a partir dos dados. As categorias de análise encontradas nas coletas de observações, entrevistas e grupos focais estão abaixo expostas. Em cada uma das categorias, procuro descrever e comentar os depoimentos dos sujeitos que as revelaram, a partir de citações feitas por eles, sob os fundamentos dos Estudos Culturais e da Sociologia da Educação, sem criar polarização entre as duas escolas – pelo fato se tratarem de uma escola pública e outra particular. Aqui, também, procuro utilizar mais os conhecimentos vindos da minha formação em música para analisar as categorias, bem como enfatizar referências que indiquem elementos de ampliação cultural, uma vez que, além de compreender o fenômeno da ampliação cultural, o trabalho pode oferecer algumas propostas críticas para a formação de jovens.

Foram sete as categorias de análise, que se encontram a seguir: música como marca de vida pessoal e subjetividade; música como fator de criação e identidade; música como engajamento social; música e corporeidade juvenil; música como elemento de fruição estética; música e consumo; consumo musical, idade e gênero.

6.1.1 Música como marca de vida pessoal e subjetividade

Segundo Woodward (2004),

[...] o conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção de identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade. Ele nos permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos a identidades particulares (p. 55-56).

É isso que percebemos revelar-se nos depoimentos abaixo, nos quais jovens contam sobre sua relação com a música que fazem ou que sonham em fazer. Eles são músicos ou desejam fortemente poder ser identificados como tal, e o entusiasmo com que deram seus depoimentos flagrava esse desejo ou a intensidade de saber-se músico.

Das observações, recolhi os seguintes dados que indicam a presença da música como marca de vida pessoal e subjetividade dos jovens colaboradores da pesquisa:

G. fala, pela primeira vez, que querem “focar no som”, e que o visual é bom deixar de lado, que ele faz parte da música, mas o mais importante é tocar bem e não vestir-se bem, pois o importante é a música. J. V. diz que o povo olha neles a tranquilidade que têm, a experiência que têm, porque essa não é a sua primeira apresentação, estão formados como grupo desde o ano passado e já tocaram em público várias vezes. [...] Fico surpresa quando diz que ele e o C. estudam música há um bom tempo, ele no projeto do SESC, tocando violino na Orquestra Filarmônica Mirim e na Orquestra de Câmara do SESC, e C. já estudou na escola de música Allegro Moderato, onde fez violão clássico por um ano e meio e dois anos de guitarra. Diz que o que aprendeu com seu professor faz com que “pegue as coisas” com mais facilidade, como partituras musicais. [...] Agora, J. V. vai apresentar com sua banda as canções que citou, a convite do diretor. Fala umas palavras e apresenta seus colegas e os instrumentos que tocam ao estilo do que fazem os músicos de bandas, em geral. Muitos aplausos dos pais, professores e funcionários. Entre as duas músicas, J. V. cita o *site* da banda e convida as pessoas a visitá-lo (O PIII).

Ainda segundo Woodward (2004), “vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade” (p. 55). Para essa autora dos Estudos Culturais, os significados construídos pelos discursos devem nos recrutar como sujeitos para que sejam realmente eficazes. Os depoimentos desses jovens deixam claro que a experiência com música, sua linguagem e a cultura ou as culturas que ela expressa tem parte importante nas suas identidades, no que são ou no que pretendem vir a ser, e que essa trajetória passa pela música e por suas práticas. Isso significa que a música como prática cultural os recruta como sujeitos.

Nas entrevistas individuais, eles responderam às perguntas abaixo, revelando o papel da música como marca de vida pessoal e subjetividade:

Pesquisadora – Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?

E PII7 (menina, 15 anos) – Eu gosto de música *pop*, MPB e evangélica. Olha, eu gosto da banda Hill Song, gosto de Cathedral, muito legal também. É do primo do Renato Russo, dentre outros. Essas músicas me trazem paz, porque o dia-a-dia é muito agitado, então, às vezes, é muito bom ouvir.

E PIII5 (12 anos, menino) – Eu gosto da Avril Lavigne e Evanescence. As letras das músicas têm muito a ver comigo. Por exemplo, igual a da Avril. Tem muita letra de música que tem muito a ver comigo. Por exemplo, um momento que cê tá vivendo. Você escuta essa música e parece que está na música tudo isso que você tá vivendo

“Quando selecionamos os bens e nos apropriamos deles, definimos o que consideramos publicamente valioso, bem como os modos de nos integrarmos e nos distinguirmos na sociedade, de combinarmos o pragmático e o aprazível” (Canclini, 2008, p. 35). Pode-se notar, nas falas acima, que os jovens escolhem músicas, cantores e grupos musicais por encontrarem neles motivos de identificação consigo mesmos, dentre eles papéis em suas vidas, como os de trazer calma, descrever sentimentos e ideias seus, além do prazer de ouvir, simplesmente. Para reforçar isto, encontro em Seren (2011) a seguinte interpretação sobre o critério para escolha de repertório pelo jovem, atualmente:

A escolha do repertório não é feita pelo deleite, pela fruição e contemplação da arte, mas pelo estímulo dos efeitos adjacentes que a música é capaz de causar. Logo, a cultura midiática intenciona evocar pretextos extramusicais como os estados afetivos e os efeitos comportamentais (SEREN, 2011, p. 122).

Para a pergunta “Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?”, foram obtidas as seguintes respostas:

E PII5 (16 anos, menino) – O estilo de vida desses cantores que falei é basicamente o *skate*. Eu ando de *skate* há um ano, mais ou menos, e sempre levei esse estilo comigo, sempre carreguei. E basicamente eu fui influenciado a escutar isso, porque a gente vive naquele mundo dos skatistas, curte aquilo. Daqui a pouco a gente vai e acaba escutando, gostando.

E SM2 (15 anos, menino) – Já, eu acredito que já porque acho que o meu estilo de ser parece com o deles, o jeito que eu ajo, as minhas atitudes, e a minha parte da área que eu toco a música, também parece. Por exemplo, o jeito de eu me vestir, principalmente. Eu sou diferente, não sei, o jeito que eu ajo, eu acho, assim meio roqueiro, o pessoal fala... Não por gostar, mas por atitudes mesmo.

E PII8 (16 anos, menino) – O Nocivo de *rap*, e *funk* o MC Rodson. Ah, eu curto a letra da música mesmo, o jeito que eles fazem a música.

É riquíssima a variedade de respostas que os jovens deram a essa pergunta acima, demonstrando o quanto a relação com um ídolo pode modificar suas experiências não somente musicais, mas cotidianas de modo geral. Para Seren, as relações dos jovens com o mundo, “antes preestabelecidas e definidas pelos laços culturais tradicionais, agora se transformam numa relação sujeito-mundo, capazes de manter ou transformar radicalmente os comportamentos, pensamentos e sentimentos humanos” (SEREN, 2011, p. 75). Nesse conjunto, podem-se incluir aquelas que têm com seus cantores e músicos preferidos, e que abrangem não somente o repertório trazido por estes, mas também modos de vida, comportamentos, exemplos de cidadania por eles expressos, e outros elementos complexos.

Pesquisadora – Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
E PIII1 (12 anos, menino) – Ouço muita música porque meu pai é músico, ele toca ali no Palácio das Artes, ele toca... ele é percussionista. Ele toca nas aulas de balé do Palácio das Artes e numa companhia ali em cima, chamada Corpo. Eu ouço várias vezes muitas músicas em casa, o meu pai também. Aí, todo mundo da família escuta muita música.

Pesquisadora – Seu pai é que leva essas músicas?

E PIII1 – É, algumas vezes, umas sim, outras não. Tem algumas que eu escolho.

Pesquisadora – Que estilos de música você ouve mais? Por quê?

E PIII5 (12 anos, menina) – *Rock*, não sei, porque mais me identifico. Quando eu era pequena eu escutava muita música por causa da minha mãe e do meu pai, assim... *rock*. Aí eu fui crescendo, fui entendendo.

Acima, percebe-se a clara influência da família nas escolhas musicais dos jovens, encontrando no pensamento de Boudieu a fundamentação adequada para esse fenômeno. Aqui, o capital cultural que, segundo esse estudioso, explica as desigualdades de desempenho escolar em crianças oriundas de diferentes classes sociais, encontra-se em estado incorporado: aquele que se refere à herança familiar a qual atua no desenvolvimento escolar pelo fornecimento de modelos e referências culturais à criança e ao jovem (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009; SEREN, 2011).

Ao analisar os grupos focais, encontrei os seguintes depoimentos sobre música como marca de vida pessoal e subjetividade:

G., GF SM1 (15-16 anos, menino) – A visão que você tem da situação, de acordo com a letra da música, o que ela te passa, muda bastante. Mesmo que a situação se repita, duas músicas diferentes podem te dar duas saídas distintas para aquela situação.

O incrível depoimento acima, muito comum em músicos profissionais, ligados à música de maneira fundamentalmente diferente da que é vista aqui na fala desse jovem, mas que guarda com ela a semelhança da profundidade com que a música pode definir estados de espírito, de ânimo.

S., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Foi muito diferente, o caminho assim da montanha russa foi muito diferente. Se coloca uma música calma, você se sente mais calma, se coloca uma música mais assim *uau* você só vai sentindo assim, é muito bom.

O depoimento da jovem S. possui muita afinidade com a descrição a seguir, encontrada no livro *Consumidores e cidadãos*, de Canclini (2008).

Mal alcanço o Periférico, o trânsito parece ajustar-se ao concerto de Telemann, que me acompanha nas cordas; os Dodges e Chevrolets que mudam de pista para me ultrapassar são a irrupção dos metais; o Mercedes, que agora desliza à frente de todos, entra como um oboé, suave, quase imperceptível. Justo quando começa o segundo movimento, sempre adágio ou andante nos barrocos, o trânsito se faz mais lento, porque nos aproximamos do trecho onde se reúnem os que chegam do viaduto. É um movimento de muitas passagens, da terceira para a segunda, das cordas ao cravo, às cordas, enquanto os carros vão se detendo e o trânsito sonolento impede que cheguemos juntos ao *allegro* final (CANCLINI, 2008, p. 123).

O caminho da montanha russa de S. foi afetado pela música que ouvia durante a experiência, assim como no relato acima o trajeto do autor enfrentando um trânsito caótico também foi modificado e, pode-se dizer, moldado pelo concerto barroco que ouvia. O autor sente os timbres musicais acompanharem o movimento dos carros, o fluxo que acontece pelas ruas quando passa, como se houvesse um desenho programado para acontecer, como se fosse um balé que coincidissem com o momento fugaz de sua rotina de cidadão. A maneira como S. descreve seu passeio na montanha russa me impressionou muito, pois revelou grande sensibilidade da jovem ao narrar uma experiência que pareceria banal, talvez, se não houvesse sido acompanhada de música.

Pesquisadora – Qual é a experiência de vocês com música?

G.S., GF SM2 (13-14 anos, menino) – Eu acho que tem algumas frases em algumas músicas que ajudam a pessoa a decidir o caminho certo, ou se tá com alguma dificuldade. Algumas frases da música caem certinho na situação que você está passando.

Pesquisadora – Vocês curtem música mais quando estão sozinhos ou em grupo? Por quê?

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Depende, porque, por exemplo, quando você tá sozinho, aí aquele tipo de música onde você pode se identificar, ou uma situação em que você tá passando ou tá pensando.

Segundo Seren (2011), “a música, tal como outras práticas culturais, atende a uma demanda simbólica que reforça e vigora diferentes visões de mundo e de significações que dele emergem” (p. 60), como se pode ver nos dois depoimentos acima. Em ambos, os jovens mencionam suas experiências ímpares com a música, comentando sobre poder de definir caminhos ou simplesmente acompanhar situações de vida que estão passando.

Pesquisadora – O que vocês mais fazem quando estão num ambiente com outros jovens quando tem música?

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Quando eu tô com as minhas amigas eu sou mais aberta. Eu faço... eu canto, eu pulo, eu grito, a gente interage mesmo. Mas num grupo mais assim, por exemplo, quando tem pessoas que você não tem aquela afinidade, cê já fica mais tímido e fica conversando e curtindo a música.

Pesquisadora – Que grupos e cantores são os seus preferidos e o que vocês mais admiram neles?

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – [...] Ela tem vários temas de música, ela não se concentra em um só, então ela passa por várias situações que acontecem. Eu gosto muito de Simple Plan e Bon Jovi porque as duas falam de... ah, não sei, eu consigo relacionar com algumas situações, eu gosto muito das músicas pelas letras mesmo [...] É, porque como eu disse, a Demi, ela me inspira, mas não me inspira em uma situação individual, não me inspira em alguma coisa que aconteceu comigo e eu pensei 'olha ela'. Mas eu me inspiro muito também nas letras, em frases de músicas com situações. É uma coisa mais distinta

R., GF PIII (12-13 anos - menino) – E uma coisa muito interessante é que, conforme o tempo vai passando, a pessoa vai definindo mais os ritmos musicais que ela gosta. Tipo assim, por enquanto eu gosto de quase todos os ritmos. Mas quando eu estiver na época da faculdade... Na faculdade eles sabem bem o estilo de música que eles gostam. Eles passam a ter um estilo de vida deles mesmos. Aí eu acho que à medida que a gente vai crescendo, a gente vai aprimorando os nossos gostos musicais.

A afirmação feita por esse jovem é muito rica, pois demonstra captar a experiência de pessoas que estão numa outra fase da vida pela qual ele ainda não passou, e denota ser capaz de antecipar um momento que ainda não viveu, relacionando o gosto musical e a seletividade mais apurada à música com a idade e a vivência universitária, tudo isso ligado ao estilo de vida. Parece que ele expressa seu momento possível de indefinição, sabendo que algo vai ser burilado com o tempo. Aliás, as falas de alguns jovens, de muitos deles, me impressionaram bastante por sua maturidade, especialmente de meninos e meninas de 12 e 13 anos, bem novos ainda.

Pesquisadora – Onde vocês mais partilham música, em que mídias e lugares?

A.L., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Geralmente, eu vou com os integrantes da minha banda lá pro centro da cidade, Praça da Liberdade, Praça Sete, aí a gente faz umas rodinhas lá e fica tocando violão e cantando, essas coisas.

Aqui também se vê o estilo de vida já assumido por esta jovem, uma menina de cabelos azuis, *piercings* pelo corpo e alguma maquiagem no rosto. Ela indicava seriedade ao falar de sua escolha por essa atividade, que é muito mais do que isso, um comportamento que configura seu estilo de vida.

Pesquisadora – Alguma vez vocês já se inspiraram nesses cantores ou grupos de alguma forma?

J.V., GF PII2 (12-13 anos, menino) – Eu já me inspirei nos Racionais. Porque eles têm uma filosofia de vida muito boa. Eles eram bandidos e saíram, e *rap* salvou a vida deles. Quando eu vou fazer alguma coisa que eu não consigo, eu me inspiro numa música deles. A letra fala que você tem que acreditar em você, que você tem que ser o melhor, e que tem que acreditar em você e que ninguém pode tirar o mérito que você tem. Aí, quando eu tô meio que pra baixo eu ouço essa música e lembro que eu posso ser o melhor e posso conseguir.

R., GF PIII (12-13 anos, menino) – Eu não posso dizer assim que os artistas são uma inspiração pra minha vida, assim. São mais inspiração para o momento que eu tô vivendo. Tipo assim, quando eu invento que eu quero seguir algum artista, fazer o que eles fazem eu faço, tipo alguns artistas de *rock* que chega um tempo que eles resolvem ser rebeldes, se rebelar contra o mundo, aí eu vou e me rebelo contra o mundo também (risos). Mais especificamente com a minha família. Mas depois de um tempo eu vou e paro. Só faltou raspar o cabelo por causa da Miley Cyrus.

Pesquisadora – Onde vocês mais compartilham música, em que mídias e lugares?
R., GF PIII (12-13 anos, menino) – Do jeito que a G. falou, eu procuro estar dentro do grupo, mesmo que não seja oficial, mas eu sempre procuro estar nos grupos que publiquem qualquer coisa que fale sobre os artistas ou a banda que eu estou gostando no momento.

Para Seren (2011), a música de consumo – aquela desprovida de intenção de arte e que utiliza fórmulas de efeito como refrãos insistentes – apresenta ao ouvinte, junto com a própria música, “um intérprete na forma de ídolo, uma divindade performática” (p. 122). Segundo esse autor, o sucesso de uma composição musical depende da exploração de outras expressões diferentes da música, expressões estas carregadas pela figura do ídolo, e os principais motivos para se gostar dele (SEREN, 2011). É exatamente isso que se percebe quando se leem os depoimentos dos jovens nesta investigação, sobre seus pontos de vista e suas relações com seus ídolos. Ouvi declarações apaixonadas, especialmente de meninas, sobre seus cantores e cantoras, e grupos musicais preferidos. Suas falas eram carregadas de admiração, alegria, e até mesmo chegavam perto do delírio, às vezes, não escondendo o prazer enorme em discursar sobre seus eles. Digno de nota é o fato de alguns jovens terem contado que imitam seus músicos prediletos em comportamentos diversos, não somente em seu modo de vestir ou pentear-se, ou seja, em aspectos físicos e materiais de suas personalidades. Seren (2011) comenta que a cultura midiática tem a intenção de “evocar pretextos extramusicais como os estados afetivos e os efeitos comportamentais.” (p. 122). Esse papel das músicas das mídias descrito pelo autor era facilmente observável durante as entrevistas e grupos focais, quando a pergunta era sobre os músicos preferidos dos jovens sujeitos.

6.1.2 Música como fator de criação e identidade

Há vários depoimentos que envolvem música como fator de criação e identidade, nas observações colhidas nas duas escolas.

Na escola particular, conversei com um aluno:

Ele é *rapper*, e deu-nos um depoimento informal, dizendo que compôs dois *rap*'s que são releituras das canções *João e Maria* e *Apesar de você*, de Chico Buarque.

[...] P. nos falou que depois de começar a ouvir samba, sentiu uma grande influência em suas composições de *rap*, que antes disso, tinha um universo bem reduzido em gêneros musicais, e ouvindo o gênero samba, ele sente que houve um crescimento no seu trabalho de compositor de *rap* (O SM2).

Ainda na escola particular, uma aluna deu seu depoimento sobre um projeto cultural promovido pelo colégio:

Agora vou perguntar para a aluna I. R., do 2º Médio, do espaço ‘Desconstrução’, sobre suas impressões pessoais do projeto Museu Vivo Buarque-se. Qual a relação desse trabalho com a sua experiência musical, se há novidades ou algumas coisas que ela já conhecia. O que isso mudou e se mudou a sua relação com a música popular brasileira e com a cultura brasileira. Ela diz que ele (Chico Buarque) e a professora P. (História da Arte), idealizadora do projeto, tiveram uma influência muito grande em seu gosto musical e em sua maneira de ver a arte, já que através do projeto ela aprendeu que tudo pode ser arte, e a gente não deve julgar antes de conhecer (OSM5).

O jovem *rapper* revela claramente a influência que recebe em suas composições, a partir da audição de gêneros musicais e compositores que não ouvia habitualmente, o que denota ampliação cultural enriquecendo sua experiência. O mesmo fenômeno pode ser percebido no relato da aluna I.R., que passa também pela ampliação de suas vivências culturais ao contatar a obra de Chico Buarque, num evento promovido pela escola particular. Esse contato propiciou a ela a capacidade de ver obras de arte de maneira desprovida de preconceitos, segundo se pode perceber.

Nos Estudos Culturais, Hall (2004) utiliza

[...] o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar” (p. 111-112).

Esta definição de Hall explica com precisão os depoimentos acima, de jovens que fazem música. Seus discursos sobre o próprio fazer, as próprias práticas musicais, estão coerentes o bastante para indicar que compreendem o seu lugar como sujeitos sociais, e para fazer com que o interlocutor compreenda também os lugares que eles ocupam. Esses jovens produzem música, alguns deles criam música e, assim, suas subjetividades são produzidas.

Nas entrevistas individuais, recolhi as seguintes informações na categoria música como fator de criação e identidade:

Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?

“Eu gosto de One Direction, Celine Gomez e One Republic. O modo deles serem. Eles são ‘tipo assim’, muito inspiradores. Eles me inspiram com as letras das músicas” (ESM14, menino, 15 anos).

Pesquisadora – Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?

E SM7 (16 anos, menina) – Sim, já. Pra tomar decisões, eu acho. Ah, eu acho que desde o âmbito pessoal até o âmbito profissional aqui do colégio, sabe? Acho que instruem muito as músicas. As letras, elas nos dão ideias, nos ajudam mesmo a tomar decisões.

E SM14 (menino, 15 anos) – Bastante, porque me influencia muito, tá no meu dia completamente, eu escuto todo dia, e também me influencia na hora de escrever. Eu escrevo algumas músicas e alguns poemas. Aí eu tiro a inspiração deles.

Pesquisadora – Que estilos de música você ouve mais? Por quê?

E SM12 (menino, 15 anos) – Ah, eu ouço *pop*, *rock*, às vezes, porque eu sou atraído por esses estilos de música. É difícil de explicar. Porque eu ouço mesmo muitas músicas, aí acaba que eu começo a gostar, tanto que eu quero ser um compositor, músico quando eu crescer, profissional mesmo.

Ao analisar a coleta nos grupos focais, encontrei os seguintes depoimentos:

Pesquisadora – Alguma vez vocês já se inspiraram nesses cantores ou grupos de alguma forma?

G.S., GF SM2 (13-14 anos, menino) – Acho que, como eu falei inicialmente, acho que até hoje nenhum artista me inspirou. Algumas frases de algumas músicas me falaram alguma coisa em alguma situação pra eu fazer. Aí eu me inspirei nessas frases.

G.H., GF PII1 (12-13 anos - menino) – Eu já me inspirei muito em MCs de *funk*. O Delano. O meu sonho é ser MC. Aí eu me inspiro muito nas músicas dele pra fazer as minhas.

Pesquisadora – Você compõe? Já mostrou pra alguém?

G.H. – Já, mas nunca gravei, não.

A.L., GF PII2 (12-13 anos, menina) – Uma vez, a Paula Fernandes. Eu me inspirei nela pra eu poder inventar, compor outras músicas baseadas naquela dela. Eu compus. Eu inventei essa música tem muito tempo, na minha antiga escola, tanto que eu tive que inventar uma pras minhas amigas pra elas poderem dançar, que elas iam fazer uma apresentação, e pediram pra eu fazer a música. Aí eu fiz e deu tudo certo. Foi bem divertido.

Woodward (2000) discorre sobre a representação, compreendida como um processo cultural, e diz que ela “estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos

quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (p. 17).

A admiração por seus ídolos cria identificação dos jovens com eles em relação a aspectos diversos, tais como seus modos de se comportar, seu desejo de seguir a mesma carreira profissional, a inspiração intelectual em seus trabalhos musicais. Aqui, é relevante comentar a importância do princípio da imitação em processos de aprendizagem, não somente escolar e formal, como também informal, aprendizagens múltiplas de posturas, comportamentos, escolhas de caminhos pelos quais se constroem, especialmente nessa fase da vida, as subjetividades dos jovens estudantes.

6.1.3 Música como engajamento social

Durante as observações, um grupo de *rock* formado por alunos da escola pública conversou comigo sobre sua experiência musical:

O J. V é o vocalista, e a banda se chama Profilaxia, nome dado por ele mesmo. Pergunto por que eles escolheram essas músicas para apresentar hoje, e um deles me responde que é porque o Brasil está muito diferente, que antes o Brasil era de um jeito, e a política foi mudando, o país foi ficando corrupto. E também, segundo ele, porque a polícia não tem agido muito diante do que tem acontecido, assaltos, coisas ruins, e ela não tem agido como deveria (O PII1).

Alunos da escola particular relatam a respeito da obra de Chico Buarque, tema de um projeto cultural do colégio.

Segundo ela (aluna), o Chico quis mostrar que havia problemas para a população no país, por isso acham que essa música é muito importante para as pessoas pensarem que nem tudo que está perfeito é tão perfeito assim [...] Ele (Chico Buarque) não é da geração dos alunos, e sua música tem muita importância política, e disso ‘a gente precisa lembrar, e a juventude não sabe o que aconteceu’; segundo ela, as pessoas são alienadas, não só os jovens, pois a ditadura ainda é mistério para muitos. Pergunto sobre o gosto musical dos alunos em relação ao projeto, e ela fala que a professora P. escolheu o tema, mas todo mundo gostou, e ela acha que agora muita gente passou a ser fã do Chico. [...] Ele também fez uma releitura de *João e Maria e Cálice*. Nesta, ele faz uma letra falando de problemas sociais atuais, é muito interessante. Agora eles estão cantando *Construção*, com violão, flauta, vozes feminina e masculina (OSM5).

Nas entrevistas, recolhi os seguintes depoimentos sobre o aspecto do engajamento social propiciado pela música, junto aos jovens colaboradores da minha pesquisa:

Pesquisadora – Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?

E PII2 (12 anos, menino) – Os grupos musicais que eu mais gosto é o grupo do... Abcii, que é música eletrônica, e eu gosto muito também do 2Pac, que é de *rap*. O 2Pac eu gosto dele porque com o *rap* dele ele protegia a família dele, dava voz pra quem não tinha nas favelas americanas.

E PII5 (16 anos, menino) – Ah, eu gosto de MPB, Charlie Brown, gosto de *rap*, Haxixe, Raimundos. O que me inspira é o jeito de viver deles, o que eles pretendem trazer nas músicas.

Pesquisadora – Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?

E PII6 (14 anos, menina) – Ligo sim, e o que mais bate com a gente são as letras, principalmente, canta muito o que a gente vive hoje em dia.

Pesquisadora – *Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?*

E SM11 (14 anos, menino) – Não sei, depende, por exemplo, comportamento mais rebelde querendo mudança, um país melhor, eu acho que todo mundo tem esse pensamento aqui no Brasil e o *rock* do Capital Inicial e do Legião Urbana têm bastante músicas assim, tipo *Que país é esse*, *Veraneio Vascaíno* são músicas que pedem algum tipo de mudança. Eu gosto muito desse tipo de música.

Nos grupos focais, recolhi os seguintes comentários dos jovens:

Pesquisadora – Que grupos e cantores são os seus preferidos e o que vocês mais admiram neles?

S., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Tem uma característica muito particular. Você sabe que é Legião Urbana. É um estilo próprio deles. Eu gosto.

G., GF SM1 (15-16 anos, menino) – É o legal deles é que a letra deles, apesar de muito antigas, cabem perfeitamente no contexto atual, não só pelo cenário político, mas na sua vida privada também.

Reconhecer características musicais de um intérprete, compositor, músico, enfim, indica um refinamento da percepção musical, seja dentro de qualquer gênero musical popular ou erudito. Não costuma ser um exercício fácil, nem mesmo para um profissional da área, muitas vezes, devido à existência de semelhanças entre compositores de uma mesma época, como na música erudita, por exemplo, ou mesmo devido a características musicais parecidas entre si dentro de bandas de um estilo ou período, como o *rock*. No depoimento acima, o jovem dá sinais de conhecer bem o estilo musical de uma determinada banda, o que indica possuir essa habilidade e denota ampliação cultural em sua experiência.

A.L., GF SM2 (14 e 15 anos, menina) – Em questão de admirar artistas e essas coisas, eu admiro muito a Kathleen Hanna, justamente porque, como as outras bandas que eu gosto, ela faz críticas sociais também, e muitas vezes algumas mulheres são rebaixadas por serem mulheres, e ela faz uma crítica a isso. A vida dela também foi muito difícil porque ela foi muito oprimida por isso.

Pesquisadora – Qual é a experiência de vocês com música?

A.L. – A minha banda não tem nome ainda, mas a gente toca *punk*, *rock* e música revolucionária.

Pesquisadora – O que é música revolucionária?

A.L. – Engloba ideias assim de movimentos tipo... Críticas, sabe? Ao governo atual e essas coisas. A gente compõe e a gente também faz *cover* de outras bandas: Ramones, Sex Pistols, The Casualties.

Para Canclini (2008), a função mercantil dos bens é apenas uma das muitas funções que eles exercem. Uma delas seria “pensar nossa situação no mundo” (p. 71). Ele ressalta a importância que passa a ter uma música, alterando sua função quando é apropriada por um movimento político, por exemplo, e tornando-se “um recurso de identificação e mobilização coletivas” (CANCLINI, 2008, p.71). É indispensável reconhecer esse viés do consumo musical no contexto deste trabalho, porque num outro movimento, o da mundialização e homogeneização, as nuances das singularidades ou apropriações aparecem menos. Interessante é a maneira como os alunos da escola particular se deixaram envolver pela canção engajada de Chico Buarque à época da ditadura militar, muito distante da realidade desses jovens, revelando o poder da música também como fator de educação e instrução em contextos escolares. Percebi, em diversos depoimentos sobre o evento promovido pelo colégio (OSM5), que os alunos estavam bastante envolvidos e pareciam descobrir um mundo novo no mundo do compositor, em suas modinhas, sambas, marchas, e gêneros diversos tão magistralmente utilizados por ele para emitir suas mensagens – ora políticas, ora de amor, mas sempre temperadas com o talento que não passou despercebido aos jovens que o ouviam e pesquisavam. Esse episódio, sem dúvida, representou motivo de ampliação cultural para os meninos e meninas, que eu considero que terá ainda repercussão em suas vidas de estudantes e cidadãos.

6.1.4 Música e corporeidade juvenil

Para Contador (2001), o corpo “é o lugar de confluência/convergência da tensão entre ‘o que se é’ e ‘o que se quer ser’, delimitando a opção, a escolha contextual de narrativas” (p. 30) e tudo isso dá forma ao processo de identificação. Aqui vemos, mais uma vez, a relação entre o que se é e o que se quer ser, relação que não deixa de ser conflituosa dentro do universo juvenil com sua subjetividade em construção. Muitas vezes, ao observar ou falar com os jovens, eu percebia o quanto se mexiam, com atitudes corporais que denotavam dificuldades em controlar o fluxo agitado do corpo.

Sobre música e corporeidade juvenil, encontrei muitos dados ricos e expressivos, nas observações.

Os meninos usam calças jeans escuras, tênis e camisetas pretas com estampas de grupos de rock: Slayer (C.), ACDC (banda favorita do J. V.) e Venom (G., 14 anos). Eles também usam umas pulseiras características de roqueiros, pretas com apliques de metal prateado. Eles dizem que vão comprar mais adereços, para ficarem mais caracterizados, pois querem criar um visual que, segundo J. V. não será escandaloso, chamativo, mas uma coisa natural (O PII1).

Em sua pesquisa sobre gosto, música e juventude, Seren (2011) também descreve o vestuário de jovens alunos de uma escola, o qual se assemelhava ao visual de *rappers* americanos, não somente pelas roupas e adereços, mas também por seu gestual característico. A partir da observação desse visual, o autor deduz que as músicas que esses jovens escutavam nos seus tocadores digitais eram *rap*, *hip hop* e *funk*.

Olho do corredor do segundo andar e vejo um grupo de quatro meninas, no meio do pátio. Elas dançam enquanto uma delas escuta música num fone de ouvidos. [...] ‘Eu gosto de forró’, diz outra. Pergunto seu nome. M. H., do 1º Médio, e tem 15 anos. Pergunto a outra se gosta de dançar também, e diz que adora. E também pergunto, brincando, se quer dançar para vermos, e ela ri, dizendo não (O PII2).

“Os alunos se reúnem ao redor de uma quadra aberta, e um casal de alunos do Ensino Médio, vestido a caráter dança um bolero cantado por Chico Buarque, *Nosso Bolero*” (O SM2).

Sobre o corpo e a identidade, Contador afirma que “o sentido geográfico, físico, da identificação, exercita-se por via do corpo, e da sua presença, enquanto corpo-personificação das escolhas musicais, logo identitárias” (CONTADOR, 2001, p. 73). Podemos notar, nas descrições acima, que a dança, manifestação corporal e artística intrinsecamente vinculada à música, está muito presente nos contextos escolares que investiguei, e se relaciona com escolhas musicais feitas pelos próprios jovens, a não ser no caso da apresentação de dança, cujo estilo é opção da escola particular que oferece aulas fora do currículo escolar a seus alunos (O SM10). Chamou-me a atenção a invariabilidade de gêneros musicais e estilos na referida apresentação, diante da possibilidade de um curso de dança livre em uma escola utilizar-se de muitos outros, enriquecendo assim o repertório cultural dos alunos. Não se pode esquecer, no entanto, que, uma vez cientes da preferência musical e de estilo de dança ofertados pela instituição, os jovens acabam por fazer disso também uma opção sua. Ou, ao contrário, a escola se adapta ao que acha ser a opção preferencial do grupo: “Observamos que as meninas usam brincos pequenos e quase nenhum acessório/adereço no vestuário.

Perguntamos a um grupo e disseram que isso é uma orientação do Colégio, que usem adereços discretos com o uniforme” (O SM6).

Seren (2011), ainda tratando do visual de jovens estudantes, afirma que na escola privada não observou os mesmos adereços e roupas semelhantes aos de *rappers* nos alunos, devido a uma maior rigidez no uso do uniforme. Também eu observei, como descrevo acima, que as meninas da escola particular portavam adereços mais discretos juntamente com os uniformes, ao contrário das alunas da escola pública, que usavam brincos, colares, broches e enfeites de cabelo em maior abundância do que essas.

O mesmo autor comenta sobre o poder das mídias em ditarem normas de comportamento, que passam por aspectos materiais, tais como o vestuário, e por outros:

[...] os ditames estilísticos lançados pela MTV [emissora americana de estilo jovem internacional] vão muito além da pura apreciação musical. Os pareceres e sugestões de estilo e atitude habitam a moda, a linguagem, a imposição corporal e até o comportamento sexual do público telespectador (SEREN, 2011, p. 121).

Nas entrevistas encontrei os depoimentos seguintes:

Pesquisadora – Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?

E PII3 (12 anos, menino) – Eu gosto do MC Pet, tá ligado? Porque as músicas deles são legais também. O ritmo dele, o visual. (Pesquisadora: Como é o visual dele?). Ah, ele gosta de andar com um colar, boné, blusa de frio, um tênis chamado Mizuno e uma calça. Ele anda mais assim.

E PII4 (12 anos, menino) – Racionais no *rap*, e no pagode, o MC Guimê.

Pesquisadora – O que você mais gosta neles?

E PII4 – Ah o estilo de vestir, os cordões que eles usam, as roupas.

Curiosa é a maneira como os meninos e meninas se referem aos MCs, sempre mencionando seu visual, suas roupas e adereços. Isso indica o quanto esse componente é importante na figura do ídolo, que parece não poder ser ou estar desvinculado desses elementos, sob a pena de deixar de ser quem é. Assisti há algum tempo a uma entrevista com o MC Guimê, e pude comprovar a forma peculiar como se veste, seus adereços de ouro, tatuagens e corte de cabelo. Ele é um dos representantes do estilo *funk* ostentação, surgido em São Paulo, o qual se caracteriza pelo hábito de divulgar o consumo de produtos, especialmente os de grife, como um modo de se afirmar nos grupos sociais que frequentam ou que desejam frequentar. Ao

ouvir entrevistas com o referido funkeiro, pode-se perceber que o que encanta os jovens é o modo como eles se apresentam visualmente, e também se pode pressupor que a maneira como ascenderam socialmente por meio da música *funk* é um atrativo relevante aos jovens. Embora nenhum dos meus entrevistados tenha feito referência a tal fato, não podemos deixar de considerá-lo um fenômeno impressionante mesmo aos olhos de um adulto que já passou pela fase de idolatrar artistas e de imitá-los.

Pesquisador – Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?

E PII2 (12 anos, menino) – Eu sempre quis comprar a camisa deles. Meu pai ainda está procurando...do Red Hot.

E PII3 (13 anos, menina) – Sim. Não sei, eu acho mais bonito. Já desenhei no braço, já pintei o cabelo.

E PII6 (14 anos, menina) – Acho que sim, com certeza, principalmente de roupa, no estilo que bate muitas vezes com as coisas que você gosta.

E SM2 (15 anos, menino) – Já [...]. Por exemplo, o jeito de eu me vestir, principalmente.

E SM3 (15 anos, menino) – Já. Usei tênis que um cantor - Dinho Ouro Preto - usou. Do Capital Inicial.

E SM5 (15 anos, menino) – Já. Teve uma vez que eu raspei a cabeça porque tem um cantor que usa o cabelo raspado aqui do lado, aí eu fui e raspei também.

Parte do consumo afeta a corporeidade dos jovens. Nos comentários acima, veem-se algumas influências de músicos sobre a maneira como os jovens apresentam seus corpos, vestindo-os, adornando-os e até mesmo modificando-os por meio de cortes e tinturas de cabelo, tatuagens. Seren menciona, em seu trabalho, a produção do estilo *rapper* por alunos da escola pública onde pesquisou música e gosto musical entre jovens. Ele cita não somente as roupas e adereços, mas também diz que “os cortes de cabelo e o arcabouço gestual singular desses grupos também foram fáceis e recorrentemente identificados” (SEREN, 2011, p. 110).

Os grupos focais também revelaram elementos sobre música e corporeidade dos jovens:

Pesquisadora – Vocês curtem música mais quando estão sozinhos ou em grupo? Por quê?

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – A gente dança também. É, a gente canta e dança. [...] Vai puxando o outro. [...] Se ela for agitada, a gente dança.

A., GF SM1 (15-16 anos, menino) – Se for calminha, a gente dança também. Se for calminha, pode dançar agarradinho.

Pesquisadora –Alguna vez vocês já se inspiraram nesses cantores ou grupos de alguma forma?

A.L., GF SM2 (13-14 anos, menina) – O meu estilo é por causa de muitos artistas, sabe? Porque eu me inspiro muito. Tipo a Brody Dalle do grupo Distillers, porque o estilo dela é bem parecido com o meu. Ela usa umas roupas mais surradas, umas roupas rasgadas, e ela faz umas doideiras com o cabelo dela e eu me inspiro também.

G., GF PIII (12-13 anos, menina) – A minha unha é grande. Quando eu vou fazer ela, eu me inspiro neles. Assim: o Louis, que é de uma banda, One Direction, ele gosta muito de blusa xadrez e suspensório. Aí, nessa unha... ah, e ele gosta de azul. Eu pintei de branco, fiz listrinha azul, fiz o suspensório preto. No dedão, eu coloquei O. D., que é a sigla, e nesses dois dedos eu coloquei L. T., Louis Thompson. E no dedinho eu coloquei um coração. Do Niall, eu coloquei a bandeira da Irlanda. Ele é da Irlanda.

A., GF PIII (12-13 anos, menina) – Quando eu comecei a gostar de *rock*, era lápis todo dia, pulseira com espinho.

Assisti a alguns vídeos de artistas e grupos citados pelos alunos entrevistados e membros dos grupos focais, para verificar não somente as canções e os gêneros que representam, mas para ver suas roupas, adereços e gestuais no palco. Brody Dalle, citada pela menina A.L. (GF SM2), tem os cabelos desalinhados e os olhos cheios de maquiagem, usa calças compridas escuras e uma camiseta clara, cheia de furos e surrada. Tem a guitarra pendurada a tira-a-colo e canta *rock*. Durante a *performance* musical, ela vai sendo alvejada por objetos como flores, garrafas, uma espécie de farinha branca e fina, e tintas escuras caem se seu rosto. O visual de A.L. é também bastante despojado, sua calça tem rasgos, seu cabelo é azul e ela usa os olhos fortemente pintados, além de brincos e *piercings*.

Os detalhes com que G. (GF PIII) se preocupou para homenagear seus ídolos do One Direction por meio do seu corpo são impressionantes. Essas inscrições corporais parecem ser o máximo a que os jovens podem chegar para demonstrar sua admiração e, por que não dizer, amor por seus ídolos, pois o corpo parece ser um patrimônio bastante precioso para que se disponha dele por um motivo que não seja muito importante e significativo. Para Seren,

[...] a música de consumo apresenta ao ouvinte não só um conjugado sonoro, mas também um intérprete na forma de ídolo, uma divindade performática. Ademais, o cenário e o figurino auxiliam o jovem a definir o gênero musical a que ela pretende pertencer. Em suma, o sucesso de uma composição não depende de fatores necessariamente musicais, mas da exploração de outras expressões. Essas expressões adjacentes que carrega a figura do ídolo são os principais motivos para se gostar dele ou não” (SEREN, 2011, p. 122).

Pesquisadora – Qual é a experiência de vocês com música?

A.C., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Eu danço. *Jazz* e *pop*, mais *pop* mesmo. Numa academia.

Pesquisadora – O que vocês mais fazem quando estão num ambiente com outros jovens quando tem música?

A.C., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Depende, tipo... quando eu tô com amigas mesmo e começo a escutar alguma música, a gente começa a dançar, a se divertir, a pular, gritar.

G., GF PII1 (12-13 anos - menina) – Tipo assim, quando eu tô com minha irmã, sempre a gente escuta uma música e inventa uma coreografia, uma dancinha, fica escutando, fica dançando. Ou igual com uma amiga minha, a gente gosta do mesmo estilo musical, a gente também dança, escuta, dá um grito e abraça uma a outra. Faz a dancinha e a gente começa a rir, para e começa a rir de novo.

Mais uma vez, eles se referem à dança como elemento componente de sua forma de curtir música e o interessante é notar, em mais de um depoimento, que eles gostam de dançar quando estão junto de pessoas mais próximas e íntimas, parecendo ficar, assim, mais à vontade.

6.1.5 Música como elemento de fruição estética

Fruição se refere à utilização prazerosa de algo, ao gozo. Muitos sujeitos desta pesquisa referiram-se ao ato de fruir música, ao prazer ligado a este ato. No meio desses depoimentos, há diversos aspectos da fruição, tais como a fruição das letras das canções (linguagem), a fruição do estilo de um cantor, etc. Acredito que fruir música seria, nos dizeres dos jovens, “curtir” a música, não se importando que se selecione este ou aquele aspecto da obra musical. Assim declararam durante as minhas observações:

Ela afirma que não tinha muito conhecimento sobre Chico Buarque, apesar de gostar da música popular brasileira, e foi conhecendo e vendo que ele é um artista atemporal e que as letras dele são maravilhosas, os significados das suas músicas são mais lindos ainda (OSM5).

O professor explica que a próxima turma, que é de violão, escolheu suas músicas a partir de uma votação promovida por ele, para que escolhessem as músicas que gostariam de tocar e de cantar. Para isso, eles ouviam pequenos trechos, durante as aulas, de músicas gravadas por ele, para que escolhessem suas preferidas (O SM11).

O menino C. e seu colega (O PII1) formam um grupo de *rock* que vi tocar na escola pública. Por isso fiquei surpresa ao saber que eles tinham a experiência em música erudita e com instrumentos tradicionalmente usados para esse estilo musical. Lahire (2006) desenvolve o conceito de variações individuais na fruição cultural, afirmando que há práticas multifacetadas num mesmo indivíduo. Seren indica que é fundamental entender o princípio dessas variações “para uma análise coerente do gosto musical dos jovens e da interferência da

escola nesse processo, como espaço de socialização e reprodutora de uma cultura específica” (SEREN, 2011, p. 29). No depoimento da jovem estudante visto acima (OSM5), pode-se perceber a relevância da atuação da escola quando oferece um evento que divulga a vida e a obra de um grande compositor brasileiro de música popular, e como esse contato enriquece e amplia culturalmente a sua vida. A escolha de canções proposta pelo professor (O SM11) também indica o papel da escola no desenvolvimento do gosto musical em seus alunos.

A experiência abaixo mostra a presença da teoria de Lahire (2006) das variações intraindividuais de gosto:

Uma menina que ainda não havia falado diz que eles são ‘mais chegados’ em ouvir música de outros países. ‘Ela gosta de *pop* coreano, eu gosto mais de *rock* japonês, mas não só isso, eu gosto de mais coisas também.’ Digo que acho legal isso, mas que não conheço nenhum desses dois estilos, e elas me dizem para depois eu procurar ouvi-los. Uma nova menina diz gostar de clássico. Eu me viro e pergunto quais. Ela diz que gosta de Johann Sebastian Bach, Salieri, Mozart, Strauss, Rachmaninov, *pop* também rock, vai tudo. Eu me surpreendo sempre com jovens que dizem gostar de música clássica (OSM9).

Percebi que as referências estéticas dos jovens são, quase sempre, ligadas às letras de canções e ao ritmo, sendo quase inexistentes os comentários sobre as melodias. Esses são os aspectos musicais que predominam nas suas falas.

As entrevistas revelaram ainda mais o consumo musical pelo simples ato de fruir música:

Pesquisadora – Que estilos de música você ouve mais? Por quê?

E PII2 (menino, 12 anos) – Eu gosto de ouvir *rap* e música eletrônica. Porque *rap*, as letras das músicas... algumas são legais e música eletrônica a batida é muito interessante.

E SM2 (15 anos, menino) – Eu acho que só não escuto *funk* e sertaneja, porque eu acho que não são músicas que têm uma harmonia... Como eu sou músico, eu entendo o quesito, então, não têm uma harmonia adequada, não têm um pensamento musical é mais uma coisa à toa.

Pesquisadora – Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?

E PII5 (16 anos, menino) – Eu presto muita atenção também na letra, o que a música tem a trazer. Mas também o ritmo influencia muito.

Pesquisadora – Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?

E PII8 (16 anos, menino) – O Nocivo de *rap*, e *funk* o MC Rodson. Ah, eu curto a letra da música mesmo, o jeito que eles fazem a música.

E PIII1 (12 anos, menino) – Pink Floyd, Red Hot e Chilly Papers. Ah, o ritmo da música, o jeito que eles cantam, a voz do canto.

E SM1 (17 anos, menino) – O grupo musical que mais gosto é Scorpions, de *rock*. O que mais admiro é a música, a letra e a melodia.

E SM7 (16 anos, menina) – Olha, eu gosto muito de Legião Urbana, eu gosto de Chico Buarque e Tom Jobim também escuto muito. Gosto da letra, as letras mesmo que me chamam atenção.

E SM10 (15 anos, menina) – Eu gosto muito de Artic Monkeys, que é uma banda. E eu acho que eles são incríveis porque as letras são tipo filosóficas e... são muito boas. *Rock* alternativo.

E SM11 (14 anos, menino) – Cantores sertanejos eu gosto mais do Henrique e Juliano. Eu gosto mais dos ritmos das músicas deles, de MPB gosto de Nando Reis e de bandas de *rock*, eu gosto do Capital Inicial e Legião Urbana. O estilo musical, o ritmo e as letras.

E SM14 (15 anos, menino) – Eu gosto muito de uma banda que chama Fresno. É brasileira. Do Lucas Silveira que é o cantor da Fresno. Eu gosto também de uma banda canadense, City and Colour. Eu gosto muito das músicas dele, das letras deles. Eu me identifico muito, tem bastante sentimento. Eu acho bem bonito o que eles fazem.

Nos comentários acima nota-se, outra vez, a constante preferência dos meninos e meninas pelas letras das canções, seguida dos ritmos.

Pesquisadora – Que estilos de música você ouve mais? Por quê?

E PIII16 (13 anos, menina) – *Pop* e *rock*, porque eu me identifico mais com eles, com as músicas, com a letra, com o ritmo. Comecei a gostar escutando pela rádio.

Pesquisadora – Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?

E SM6 (15 anos, menina) – Sertanejo eu me ligo mais às letras. *Funk*, não, porque *funk* não tem letra. Os outros, eu gosto do ritmo e da letra.

E SM10 (15 anos, menina) – Eu acho que tudo importa, tem que ter uma ligação em tudo, letra, a batida, o ritmo.

De modo geral, os jovens se ligam muito mais à letra do que ao ritmo, e muito pouco à melodia das suas canções favoritas. Os grupos focais revelaram, também, diversos aspectos da fruição musical por parte dos jovens:

Pesquisadora – Qual é a experiência de vocês com música?

A., GF PIII (12-13 anos - menina) – Cada música, cada gênero musical que eu escuto, depende... o que eu mais gosto mesmo na música é a letra. Assim eu não ligo muito pro ritmo que tem atrás dela, não. Se ela for bonita, pra mim a música se torna maravilhosa.

Pesquisadora – Vocês curtem música mais quando estão sozinhos ou em grupo? Por quê?

I., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Eu gosto de escutar música. É tipo como se fosse uma atividade preferida.

G.A., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Ah, eu escuto música no final de semana, quando estou em casa, coloco no rádio. E quando eu tô no ônibus, sei lá, é interessante.

Pesquisadora – Que grupos e cantores são os seus preferidos e o que vocês mais admiram neles?

A.C., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Eu, por exemplo, gosto muito de Legião Urbana e eu acho que por influência. Eu tenho muita influência do gosto musical, principalmente nacional, dos meus pais. Eles sempre gostaram de ouvir Legião Urbana, Cazuza e tal. É o que eu também gosto.

G.G., GF SM2 (13-14 anos, menino) – Tem muita gente que gosta mais da música pela sonoridade e não pela letra. Nem importa com o que a letra tá falando, nem sabe o que tá falando. Eu me ligo nos dois.

I., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Eu gosto da melodia, o som da guitarra. As letras também são impressionantes.

No último depoimento acima, encontram-se referências raras à melodia e ao timbre instrumental, características que fazem parte uma peça musical e que quase nunca foram comentados pelos entrevistados. Apreciar esses dois aspectos pode denotar um nível de compreensão musical mais apurado e profundo, escapando à percepção mais comum que se dirige à fruição do ritmo e da letra das canções.

S., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Por exemplo, sertanejo eu gosto do ritmo, mas as letras são coisas supérfluas, que não fazem muito sentido às vezes. Por isso que depende da ocasião. Se estiver numa festa e tocar sertanejo eu gosto, mas se for pra eu escutar, se estiver sozinha em casa, eu prefiro MPB e outras coisas assim.

R., GF PIII (12-13 anos, menino) – Quando eu começo a escutar uma música, eu procuro escutar todas as músicas do artista. Tipo teve uma vez que eu tirei o dia só pra escutar música da Ariana Grande. Aí eu curtia as músicas dela e passei o dia inteiro escutando. Quando eu gosto de uma banda, eu procuro passar bastante tempo pesquisando coisas sobre essa banda. Aí depois eu paro. Depois outra banda, e é um ciclo até terminar.

É interessante a maneira como o jovem acima aprecia música. Ele procura esgotar os conhecimentos sobre determinado cantor ou grupo musical, para depois passar a outro, o que sugere uma curiosidade que pode estender-se à pesquisa nesta e em outras áreas. Os dois abaixo já revelam um critério diferente do anterior, pois parecem preferir a música ao intérprete.

A., GF PIII (12-13 anos, menina) – Eu não consigo gostar só de um cantor. Eu gosto de tanta música, tanta música, que eu não consigo ficar... [...] tem um tanto de outras músicas que vão me chamar a atenção. Meu ritmo musical, que ritmo eu gosto não sei te falar, porque cada vez muda. Vai mudando, vai mudando, vai mudando. Teve

um ano que eu gostava de *rock*, aí depois eu comecei a gostar de sertanejo, aí depois... *pop*. Voltou pra sertanejo de novo. Não consigo ficar vidrada nem num ritmo muito menos em um cantor ou uma banda específica.

C., GF PII1 (12-13 anos, menino) – Mas é igual a A. falou. A gente não tem um cantor ou um estilo musical. Por exemplo, eu e a A., a gente gosta muito de MPB ou de *rock*, a gente gosta de vários estilos musicais. Não só de um cantor, mas da música. O que interessa é a música. Pelo menos é o que eu acho.

P.L., GF PII1 (12-13 anos, menino) – Eu gosto de todos os estilos musicais, só não gosto de *funk*. Uma das minhas bandas favoritas de *rock* é o Teatro Mágico. Eu gosto dessas músicas assim, que têm umas letras melhores e umas letras mais bonitas. Por exemplo, eu gosto de música assim... Um dia eu tava assistindo a banda de Teatro Mágico e meu pai disse que a letra até parecia poesia.

Esse menino revelou que o gosto pela banda Teatro Mágico vem de casa, onde ele e a família costumam ouvi-la juntos (GF PII1). Seren, ao referir-se à teoria de Bourdieu, afirma que

as práticas culturais, quando tomadas de posição estética e produtos do *habitus*, são determinadas por estruturas coletivas. Nessa perspectiva, a família encontra-se numa posição privilegiada, categórica e até mesmo determinante na construção do *habitus* do indivíduo, pois é ela que transmite bens culturais (SEREN, 2011, p. 59).

G., GF PII2 (12-13 anos, menino) – Eu me inspirei em duas músicas do Tales Roberto que me deram vontade de aprender a tocar violão. Pra aprender a tocar aquela música, que ela é muito marcante. Ela fala sobre Deus e isso é pra qualquer religião. Quase todo mundo conhece essa música, que é *Deus é minha vida*. Quase todos conhecem e o som dela é muito bom de ouvir. Eu quis aprender a tocar violão pra quando eu não tiver nada pra fazer, tocar. E também o Tiaguinho, que ele toca cavaquinho muito bem. Eu me inspiro em várias músicas dele que são de cavaquinho. Isso tá me dando inspiração pra aprender cavaquinho.

Acima, pode-se ver a apreciação musical como motivo de ampliação cultural, pois o jovem revela que ouvir aqueles cantores e instrumentistas o faz sentir-se animado a aprender a tocar instrumentos musicais.

A seguir, jovens revelam sensibilidade na percepção de elementos musicais, tais como o estilo peculiar de uma banda e a interação entre artista e público. Nesse depoimento abaixo, por exemplo, chama a atenção o aspecto intergeracional e o distanciamento entre apreciação e existência contemporânea ou não do grupo ou banda. Em vários momentos, eles parecem recuperar as músicas como clássicos.

G.S., GF SM2 (13-14 anos, menino) – Eu gosto muito do Queen porque eles são um conjunto de música muito bom. Não é igual a uns que têm uma música, fazem sucesso e já era. Mas o Queen tem várias músicas boas e o Freddie Mercury sabe interagir com a plateia muito bem. Eu acho.

F., GF SM2 (13-14 anos, menino) – Eu gosto de duas bandas. Uma que é o Red Hot Chili Peppers. Que eles são uma banda que tem um estilo mais diferenciado do *rock*

normal, um estilo mais pesado do *rock*, mesmo assim com assuntos mais leves, entende? Que não falam de assuntos tão pesados como política, essas coisas. E também gosto da banda The Vacines. Elas surgiram há pouco tempo e não são muito conhecidas, e eles têm não só um estilo, mas um assunto que eles sempre falam, que é o amor. Então todas as músicas deles têm o mesmo assunto, o mesmo tema, falando de fases diferentes.

Pesquisadora – Onde vocês mais partilham música, em que mídias e lugares?
I., GF SM1 (15-16 anos, menina) – [...] Às vezes. Por exemplo, no *Trem da música* da Net, eu gosto muito de escutar as décadas antigas que tem lá pra escolher, aí muitas vezes eu gosto muito da música e, pra eu não ficar anotando, eu mostro para o aplicativo e ele detecta igual. Depois eu baixo.

Acima, também se encontra o aspecto intergeracional. A música ultrapassa o tempo na manifestação de gostos dos jovens. Para Seren (2011), o gosto musical está relacionado a determinantes culturais, sociais, econômicos e políticos, e a heterogeneidade de gostos, como se vê nos depoimentos que recolhi, caracteriza uma pluralidade de pertencimentos sociais e simbólicos. Segundo o autor, os indivíduos passam de uma comunidade simbólica a outra, transitando facilmente, de acordo com o que Lahire (2006) chama de “variações intraindividuais das condutas culturais” (SEREN, 2011, p. 132).

6.1.6 Música e consumo

Segundo Seren (2011), o consumo é uma forma fundamental de construção das identidades na contemporaneidade, e dos processos de significação na sociedade capitalista. A principal necessidade do consumo enquanto sistema de significação é a simbólica: “Todo consumo é uma produção de significado e um discurso de demarcações sociais” (SEREN, 2011, p. 58).

Nas observações, encontrei os seguintes dados sobre música e consumo: “No 2º andar há uma exposição de trabalhos do 2º ano Fundamental com o tema ‘Era uma Vez’. Há umas caixinhas com trabalhos dos meninos, e um painel de fotografias deles, vestidos de personagens de contos de fadas, de super-heróis do cinema” (O SM 7).

O tema escolhido foi cinema norte-americano. Cada turma de meninas, desde as menores do ensino fundamental até as do médio apresentavam uma coreografia inspirada em um filme da Disney. A abertura e algumas cenas dos filmes eram projetadas num telão no palco. As roupas faziam referência ao tema ou a personagens, e pareciam muito bem confeccionadas. Cada número começava com o tema musical principal de cada filme, como introdução, e depois começava uma música americana, cantada em inglês, rápida e bem forte, ao estilo de balé moderno, e a partir daí desenvolvia-se a coreografia típica desse tipo de dança (O SM10).

Lahire (2006) considera a escola como a instituição por excelência capaz de formar gostos culturais e impor seus julgamentos nessa área, mais do que outras instâncias como a mídia, por exemplo. Pelo que vi e descrevi dos eventos acima, pode-se perceber que a escola particular, nesse campo, optou por produtos culturais muito presentes nas mídias, tais como personagens e músicas do cinema americano, da Disney, vistos nas roupas, coreografias escolhidas para apresentar aos pais e comunidade escolar, ou seja, a escola não produz muita diferença se comparada a outras mediações. Essa opção de oferta cultural feita pela escola não representa ampliação cultural para seus alunos, uma vez que eles já recebem esse tipo de repertório por meio das mídias. Dessa forma, a instituição perde a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento do gosto cultural e musical dos seus alunos.

Nas entrevistas, recolhi comentários bastante ricos referentes à relação entre música e consumo: “Pesquisadora – Que estilos de música você ouviu mais? Por quê? E PII9 – É *pop* e sertanejo. Ah, eu acho legal. As músicas *pop* são em inglês, eu faço inglês, aí, eu gosto. Amigos, minhas amigas gostam.”

Segundo Canclini (2008), “as identidades se organizam cada vez mais em torno de símbolos nacionais e passam a formar-se a partir do que propõem, por exemplo, Hollywood, Televisa, MTV” (p. 13-14). A língua inglesa pode ser considerada como um desses símbolos que estão sendo cada vez mais mundializados e disseminados pelo planeta. Vários sujeitos desta pesquisa referiram-se ao inglês como idioma importante também no momento de fruírem canções, por ajudar a compreender as suas letras.

Pesquisadora – Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?

E PII4 (12 anos, menino) – Racionais no *rap*, e no pagode, o MC Guimê.

Pesquisadora – O que você mais gosta neles?

E PII4 – Ah o estilo de vestir, os cordões que eles usam, as roupas.

Acima, há mais uma referência ao representante do estilo *funk* ostentação, MC Guimê, já ocorrida em outra passagem do texto. A citação do jovem denota o quanto o visual do intérprete, característica do estilo, é marcante e parece superar a própria música ao chamar a atenção de seus fãs.

Pesquisadora – O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?

E PII13 (13 anos, menina) – Pelo celular ou pelo computador.

E SM2 (15 anos, menino) – Eu compro muito CD. Tem muito CD lá em casa, mas algumas vezes escuto pelo *youtube* mesmo, pela internet.

O consumo de aparelhos eletrônicos por jovens é bastante expressivo, e eles discorrem sobre o assunto com a maior fluência e conhecimento. Eles transitam por este tema como algo de que gostam muito e que parece ser indispensável ao seu cotidiano.

Pesquisadora – Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?

E PII6 (14 anos, menina) – Acho que sim, com certeza, principalmente de roupa, no estilo que bate muitas vezes com as coisas que você gosta.

E PIII6 (13 anos, menina) – Sempre. Em atividades de Artes, no quarto, a escolha de material, caderno, tudo. Que tem a marca deles.

Canclini (2008) afirma que não são as necessidades e os gostos individuais que determinam quem consome, o que e como consome, mas que tudo isso é determinado pelas estruturas de administração do capital. Para ele, as ofertas de bens e a forma de induzir ao consumo não são arbitrários. Isso significa que, no consumo de bens suscitado pelo consumo e apreciação de música pelos jovens estudantes, suas escolhas por objetos que lembram, de algum modo, seus ídolos não são fatos desconectados de um contexto que envolve todo um planejamento por parte de empresas que gerenciam a referida área da música veiculada nas mídias. Uma peça de roupa, um adereço, um artefato qualquer que carregue a marca do artista ou da banda é cheio de significado para quem usa, ao mesmo tempo em que são o

[...] lugar da diferenciação e distinção entre as classes e os grupos [...] A lógica que rege a apropriação dos bens como objetos de distinção não é a da satisfação de necessidades, mas sim a da escassez desses bens e da impossibilidade de que outros os possuam (CANCLINI, 2008, p. 62-63).

Encontrei, nos grupos focais, alguns dados sobre música e consumo:

Pesquisadora – Alguma vez vocês já se inspiraram nesses cantores ou grupos de alguma forma?

G., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Quando eu era pequena eu gostava de Rebelde, da banda Rebelde. Aí eu comprei a roupa de Rebelde, comprei carteirinha, comprei um tanto de coisa.

A.C., GF SM1 (15-16 anos, menina) – Tinha também pulseira, figurinha.

A., GF PIII (12-13 anos, menina) – Minha irmã toda vez que pede alguma coisa de presente é da Chanel. Sobra pra quem? Pros meus pais, né? Tipo assim, teve um show dela aqui no Rio de Janeiro, ela foi e gravou a saga dela, digamos, pra esse

show. A Miley Cyrus gosta de porquinho. Ela pegou p porquinho dela e deu pra Miley Cyrus. Ela tem um porquinho de pelúcia que vem com um cobertorzinho, a Miley Cyrus. Ela colocou perfume e o porquinho fica assim com a coberta.

O que há de mais relevante nesse último depoimento, além do que Canclini (2008) afirma num trecho anteriormente citado sobre consumo, é a relação curiosa da fã jovem com sua cantora preferida. Ela procura presenteá-la durante um *show* com um objeto que sabe agradar à artista. A menina que conta o caso sobre a irmã parece avaliar bem o que é o consumo de produtos de grife em relação à questão do valor financeiro, ao comentar sobre as despesas de seus pais para comprar produtos da Chanel de que a irmã gosta.

6.1.7 Consumo musical, idade e gênero (idade e gênero modificam as experiências musicais de jovens?)

Neste tópico procurei problematizar as relações entre consumo musical, idade e gênero, mas antes de descrever depoimentos de estudantes e analisá-los, é importante destacar que, de acordo com Seren, (2011), “todo consumo é uma produção de significados e um discurso de demarcações sociais” (p. 58), como já foi dito anteriormente.

Ao estudar a obra de Pierre Bourdieu, Seren define o gosto como um conjunto unitário de “preferências diferenciadoras que expressam a lógica do microespaço simbólico dos indivíduos” (SEREN, 2011, p. 58). Assim, faz-se necessário lembrar o conceito de diferença para poder-se falar de consumo musical e gosto musical. Para Silva (2004), identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas, mas ele considera, numa perspectiva mais radical, que a diferença é que vem primeiro. Ele afirma que a diferença é um processo que produz a ambas – a identidade e a diferença. Se, para Seren (2011), o gosto contém preferências que diferenciam o espaço simbólico de um indivíduo, pode-se entender que ele diferencia as pessoas, antes de tudo, e que depois disso é que se constituem as identidades.

Nas observações, encontrei depoimentos e vi comportamentos sobre consumo musical, idade e gênero:

Questiono sobre que autores e cantores inspiram suas composições, e J. V. responde que se inspira mais nos Titãs, porque a banda Profilaxia toca *punk* e metal, e o jeito que os Titãs escrevem músicas eles acham muito interessantes. Segundo J. V., esta banda e o Ultraje a rigor já vão ‘direto ao ponto’ quanto às letras, que ele considera muito inteligentes, e que acha legal para sua banda cantar umas letras mais ‘diretas’. Disse que o Led Zepelin, por exemplo, é uma banda que adora, mas cujas letras não caberiam na sua banda, por serem muito grandes e complexas. Ele até faz letras assim, mas prefere tocar e cantar coisas mais ‘diretas’. Pergunto como ficaram conhecendo essas bandas nacionais dos anos 1980, que não é da época deles. C. diz que seu pai escuta muito essas bandas, e tem muitas revistas sobre elas, e sua avó também as escuta muito os *rocks* mais antigos, por ser da década de 50 (O PII1).

Aqui, o jovem revela que gosta do *rock* que as gerações de sua avó e seu pai ouviam, revelando que o consumo de música pode não depender da idade de quem a ouve. O que aparece nessa fala é a clara influência do gosto musical de seus familiares sobre o seu gosto. Para Seren, “não podemos adotar a educação formal como o único meio de acesso à relação legítima com a cultura. A herança familiar apresenta-se de maneira decisória dentro do

processo de escolarização e da relação do indivíduo com a cultura” (SEREN, 2011, p. 21). O autor considera que os conhecimentos transmitidos formalmente pela escola não são a fonte exclusiva de cultura. Já Lahire (2006) acredita que a família não influencia tanto com o seu *habitus*, pois o mundo atual cada vez mais diferenciado faz com que cada indivíduo incorpore novas e heterogêneas disposições para a cultura e seu consumo.

“Ali no meio do pátio tem três meninas. Duas delas estão compartilhando os fones: cada uma com um fone em um ouvido, escutando ao mesmo tempo alguma coisa [...] Acabo de ver duas meninas que parecem ser do Médio, passando no pátio com fones de ouvido, também ligados ao celular, que elas dividem entre si (O PII2).

“Fico observando a presença ostensiva dos fones individuais e que são, também, compartilhados, por duplas de alunas, sobretudo, e imagino: em outras épocas, qual teria sido ou quais teriam sido os objetos que teriam representado esse papel nos recreios escolares [...] Talvez haja uma prevalência das meninas quanto a este hábito, mas preciso observar melhor para ver se existe mesmo essa diferença relacionada aos gêneros [...] É realmente incrível como a quantidade de meninas que ouvem o som, com seus fones, é maior que a do que a de meninos. A gente vê muitas delas com fones de ouvido ligados ao celular. Às vezes elas estão com eles pendurados no pescoço ou no ombro, conversando, mas muitas vezes ouvindo mesmo alguma coisa [...] Ali vejo, mais uma vez, uma cena que já vi em outros recreios: duas moças que parecem ser do Ensino Médio, já grandes, compartilhando o mesmo fone. Vejo outra dupla, esta de meninas mais novas, fazendo o mesmo, e elas conversam também, enquanto ouvem música. Mais uma dupla de meninas, que parecem ser do Fundamental (O PII4).

Estou achando interessante que no recreio do 9º Fundamental e do Médio não estou vendo os meninos com fones de ouvido, como vi ontem lá na escola pública. Não sei se é proibido, vou procurar saber, porque não vejo absolutamente ninguém usando esses aparelhos eletrônicos de som aqui. Havia uma infinidade de meninos do 7º ao 9º Fundamental com esses aparelhos, escutando música, na outra escola. Pergunto a um grupinho de meninas a respeito do uso de fones. Elas dizem que não é proibido nos intervalos, recreios, entradas e saídas de aula, só mesmo durante as aulas, em sala. [...] Hoje estou vendo alguns jovens com celulares ligados a fones de ouvido. Aqui na escola particular não é muito comum, tanto quanto na escola pública, onde há um número enorme de alunos que têm essa prática. Estou vendo, principalmente, meninas. Estou vendo meninos, também. Vejo um trio, de pé, são dois meninos e uma menina. Ela divide um fone com um deles (OSM6).

“Hoje cheguei bem atrasada para o recreio do Ensino Médio. Aqui tem uns meninos com fones de ouvido acoplados ao celular, mas não são muitos, poucos, bem poucos se comparados com os grupos do Ensino Fundamental II, que observei no recreio da tarde” (O PII3).

Este é o recreio do 7º ao 9º Fundamental e do Ensino Médio. Eu reparo que os meninos mais jovens, que devem ser do 7º ao 9º ano, menores, usam muito mais os fones de ouvido nos celulares e mp3, mas principalmente nos celulares, do que os meninos mais velhos, do ensino Médio (O PII4).

Observei, também, que os mais jovens praticam mais esse costume do que os alunos do Ensino Médio. O hábito de consumo musical acima descrito foi muitas vezes observado por mim no pátio da escola pública, na hora do intervalo, e era, primordialmente, protagonizado por meninas, muitas delas de braços dados ou dançando. Era quase invariável conversarem enquanto faziam isso. Como comentado anteriormente, elas transformavam, assim, um ato individualizado de apreciar suas canções preferidas em um compartilhamento com seus pares. Não sei se podemos afirmar que o recente acesso de classes mais baixas da sociedade a bens de consumo, como as mídias eletrônicas, poderia ser usado para justificar a efervescência de aparelhos sonoros e fones de ouvido nas mãos dos meninos da escola pública, geralmente frequentada por alunos pertencentes a tais classes. O fato é que, entre os jovens da escola particular, embora eu tenha averiguado que seu uso não era proibido, os fones de ouvido eram muito raros no pátio e nos corredores. É como se houvesse, da maneira explicada por Bourdieu (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009), um abandono desse costume por alunos que já o praticam em casa, junto à família, costume que os distinguia de classes mais baixas da sociedade, e que agora passam a pertencer a estas, sendo deixadas por jovens de classes mais privilegiadas. Ainda, segundo Bourdieu,

[...] na medida em que cresce a distância objetiva com relação à necessidade, o estilo de vida se torna, sempre, cada vez mais o produto de uma "estilização da vida", decisão sistemática que orienta e organiza as práticas mais diversas, escolha de um vinho e de um queijo ou decoração de uma casa de campo. Afirmação de um poder sobre a necessidade dominada, ele encerra sempre a reivindicação de uma superioridade legítima (BOURDIEU, 1983, p. 87).

Isso sugere que a aquisição do hábito de consumir música por meio da prática do uso de fones acoplados aos aparelhos sonoros reivindicasse um tipo de ascensão social, representasse uma estilização de vida, já livre das preocupações com as necessidades básicas da vida às quais se refere o sociólogo.

Nas entrevistas, recolhi os seguintes dados: “Pesquisadora – Que estilos de música você ouve mais? Por quê? E PII6 (14 anos, menina) – Sertanejo, porque eu acho que nessa idade é o que mais se compara com a gente, em certas situações.” A menina comenta sobre a afinidade entre letras de canções sertanejas e o mundo jovem, uma vez que a maioria delas trata de temas como o amor e relacionamentos amorosos, muito comuns a pessoas dessa faixa etária.

Pesquisadora – Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?

E PIII10 (12 anos, menina) – O One Direction, o Fifthy Harmony e o Embliem 3. São bonitos. O Fifthy Harmony é só de meninas.

E SM6 (15 anos, menina) – Jorge e Mateus. Porque eu acho o Mateus lindo, e porque eu gosto muito das letras das músicas, eu acho muito interessante.

Durante essa entrevista (E PII), notei o entusiasmo da menina ao citar o grupo, parecendo valorizar essas artistas pelo seu gênero feminino, antes de qualquer outra razão. Em seguida, outra jovem comenta sobre a beleza de seu ídolo como sendo um motivo para admirá-lo, ao lado das letras de suas canções. É bastante comum que jovens admirem cantores, músicos e artistas, em geral, pelo que consideram atraente em seus rostos e corpos, evidenciando isso acima de outros atributos que seriam mais relacionados ao desempenho artístico desses. Essa reação é mais presente em meninas do que em meninos. Não houve relato de meninos que elogiaram cantoras ou cantores por os considerarem belos fisicamente.

Pesquisadora – Alguma vez vocês já se inspiraram nesses cantores ou grupos de alguma forma?

L., GF SM1, 15-16 anos, menina – O que eu acho é que quando você é mais novo, você é muito influenciado por aquilo que você gosta, pelas pessoas que você gosta. Quando a gente está mais velha, não tem tanta vontade assim porque até a gente vê muita coisa errada que ídolos que a gente tem fazem.

G., GF SM1 (15-16 anos, menino) – Quando a gente é pequeno, não tem tanto senso crítico pra saber se eles estão fazendo algo errado ou simplesmente feio, né?

A menina acima demonstra reconhecer um amadurecimento próprio quanto à forma de apreciação de seus ídolos da música, o que parece estar relacionado com a idade: não curte mais um grupo musical, artefatos relativos a ele e atitudes de seus membros que antes curtia.

Pesquisadora – O que vocês mais fazem quando estão num ambiente com outros jovens quando tem música?

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Quando eu tô com as minhas amigas eu sou mais aberta. Eu faço... eu canto, eu pulo, eu grito, a gente interage mesmo. Mas num grupo mais assim, por exemplo, quando tem pessoas que você não tem aquela afinidade, cê já fica mais tímido e fica conversando e curtindo a música.

J., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Eu concordo que depende bem do ambiente que cê tá, porque dependendo das pessoas que estão com você, cê se abre mais. Dependendo de onde você tá, cê vai ficar mais tímido.

O depoimento visto e a simples observação de grupos jovens em ambientes diversos revelam que meninas da mesma idade se reúnem para ouvir música, cantar e dançar, enfim, curtir o que ouvem em manifestações desses tipos descritos acima.

Pesquisadora – Onde vocês mais partilham música, em que mídias e lugares?

S., GF SM2 (13-14 anos, menina) – Na aula de Educação Física (risos).

A.C. – É, na Educação Física também. Porque é assim, tem a aula dividida entre os meninos e as meninas. Enquanto os meninos jogam, a gente canta.

Aqui, poderíamos pensar, talvez, em comportamentos diferentes entre meninos e meninas, na mesma situação. No entanto, na hora desse depoimento, não me ocorreu perguntar se, enquanto as meninas jogam, os meninos cantam, assim como as meninas cantam enquanto eles jogam. Acredito, porém, que esse seja um comportamento típico de meninas, de acordo com o que vi nos pátios e corredores: meninas muito frequentemente dançando e brincando ao mesmo tempo em que ouvem o som nos seus fones não raramente compartilhados com amigas.

Encontrei, ainda, os seguintes dados:

Pesquisadora – Que grupos e cantores são os seus preferidos e o que vocês mais admiram neles?

G., GF PIII (12-13 anos, menina) – One Direction. Conhece? Porque eles colocam na letra o que a gente gosta e o que a gente sente, o que a gente quer ouvir [...] Tem umas músicas que expressam realmente o que a gente tá sentindo e tal e eles também são bonitos e tal, né? E jovens ‘igual’ à gente. Então, a gente meio que tá vivendo junto com eles.

A menina identifica-se bastante com seus ídolos pela idade, além de admirar as letras das canções, com as quais se afiniza também, e a beleza dos músicos.

G., GF PIII (12-13 anos, menina) – Eu sou fã do One Direction, mas eu também escuto outros ritmos. Tipo assim, minha irmã também. Ela tá na faculdade, aí todo mundo, cada um tem um estilo musical. Eles saem muito pra estudar, essas coisas, pra festejar mesmo, e cada um acaba colocando uma música diferente. Vão misturando os ritmos e ela me mostra as músicas. Eu não escuto só o One Direction, mas eu foco mais neles, mas eu escuto outros ritmos, eu gosto de sertanejo, forró, esses negócios.

Ela atribui a ampliação de repertório musical a uma faixa etária mais alta, a pessoas que já atingiram a experiência da faculdade que ela ainda não possui, e também demonstra procurar imitar o gosto pela variedade de estilos e canções curtidas por esses jovens mais velhos.

R., GF PIII (12-13 anos, menino) – E uma coisa muito interessante é que, conforme o tempo vai passando, a pessoa vai definindo mais os ritmos musicais que ela gosta. Tipo assim, por enquanto eu gosto de quase todos os ritmos. Mas quando eu estiver na época da faculdade... Na faculdade eles sabem bem o estilo de música que eles gostam. Eles passam a ter um estilo de vida deles mesmos. Aí eu acho que à medida que a gente vai crescendo, a gente vai aprimorando os nossos gostos musicais.

O menino acima também relaciona a idade e o fato de frequentar uma faculdade ao hábito de conhecer e consumir maior variedade de ritmos e estilos musicais, e também associa isso ao surgimento de um novo estilo de vida. Além disso, considera o aprimoramento do gosto musical como um fato relativo à idade, e demonstra o desejo de chegar a essa fase da vida.

Pode-se concluir que acessar as mídias atuais é indiferente à idade ou ao gênero dos jovens. Ser afetado pelo contato direto ou indireto com seus ídolos também não depende da idade dos meninos e meninas que colaboraram nesta pesquisa, apesar das declarações que revelaram diferenças nesse contato e na apreciação de suas personalidades, tais como o crescimento de uma capacidade crítica, com o passar dos anos, às formas de viver e comportamento de seus artistas preferidos. Entretanto, há quem tenha afirmado que não se influencia por eles, mas foram casos mais raros.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o conceito de mídias seja tônica neste trabalho, é necessário lembrar que existem outros mediadores na relação entre jovens e as músicas que consomem (família, escola, grupo social), mediadores estes que ficaram evidentes em muitas de suas declarações, e que foram tratados em parte anterior desta tese. Os resultados da pesquisa levam a uma série de reflexões sobre a relação dos jovens com as músicas e sobre como a educação, em sentido escolar e não escolar, deve refletir sobre a forma como se constituem as culturas juvenis, no que tange ao consumo musical e estilos de vida veiculados pelas mídias.

Para discutir sobre jovens e músicas, escolhi o pensamento de Dayrell (2012 b), sociólogo da juventude cujo trabalho enfoca bastante o tema da música e sua presença na vida do jovem gerando protagonismo em contextos diversos. Segundo ele, a juventude deve ser compreendida a partir de suas duas componentes – biológica e social – e deve-se falar em juventudes, no plural, pois os jovens vivenciam de formas diversas essa fase da vida. A adolescência, por sua vez, é tratada como uma fase da juventude, segundo a Sociologia da Juventude. Segundo o estudioso, a centralidade da sociabilidade, o envolvimento e participação em atividades artístico-culturais, além da reversibilidade das escolhas, podem ser apontados como elementos constitutivos do ser jovem na atualidade.

Para Dayrell, a juventude tem que ser pensada, não como uma categoria homogênea, mas marcada pela diversidade. Segundo ele, algumas pesquisas apontam certos traços que expressariam a condição juvenil e a dimensão da sociabilidade seria um desses traços. É o grupo com o qual se trocam ideias e se constrói uma identidade, em atividades várias de lazer e ocupação do tempo livre do jovem. Dayrell aponta que a escola é, ou deveria ser, o espaço privilegiado para essa sociabilidade. A dimensão da cultura também é citada por ele como algo presente na juventude de uns anos para cá e ele se refere ao jovem como consumidor, mas também como produtor de cultura (dança, música, grafite e outras) por meio das tecnologias com as quais lidam facilmente. Dayrell fala da corporeidade juvenil como tradução da construção de espaços da identidade própria. Ele afirma que o corpo se torna ícone, expressão de uma determinada identidade, e que os diversos estilos constroem um determinado posicionamento diante do mundo e indicam uma tendência da centralidade do

simbólico na sociedade contemporânea. Assim, destaca-se, para esse pesquisador, a centralidade da imagem no mundo atual.

Considero os estudos de Dayrell relevantes para concluir meu trabalho devido à grande importância que dá à música na vida de jovens, como meio de expressão e construção de suas identidades, e por reconhecer nessa linguagem um veículo capaz de estimular o protagonismo juvenil dentro das comunidades em que vivem e da sociedade como um todo. Além disso, ele se preocupa em formar jovens para enfrentarem o mundo incerto em que estão inseridos. Eu me identifico com seu pensamento, também nesse aspecto, pois acredito que o envolvimento desses indivíduos com a música que acessam, consomem e produzem, por intermédio das mídias, pode e deve ser considerado fundamental para a formação de cidadãos conscientes e ativos. É aí que creio estar a grande relevância de estudar e valorizar as relações de jovens com o mundo midiático, especialmente no campo musical, por ver também, após este estudo que realizei, que a música é uma linguagem que entra com toda a força no mundo desses jovens. Ela atrai, desperta atenções, cria mitos, causa sensações, provoca sentimentos, modifica estados de ânimo, polemiza e pode transformar elementos diversos nos comportamentos – crenças, desejos, posturas, atitudes. Isso não pode ser negligenciado pela escola. Atualmente, as relações dos estudantes com as canções que ouvem pelas mídias diversas não são apenas um momento de entretenimento como ir a um parque de diversões, desvinculado do mundo escolar, como se fosse uma atividade que nada tivesse a ver com o que se passa dentro dos muros da instituição de ensino – mesmo porque as práticas musicais verificadas nesta investigação acontecem de forma expressiva também dentro dos ambientes escolares.

Ao concluir esta tese dentro de um Doutorado em Educação, penso que não há também nenhum sentido em fechar reflexões sem que elas sejam, prioritariamente, a respeito da Educação. O que são as relações desses jovens e de todos os outros estudantes com o mundo das mídias, senão uma parte importante de sua formação e preparo para lidar no mundo atual e futuro? É uma parte que não passa tradicionalmente pela escolaridade, mas que hoje, aos olhos de educadores atentos, entram pela porta da frente das instituições de ensino. Não há mais tempo para não aproveitar e deixá-la passar, pensando que é apenas um detalhe do universo do entretenimento juvenil. A música está em tudo, as mídias estão em tudo, e o acesso fácil e corriqueiro a elas faz com que seu poder seja amplificado e multiplicado grandemente. Por isso elas adentram a escola, nas bocas, nos celulares, nos iPods, nos

notebooks, nos *tablets* e nas mentes dos jovens, misturando-se aos contextos e conteúdos curriculares, nas salas de aula, nos corredores e pátios, como eu pude ver por inúmeras vezes. Sobre a educação na era das novas mídias, Jenkins (2009) reflete que “a escola ainda está presa num modelo de aprendizagem autônoma que contrasta nitidamente com a aprendizagem necessária aos estudantes à medida que eles entram nas novas culturas do conhecimento” (JENKINS, 2009, p. 257).

O autor está, certamente, pensando sobre a inserção das tecnologias no cotidiano dos alunos e em como a educação escolar ainda não acompanha esse processo que se dá em outros contextos da vida dos estudantes. Ele fala, também, da questão da cópia de conteúdos midiáticos por eles, nos trabalhos escolares, e como isso tem sido uma preocupação para a escola. Entretanto, contesta a importância disso como algo prejudicial ao aprendizado, ao relatar que questões de modelo e imitação sempre existiram na história, como quando estudantes auxiliavam e imitavam seus mestres em criações artísticas de diversas naturezas, devendo-se, segundo Jenkins, pensar que essas apropriações são um tipo de aprendizagem. Ainda sobre a educação, considera que o entretenimento pode instruir jovens sobre temas do momento, e que é preciso promover a educação e o letramento midiático para proporcionar às crianças o desenvolvimento de habilidades que as tornem “participantes plenas de sua cultura” (JENKINS, 2009, p. 331). “Precisamos repensar os objetivos da educação midiática, a fim de que os jovens possam vir a se considerar produtores e participantes culturais, e não apenas consumidores, críticos ou não” (JENKINS, 2009, p. 343). Nessa problematização, esse autor se aproxima de Dayrell (2012b), quando ele se refere à importância do protagonismo juvenil na produção de música e de cultura em geral.

Diante disso, penso em como a música e seu largo consumo por públicos jovens se presta ao papel proposto por Jenkins (2009). Durante a investigação, percebi o quanto a música na forma de canções das mídias é atrativa aos jovens, estando presente quase que constantemente em seus cotidianos, segundo declarações deles. Essa riqueza de informações musicais e a familiaridade com que jovens lidam com elas seriam extremamente oportunas, por exemplo, ao que Jenkins chama de letramento midiático e educação midiática, que suponho serem, respectivamente, a orientação para a leitura das mídias e a educação para o seu uso, de forma geral. No entanto, acredito que, para isso, a intervenção da escola se faz fundamental no sentido de conscientizar, ofertar opções alternativas às já conhecidas, promover a atuação de

alunos como produtores de música e despertar o seu potencial crítico para os conteúdos que escolhe receber.

Embora a TV não tenha sido citada por sujeitos desta investigação, considero importante refletir sobre essa mídia que se popularizou muito desde meados do século passado, e cuja existência passa necessariamente por estudos de educadores e pesquisadores. Segundo Jenkins (2009), a chegada da televisão deixou ao rádio o papel de transmissor de música, e não mais de outros tipos de programas que ela acabou por assumir. No Brasil, ela é introduzida nos anos 1950, por iniciativa de Assis Chateaubriand (MELO; TOSTA, 2008). Segundo os autores, a televisão abocanha 61,9% da população do país, e é o principal elo entre os cidadãos do mundo, sendo a maior fonte de informação do planeta. A TV brasileira passou de importadora de programas estrangeiros a exportadora, nas duas últimas décadas.

Melo e Tosta (2008) abordam a TV sob o olhar da educação, e tratam de outras mídias também, sob essa óptica, na obra *Mídia e Educação*. A mídia é, para eles, um outro local do saber, que condiciona e influencia, como a escola e a família, a formação dos indivíduos: “Sob a liderança da TV, os meios de comunicação desempenham um papel decisivo na formação da população brasileira, agindo como educadores coletivos” (MELO; TOSTA, 2008, p. 59). Atualmente, porém, o lugar da TV como mídia da imagem é largamente dividido com outras mídias, tais como o computador, o *notebook*, o *tablet*, e o próprio celular. O surgimento dessas novas mídias trouxe a possibilidade de portar consigo a imagem, o que não havia na era em que a TV dominava como a única difusora da imagem associada ao som.

Como pesquisadora, não creio que a ausência de referência dos jovens entrevistados à TV como meio de acesso a músicas signifique que nela não se encontrem modelos estético-musicais a influenciar gostos de telespectadores. Temos conhecimento de programas nos quais a música é o motivo central, e mesmo novelas e filmes televisionados trazem invariavelmente conteúdo musical vastíssimo. Penso que o fato de não a haverem citado pode significar que outras mídias, talvez as mais novas, povoem o universo do interesse desses sujeitos de maneira mais expressiva, provavelmente pela busca da novidade e de maior interatividade e liberdade de escolhas de consumo musical.

Na fase de elaboração do meu projeto de pesquisa e do levantamento de hipóteses, havia uma expectativa da minha parte em encontrar grandes evidências de que o consumo de produtos culturais diversos seria fortemente influenciado pelo consumo de música ou, pelo menos, de determinados gêneros dela. Essa tendência não se revelou tão evidente e, apenas em algumas vezes, os jovens responderam que já fizeram compras influenciados por seus cantores e músicas preferidas, para minha surpresa. Muitos deles afirmam que nunca compraram produto algum por influência desses fatores. Ao analisar essas respostas, sempre me questionava se essa influência não poderia acontecer de forma não consciente por parte dos sujeitos no ato de escolher e comprar produtos culturais diversos. Por outro lado, os que responderam que tal influência existe, respondem com muita clareza que sim, que se deixam influenciar por seus ídolos do mundo da música, por exemplo, para produzir seu visual com roupas e adereços corporais. Isso significa que essa relação entre música e consumo de produtos da cultura existe entre jovens, sim, e que é imprescindível parar e pensar sobre ela dentro dos espaços escolares. No entanto, também precisamos pensar em aspectos mais profundos e sutis de formação de consumo de estilos de vida que não se revelam de imediato e nem por produtos materiais de consumo. Acredito que, sendo assim, outros tipos de relação também surjam entre eles e a música apreciada e consumida por eles, que pode movê-los a ideias, atitudes e envolvimento em diversos setores da vida, que não sejam especificamente o de consumo material puro e simples: o consumo de ideais, de hábitos, de atitudes, de convívio social, de comportamentos. Isso tudo é precioso demais no campo da Educação para ser visto de modo minimizado ou mesmo para ser ignorado pela escola.

7.1 Palavras finais: Olhos que ouvem, ouvidos que veem – o que encontrei nos jovens rostos e corpos que povoam os espaços das escolas

Encontrei muito. Olhos que ouvem e ouvidos que veem. Olhos que, se não ouvissem, talvez não escutassem toda a música que escutam, e ouvidos que, se não vissem, também não poderiam aprender tudo que faz parte do universo de uma canção. Ah, sim, uma canção, a escolhida, a preferida, a mais amada dentre tantas milhares que passam velozes pelos olhos e ouvidos ávidos daquelas dezenas de rostos que encontrei.

Uma canção que parecia um amor, contado a mim, entre risos de satisfação e, por vezes, de indisfarçada emoção, por vozes jovens, meninos e meninas. Sérios, alegres, confusos, numa profusão de sensações e sentimentos ao narrar suas experiências musicais. Sérios como se

aqueles depoimentos fossem o que de mais importante falavam. Alegres talvez por falarem de algo ou de alguém de quem gostam, talvez só porque eu estava ali para ouvi-los, e porque podiam falar, falar livremente, falar como queriam e tantas vezes querem dentro da escola. Talvez, por isso, confusos... Era tanta coisa que queriam dizer, e o tempo era pouco, os outros se amontoavam em torno de mim e do gravador, numa disputa que parecia ser por um prêmio. Risos, muitos risos, e eu a rir com eles.

Ri de suas caras, de seus gracejos, de suas expressões e, por que não dizer, de seus gostos. Muito esforço para não esquecer a ética do pesquisador, mas ouvir uma jovem contar que sua irmã jogou um ursinho de pelúcia perfumado no palco de uma cantora *pop* foi muito engraçado. Porém nunca, nunca mesmo, esqueci-me do distanciamento. Dito isso, confesso que me banhei naquela alegria transbordando por todas as gargalhadas, todas as palavras, todos os trejeitos que muitos deles faziam ao me contar suas histórias com a música.

De repente, uma convicção nova e estranha, de como era um privilégio estar ali, sorvendo daqueles mundos juvenis vários e, tantas vezes, impenetráveis, que se mostravam generosamente para uma desconhecida: eu. Por que motivo aqueles meninos e meninas se abriam tão prazerosamente a me contar suas vivências musicais, sem receber nada em troca, além da chance de falar do seu mundo? Talvez isso já fosse o bastante para justificar tanta boa vontade. Falar e ser ouvido dentro de uma escola que, tantas vezes, mesmo nos dias de hoje, fecha seus ouvidos ao que querem dizer. E o que querem eles dizer? Muitas vezes, pode ser somente ouvir uma música, e ela já diria tudo. Foi isso que percebi em algumas falas tomadas de empolgação ao contar de seus ídolos, de suas letras preferidas, de melodias que os levam a viagens únicas e sem igual.

Mais uma vez fui tomada, como em tantas diferentes ocasiões, fora do universo acadêmico, mas principalmente no cotidiano mais corriqueiro, pela certeza de quão grande e imensurável é o poder e o fascínio que a música exerce sobre o ser humano. Acho que isso não cabe em pesquisa alguma, mesmo depois de conclusões científicas confiáveis e bem aceitas. Não dava pra medir as afeições, as repulsas, as simpatias, as paixões tantas vezes contadas a mim pelos jovens com os quais falei. Era possível apenas sentir as nuances desses sentimentos e sensações em suas falas perpassadas por tudo que haviam percebido os seus olhos e os seus ouvidos.

Muito me recompensaria saber que esse exercício de ouvir que realizei por força da minha proposta fosse feito pela instituição escolar, de forma geral, em pequenos gestos que se resumissem, a princípio, apenas em conhecer aquilo de que gostam os meninos e meninas. Sim, pois era isso que eu queria saber: de que músicas gostam e porque gostam delas. Minhas indagações científicas ficavam pequenas, às vezes, quando parava para ouvir suas narrativas cheias de certezas ao afirmarem quão importante era “curtir” aquele som. Isso se revestia de uma importância enorme em suas vozes, talvez para querer me contar que aquela prática, aquele gosto, eram partes relevantes de suas vidas, assim como estudar também o é. Naquelas palavras poderiam estar tesouros, revelações ricas de mundos impenetráveis para o outro. Não pareceria mágica ouvir uma canção e passar assim a conhecer melhor a identidade de alguém? Não se pode, porém, esquecer-se de Lahire, com seus gostos cheios de variações intraindividuais que, neste caso, talvez nos revelasse diversas facetas de uma única, mas rica identidade.

Facetas de ricas identidades, sim, foi o que encontrei naqueles rostos juvenis, naqueles olhos que falavam a mim, avidamente, sobre o que seus ouvidos curiosos e atentos viram nas suas canções prediletas. Diante de tudo isso, não se pode negligenciar como educadora (e penso que a escola também não deve fazê-lo) a grande e profunda parte da essência da juventude que se esconde e se revela nas suas práticas musicais. Também é preciso lembrar que o que há de mais profundo nesses sujeitos está, muitas vezes, guardado nas manifestações de seus gostos e de sua musicalidade, e isso é um dado que deveria ser referência para a escola conhecer, compreender e lidar melhor com essas subjetividades.

Música, sim, músicas que desempenhem importantes funções na sociedade, mas que sejam espelhos que reflitam o indivíduo e que se multipliquem indefinidamente na aventura da conquista de todas as culturas, de povos e lugares que nunca serão vistos e, sobretudo, no descobrir e respeitar o outro como um ser semelhante e essencialmente musical.

REFERÊNCIAS

ABELLA, M. Z. P. *Uma novela da vida real: estilos de vida de jovens urbanos e o consumo da telenovela Malhação*. 2009. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/17670>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

ALMEIDA, A. A locomotiva Skinhead: a relação entre música e memória na construção da identidade de uma organização White Power paulista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 1., 2011, Florianópolis. *Anais...*. Florianópolis: Udesc, 2011. p. 4 - 10.

ALVARADO, S. V.; POSADA, J. E. M.; GAVIRIA, D. E. M. Contextualização teórica ao assunto das juventudes: uma visão a partir das ciências sociais para a juventude. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Ninez y Juventud*, Manizales, v. 1, n. 7, p.83-102, jan. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1692-715X2009000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 30 set. 2013.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

AMARAL, M. F. *Culturas juvenis e experiência social: modos de ser jovem na periferia*. 2011. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/28825>>. Acesso em: 07 out. 2013.

AMARAL, P. M. G. *Estigma e cosmopolitismo na constituição de uma música popular urbana de periferia: etnografia da produção do tecnobrega em Belém do Pará*. 2008. 245 f. Tese (Doutorado) - Curso de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/17305>>. Acesso em: 07 out. 2013.

AMORIM, P. K. D. F.; CASTRO, D. T. Mídias digitais: uma nova ambiência para a comunicação móvel. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA MÍDIA DA REGIÃO NORTE, 1., 2010, Palmas. *Anais...*. Palmas: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2010. p. 130 - 141. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/noticias-dos-nucleos/artigos/Mídias digitais uma nova ambiência para a comunicação móvel.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

ARIENTI, D. P. A busca pelo autêntico, brasileiro e popular na crítica musical de José Ramos Tinhorão. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 1., 2011, Florianópolis. *Anais...*. Florianópolis: Udesc, 2011. p. 77 - 92.

ARROYO, M.. Juventudes, músicas e escolas: análise de pesquisas e indicações para a área da educação musical. *Revista da Abem*, Porto Alegre, v. 21, p.53-66, mar. 2009. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista21/revista21_artigo6.pdf>. Acesso em: 03 out. 2013.

_____. Escola, juventude e música: tensões, possibilidades e paradoxo. *Em Pauta*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 30, p.5-37, jan. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/7465/4651>>. Acesso em: 03 out. 2013.

BARCELOS, R. H. *Nova mídia, socialização e adolescência: um estudo exploratório sobre consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens*. 2010. 232 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/24512>>. Acesso em: 07 out. 2013.

BERINO, A.; VICTORIO FILHO, A.; SOARES, M. C. S. (orgs.). *A fatura das juventudes: tramas entre educação, mídia e arte*. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

BETHÔNICO, J. M. *Entre o consumidor e o produtor: práticas, saberes e crenças de professores de língua portuguesa do ensino fundamental no trabalho com o letramento em marketing em sala de aula*. Belo Horizonte. 2014. 415 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

BECK, D. Q. *Com que roupa eu vou? embelezamento e consumo na composição dos uniformes escolares infantis*. 2012. 280 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/61954>>. Acesso em: 07 out. 2013.

BORDINI, G. S. *As narrativas de jovens sobre gênero em um ambiente virtual*. 2010. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/22986>>. Acesso em: 07 out. 2013.

BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (org.). *Bourdieu - Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. São Paulo: Ática, 1983. p.82-121.

_____. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M, A. e CATANI, A (org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998a.

_____. As categorias do juízo professoral. In: NOGUEIRA, M, A. e CATANI, A (org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998b.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M, A. e CATANI, A (org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998c.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução, 3º e 4º ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96; de 20 de dezembro de 1996*. Brasília: MEC, 1996.

BRANDÃO, Z. As mutações da paisagem cultural: entre a legitimidade e legitimação do capital cultural em sua forma escolar. In: DAYRELL, J. *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

BRITO, T. A. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

BRUNET, M. B. *Juventude e produção cultural: formas de resistência?* a relação das políticas públicas de cultura com a produção cultural de jovens da periferia. 2012. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/67246>>. Acesso em: 07 out. 2013.

BULL, M. iPod: un mundo sonoro personalizado para sus consumidores. *Comunicar: revista científica iberoamericana de comunicación y educación*. Huelva, v. 17, n. 34, p. 55-63, mar. 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11162/87049>>. Acesso em: 07 out. 2013.

CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CARMONA, J. B. R. Música y televisión. *Comunicar: Revista científica iberoamericana de comunicación y educación*, Huelva, n. 25, 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=15825103>>. Acesso em: 30 set. 2013.

CASTRO, A. A. Axé music: mitos, verdades e world music. *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 22, p. 203-217, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/22/num22_cap_16.pdf.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2014.

CATALÁN MARÍN, O. Juventud y consumo: bases analíticas para una problematización. *Última década*, Valparaíso, n. 32, p. 137-158, julho 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v18n32/art08.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2013.

CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CONTADOR, A. C. *Cultura juvenil negra em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, 2001.

CORRÊA, M. F. B.; FAZOLIN, C. Qual a música? os hits que embalam a escola pós-moderna. In: Salão de Iniciação Científica, 18, 2006, Porto Alegre. *Livro de Resumos*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 885. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/36223>>. Acesso em: 09 out. 2013.

CORTESÃO, L. *Ser professor: um ofício em risco de extinção?* São Paulo: Editora Cortez, 2002.

COSTA, G. M. M. Para musicalizar a escola. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, n. 93, p. 17-20, mai. 2010.

_____. *A construção social do significado musical: o que a música está fazendo na escola?* 2005. 180 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

COSTA, J. H. *Indústria cultural e forró eletrônico no Rio Grande do Norte*. 2012. 310 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

COSTA, M. V. *Estudos Culturais em Educação*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

COSTA, T. R. C. A mundialização da cultura e os processos de homogeneização e formação da cultura global. *Universitas - Relações Internacionais*, Brasília, v.2, p.255-267, jan./jun. 2004.

CUSTÓDIO, J. M. *'470, é nós na fita!': práticas culturais e construção de identidades juvenis em uma periferia urbana*. 2011. 53 f. Monografia (Especialização) – Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29267>>. Acesso em: 07 out. 2013.

DANTAS, D. F. *A prateleira do rock brasileiro: uma análise das estratégias midiáticas utilizadas nos discos de rock brasileiro nas últimas cinco décadas*. 2007. 216 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Comunicação Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12906/1/Danilo%20Fraga%20Dantas.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

DAROS, V. S. Jovens e suas músicas: a escola escuta? In: Salão de Iniciação Científica, 16, 2004, Porto Alegre. *Livro de Resumos*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 777. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/35852>>. Acesso em: 07 out. 2013.

_____. SANTOS, L. G.; HIRT, P. Eu sou o que eu curto: a música como artefato constituidor de identidades juvenis. In: Salão de Iniciação Científica, 15, 2003, Porto Alegre. *Livro de Resumos*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 959. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/39716>>. Acesso em: 07 out. 2013.

DAYRELL, J. Juventude, socialização e escola. In: DAYRELL, J. *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012(a).

_____. Os Jovens Contemporâneos e a Escola: Carlos André Teixeira Gomes, Júlio César Virgínio da Costa. Entrevista com o sociólogo Juarez Dayrell. *Revista Interlocução*, Belo Horizonte, v.5, n.5, p. 13-27, dez. 2012 (b). Disponível em: <<http://interlocucao.loyola.g12.br/index.php/revista/article/download/104/89>>. Acesso em: 07 out. 2013.

_____. O rap e o funk na socialização da juventude. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660.pdf>> Acesso em: 31 mar. 2014.

DEL BEN, L. M. *Concepções e ações de educação musical: três estudos de caso*. 2001. 340 f. Tese (Doutorado) – Curso de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

DE NEZ, E, SIEBGER, R. H. Apontamentos sobre vieses alienantes nos versos da música popular brasileira. *Acta Scientiarum: Education*, Maringá, v. 33, p. 1-9, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/11228/11228>>. Acesso em: 30 set. 2013.

DOEBBER, M. B., MARTINS, D. M. Corpos jovens: territórios onde se inscrevem identidades musicais. In: Salão de Iniciação Científica, 17, 2005, Porto Alegre. *Livro de Resumos*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 795. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/49916>>. Acesso em: 07 out. 2013.

EGON, E. S.; SUBTIL, M. J. Concepções de jovens de 8ª série sobre música: possíveis implicações para a implementação das práticas musicais na escola. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 23, p. 48-57, mar. 2010. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/Revista%2023/revista23_texto6.pdf>. Acesso em: 03 out. 2013.

ENNE, A. L. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 7, n. 20, p. 13-35, nov. 2010. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/203>>. Acesso em: 30 set. 2013.

FELDMANN, H. O comportamento de consumo do jovem e a teoria do consumidor. 2008. 86 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/15356>>. Acesso em: 07 out. 2013.

FERREIRA, V. S. Resistência versus existência: a dimensão política das microculturas juvenis. In: DAYRELL, J. *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

FILHO, J. F.; LEMOS, J. F. Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 11-25, jul. 2008. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/124/125>>. Acesso em: 30 set. 2013.

FISCHER, R. M. B. *Televisão e Educação*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 25 n. 65, p. 43-58, jan. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/a04v2565.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2013.

_____. Mídia, juventude e educação: modos de construir o "outro" na cultura. *Education Policy Analysis Archives*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 2-22, jan. 2008. Disponível em: <http://www.oei.es/tic/midia_juventude_educacao.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.

FLORES, L. D. *O rap e o funk na socialização de jovens: um estudo de caso*. 2011. 42 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29279>>. Acesso em: 07 out. 2013.

FONTANARI, I. P. P. *Os DJs da perifa: música eletrônica, mediação, globalização e performance entre grupos populares em São Paulo*. 2008. 341 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/14398>>. Acesso em: 07 out. 2013.

FOUCE, H. Tecnologías y medios de comunicacion en la música digital: de la crisis del mercado discográfico a las nuevas prácticas de escucha. *Comunicar*, Huelva, v. 17, n. 34, p. 65-72, 2010. Disponível em: <<http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=34&articulo=34-2010-08>>. Acesso em: 30 set. 2013.

_____. Nativos digitais en la selva sonora. Tecnologías y experiencia cultural en la música digital. *Razón y palabra*, Cidade do México, n. 73, out. 2010. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/N/N73/MonotematicoN73/08-M73Fouce.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2013.

GARCÍA, J. L. C. Migraciones tecnológicas y conceptuales en el campo de la música. *IC: Revista Científica de Información y Comunicación*, Sevilha, n. 7, p. 255-275, jan./dez. 2010. Disponível em: <<https://ipena44.files.wordpress.com/2013/02/1292342868-34camposbaja.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2013.

GATTI, B. A. *A construção da pesquisa em Educação no Brasil*. Brasília: Plano, 2002.

_____. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GERTRUDIX, F.; GERTRUDIX, M. La música en los mundos inmersivos. Estudio sobre los espacios de representación. *Comunicar*, Huelva, v. 19, n. 38, p. 175-182, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.revistacomunicar.com/pdf/preprint/38/19-PRE-13635.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2013.

GIROUX, H. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, T. T. (org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOMES, C. A. T.; COSTA, J. C. V. Os Jovens Contemporâneos e a Escola. *Revista Interlocução*, Belo Horizonte, v.5, n.5, p.13-27, dez. 2011. Disponível em: <interlocucao.loyola.g12.br/index.php/revista/article/download/104/89>. Acesso em: 01 mar. 2014.

GONZÁLEZ, G. M. El consumo juvenil en la sociedad mediática. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 5, n. 12, p. 57-75, mar. 2008. Disponível em:

<<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/116/117>>. Acesso em: 30 set. 2013.

GRANJA, C. E. S. C. *Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação*. São Paulo: Escrituras, 2006.

GREEN, L. Pesquisa em sociologia da educação musical. *Revista da ABEM*, Salvador, n. 4, p. 25-35, 1997. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista4/artigoII.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2013.

GRIN, D. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 49-70, jul./dez. 2010.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HENNION, A. Gustos musicales: de una sociología de la mediación a una pragmática del gusto. *Comunicar*, Huelva, v. 17, n. 34, p. 25-29, set. 2009. Disponível em: <<http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=34&articulo=34-2010-04>>. Acesso em: 30 set. 2013.

HORMIGOS-RUIZ, J. Distribucion musical en la sociedad de consumo: la creacion de identidades culturales a través del sonido. *Comunicar*, Huelva, v. 17, n. 34, p. 91-98, SET. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=15812481011>>. Acesso em: 30 set. 2013.

IANNI, O. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENNINGS, N. A. A propaganda e o desenvolvimento do consumidor: no banco do motorista ou sendo levado para um passeio. In: MAZZARELLA, Sharon R. e colaboradores. *Os jovens e a mídia*. Porto Alegre: Artemed, 2009.

JUNIOR, J. Música popular massiva e gêneros musicais: produção e consumo da canção na mídia. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 31-47, jul. 2006. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/69>>. Acesso em: 30 set. 2013.

KOELLREUTTER, H. J. Educação Musical no terceiro mundo: função, problemas e possibilidades. *Cadernos de Estudo*, São Paulo, n.1, p.1-8, 1990.

KUNSLER, A. B.; ROSA, C. N.; FREITAS, A. L. C. Ritmo e poesia: juventude e preferência musical. In: Salão de Iniciação Científica, 18, 2006, Porto Alegre. *Livro de Resumos*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 885. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/58582>>. Acesso em: 07 out. 2013.

LAHIRE, B. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEMISH, D. Como os pesquisadores estudam os jovens e as mídias. In: MAZZARELLA, S. *Os jovens e a mídia*. Porto Alegre: Artemed, 2009.

LIMA, L. F. N. Simbologia e significação no samba: uma leitura crítica da literatura. *Per Musi*, Belo Horizonte, v. 12, p. 5-24, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/12/num12_cap_01.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2014.

LOPES, J. T. Do politeísmo cultural contemporâneo ao trabalho escolar de eliminação da dissonância. In: DAYRELL, J. *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

MAFFIOLETTI, C. A. *Movimento hip hop em Porto Alegre: rede de relações e protagonismo juvenil*. 74 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/28467>>. Acesso em: 07 out. 2010.

MANZINI, E. J.; SILVA, J. R. Projetos de pesquisa em educação especial: identificando categorias para análise. In: Simpósio em Filosofia E Ciência, 4, 2001, Marília. *Anais...*, Marília: Unesp, 2001. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2014.

MARINO, G. *Educação musical escolar: análise do ensino de música nas escolas municipais de Belo Horizonte*. 2005. 214 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

MARQUES, P. F. A. *Influência reversa no consumo entre gerações: um estudo exploratório sobre a influência dos filhos no processo de decisão de compra das famílias*. 2012. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/55119>>. Acesso em: 07 out. 2013.

MATTOS, A. R., CASTRO, L. R. Ser livre para consumir ou consumir para ser livre. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, vol.14, n. 1, p.151-170, jun. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/293>>. Acesso em: 30 set. 2013.

MAZZARELLA, Sharon R. Porque todos estão sempre perseguindo os jovens? O pânico moral em relação aos jovens, à mídia e à cultura. In: MAZZARELLA, S. R. *Os jovens e a mídia*. Porto Alegre: Artemed, 2009.

_____. Como especialistas em estudo sobre meninas (e elas próprias) estão reorganizando a forma como pensamos a relação entre elas e a mídia? In: MAZZARELLA, S. R. *Os jovens e a mídia*. Porto Alegre: Artemed, 2009.

MEINREZ, C. B. Jovens no pátio, outra maneira de viver a escola: um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar na periferia urbana. 2005. 208 f. Tese (Doutorado) -

Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/4482>>. Acesso em: 07 out. 2013.

MELO, J. M.; TOSTA, S. P. *Mídia e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MENDONÇA, J. S. O evangelho segundo o *gospel*: mídia, música *pop* e Neopentecostalismo. *Revista do Conservatório de Música da UFPel*, Pelotas, n.1, p. 220-249, 2008. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/conservatorio/revista/artigos_pdf/artigo09.pdf>. Acesso em 30 mar. 2014.

MENEGAZ, C. V. Dez anos de malhação: e como fica a adolescência. 2006. 181 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/8017>>. Acesso em: 07 out. 2013.

MOMO, M. *Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola*. 2007. 363 f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MONTEIRO, D; ROMARIZ, T. *O Mundo DA Música Eletrônica - Parte I: Os primeiros passos do gênero musical que mais cresce no planeta*. Disponível em: <<http://omelete.uol.com.br/musica/musica-eletronica-especial-parte-i/#.Uw5Xr-25fIU>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

MONTEIRO, M.. *Novas mídias, interatividade e a prática científica*. 2013. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/novas-midias-interatividade-e-a-pratica-cientifica>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

MORENO, O. J. C. Consumo musical: tensiones entre emisoras musicales juveniles y dispositivos portátiles. *Cuadernos de información*, Bogotá, n. 30, pp.73-82, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://cuadernos.uc.cl/uc/index.php/CDI/article/view/427/404>>. Acesso em: 30 set. 2013.

MORGAN, M. O que os jovens aprendem sobre o mundo ao assistirem televisão? In: MAZZARELLA, S. R. *Os jovens e a mídia*. Porto Alegre: Artemed, 2009.

MUÑOZ, P. D. R. Vibraciones digitales: una breve historia sobre los recursos electrónicos y digitales en la música. *Caracteres: estudios culturales y críticos de la esfera digital*, Salamanca, v. 1, n. 1, p. 171- 175, abr. 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/1zUAeT0>>. Acesso em: 30 set. 2013.

NAPOLITANO, M. *História e Música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. *Bourdieu e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OLIVEIRA, A. M.; TOMAZETTI, E. M. Quando a sociedade de consumidores vai à escola: um ensaio sobre a condição juvenil no Ensino Médio. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 44, p.

181-200, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602012000200012>>. Acesso em: 30 set. 2013.

OLIVEIRA, A. P. *Miguilim foi pra cidade ser cantor: uma antropologia da música sertaneja*. 2009. 352 f. Tese (Doutorado) – Curso de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://www.musa.ufsc.br/docs/allan_tese.pdf> Acesso em: 29 mar. 2014.

OLIVEIRA, M. M. M. C.; LEITÃO, G. A. G. S. *Do CD ao MP3: a sociedade da informação, os novos media e a indústria musical*. 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10071/5098>>. Acesso em: 30 set. 2013.

O QUE É ROCK AND ROLL. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/rock-and-roll/>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho D'Água, 2005.

_____. *Entrevista* (Edição nº 10). Entrevistadora: Samira Feldman Marzochi. [s.n.t.] Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/entr/entr10.htm>>. Acesso em: 29 out. 2009.

PARAÍSO, M. A. Contribuições dos estudos culturais para a educação. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 10, n. 55, p. 53-61, jan./fev. 2004.

PAZ, S. D. Los jóvenes y la redefinición local del consumo. *Última Década*, Santiago, v. 12, n. 21, p. 105-117, dez. 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22362004000200005>>. Acesso em: 30 set. 2013.

PENNA, M. O desafio necessário: por uma educação musical comprometida com a democratização no acesso à arte. *Cadernos de Estudo*, São Paulo, n.4/5, p.15-29, 1994.

PENNO, D. K. Jovens e tempo livre em diferentes contextos de desenvolvimento. In: Salão de Iniciação Científica, 23, 2011, Porto Alegre. *Livro de Resumos*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 1. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/36223>>. Acesso em: 07 out. 2013.

POP. In: BRASIL ESCOLA - Educação, Vestibular, ENEM, Educador, Exercícios. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/artes/pop.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

POTTER, W. J.; BYRNE, S. Quais são os efeitos do conhecimento sobre a mídia? In: MAZZARELLA, S. R. *Os jovens e a mídia*. Porto Alegre: Artemed, 2009.

PREFEITURA DE GUARULHOS. *Site da Prefeitura de Guarulhos*. Disponível em: <www.guarulhos.sp.gov.br>. Acesso em: 07 set. 2010.

PUTERMAN, P. *Indústria Cultural: a agonia de um conceito*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

QUADROS, M. C. *Tá ligado?: práticas de escuta de jovens urbanos contemporâneos e panoramas sonoros na metrópole, uma pauta para a educação*. 2011. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/69923>>. Acesso em: 07 out. 2013.

RABAIOLI, I. *Práticas musicais extra-escolares de jovens: um survey com estudantes de ensino médio na cidade de Londrina/PR*. 2002. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/2874>>. Acesso em: 07 out. 2013.

RIBEIRO, L. P. *Consumo cultural e identidade juvenil: compartilhamento musical no site last.fm*. 2010. 71 f. TCC (Graduação) – Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/28036>>. Acesso em: 07 out. 2013.

RIBEIRO, S. T. S. Considerações sobre diretrizes, currículos e a construção do projeto pedagógico para a área de música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 8, p. 39-45, mar. 2003. Disponível em: <<http://bit.ly/1RxfJRZ>>. Acesso em: 07. out. 2013.

ROCHEDO, A. C. Voz, expressão e canção: a juventude urbana e o rock nacional dos anos 1980. 2011. Disponível em: <<http://www.getempo.org/index.php/revistas/44-edicao-n-08-julho-de-2012/artigos/115-voz-expressao-e-cancao-a-juventude-urbana-e-o-rock-nacional-dos-anos-1980-por-aline-do-carmo-rochedo>>. Acesso em: 30 set. 2013.

ROSA, G. F. *Corpos jovens como superfície de inscrição de textos culturais: recados para a educação escolar*. 2004. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/6424>>. Acesso em: 07 out. 2013.

ROSSI, R. C. *Patrolando juventudes: o caderno Patrola ensinando jovens a consumir*. 2007. 201 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/11093>>. Acesso em: 07 out. 2013.

SADIE, S. *Dicionário Grove de Música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

SCHARRER, E. Devemos nos preocupar com a violência na mídia. In: MAZZARELLA, S. R. *Os jovens e a mídia*. Porto Alegre: Artemed, 2009.

SANCHEZ, E. M.; FERREYRA, I. P. La educacion para el consumo crítico de la television en la familia: consumo de medios de comunicación. *Comunicar*, Huelva, v. 7, p. 60-69, jul. 1996. Disponível em: <http://www.uhu.es/cine.educacion/articulos/consumo_critico_tv.htm>. Acesso em: 30 set. 2013.

SANTANA, A. C. *Música Eletrônica*. [s.d] Disponível em: <<http://www.infoescola.com/musica/eletronica/>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

SANTOS, C. P. B. *Feito para jovens: um estudo sobre o consumo dos veículos Kzuka por estudantes de Ensino Médio de Porto Alegre/RS*. 2012. 85 f. TCC (Graduação) – Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/67661>>. Acesso em: 07 out. 2013.

SANTOS, F. A. S. N. *Juventude, consumo e globalização: uma análise comparativa*. 2004. 391 f. Tese (Doutorado) – Curso de Gestão, ISCTE, Lisboa, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/540>>. Acesso em: 30 set. 2013.

SANTOS, L. G. *Sons das tribos: compondo identidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre*. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/8596>>. Acesso em: 07 out. 2013.

SANTOS, L. V. *Juventudes contadas no Jornal Mundo Jovem: modos de pensar o sujeito jovem contemporâneo*. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/55339>>. Acesso em: 07 out. 2013.

SCHWERTNER, S. F.; FISCHER, R. M. B. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 395-420, mar. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982012000100017>>. Acesso em: 30 set. 2013.

SEREN, L. *Gosto, música e juventude*. São Paulo: Annablume, 2011.

SETTON, M. G. J. Lazeres e práticas de cultura entre jovens da Amazônia. *Sociologia da Educação*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 327-351, 2012. Disponível em: <www.maxwell.lambada.ele.puc-rio.br>. Acesso em: 17 abr. 2012.

_____. Experiências de socialização e disposições híbridas de *habitus*. In: DAYRELL, J. *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SILVA, H. L. Declarando preferências musicais no espaço escolar: reflexões acerca da construção da identidade de gênero na aula de música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.11, 75-83, set. 2004. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista11/revista11_artigo9.pdf>. Acesso em: 03 out. 201.

_____. Gênero, adolescência e música: um estudo de caso no espaço escolar. *Revista Em Pauta*, Porto Alegre v.18, n.30, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/7480/4665>>. Acesso em: 03 out. 2013

SILVA, J. L. O heavy metal na revista Rock Brigade: aproximações entre jornalismo musical e identidade juvenil. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/14932>>. Acesso em: 07 out. 2013.

SILVA, R. R. O que faz uma música “boa” ou “ruim”: critérios de legitimidade e consumos musicais entre estudantes do ensino médio. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.27, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista27/revista27_artigo8.pdf>. Acesso em: 03 out. 2013.

_____. Música bala e música frau: consumos musicais e narrativas sobre legitimidade em música de estudantes do Ensino Médio. 2008. 49 f. Monografia (Especialização). Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/15694>>. Acesso em: 07 out. 2013.

SILVA, R. L.; SILVA, R. A. N. Paradigma preventivo e lógica identitária nas abordagens sobre o hip hop. *Fractal Revista de Psicologia*. Niterói, vol. 20, n. 1, p. 135-148, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29018>>. Acesso em: 07 out. 2013.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004.

SLOMKA, Marcelo. *Corpo e juventude: a nomeação do outro na escola*. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/10318>>. Acesso em: 07 out. 2013.

SOUSA, N. J.; BRENAN, E. G. G. Ser / estar junto juvenil na contemporaneidade: um olhar de Bauman e Maffesoli. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 9, n. 24, p. 245-264, mai. 2012. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/262>>. Acesso em: 30 set. 2013.

SOUZA, J. *Música, Cotidiano e Educação*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. *et al. O que faz a música na escola? Concepções e vivências de professores do ensino fundamental*. Série Estudos 6. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. *et al. Hip hop: da rua para a escola*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

STAHALSCHMIDT, A. P. Como situar a arte musical em uma sociedade? In: BEYER, E. *Ideias em Educação Musical*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

STECANELA, N. *Jovens e cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis e pela "escola da vida"*. 2008. 400 f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/13092>>. Acesso em: 07 out. 2013.

STEINGRESS, G. La música en el marco del análisis de la cultura contemporánea: un replanteamiento teórico y metodológico. *Política y Sociedad*, Madrid, v. 45, n.1, p.237-260, 2008. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POSO0808130237A>>. Acesso em: 30 set. 2013.

STERN, S. R., WILLIS, T. J. O que os jovens estão querendo on-line? In: MAZZARELLA, Sharon R. e colaboradores. *Os jovens e a mídia*. Porto Alegre: Artemed, 2009.

SUBTIL, M. J. D. O consumo musical midiático e a construção de sentidos por crianças de 9 a 12 anos. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 7, n. 20, p. 257-274, nov. 2010. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/284/259>>. Acesso em: 30 set. 2013.

_____. Músicas, mídias e escola: relações e contradições evidenciadas por crianças e jovens. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 40, p.177-194, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602011000200012> >. Acesso em: 30 set. 2013.

_____. Mídias, músicas e escola: a articulação necessária. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 16, p. 75-82, mar. 2007. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista16/revista16_artigo9.pdf>. Acesso em: 03 out. 2013

SWANWICK, K. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003.

TOMAÉL, M. I. et al. Das redes sociais à inovação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 34, n.2, p.93-104, maio/ago./2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

TROTTA, F. C. Jovens contemporâneos: reflexões atuais. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 6, n. 15 p. 185-192, mar. 2009. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/152>>. Acesso em: 30 set. 2013.

VALENTE, H. A. D. A voz na canção da mídia como voz da memória. *I Seminário Internacional de História do Tempo Presente*. Florianópolis: UDESC, 2011.

VEIGA-NETO, A. Cultura e currículo. *Contrapontos*, Itajaí, n.4, p.43-51, jan./abr./2002.

WESTPHALEN, F. S.; BANDEIRA, G. A. Lembrar é consumir: juventude e práticas de rememoração na mídia. . In: Salão de Iniciação Científica, 17, 2005, Porto Alegre. *Livro de Resumos*. p. 845. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/49911>>. Acesso em: 07 out. 2013.

WHATSAPP. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=WhatsApp&oldid=42224157>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004.

ANEXOS

1. ANEXO 1 – OBSERVAÇÕES ESCOLA PÚBLICA (O PII)

Observação 1: Reconhecimento do espaço físico | Sábado Letivo (O PII1)

Estou aqui na Escola Estadual, que foi fundada em 1927 e fica localizada no centro de Belo Horizonte, na chamada região Centro-Sul. É um prédio antigo, tombado pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico). Ele possui dois pátios internos pequenos, rodeados por corredores, no primeiro andar, e salas de aula, e um segundo andar com salas de aula e corredores também.

Hoje é um sábado letivo chamado Dia D, que é realizado pelas escolas estaduais. Aqui já vejo uns pais sentados nas cadeiras do segundo pátio, há uma música popular estrangeira tocando, ao fundo. Há um aluno e uma aluna que chegaram comigo, e me disseram que vão se apresentar ao final da reunião, cantando e tocando violão. Vejo também muitos professores esperando o início do evento, nos corredores do segundo andar. Agora eles estão descendo para se sentar junto aos pais, no pátio. Na entrada eu recebi um comunicado, por escrito, da vice-diretora, o mesmo que ela passou aos pais, com as médias dos alunos do 9º ano Fundamental e do 3º ano Médio, nas disciplinas Matemática e Língua Portuguesa, obtidas na prova do PROEP. Foi considerado um resultado excepcional pela Escola, e também considerou-se, no documento, o fato de ser ela uma escola modelo e referência do ensino no país e até mesmo no exterior. O diretor está falando à comunidade sobre o significado do Dia D: é um dia de parada das escolas estaduais, em que elas apresentam e discutem os resultados do PROEP, que é uma prova aplicada pelo governo do estado em todas as escolas da rede, em três anos da vida escolar do aluno – no 5º ano e 9º ano Fundamental, e no 3º ano Médio, que é o final da escola básica. Ele fala sobre o resultado, e que a partir da discussão sobre isso, a Escola faz seus projetos de intervenção pedagógica, para melhorar o ensino, e ver de que forma a Escola pode trabalhar para isso.

Uma funcionária a quem perguntei pelos alunos que vão tocar se oferece para me mostrar o segundo andar. Aqui há salas da supervisão, da direção, de estudos, sala dos professores e salas de aula. Há também o salão nobre, com mobiliário antigo, lustres e portas em muito bom estado. No primeiro andar há secretaria, salas de Música e de Educação Física, informática, laboratórios, salas de aula, biblioteca e sala de reuniões.

Neste momento, encontro três alunos do Ensino Fundamental, 7º e 9º ano. Eles estão com uns instrumentos musicais e vão ensaiar para se apresentarem no Dia D. Dois deles estudam em outra escola estadual, e o J. V. (13 anos) estuda aqui. Um dos outros me fala que vão tocar a música *Que país é esse?*, do Renato Russo, e outra música dos *Titãs*, *Polícia*. Pergunto pelos instrumentos e me respondem que têm duas guitarras e um baixo. O J. V é o vocalista, e a banda se chama *Profilaxia*, nome dado por ele mesmo. Pergunto por que eles escolheram essas músicas para apresentar hoje, e um deles me responde que é porque o Brasil está muito diferente, que antes o Brasil era de um jeito, e a política foi mudando, o país foi ficando corrupto. E também, segundo ele, porque a polícia não tem agido muito diante do que tem acontecido, assaltos, coisas ruins, e ela não tem agido como deveria. Questiono se acham que essas músicas têm a ver com este momento do nosso país, e eles respondem que sim. Dizem também gostar muito de *rock* nacional e que estão ensaiando muito essas músicas. O *rock* nacional é o mais leve que podem tocar, explicam, por isso também escolheram essas músicas. Contam que, na verdade, tocam *punk*, metal, e que essas entram no repertório em outras situações. Pergunto onde costumam se apresentar e respondem que é em festivais, palcos, em outras cidades, no Espírito Santo. Hoje estão sem o baterista, sem o outro

guitarrista, e o que J. V. toca melhor, segundo ele mesmo, é violino e baixo. O C. (14 anos) vai tocar baixo hoje. Contam ainda que vão gravar um videoclipe com uma música de autoria da banda e um *cd*, no ano que vem. Pergunto como foi a escolha do repertório, e respondem que têm umas quarenta músicas escritas, mas que o objetivo é começar tocando *covers*, e depois, músicas próprias que vão lançar no mercado musical. Questiono sobre que autores e cantores inspiram suas composições, e J. V. responde que se inspira mais nos *Titãs*, porque a banda Profilaxia toca *punk* e metal, e o jeito que os *Titãs* escrevem músicas eles acham muito interessantes. Segundo J. V., esta banda e o *Ultraje a rigor* já vão “direto ao ponto” quanto às letras, que ele considera muito inteligentes, e que acha legal para sua banda cantar umas letras mais “diretas”. Disse que o *Led Zepelin*, por exemplo, é uma banda que adora, mas cujas letras não caberiam na sua banda, por serem muito grandes e complexas. Ele até faz letras assim, mas prefere tocar e cantar coisas mais “diretas”. Pergunto como ficaram conhecendo essas bandas nacionais dos anos 1980, que não é da época deles. C. diz que seu pai escuta muito essas bandas, e tem muitas revistas sobre elas, e sua avó também as escuta muito os rocks mais antigos, por ser da década de 50. J. V. diz que não escutam só “anos 80”, mas “anos 50”, *jazz*, *blues*, que dão muita influência no som deles, é importante. Mas o mais central para eles são as bandas de metal internacionais dos anos 80, principalmente Megadef, Metallica, e o que querem fazer é voltar com esse som, principalmente, tocar para quem gosta, porque não tem como tocar para um público que não gosta desse som. Pergunto a eles qual é o tipo de público que gosta desse som que fazem, e G. responde que o público jovem está preferindo essas músicas novas – *funk*, *rap* – que ele não acha que é “muito música”, que é um ritmo, uma batida. Ele pensa que os pais estão influenciando muito seus filhos no *rock*, como no caso do *Rock in Rio*, porque tem muitas bandas que foram e vão lá e que são dos anos 80. J. V. já pensa que o *rock* nunca vai acabar, que é o ritmo que nunca vai acabar, que sempre está no “equilíbrio”, que tem uma esperança. Segundo ele, hoje o povo não é do *funk*, não é do *pop*, hoje as suas culturas já são “divididas”, principalmente, todo mundo já expressou a sua cultura. Antes não tinha isso, hoje tem o público do *rock*, tem o público do metal, sim, mas eles estão nos seus movimentos culturais, e não é isso que a mídia fala. Pergunto o que a mídia fala, e ele diz que ela está mais ligada no que vai dar mais dinheiro, atualmente. Ele acha que o *rock* ainda é e vai continuar muito forte, assim como os ritmos atuais. Os meninos usam calças jeans escuras, tênis e camisetas pretas com estampas de grupos de rock: Slayer (C.), AcDc (banda favorita do J. V.) e Venom (G., 14 anos). Eles também usam umas pulseiras características de roqueiros, pretas com apliques de metal prateado. Eles dizem que vão comprar mais adereços, para ficarem mais caracterizados, pois querem criar um visual que, segundo J. V. não será escandaloso, chamativo, mas uma coisa natural. G. fala, pela primeira vez, que querem “focar no som”, e que o visual é bom deixar de lado, que ele faz parte da música, mas o mais importante é tocar bem e não vestir-se bem, pois o importante é a música. J. V. diz que o povo olha neles a tranquilidade que têm, a experiência que têm, porque essa não é a sua primeira apresentação, estão formados como grupo desde o ano passado e já tocaram em público várias vezes. Fico surpresa quando diz que ele e o C. estudam música há um bom tempo, ele no projeto do SESC, tocando violino na Orquestra Filarmônica Mirim e na Orquestra de Câmara do SESC, e C. já estudou na escola de música Allegro Moderato, onde fez viloão clássico por um ano e meio e dois anos de guitarra. Diz que o que aprendeu com seu professor faz com que “pegue as coisas” com mais facilidade, como partituras musicais.

J. V. menciona como é difícil conseguir uma vaga nesta escola, por se tratar de uma escola modelo. Para o aluno ter vaga aqui ele precisa ter 25 pontos em três disciplinas do bimestre anterior cursado em outra escola. Pergunto que tipos de atividades musicais há na Escola. J. V. responde que vai comparar suas atividades daqui com as do SESC. Lá ele aprende a ler partitura, mas aqui os professores querem que eles tenham uma noção de música, conhecendo

as notas musicais, pegando “batidas”, umas noções muito interessantes. Por exemplo, na última aula, a professora passou o violão para ele, e fizeram um grupo de percussão e violão, na aula, tocando um samba clássico. Essa disciplina se chama Musicalidade, e pergunto que turmas têm essa aula. Ele diz que todas têm, e que aqui há todas as aulas para todos. Aí, se refere a uma aula de judô que teve ontem, na qual aprendem coisas interessantes como a queda, para quando forem cair saberem como fazer. Tem aulas de Artes Cênicas, Música, Espanhol, em aulas comuns e em oficinas, uma vez por semana, para cada ano. Nesse dia, a turma tem horário de dois turnos e almoça e lancha na Escola. Aqui também tem as intervenções, que são um reforço muito interessante, segundo ele, porque tira as dúvidas todas do aluno em uma matéria. Parece que o J. V. está muito entusiasmado com a Escola, comento, e ele diz que sim.

A reunião está quase no fim e encontro L. A., do 1º ano Médio, que vai se apresentar com o violão. Vai tocar *De janeiro a janeiro*, do *Nando Reis* e outra canção que acabou de ensaiar com a colega E., quase um improviso. Pergunto sobre a formação do grupo, e ele responde que na Escola há muitas pessoas que têm o dom de cantar e que eventos como esse geram oportunidade para se juntarem e fazer música na hora mesmo. A colega vai cantar. Pergunto a ela o que vão cantar e diz que é da *Legião Urbana*, além da canção já mencionada por L. A. Ela comenta sobre uma apresentação que fizeram no ano anterior, e que querem aproveitar o momento para mostrar aos pais esse talento que o pessoal da Escola tem. Eles se apresentam sempre em datas comemorativas como o aniversário da Escola, desde o ano passado e estão dando continuidade.

Agora, J. V. vai apresentar com sua banda as canções que citou, a convite do diretor. Fala umas palavras e apresenta seus colegas e os instrumentos que tocam ao estilo do que fazem os músicos de bandas, em geral. Muitos aplausos dos pais, professores e funcionários. Entre as duas músicas, J. V. cita o *site* da banda e convida as pessoas a visitá-lo, o que provoca risos na plateia. Ele também fala das atividades que nos mencionou na conversa anterior.

A dupla de alunos com violão e voz se apresenta. Na segunda canção, a menina canta fora do tom do violão, embora sua voz seja bonita e afinada. Finalmente, atendendo a um pedido, ela canta uma canção da cantora inglesa *Adele*, que fez muito sucesso ultimamente.

Observação 2: Recreio 7º ao 9º Fundamental (O PII2)

O pátio está cheio para o recreio da tarde. Há muito barulho de vozes e meninos correndo. Olho do corredor do segundo andar e vejo um grupo de quatro meninas, no meio do pátio. Elas dançam enquanto uma delas escuta música num fone de ouvidos. Acho que é a hora de chegar mais perto para ver o que fazem e ouvem. Desço as escadas e me aproximo.

Encontro as meninas e pergunto de que nível são. Respondem que são duas do Médio e duas do Fundamental. Elas sorriem muito. Pergunto à dos fones seu nome e o que está ouvindo. Ela retira os fones e me responde que se chama G. L. e está no 9º ano, estava ouvindo *pop*. Corrige-se, dizendo que estavam cantando um pagode e depois começaram a cantar um *funk*. Enquanto responde, duas delas fazem um som repetido com a voz, imitando o efeito das batidas do *funk*. Elas parecem bem alegres e animadas. “Eu gosto de forró”, diz outra. Pergunto seu nome. M. H., do 1º Médio, e tem 15 anos. Pergunto a outra se gosta de dançar também, e diz que adora. E também pergunto, brincando, se quer dançar para vermos, e ela ri, dizendo não. Questiono sobre grupos musicais de que gostam e se lembram. Uma delas diz que adora pagode, e que estavam cantando pagode (quando cheguei). Outra responde que é eclética, que gosta de forró, e repete um ritmo com a voz, mas ele não lembra forró. Pergunto de novo seu nome: M. Ela diz que gosta de tudo, tudo, tudo. As outras três cantam um pedacinho de alguma canção e fazem um efeito agudo com as vozes, muito animadas. Peço a

elas um exemplo de “coisas” que gostam de cantar e ouvir. Uma delas fala: Michael Jackson, Legião Urbana, Forró. Outra interfere: Gabriel, o pensador, Lulu Santos, Reginaldo Rossi. Uma delas diz que ama Britney Spears, e pergunto seu nome: T. F., 1º ano (Médio). Despeço-me delas e agradeço, mas outra delas, T. R. do 9º ano (Fundamental) começa a falar. G. volta a falar também. Brinca, dizendo que é atriz da Globo e está dando sua primeira entrevista. Ligo o gravador de novo. Ela conta que tem um grande sonho de ser uma grande atriz de musicais, fazer musicais, fazer faculdade de Artes Cênicas, e que no ano que vem quer fazer um curso de teatro no Palácio das Artes e vai fazer também aula de canto. Tem que fazer dança e quer muito ser atriz musical. E quer iniciar a faculdade aqui e fazer um mestrado fora, nos Estados Unidos, Julliard, essas faculdades famosas, e ser uma grande atriz musical, segundo ela.

Afasto-me e vejo outros grupinhos com aparelhos de MP3 e fones de ouvido, no pátio, mas principalmente nos corredores, sentados, nos cantinhos, diferente daquelas meninas com quem falei. E elas continuam dançando. Agora entrou mais uma, são cinco ali na rodinha dançando. Este recreio mistura alunos do 2º ciclo do Fundamental com o Médio, aí tem uns meninos grandinhos, mas que ainda são crianças. Eles estão correndo muito, fazendo uma algazarra no pátio. E tem os mais velhos, mais jovens, que ficam mais em grupinhos, conversando, e muitos deles ouvindo música. Aqui eu achei um trio: um rapaz e duas moças, ele tem fones nos ouvidos, e vou me aproximar. Pergunto a ele seu nome e ano. Ele se chama V. e me diz que está ouvindo música eletrônica. As meninas riem. Uma delas diz gostar de eletrônica, *funk*. Pergunto a ele se gosta muito desses gêneros de música, e ele diz que sim. A menina diz que eles são bem ecléticos. Pergunto se sabem o que o pessoal fica ouvindo, e V. diz que não sabe, mas que cada um fica ouvindo coisas diferentes. Pergunto por preferências dos colegas, em geral, e ele diz que não há.

Ali no meio do pátio tem três meninas. Duas delas estão compartilhando os fones: cada uma com um fone em um ouvido, escutando ao mesmo tempo alguma coisa. Deixo ver se falo com elas: “eu queria saber o que vocês gostam de ouvir”. Explico sobre minha pesquisa e digo que as observei compartilhando os fones. Uma delas diz: *funk*, pagode, sertaneja, e outra completa com música *gospel*. Duas delas se referem à terceira e uma pergunta o que ela gosta de ouvir. A outra diz que ela não escuta nada. A primeira diz que escuta sim, que ela toca flauta e que para tocar, ela tem que escutar. Dirijo-me à terceira. Ela parece não quer falar, mas responde que toca flauta doce. Pergunto sobre o tipo de repertório que toca – clássico, popular... Ela diz que não sabe, que não gosta de música. Pergunto se tem professor. Ela diz que não, que toca à toa. Uma das outras (J; A., 1º ano Médio) diz que a professora de Música da Escola não as ensina a cantar, só fica ensinando a bater o pauzinho no chão, a fazer ritmo. Na verdade, segundo ela, pensava que aula de Música era para aprender algum instrumento, mas a dela (da professora) é só pra “aprender a bater um pau no chão”. Pergunto se não cantam nas aulas, e dizem que não; e também se ouvem alguma gravação, e dizem que dificilmente, que é mais ritmo, e é “chato”.

Parece que o recreio já vai acabar. Os meninos estão saindo do pátio e voltando para as salas. Parece mesmo que o que o aluno J. V. falou no sábado passado é verdade: os meninos vão para as salas, no final do recreio, ao chamado dos professores, não toca sinal. Eles vão caminhando para as salas. Tem um monte de meninos com fones de ouvido aqui, é impressionante.

Observação 3: Recreio Ensino Médio (O PII3)

Hoje cheguei bem atrasada para o recreio do Ensino Médio. Aqui tem uns meninos com fones de ouvido acoplados ao celular, mas não são muitos, poucos, bem poucos se comparados com os grupos do Ensino Fundamental II, que observei no recreio da tarde.

Aqui observo que os alunos ouvem música, retirados em cantos, pelos corredores, isoladamente, ou em grupos no pátio. De forma geral, quem ouve música está mais afastado, curtindo o som de forma mais isolada. Aqui tem alguma correria, mas bem pouca, de alguns meninos mais novos. Parece que tem meninos do Fundamental aqui também, pelos tamanhos se vê, jogando peteca. Pergunto a uma aluna do Médio e ela me diz que, especialmente, hoje, 3a feira, os meninos do Fundamental têm contraturno, que é o dia da semana que têm aula em dois turnos, por isso, dividem o recreio com o Ensino Médio.

Acabo de ver duas meninas que parecem ser do Médio, passando no pátio com fones de ouvido, também ligados ao celular, que elas dividem entre si. Abordo um aluno e pergunto o que está ouvindo. “Pagode”, ele me diz. Pergunto se ouve sempre música, e ele diz que só no recreio. Quero saber se é o gênero preferido dele, e ele diz que é pagode e *rap*.

Aproximo-me de duas alunas. Uma delas ouve música, e pergunto o que é: “*Pop americana*”. Agora há outra que está ouvindo pagode, cantor Tiaguinho. Ela diz que só ouve pagode e sertanejo, quando lhe pergunto sobre suas preferências musicais.

Os meninos já estão voltando para a sala, já terminou o recreio.

Observação 4: Recreio 7º ao 9º Fundamental e Ensino Médio (O PII4)

Este é o recreio do 7º ao 9º Fundamental e do Ensino Médio. Eu reparo que os meninos mais jovens, que devem ser do 7º ao 9º ano, menores, usam muito mais os fones de ouvido nos celulares e *mp3*, mas principalmente nos celulares, do que os meninos mais velhos, do ensino Médio. Eles andam pelo pátio, geralmente em grupos, na sua maioria, duplas ou trios. A gente quase não vê mais aquelas brincadeiras de recreio – correr, pegador - nem mesmo entre os pequenos. Muito raro ver um menino de 7º ou 8º ano correndo pelo pátio, brincando. Eles ficam conversando, enquanto caminham, muitos deles, carregando seus fones de ouvido. Talvez haja uma prevalência das meninas quanto a este hábito, mas preciso observar melhor para ver se existe mesmo essa diferença relacionada aos gêneros.

Um menino acena para mim, do pátio, enquanto estou no corredor do segundo andar. Ele deve ter se lembrado de mim, de outras vezes que vim à Escola, mas não me lembro dele.

É realmente incrível como a quantidade de meninas que ouvem o som, com seus fones, é maior que a do que a de meninos. A gente vê muitas delas com fones de ouvido ligados ao celular. Às vezes elas estão com eles pendurados no pescoço ou no ombro, conversando, mas muitas vezes ouvindo mesmo alguma coisa. É também interessante observar que o celular, mesmo não com a função de mídia sonora, está incorporado ao cotidiano dos meninos e das meninas. Eles estão muito presentes, quase sempre. Os jovens ficam conversando ao celular, manuseando o celular, provavelmente fazendo algum jogo. Hoje também estou vendo alguns meninos com notebook e tablet, sentados no corredor, no chão, um pouco mais retirados. Eu ainda não havia visto isso. Parecem ser alunos do Ensino Médio, pela aparência, pelos tamanhos. Ali vejo, mais uma vez, uma cena que já vi em outros recreios: duas moças que parecem ser do Ensino Médio, já grandes, compartilhando o mesmo fone. Vejo outra dupla, esta de meninas mais novas, fazendo o mesmo, e elas conversam também, enquanto ouvem música. Mais uma dupla de meninas, que parecem ser do Fundamental.

Não é muito comum ver meninas correndo, somente meninos, mesmo assim, muito poucos mesmo os menores. Também não é muito comum ver meninos ou meninas, ouvindo som, sozinhos. Geralmente estão compartilhando fones com alguém ou ouvindo seus fones exclusivos, mas sempre num grupinho, conversando durante o tempo quase todo com seus

colegas. Agora estou aqui em baixo, no pátio, observando estas coisas. Hoje estou apenas observando, sem interferir junto aos alunos procurando falar com eles, como venho fazendo. Vejo um grupinho de três ou quatro meninos. Eles são menores que a maioria, e improvisam um jogo com um pequeno objeto de borracha, como se fosse uma bola. Improvisam um futebol, depois o jogam para cima, como se fosse no vôlei. A gente não vê isso mais no recreio, a não ser raramente. Aqueles jogos antigos de movimento, de bola, de roda, de correr... Realmente é muito raro. Nesse grupo, uns meninos se encontram com seus fones nos ouvidos. O recreio acaba e todos se retiram para as salas de aula. Aqui na Escola eles não usam o sinal sonoro para começar e acabar os recreios.

Fico observando a presença ostensiva dos fones individuais e que são, também, compartilhados, por duplas de alunas, sobretudo, e imagino: em outras épocas, qual teria sido ou quais teriam sido os objetos que teriam representado esse papel nos recreios escolares. Talvez a bola, a peteca, a boneca para crianças um pouco mais novas... Interessante pensar nisso.

Observação 5: Feira de Ciências (O PII5)

Estou nos corredores da Escola, procurando algum episódio com música entre os alunos. Ouço um som forte de uma música agitada, num dos *stands* e me dirijo para lá. Um aluno manipula uma massa branca numa bacia grande, com um bastão. Há também uma caixa de som com um plástico aberto sobre a saída do som, e nesse plástico a mesma massa da bacia. Ao abordá-lo, ele me explica o que significa a pesquisa do seu grupo, nas áreas de Física (força) e Química (fluido). Pergunto a ele por que escolheu aquela música para tocar. Ele diz que não teve tempo de selecionar outras, mas queria ter escolhido algumas do tipo alta frequência: eletrônica, *house*, etc., porque têm muitas batidas. Isso faz com que as partículas sólidas fiquem suspensas, formando uma espécie de braços na massa, enquanto o líquido fica em baixo. Por isso, quando se toca na massa com os dedos, parece que ela é dura. E me explica que conforme a frequência do som vão aumentando os saltos que a massa sobre o plástico dá, na boca da caixa de som. Diz que esse fenômeno pode ser chamado de dispersão de amido, fluido não-newtoniano, porque não obedece as leis de Newton, ou água e maisena. O tema do trabalho é fluidos e força de cisalhamento. Encontrei, portanto, a música em um papel funcional na escola, em um contexto interdisciplinar.

Sigo à procura de mais música e entro numa sala onde se apresenta um trabalho sobre poder da mente. Entrei atraída pelo som de uma música calma e de registro médio-grave. Pergunto a uma aluna por que escolheram esse tipo de som para tocar ali. Ela responde que é um som que apavora as pessoas, é triste, pois falam sobre o TOC (transtorno obsessivo-compulsivo), segundo a aluna, uma doença muito triste, que modifica a vida de quem a tem. Ela acredita que esse som é um pouco depressivo, que às vezes aclama, mas que pode causar tristeza. Pergunto se associaram o caráter dela ao do TOC, e ela confirma, dizendo que quem ouve a música naquele contexto do seu *stand* de trabalho pode sentir-se um pouco “na pele” de quem tem a referida doença.

Hoje não vejo os alunos ouvindo som, como é tão comum a esta escola, a não ser nesses dois *stands* que visitei. Neles encontrei a música com finalidade funcional relacionada aos trabalhos apresentados. Os alunos parecem bem envolvidos e concentrados no que fazem.

Na saída, encontro um jovem que chega para visitar a Feira. Pergunto se podemos conversar. Ele é do 9º ano e ouve som no celular, com fones. Está escutando *funk* e me diz que gosta disso, e que ouve sempre, todo dia e em qualquer lugar: “Eu curto”. Leva o celular sempre em todo lugar, em casa, no ônibus, na rua, no lazer, em festas, na escola. Pergunto se gosta de outros gêneros musicais, e ele diz que gosta de *rap*, eletrônica, progressivo, muita coisa.

Pergunto se tem preferência por algum deles, e ele diz que tem pelo *rap*. Depois dele, vi apenas mais um jovem portando celular com fones de ouvido, mas era também visitante.

2. ANEXO 2 – OBSERVAÇÕES ESCOLA PARTICULAR (O SM)

Observação 1: Reconhecimento do espaço físico (O SM1)

Fica localizado na região noroeste de Belo Horizonte. Possui um pátio interno com muitos canteiros floridos, corredores internos e externos. Há uma parte onde fica a administração do Colégio. Há salas de aula no primeiro andar e no segundo andar. O Colégio tem em suas dependências uma garagem aberta do tipo estacionamento, com muitas árvores, canteiros, e bastante espaçosa.

No primeiro andar, há murais nos corredores, com informações e trabalhos dos alunos expostos. Há também um cartaz com informativo sobre o processo seletivo do ENEM, e sobre o vestibular, destinado aos alunos do 3º ano médio. Nele há um anúncio sobre a mostra de profissões de uma universidade, uma lista das melhores universidades do mundo e sua colocação de acordo com um ranking internacional dos mais importantes do mundo. Além disso, há uma circular informativa que orienta os alunos na hora da escolha de sua carreira profissional, e uma listagem de temas da atualidade que podem cair na prova do ENEM de 2013.

Aqui há um auditório, os sanitários infantis e vinte e três salas de aula, sendo que algumas delas são especialmente reparadas para as crianças da Educação Infantil, com mesas e cadeiras pequenas. Por ser uma instituição religiosa católica, em meio aos canteiros há um pequeno altar com imagens de Nossa Senhora e do Sagrado Coração de Jesus.

Esse corredor é também das turmas da Educação Infantil, há muitas fotos das crianças com suas famílias e trechos da letra de uma canção popular que fala de amor e amizade, junto a essas fotos, parecendo ser trabalhos das crianças desse nível de ensino.

Uma escadaria leva às salas de aula do segundo andar. No pé da escada há um cartaz grande com indicações de livros infantis feitas pelo Colégio, e desenhos das crianças sobre esses livros, e também as capas dos livros expostas. Há também outro cartaz de boas-vindas aos alunos, porque está se iniciando o 2º semestre letivo de 2013. No 2º andar funcionam o Ensino Fundamental e o ensino Médio. No corredor largo há um cartaz grande feito por alunos do segundo ano fundamental, como homenagem ao dia dos pais, com mensagens. Podem-se ver as salas de aula pelas janelas que dão para o corredor, e há um número aproximado de quarenta carteiras por sala. Aqui também tem um cartaz homenageando o dia 11 de agosto, que é o dia do estudante, feito por alunos do segundo ano fundamental, e contém mensagens e desenhos das crianças. No segundo andar há vinte e cinco salas de aula, além de sanitários masculino e feminino e das saletas das coordenações do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

No subsolo há um pátio grande com quadras abertas e alguns bancos de alvenaria, e uma quadra esportiva coberta. Nesse espaço ocorrem os recreios, atividades esportivas e outros eventos.

Observação 2: Recreio 9º Fundamental e Médio (O SM2)

Recreio do 9º ano fundamental e do Ensino Médio hoje terá uma atividade para motivar os alunos para o Museu vivo, que acontecerá no dia 24 próximo, uma atividade cultural do Colégio, cujo tema será Chico Buarque e sua obra.

Os alunos se reúnem ao redor de uma quadra aberta, e um casal de alunos do Ensino Médio, vestido a caráter dança um bolero cantado por Chico Buarque, *Nosso Bolero*. Enquanto dançam, duas alunas abrem uma faixa com o escrito: *Buarque-se*. Ao final, todos aplaudem efusivamente, e gritam. Uma aluna filma o evento e o público. Os alunos que dançaram, são do 2º e 3º ano médio. Após a apresentação, eu e minha estagiária, conversamos com dois ou três alunos do mesmo nível, dois deles que já estudaram música durante a infância, e que parecem muito entusiasmados com o recreio e com as atividades do próximo sábado letivo, cujo tema será Chico Buarque e sua obra. Conversamos, também, com a professora P., de Literatura e História da Arte, que se aproximou de nós espontaneamente, para saber o que fazíamos no pátio, e com um aluno do Ensino Médio que se chama P., apresentado a nós pela professora. Ele é *rapper*, e deu-nos um depoimento informal, dizendo que compôs dois *rap's* que são releituras das canções *João e Maria* e *Apesar de você*, de Chico Buarque. Ele apresentou bastante entusiasmo diante da apresentação próxima de suas composições, no sábado letivo do Museu Vivo. P. nos falou que depois de começar a ouvir samba, sentiu uma grande influência em suas composições de *rap*, que antes disso, tinha um universo bem reduzido em gêneros musicais, e ouvindo o gênero samba, ele sente que houve um crescimento no seu trabalho de compositor de *rap*. O aluno também contou-nos que não pensa em estudar música em nível de graduação, mas deseja uma formação na área de engenharia ou técnica de som e gravação em estúdio, e áreas afins. Pretendo entrevistar o P., futuramente, no decorrer da pesquisa.

Observação 3: Recreio 9º Fundamental e Médio (O SM3)

Recreio do 9º ano fundamental e do Ensino Médio. O professor de Educação Física falou comigo que haverá quinze espaços, no evento Museu Vivo, no dia 24 de agosto, onde vão acontecer atividades relacionadas ao tema Chico Buarque, sua obra e vida. Convidou-me, também, para observar os momentos que antecedem as “escolinhas” de esporte e outras (finais de tardes), oferecidas pelo Colégio, que reúnem, segundo ele, alunos mais jovens entre 12 e 14 anos (7º e 8º anos), que gostam mais de ouvir música nos seus mp3 e celulares e conversar no pátio. Os alunos da manhã se agrupam como normalmente fazem nos recreios. Hoje realmente não os vejo ouvindo música.

Aqui no pátio aberto eu vejo um muro que foi preparado especialmente para o referido evento. Ele foi pintado em quadros diversos com alguns motivos que provavelmente fazem referência à obra de Chico Buarque. Um deles apresenta uns balões pintados, outro mostra uma paisagem urbana com muitos prédios. Outro quadro mostra a pintura de uma fita cassete na qual se inscreve “João e Maria”, uma das mais famosas e conhecidas canções de Chico Buarque. Há dois espaços no muro, pintados de preto, nos quais os alunos poderão, durante o evento, escrever ou desenhar sobre o tema proposto.

Sinto que há uma mobilização muito grande dos professores, da diretoria – a diretora acaba de me dar o convite impresso – em relação ao Museu Vivo.

O professor de Educação Física também toca flauta transversal, e está aqui para um ensaio com alunos. Eles vão tocar a canção “Vai passar”, do Chico Buarque, e ele me convida para assistir ao ensaio. Junto a ele está uma aluna do 2º ano Médio. Pergunto a ela o que vai fazer no Museu Vivo. Ela me responde que está na turma do teatro, que se uniu à de dança, e que vai interpretar três papéis: o Crioulo que compôs uma música em homenagem ao Chico (Cálice), Angélica, que é uma amiga do Chico (Zuzu Angel), que perdeu um filho na Ditadura, amiga pra quem ele compôs uma música, o outro papel que vai interpretar é o de uma prostituta chamada Geni, da música *Geni e o Zepelim*.

No jardim, andar de cima, encontro um grupo de alunos sentados no chão, em círculo, no fim do recreio. Há um bongô (instrumento de percussão), três meninas e quatro meninos que parecem ter sua atenção voltada para o instrumento, que muda de mãos de poucos em poucos minutos. Estão manuseando umas máscaras de animais e me dizem que ensaiam para o Museu Vivo, enquanto lancham. Pergunto se vão representar *Os Sltimbancos* do Chico, por causa das máscaras de animais, e eles dizem que não vão me falar, para ser uma surpresa para eu assistir no sábado. Fui reconhecida por uma das meninas que foi minha aluna no coral infantil da Escola de Música da UEMG, onde leciono. Dois meninos improvisam no bongô. Pergunto se o que fazem é parte da apresentação. Uma delas me responde que sim, e que a proposta do seu grupo é mostrar o movimento *hippie* no jardim, no dia do evento, mas que a improvisação vai acontecer também.

Observação 4: Escolinhas (O SM4)

Vimos para observar o movimento de alunos que chegam para as escolinhas de esporte, dança e música oferecidas pelo Colégio no início das noites de 2ª a 5ª feira. Enquanto espero, vejo um corredor interno, pegado ao pátio das quadras, que tem uma das paredes cheia de cartazes brancos com dizeres em preto, referentes ao tema do Museu Vivo do próximo sábado. Aqui tem trechos de letras de músicas do Chico Buarque da época da ditadura militar: “afasta de mim este cálice”, “esse meu sofrimento vou cobrar com juro, juro”, “apesar de você, amanhã há de ser outro dia”. E também tem alguns dizeres de movimentos contra a ditadura militar, contra o regime: “abaixo a ditadura”, “fora, ditadura”, “liberdade para os presos”, “sem repressão há ordem”, “o povo no poder”, “vote ou deixe-o”, “mais verdade, menos canhões”, “libertem nossos alunos”, e outros. Há também umas reproduções de fotos de jornais da mesma época: fotos de artistas na rua, dos generais, de desaparecidos e mortos pelo regime militar; artistas, intelectuais e clero nas ruas contra o regime. Como posso ver, há muitas manifestações pela escola, para estimular os alunos ao projeto Museu Vivo.

Agora estou no espaço da escolinha de violão com o professor e alguns meninos. Pergunto a ele qual é a faixa etária, e ele diz que é de nove a onze anos. Mais tarde será a vez dos mais velhos, de dez a doze anos. Essa faixa não está prevista na minha pesquisa. A aula anterior foi a de musicalização dos pequenos, de seis e sete anos. Aproveito para perguntar sobre a música no Colégio, e ele me diz que a música não faz parte do currículo formal, como disciplina, é extracurricular. O espaço também não é adequado para as aulas de música de crianças: é uma sala de aula da Educação Infantil com mesas e cadeiras pequenas, armário, brinquedos.

Observação 5: Sábado Letivo (O SM5)

Estou chegando ao Colégio S. M., no dia do Museu Vivo: *Buarque-se*, vida e obra de Chico Buarque. Quando chego ao jardim encontro um grupo de alunos em volta de um círculo de areia colorida com serragem de vários tons, em estilo mandala, que fizeram, e estão vestidos de *hippies*. Na árvore do centro do círculo tem uns pingentes decorativos, e ao lado do círculo encontro outros alunos ensaiando com guitarra, bateria, bongô e uma aparelhagem de som. Pergunto o que vão fazer e dizem que tocarão músicas dos anos 1960, numa proposta meio hippie, como *Mutantes*, um pouco de *Beatles*, *Rolling Stones*. Quem me responde é F. J., do 1º ano Médio. Ela diz que o projeto trabalha com a carreira do Chico e sua contribuição para a cultura popular brasileira, que é imensa. O jardim é para se referir aos anos de maior sucesso dele, os 60 e 70 e a era *hippie*. Uma das meninas canta *Preta pretinha*, do *Gilberto Gil*, enquanto toca no bongô um ostinato rítmico. O nome desse espaço é “Pois é” – jardim *hippie*.

Existem quinze espaços no Colégio dentro do projeto. No segundo andar vejo o Cine Buarque, numa das salas. Em outra sala é o futebol e o Chico, no espaço “Pelas tabelas”. “Pois é” – museu de vídeo instalação é a casa do grupo de *hippies* cujo jardim visitamos. Aqui tem outro espaço, “À flor da pele” – museu plástico, uma das músicas mais conhecidas dele. Os meninos fizeram uma cortina e puseram nela uma flor vermelha de papel crepom, escreveram alguns trechos da letra: “o que não tem limite, o que não tem juízo”, “que desacata a gente”, “que me bole por dentro”, “o que não tem remédio”, “o que não tem mais jeito de dissimular”. Escuto uma menina vocalizando uma canção do Chico dentro da sala. A cortina está fechada e só será aberta no fim da apresentação. Aqui neste andar há outra sala com espaço de dança teatro. Cumprimento os alunos e pergunto que peças vão fazer. Um deles responde que são várias músicas do Chico e que as meninas fizeram as coreografias: Cálice, Angélica, Beatriz, Geni e Vai passar. No corredor, perto dos degraus, tem o museu corporal “Chão de esmeraldas”, cheio de figuras musicais de papel coloridas, pregadas no piso, indicando o caminho. No final do corredor há outro espaço que se chama “Eu não sou Chico, mas quero tentar” – museu musical. Os meninos estão com cavaquinho, cuíca e violão, e pregada na parede, uma frase da música Construção: “dançou e gargalhou como se ouvisse música”. O pessoal está ensaiando. Os meninos estão ensaiando uma música que não é do Chico, é do Renato Russo “Tempo perdido”. Há vários instrumentos, até um violino.

Volto ao primeiro andar e vejo o grupo *hippie* ensaiando a canção *Yesterday*, muito conhecida, dos Beatles. Há flauta transversal, violão, e uma aluna canta. No corredor ao lado há o espaço “Meus caros amigos” – museu das parcerias. Aqui há um convite: “tire aqui sua foto com Chico”. Tem uma sala escura de exposição de umas fotos dele, pendendo do teto. Toca a gravação de *Apesar de você*, e uma aluna me convida a entrar. A sala está toda decorada com fotos dele e de artistas - atores, cantores - e intelectuais que foram e são seus parceiros e amigos. Tem muitas fotos aqui: Cacá Diegues, Augusto Boal, Grande Otelo, Drummond, Maria Betânia, Marieta Severo, Nara Leão, pessoas que conviveram e ainda convivem com Chico. Há fotos dele de diversas épocas, e trechos de histórias da vida dele, de fatos da sua biografia afixados num painel na parede. Aqui ao lado há outra sala com fotos também penduradas do teto. Os alunos me explicam que são objetos que fazem referência aos artistas: os orixás da Clara Nunes, as boinas do Milton Nascimento, várias coisas. Pergunto sobre os artistas e ele diz que são ligados ao Chico, gravaram suas composições. Há também fotos de encontros deles com o Chico. Ali há uns LPs afixados na parede, um violão. Ficou muito interessante a ideia de fazer a exposição dos artistas com os objetos que os fazem lembrar. Tom Jobim e o desenho de um teclado em papelão, um encarte da obra Orfeu da Conceição, um maço de cigarros, a letra da canção *Sabiá*, premiada na época dos Festivais dos anos 1960, de autoria sua e do Chico. Tem também Gal Costa, Francis Hime, Djavan.

Aqui em baixo, no nível das quadras e do pátio, tem o espaço *Os Saltimbancos* – pátio casa dos sonhos - para as crianças. Está tocando a música *A Bailarina*, da obra *O Grande Circo Místico*. Vou tentar falar com as meninas. Está tocando agora *João e Maria*. Eu brinquei com uma delas, dizendo que esta canção foi da minha adolescência, e que eu gosto muito dela ainda, uma das minhas prediletas. Ela me fala do espaço criança. É um espaço para meninos de cinco a dez anos fazerem atividades como pintar a bailarina, ouvir histórias, pintar o rosto e folhas de papel. Vão fazer massinha de farinha. Eu ouço e canto a canção que realmente adoro. Estou vendo uma casinha de brinquedo toda decorada por fora com bichinhos de pelúcia, a casa de contos onde vão ouvir histórias, que são casinhas que existem no pátio do Colégio. Enquanto fazem as atividades plásticas, elas ouvirão esse repertório que está tocando.

Aqui na quadra tem mais espaços: a casa de Niemeyer pegada a outra chamada “Desconstrução”, e já imagino que esta se refere à música *Construção*. Estes dois espaços foram criativamente arranjados em uma obra inacabada no pátio, que tem somente paredes e

umas vigas, ainda sem teto, sem porta, e com chão de terra e cimento. Vou entrar lá para ver. As meninas estão com capacete de operários da construção civil, numa nítida referência à canção *Construção*. Elas me chamam para entrar e peço que me falem sobre o espaço. Uma delas diz que resolveram aproveitar a obra que já havia no Colégio. Explica que no chão há caixas de sapatos, cobertas de marrom, em cujas tampas se inscrevem todas as frases da letra de *Construção*, para que as pessoas possam mexer nas caixas formando novas combinações dos versos. Encostados a uma parede, ela me mostra uns tijolos também com escritos da mesma letra. Escolheram trabalhar com essa música porque a revista Rolling Stones, internacional, considerou-a a melhor música brasileira de todos os tempos, e foi lançada quando o Chico voltou de Roma (exílio) e queria mostrar que o Brasil não estava tão bom como parecia estar, que o Brasil era campeão no futebol e o governo falava que o país estava ótimo. Segundo ela, o Chico quis mostrar que havia problemas para a população no país, por isso acham que essa música é muito importante para as pessoas pensarem que nem tudo que está perfeito é tão perfeito assim. Aqui há uma reprodução de um canteiro de obras, há um andaime, luvas e capacetes, tijolos e um saco de cimento, e o chão está no cimento bruto. Foi assim que as meninas no 2º Médio e a professora de História da Arte resolveram montar este espaço que se refere à famosa canção de Chico Buarque.

Passo agora para o espaço ao lado e sou recebida por um aluno. Ele diz que aqui é a Arquitetura, que conta a história da amizade do Chico Buarque e do Oscar Niemeyer. J. M., do 3º Médio me convida a andar lá dentro e a me conta que vai passar um vídeo que conta como o Chico conheceu Oscar. Sobre a TV há um porta-retrato com a foto dos dois. No vídeo o Chico fala sobre o panorama cultural brasileiro na época da construção de Brasília, inclusive da Arquitetura. Fala também sobre o que aconteceu com a cidade e com o país poucos anos depois da inauguração, referindo-se ao golpe militar. Continuo na casa e encontro um aluno que vai mostrar outro vídeo sobre o Chico e sua história com a Arquitetura e Oscar. Uma aluna me propõe um *quizz* em que a pessoa responde a perguntas sobre os dois personagens. Há umas mesinhas com caixinhas que são pintadas para parecerem casinhas, pintadas de preto com portinhas e janelinhas brancas. A gente vai respondendo as perguntas da aluna e montando as caixinhas, e vão se formando os versos de uma canção dele, chamada *Cotidiano*. Entro em outro cômodo da casa e encontro um aluno caracterizado de Niemeyer, de cabelos grisalhos e sentado numa cadeira de rodas, é o Francisco do 3º Médio. Ele nos mostra o quarto, falando na primeira pessoa, e dizendo que “sua cama” é o principal ambiente onde trabalha, apesar de “sua idade e debilidade”, gosta de trabalhar e continua desenhando. Ele explica que “seu trabalho” começou com silhuetas e me mostra a parede com armações de arame representando Brasília e a Igreja da Pampulha. Há também esboços de suas obras em papel, espalhados pela cama. Ele continua falando como se fosse o arquiteto, e diz que foi a maior influência para que Chico escolhesse cursar a faculdade de Arquitetura, que foi um grande amigo do pai do compositor e que conviveu com este desde a sua infância. Certa vez fez um esboço de uma casa para o Chico em um guardanapo. Conta que Chico nunca se deu muito bem na Arquitetura e foi o pior aluno da classe, e isso aconteceu porque ele tinha gosto para a Música, mas quase ninguém fazia curso universitário de Música, naquela época. Ele me oferece um pedaço de arame para eu construir um esboço no estilo do Niemeyer. Aqui também tem um “engenheiro” que é o Hugo, do 3º Médio. Ele diz que “sempre acompanhou o Oscar, dando forma concreta e realizando as grandes obras dele”.

Na quadra há outro espaço, “Um tempo que passou” – museu da ditadura, que representa a ditadura militar. Na semana passada visitei as instalações deste espaço, onde há fotos descritas na Observação 4. Pergunto a uns alunos o que é o espaço e o painel com o escrito “Cálice” que, segundo um deles, faz parte do conjunto do grafite. Há um desenho que se olhado no plano preto mostra um cálice, e se visto o plano branco, mostra dois rostos de perfil, com suas bocas tapadas por um zíper. Pegado a ele está o painel de fotos que eu já vi no outro dia. Uma

aluna explica que é um espaço que fizeram para homenagear e lembrar as pessoas que lutaram por nós, e que não podemos esquecer o valor de uma democracia plena, que temos agora. Aqui os alunos estão fazendo uma encenação representando momentos de prisões e torturas de presos políticos. Não entrei por não ser permitido interromper a sessão, mas estou ouvindo vozes e gritos.

Atravessei o pátio e vi o muro que já havia observado na semana passada (O SM3), que tem uma parte preta, sem desenhos, para as pessoas poderem escrever. Já vejo vários dizeres aqui: “Buarque-se aqui”, “Pai, afaste de mim este cale-se”, quando olhaste bem nos olhos meus e o teu olhar era de adeus”, “mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas”, “Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês”, todas são passagens de canções do Chico. Não resisti e escrevi também: “Chico Buarque completo, alma, letra, música. Não sei qual escolher. Escolho todas.”

Tem um rapaz fazendo um grafite de um violão no muro, e umas meninas do 7º Fundamental escrevendo no fundo preto. O “muro vivo” foi um projeto idealizado pelas alunas A. e C., do 3º Médio. A. me diz que o objetivo é revitalizar o muro e trazer mais vida para o ambiente. Ela me convida para o show do *cover* do Chico, às 17 horas. Recebi um caderninho com a programação do evento. Na capa tem o título do projeto e um desenho dos olhos do Chico, muito interessante. (Por a página 2 escaneada)

De volta ao segundo andar, a aluna M. A., do 2º Médio me apresenta a sala do futebol, e diz que é uma das paixões do Chico Buarque.

Ela me explica que fizeram uma exposição de fotos de jogadores, inclusive o Pagão, que para Chico era bem melhor do que Pelé, e mostrou uma mesa de futebol de botão, a partir do qual Chico criou o seu time Politheama, e um centro esportivo aberto a qualquer pessoa. Um aluno me fala do Politheama, nomeado por Chico, que significa “vários espetáculos”. Ele compôs o hino do time. O aluno me conta que seu time e grande paixão é o Fluminense, mas que apesar de gostar muito dele, Chico é contra o fanatismo, gosta mais do futebol em si do que desse time. Conta que Chico, quando morou em São Paulo, ia ao estádio, mesmo sem dinheiro, para assistir ao espetáculo do Santos, nas décadas de 50 e 60, que tinha jogadores como Coutinho, Pelé e Pagão, este último desconhecido, mas grande ídolo do Chico no futebol. Ele compôs uma canção para esses craques, e o aluno me mostra a letra, e outras letras que ele fez com o tema do futebol. Há também um vídeo e um vestiário que os meninos montaram na sala, com alunos vestidos com uniforme do Fluminense.

Aqui é a sala do cinema. Eu ainda não tinha visto. Pergunto a um aluno o que vão apresentar e ele me responde que é um documentário sobre o Chico Buarque e também um filme que eles fizeram sobre um tema cômico chamado “Eu não sou Chico, mas quero tentar”: é um homem, e um triângulo amoroso entre ele, sua esposa e o Chico, e ele se inspira no compositor para poder conquistar a esposa.

Volto ao espaço “Eu não sou Chico, mas quero tentar” há diversos alunos com instrumentos e os meninos estão cantando *A banda*, um dos primeiros sucessos dele.

Estou voltando a alguns espaços para fotografar. Agora vou perguntar para a aluna I. R., do 2º Médio, do espaço “Desconstrução”, sobre suas impressões pessoais do projeto Museu Vivo *Buarque-se*. Qual a relação desse trabalho com a sua experiência musical, se há novidades ou algumas coisas que ela já conhecia. O que isso mudou e se mudou a sua relação com a música popular brasileira e com a cultura brasileira. Ela diz que ele e a professora P. (História da Arte), idealizadora do projeto, tiveram uma influência muito grande em seu gosto musical e em sua maneira de ver a arte, já que através do projeto ela aprendeu que tudo pode ser arte, e a gente não deve julgar antes de conhecer. Ela afirma que não tinha muito conhecimento sobre Chico Buarque, apesar de gostar da música popular brasileira, e foi conhecendo e vendo que ele é um artista atemporal e que as letras dele são maravilhosas, os significados das suas músicas são mais lindos ainda. Ele lutou, segundo ela, numa época em que o artista não podia

falar, que é diferente de hoje em dia, em que o artista tem o direito de falar o que quiser, o que torna as letras do Chico mais especiais ainda. Através do Museu Vivo ela diz ter melhorado seu gosto musical e ser capaz de ver a arte de forma diferenciada.

Agora vamos fotografar o “muro vivo”, e converso com C., uma das suas duas idealizadoras, com quem ainda não falei. Ela diz que um dos objetivos é fazer as pessoas se expressarem artisticamente, e entenderem a importância que tem poderem mudar o espaço coletivo, de fazer intervenção artística. Para isso, diz terem escolhido o grafite, que é uma arte marginalizada, para mostrar que os alunos podem mudar e podem fazer parte da construção do Colégio e de uma sociedade mais integrada.

Volto ao espaço “Eu não sou Chico, mas quero tentar” para tirar fotos. P. compôs um *rap* para por no meio da canção *Apesar de você*. Já havia conversado em ele num recreio (O SM2) sobre isso. O som está ruim para se ouvir, a sala muito cheia e quente. Há um cavaquinho e uma flauta, além do pandeiro e da voz. Percebo que P. está com dificuldades de afinação na voz, mas é bastante expressivo. Ele também fez uma releitura de *João e Maria* e *Cálice*. Nesta, ele faz uma letra falando de problemas sociais atuais, é muito interessante. Agora eles estão cantando *Construção*, com violão, flauta, vozes feminina e masculina. Observo o mesmo problema anterior: os meninos são muito musicais, muito envolvidos e preparados para o evento, mas a parte da afinação vocal é bastante oscilante e insegura. Nas passagens entre as estrofes de *Construção*, os meninos fazem um improviso de bateria em ritmo completamente diferente, quebrando o caráter original da canção presente nas estrofes. Finalizam com *A banda*. São duas meninas cantando, desta vez, mais afinadas, com violão e flauta.

Voltamos ao espaço *hippie*, no jardim. Os meninos estão tocando e cantando *Let it be*, do John Lennon. Muito afinadas as vozes das meninas. Vou falar com uma das coordenadoras do Museu Vivo, a aluna J. D. do 3º Médio. Pergunto a ela qual é a importância do projeto para ela, pessoalmente, e para a escola. Ela conta que gosta muito e que no ano passado participou também. Para ela é uma oportunidade de desenvolver o lado artístico, que não têm no dia-a-dia, pois têm que se dedicar a essa “meta horrível” que é o vestibular, e ela acha que o projeto é uma válvula de escape, através da arte. Diz também que adora o Chico e por isso foi ótimo. No sentido geral, é bom para todo mundo se aproximar da cultura brasileira. De acordo com J., se forem perguntar aos alunos do Ensino Médio, quase ninguém gosta dele, é música internacional e outras que eles ouvem. Ele não é da geração dos alunos, e sua música tem muita importância política, e disso “a gente precisa lembrar, e a juventude não sabe o que aconteceu”; segundo ela, as pessoas são alienadas, não só os jovens, pois a ditadura ainda é mistério para muitos. Pergunto sobre o gosto musical dos alunos em relação ao projeto, e ela fala que a professora P. escolheu o tema, mas todo mundo gostou, e ela acha que agora muita gente passou a ser fã do Chico. Ressalta que o jardim *hippie* procurou resgatar músicas nacionais e estrangeiras da contracultura, que considera importante mostrar a “geleia geral”.

Para encerrar o projeto, vamos ver o *cover* dele. É uma voz e dois violões. O cantor é um homem na faixa dos cinquenta anos e sua voz e visual são bem parecidos aos do compositor. Há pouca gente no jardim. Eles afinam e mexem no som. Ele começa a apresentação e canta *Roda Viva* e o público o acompanha cantando baixinho, inclusive eu. As pessoas começam a chegar e o espaço fica mais cheio. Ele nos convida a cantar o refrão, sozinhos, e todos cantam. Depois, canta *Cálice*, *Anos Dourados*, *Mulheres de Atenas*, *O caderno* (composição de Toquinho gravada por Chico Buarque).

Observação 6: Recreio 9º Fundamental e Médio (O SM6)

Estou achando interessante que no recreio do 9º Fundamental e do Médio não estou vendo os meninos com fones de ouvido, como vi ontem lá na escola pública. Não sei se é proibido, vou procurar saber, porque não vejo absolutamente ninguém usando esses aparelhos eletrônicos de som aqui. Havia uma infinidade de meninos do 7º ao 9º Fundamental com esses aparelhos, escutando música, na outra escola. Pergunto a um grupinho de meninas a respeito do uso de fones. Elas dizem que não é proibido nos intervalos, recreios, entradas e saídas de aula, só mesmo durante as aulas, em sala. E disseram que realmente tem pouca ocorrência nos horários vagos dos meninos o uso desses aparelhos, que elas não veem muitos colegas usando, não.

Agora vejo um grupo de seis meninas sentadas no chão do pátio, e uma delas parece iniciar uma brincadeira de mãos, batendo-as nos joelhos. Corro para ver de perto, mas ela, sem me ver, para. Aproximo delas, agacho e pergunto se estavam fazendo um jogo de mãos. Elas dizem que não, mas que sabem fazer aquele jogo rítmico dos copos. Pergunto onde aprenderam, e uma delas diz que foi na internet. Pergunto a outra se o aprendeu na escola, e ela diz que lhe ensinaram em casa. Outra falou que também aprendeu na internet, e menciono que esse jogo estava passando em um programa semanal de TV. Uma delas diz que está na moda, e eu respondo que é difícil, e que não sei fazer. Uma delas responde que é fácil. Eu ia pedir que fizessem, mas elas estavam lanchando, com as mãos ocupadas. Despedi-me delas.

Enquanto falava com elas, minha aluna voluntária para a pesquisa aborda uns grupinhos, e logo me aproximo deles. Ela pergunta quais são suas experiências com música e de que gêneros mais gostam, se tocam, cantam e ouvem música. E. H. e C. H., do 9º ano têm quinze anos e têm experiência de aprendizado informal de violão pela internet. Relatam que, ao colocar em prática o que aprendem, não identificam os acordes como integrantes das músicas que querem tocar. A maioria dos alunos com quem falamos não sabe que existe música integrada no Colégio, que é uma das “escolinhas” que são oferecidas à noite aqui.

B. A., do 9º ano e também com quinze anos tem experiência de tocar violão, guitarra, baixo, e conhece teoria musical, que aprendeu numa escola inglesa. Tem noções de intervalos, escalas. Sua maior frustração é o Colégio não ter aulas de Música no currículo, e um dos motivos pelos quais sua família vai transferi-la para outra escola, no próximo ano, uma que possui um projeto curricular que oferece música.

J. A. tentou aprender violão por prática informal, não conseguiu porque sente que precisa de uma orientação. Os gêneros musicais que esse grupo curte são: *rock*, metal, eletrônica, *pop*, e música clássica.

T. F., aluna do 9º ano, quinze anos, teve a experiência de tocar piano num curso de extensão universitária, na sua infância, aprendeu teoria e a prática do instrumento. Mas hoje em dia ela faz aula de canto em uma escola particular. Ela gosta de tocar *rock*.

H. P., também do mesmo ano e idade, tentou aprender violão numa aula particular. Gosta de tocar *rock* e MPB. Parou o aprendizado por falta de tempo, mas tem vontade de continuar. G. M., seu colega, toca violão e guitarra. Aprendeu com professor particular, e seus gêneros preferidos são: *rock* e metal.

Observamos que as meninas usam brincos pequenos e quase nenhum acessório/adereço no vestuário. Perguntamos a um grupo e disseram que isso é uma orientação do Colégio, que usem adereços discretos com o uniforme.

Observação 7: Festa da Família (O SM7)

A escola comemora o dia da família. Pelos corredores do primeiro andar vejo os trabalhos das turmas da Educação Infantil, cujo tema é *A Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes. Eles produziram trabalhos de artes plásticas, sendo que cada turma tem um tema dentre os

personagens da obra musical de Vinícius: corujinha, foca, abelha, galinha, pato, São Francisco, a arca, e outros. Cada parte destas gerou um livrinho de cada criança, cujas capas são iguais, mas que contém trabalhos de cada um. O nome do projeto é *Literarte*. Dentro dessa mesma exposição vejo uns trabalhos com o tema *Aquarela*, da canção do Toquinho, com desenhos inspirados na letra da música, cada um com seu livrinho, como nos trabalhos da Educação Infantil. Esses são do 2º ano Fundamental. Esses trabalhos todos fazem supor que as crianças escutaram as canções referentes aos temas desenvolvidos pela exposição, e que trabalharam com a parte musical e literária, embora a mostra seja, até o momento, de artes plásticas, prioritariamente.

Em outro corredor vejo uns desenhos que são releituras de telas de Pablo Picasso, num projeto interdisciplinar de Arte e Espanhol, feito pelos alunos do 5º ano Fundamental. No pátio há mais trabalhos deste projeto interdisciplinar, em que há desenhos dos alunos, que são reproduções de monumentos e outros elementos típicos de países de língua espanhola, como Espanha, Panamá, Argentina, etc.

Começam a chegar crianças fantasiadas. Parecem ser personagens de uma peça que vão representar.

No ginásio poliesportivo há uma pequena exposição de livros e xilogravuras produzidos pelos alunos do 5º ano, todos dentro do projeto *Literarte*.

No 2º andar há uma exposição de trabalhos do 2º ano Fundamental com o tema *Era uma Vez*. Há umas caixinhas com trabalhos dos meninos, e um painel de fotografias deles, vestidos de personagens de contos de fadas, de super-heróis do cinema. Há algumas professoras do Fundamental I vestidas de princesas, e uma delas me explica que vão, juntamente com as crianças, representar uma peça inspirada em gêneros textuais estudados pelos alunos, dentre eles os contos de fadas, que elas chamam de *contos maravilhosos*. Assim, me convidam para ver a apresentação do coral do 2º ano, que vai cantar três canções. Lembro-me de não ter conhecimento de que havia um coral na Escola, e pergunto como é o trabalho com o mesmo, que o rege. Uma delas responde que apenas reuniram os meninos e lhes ensinaram as canções, dentre elas *Era uma Vez*, uma canção gravada pela cantora Sandy e pelo cantor Toquinho.

Acabo de conversar com a professora de Arte, uma conhecida antiga, e ela me diz que não há aulas de música na Escola, apenas oficinas para as crianças pequenas, como eu já sabia, no horário extraclasse. Ela considera isso uma perda para os alunos, que deveriam, segundo ela, ter acesso às Artes Plásticas e à Música.

Agora vejo alunos do Fundamental II e do Médio, chegando apenas para assistirem aos trabalhos do dia da família. Embora este evento não seja realizado pelos alunos desses níveis, que são os sujeitos da minha pesquisa, resolvi observá-lo para conhecer a ocorrência de música nesta Escola em atividades festivas como esta.

No auditório vai haver uma contação de história. Há um fundo verde no palco, enfeitado com motivos de primavera: flores, sapinhos, nuvens, sol, e outros. Uma professora se senta no meio do palco e explica que a história a ser contada é *Como nasceu a alegria*, de Rubem Alves. Não há música nessa atividade, assim como nos espaços livres tomados pelas exposições.

Parece que somente vai haver música na apresentação do 2º ano e no *show A Arca de Noé*, que finalizará o evento.

Os alunos do 2º ano estão se reunindo nos degraus do ginásio para cantar. Eles estão fantasiados de vários personagens do cinema e outros: Super-homem, Homem Aranha, Branca de Neve, princesas, Cinderela, rei, bruxas. A professora fala ao microfone e apresenta o que vão fazer. Neste momento as crianças ficam de pé. Eles estão na formação clássica de coral, pois estão ocupando três degraus das arquibancadas. Tem muito barulho na quadra e a acústica não é indicada para uma apresentação desse tipo. Parece que não há instrumento acompanhador, nem regente. Começa uma gravação e os meninos cantam sobre ela. É a

canção *Era uma Vez*, com Sandy e Toquinho. Os alunos fazem uma coreografia estereotipada, em que o gestual segue a letra da canção. Não se houve absolutamente nada das vozes das crianças, e não há como avaliar afinação, musicalidade. Agora eles vão cantar outra canção, e eu tenho expectativa de que se possam escutar um pouco as suas vozes. Mas acontece o mesmo, barulho do público, que reage com gritos e assovios, como se estivessem em um jogo, e a gravação tapando as vozes das crianças. É a canção *Sonho Meu*, da Xuxa, que canta com outro cantor. Finalmente, vão cantar a última canção: *Vamo pular*, de Sandy e Júnior. Os meninos pulam e fazem todos os gestos que a letra indica.

Percebo que aqui nesta escola não há Educação Musical, como já sabia, e este trabalho é apenas visual, com destaque para os gestos dos braços e mãos das crianças, e pelas fantasias usadas por elas, o que não chega a ser nem mesmo um trabalho de dança.

Observação 8: Recreio 6º ao 8º Fundamental (O SM8)

Os meninos do 6º ao 8º ano estão saindo para o recreio. A maioria se reúne em grupos para lanchar, ou caminha entre os jardins. Ainda não vejo pessoas ouvindo som ou cantando. Agora foram abertas as grades da escada e eles descem para o pátio.

Aqui no pátio alguns ainda lancham, outros conversam e alguns estão jogando bola ou peteca. Não há alunos ouvindo música com fones de ouvido como é comum entre os maiores, principalmente na outra escola, que é uma escola pública. Agora sim, vejo uma menina escutando música no celular, com seus fones. Pergunto a ela o que ouve. Ela diz que é rádio, a 100.9. Ela ouve Moraes Moreira e Davi Moraes. Segundo ela, está ouvindo “músicas brasileiras clássicas”. Pergunto se sempre ouve essa rádio. Ela diz que sim. Tem 12 anos e está no 6º ano.

Aproximo-me de um menino maior que também ouve música no celular. Pergunto que é que ouve. Ele responde que é *funk* e *pop rock*. Quero saber se ouve no rádio, e ele diz que é gravação. Ele diz que, geralmente, ouve *pop rock*. Ele é do 8º ano e tem 14 anos.

Ainda vejo, entre os menores, brincadeiras de correr como pegador, o que é bastante raro. Na quadra esportiva, ao lado, tem um jogo de *handball* dos alunos mais velhos, parece que é aula de Educação Física. Alguns alunos que estão no recreio assistem ao jogo. Uma menina se aproxima de mim e diz que me viu conversando com sua colega e que também quer falar. Ela tem seus fones nos ouvidos e diz que gosta do Charlie Brown, e que tem quase todas as músicas dele, no “celular inteiro”. Ela me explica que baixou um aplicativo que baixa só músicas dele. Ela tem a mesma idade da colega e também está no 6º ano. Outras meninas se aproximam com olhares curiosos. Pergunto se querem falar. Dizem que sim, sorrindo, e pergunto que tipos de músicas gostam de ouvir. Uma delas responde que gosta de sertanejo, *pop*, Lady Gaga. Pergunto em que meios ouvem. Uma delas usa mais o celular, a outra, o *ipad*, a outra ainda, no *notebook* e no celular. Todas são do 6º ano. Há também um menino observando, e pergunto se quer falar. Ele diz que ouve *pop rock* e *rap*. Ouve quase todo dia, no celular.

Achei interessante esse grupinho que chegou até mim, me perguntando onde ia sair a fala delas e para que era feita aquela gravação.

Observação 9: Recreio 9º Fundamental e Ensino Médio (O SM9)

Hoje estou vendo alguns jovens com celulares ligados a fones de ouvido. Aqui na escola particular não é muito comum, tanto quanto na escola pública, onde há um número enorme de alunos que têm essa prática. Estou vendo, principalmente, meninas. Estou vendo meninos,

também. Vejo um trio, de pé, são dois meninos e uma menina. Ela divide um fone com um deles. Eu me aproximo e cumprimento o grupo. Pergunto se posso fazer uma pergunta. “O que estão ouvindo?” Respondem que é *rock*. São do 9º ano. Pergunto se ouvem sempre juntos, daquele jeito. A menina responde que não, que ele estava escutando som e ela quis saber o que era. Aí, ele emprestou um fone a ela, mas ele também não sabia identificar o que estava ouvindo. A menina acha que é o grupo Vangelis. Ele acha que é um outro.

Vejo aquelas formações clássicas dos recreios, meninos e meninas ficam sentados no chão, em grupo, em rodinhas. Aqui na escola particular, realmente percebo, é muito mais raro ver jovens com fones de ouvido, mas hoje há alguns. Acho outra dupla dividindo os fones, um menino e uma menina, sentados no chão do corredor, em meio a uma roda maior. Cumprimento-os. Pergunto o que ouvem, e ele responde que é Kate Perry, cantora *pop*. Outra menina cita outro estilo, RP, do qual nunca ouvi falar. Pergunto o que é. Ela diz não saber explicar. Eu digo que pode explicar do jeito que puder, pois eu não sei do que se trata, e quero aprender. Outra menina, ainda, com um rosto ligeiramente oriental, explica que RP é um estilo “*tipo blues*”, mas que seu estilo de música “é outro”, eu quero saber qual é, e ela diz que gosta de *pop* coreano. Quase pergunto se tem ascendência oriental, mas prefiro calar. Seus traços não são tão óbvios para isso, acho que é só uma coincidência. Digo: “Olha, nunca ouvi falar. Por que é que você gosta?” Um menino nos interrompe para dizer que gosta de *rock*. A menina volta a falar. Ela gosta de *pop* coreano porque dá vontade de dançar. Ela sorri muito e diz que é divertido. “Está bem que é uma língua diferente, e que eu não tenho nem ideia de como se canta, mas os caras são muito lindos. E não é o Gangnam Style.” Pergunto também como se escreve este nome, e ela me explica. Diz que esse grupo tinha uma musiquinha que estava tocando, há um tempo, bem famosa aqui. Quero saber se o Gangnam Style se parece com o *pop* coreano, pois foi o que entendi. Ela diz que é o mesmo estilo, porque o Gangnam Style também é *pop*. “Mas gosto também de *rock*. Eu dou uma variada, eu escuto música de qualquer país, eu não ligo muito não”.

Pergunto a outra menina se quer falar. Todos nós rimos diante da timidez de sua recusa. Vou me despedindo, mas parece que alguém quer falar. Uma menina que ainda não havia falado diz que eles são “mais chegados” em ouvir música de outros países. “Ela gosta de *pop* coreano, eu gosto mais de *rock* japonês, mas não só isso, eu gosto de mais coisas também.” Digo que acho legal isso, mas que não conheço nenhum desses dois estilos, e elas me dizem para depois eu procurar ouvi-los. Uma nova menina diz gostar de clássico. Eu me viro e pergunto quais. Ela diz que gosta de Johann Sebastian Bach, Salieri, Mozart, Strauss, Rachmaninov, *pop* também *rock*, vai tudo. Eu me surpreendo sempre com jovens que dizem gostar de música clássica, mas dessa vez não quis perguntar se tem formação musical específica, se toca instrumento. A primeira menina, a do *pop* coreano, parece querer falar. Pergunto a ela se também gosta de clássico, e ela responde, pouco convicta, que sim, mas que não ouve muito. E volta aos populares, dizendo que gosta de Scorpions, mas que eles não são clássicos. Corrige, falando que não são “Música clássica”, mas que são bandas consideradas mais clássicas. Diz que tem um *cd* deles que é calminho e gostos de ouvir, que até sua mãe gosta. Ela escuta também uma banda que se chama Maná, que é de um país hispano, mas não sabe de qual. Mas que é gostoso, e que acha meio triste esse povo que só escuta música em inglês e português e que acha que músicas de outros países são ruins. Ela acha que isso é muito preconceito. Ela acha que se a Índia fosse a maior potência do mundo as pessoas ouviriam música indiana e achariam normal, e achariam músicas em inglês “esquisitas, horrorosas e estranhas”. Um menino diz que inglês e português é o que eles mais conseguem entender, e que por isso gosta de músicas nestas línguas. Ele diz que quer entender a música no todo, na “sinfonia”, na letra, na mensagem. Para ele, a música coreana pode ser legal, mas que ele não entende nada do que eles querem, o que estão dizendo, qual a intenção. A menina volta a falar. Diz que ele sabe mais o inglês porque é a língua que as pessoas consideram

universal, todo mundo aprende, que se todos tivessem que “aprender indiano” ou “a língua deles de lá”, todos saberiam a música deles.

Encontrei um grupo que falou muita coisa: gostos musicais, ecletismo, hegemonia da língua inglesa e outros assuntos, como músicas de outras culturas, inclusive orientais. Eu tive que ficar agachada para falar com eles, que estavam sentados no chão do corredor, bem confortáveis, encostados uns aos outros e nas paredes, como os jovens adoram fazer.

Observação 10: Festival de Dança da escolinha de dança do Colégio (O SM10)

Embora o nome do evento, o festival a que assisti é somente de dança *jazz*, o que costumava se chamar de dança moderna ou balé moderno. O tema escolhido foi cinema norte-americano. Cada turma de meninas, desde as menores do ensino fundamental até as do médio apresentavam uma coreografia inspirada em um filme da Disney. A abertura e algumas cenas dos filmes eram projetadas num telão no palco. As roupas faziam referência ao tema ou a personagens, e pareciam muito bem confeccionadas. Cada número começava com o tema musical principal de cada filme, como introdução, e depois começava uma música americana, cantada em inglês, rápida e bem forte, ao estilo de balé moderno, e a partir daí desenvolvia-se a coreografia típica desse tipo de dança.

Observei que havia muita organização e que deve ter havido muito ensaio também, pois tudo pareceu sair a contento. Alguns números tinham uma coreografia mais elaborada, especialmente, os das alunas maiores. A música soava num volume altíssimo durante todo o tempo. O público era formado por pais e alunos. Havia somente meninas dançando, e a plateia manifestava-se sempre com bastante entusiasmo. Não havia variedade de estilos musicais e coreográficos, e a diversidade se dava apenas nos figurinos e nas músicas sempre de mesmo caráter e gênero.

Observação 11: Audição de alunos da oficina de musicalização (O SM11)

Estou aqui num auditório ao lado do Colégio, em forma de teatro de arena, e bem pequeno. Estou vendo algumas crianças com seus violões no palco, ensaiando com o professor, se preparando para a apresentação. Ouço um menino tocando a melodia de *Garota de Ipanema* (Tom Jobim), aliás, são dois meninos. Há alguns pais e crianças sentados, aguardando. Embora a faixa etária dos alunos seja mais baixa do que aquela do meu interesse, vejo algumas meninas já no limiar entre infância e adolescência, em torno dos 12 anos, além das crianças menores. O meu intuito ao observar este evento é ver que oportunidades a Escola oferece aos seus alunos em torno da música, e qual é a presença das canções de mídias dentro desses eventos diversos que eu tenho visto. Esta Escola não oferece música no currículo regular, mas somente as oficinas de música.

Agora sobe ao palco uma turminha, com seu professor. Ele toca violão e canta com elas umas canções didáticas, com objetivo de musicalizar crianças. São canções em forma de brincadeira.

O professor explica que a próxima turma, que é de violão, escolheu suas músicas a partir de uma votação promovida por ele, para que escolhessem as músicas que gostariam de tocar e de cantar. Para isso, eles ouviam pequenos trechos, durante as aulas, de músicas gravadas por ele, para que escolhessem suas preferidas. Essas crianças que vão se apresentar agora já são maiores, embora haja crianças, já há diversas pré-jovens. *Garota de Ipanema* foi a música que a turma escolheu na votação da sala de aula, para tocar em conjunto. Eles fazem a melodia

nos seus violões e o professor toca a harmonia/acompanhamento. Agora vão tocar o tema do filme *Titanic*.

Agora vem outra turma de pré-jovens com seus violões, que também vão tocar uma canção que escolheram (*A Thousand Years*, de Cristina Perry, tema da saga *Crepúsculo/Amanhecer*).

Os meninos pedem, espontaneamente, para tocar *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga, sendo que o professor já dava por encerrado o recital. Ele atende ao pedido dos alunos, acompanhando-os no com seu violão, enquanto eles fazem a melodia.

No final, o professor diz que tocará uma valsa de Dilermando Reis, a pedido da diretora da Escola, e as crianças riem e dizem que acham que essa música é “brega”. Depois da valsa, alguns meninos pediram ao professor se podem tocar um *funk*, mas ele diz que não é possível. Uns dois meninos fazem um acompanhamento nos violões, em ritmo de *rock*, enquanto as meninas cantam uma melodia e letra inventadas por elas, em homenagem ao professor, e lhe entregaram um buquê de flores.

3. ANEXO 3 - ENTREVISTAS ESCOLA PÚBLICA (E PII)

Entrevista E PII1

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Doze anos. 7º ano do Ensino Fundamental. (MECS) (menina).
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Ouço muito, com frequência na minha casa, no meu quarto.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Pop, porque eu acho bem diferente, e eu gosto de escutar outros tipos de linguagem como inglês, francês. E gosto muito também de sertanejo. Porque eu acho diferente, tem um ritmo bom, tem som de carnaval.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Eu gosto mais do ritmo, mas se me chamar muita atenção a música, principalmente se for inglês, eu pesquiso muito na internet a letra. Ela destaca muito na música, dá um ritmo diferente na hora, pode ser gritando, pode ser falando com uma voz diferente.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu entro na internet com o uso da tecnologia, é... eu vou no *youtube* e baixo no meu celular.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Ah, eu gosto muito do Luan Santana, da Lady Gaga, da Ryana, da Demi Lovato. Às vezes do Justin Bieber porque ele tá fazendo algumas polêmicas da música. Ele tem uma polêmica na música e na vida pessoal dele. O Luan Santana porque ele é lindo, a Demi Lovato porque ela tem um visual diferente, e a Lady Gaga porque ela faz muitas polêmicas também.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Neles não, mas bem antes eu fui no *show* do Rebeldes, que passou na televisão e me inspirei muito, eu fui até no *show* e chorei por eles, que eu gostava muito, na época. Agora não fazem meu tipo mais. (Pesquisadora: Você se inspirou como? Fazia alguma coisa que eles também faziam, gostava de alguma coisa que eles também gostavam?). Não, eu só fui no *show*.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Eu não frequento, mas um dia eu recebi um bilhete falando que podem se inscrever para fazer violino, viola... E no ano passado tinha contrabaixo, tinha aula de música, não tem agora porque ainda não aconteceu de ter dia e horário do contrabaixo.

Entrevista E PII2

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Doze anos, 7º ano do Ensino Fundamental. (JPRS) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Eu ouço muita música com muita frequência no meu quarto.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu gosto de ouvir *rap* e música eletrônica. Porque *rap*, as letras das músicas... algumas são legais e música eletrônica a batida é muito interessante.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?

No *rap* eu gosto mais das letras, mas na eletrônica é do ritmo. Na eletrônica às vezes tem umas letras legal. Os *raps* que eu gosto de ouvir e as músicas eletrônicas são todas americanas. (Pesquisadora: Você entende as letras?) Algumas sim.

5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu vou na internet.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Os grupos musicais que eu mais gosto é o grupo do...Abcii, que é música eletrônica, e eu gosto muito também do 2 Pac, que é de *rap*. O 2 Pac eu gosto dele porque com o rap dele ele protegia a família dele, dava voz pra quem não tinha nas favelas americanas.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Eu já me inspirei na roupa do 2 Pac, gosto muito dela, da roupa dele.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Frequento. Aula de música aqui ensina todos os ritmos, mas eu gosto mais quando toca bateria, esses negócios assim.

Entrevista E PII3

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Doze anos, 7º ano do Ensino Fundamental. (LCNG) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Olha, eu gosto de ouvir quando tô vindo pra escola e em casa. No ônibus. Eu gosto de *funk*. (Eu: Com que você ouve?). Celular.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu ouço *funk* porque tenho costume de ouvir essa música. Porque há muito tempo que eu já ouço, né? Já acostumei com essas músicas. Com algumas músicas, não com todas do *funk*.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Eu gosto mais do ritmo das músicas. Algumas letras, sim, outras, não.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu vou pela internet, depois eu vou no *site* que procura música, acho a música e do computador passo para o celular.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Meus grupos, não sei. Eu gosto do MC Pet, tá ligado? Porque as músicas deles são legais também. O ritmo dele, o visual. (Pesquisadora: Como é o visual dele?). Ah, ele gosta de andar com um colar, boné, blusa de frio, um tênis chamado Mizuno e uma calça. Ele anda mais assim.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Não.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
9. Frequento no contraturno, de manhã. Violão, bateria, a professora faz o ritmo e depois tem que imitar o mesmo ritmo. Quem vai errando, ela vai ver, quem errar vai saindo. O último que ficar ganha.

Entrevista E PII4

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Doze anos, 7º ano do Ensino Fundamental. (GHAE) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Ouço música com frequência vindo pra escola, na minha casa e pra dormir também gosto de ouvir música. Distrai a sua cabeça. Você ouve e consegue dormir mais rápido.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu ouço mais o *show* de música *funk*, *rap* e pagode. Porque o *rap* conta mais ou menos a realidade. O pagode, a batida é legal e o *funk* também.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Presto atenção na letra de todos os tipos de música, tanto no *funk*, *rap* e pagode.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu entro na internet, procuro o estilo de música que eu quero, depois eu baixo no computador, depois eu passo pro celular.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Racionais no *rap*, e no pagode, o o MC Guime. (Pesquisadora: O que você mais gosta neles?). Ah, o estilo de vestir, os cordões que eles usam, as roupas.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como? Isso não me inspira em nada, não. O que me inspira mesmo é o meu pai falando comigo. Ele fala pra eu ir pro caminho do bem, nunca ir pro caminho do mal, estudar; isso que me influencia.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
A aula de música é bem legal, a gente tem aula no contraturno. Aí, a professora, ela tem o violão, o piano, o pandeiro, e faz uns ritmos lá.

Entrevista E PII5

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Dezesseis anos, 1º ano do Ensino Médio. (LFG) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Eu ouço música bastante, é... às vezes em casa ou também na escola, no fone de ouvido.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu ouço música eletrônica, é... um pouco de *reggae*, e gosto também de MPB.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Eu presto muita atenção também na letra, o que a música tem a trazer. Mas também o ritmo influencia muito.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Às vezes eu acho na internet, muitas vezes, e às vezes colegas meus escutam também, eu vejo muito em rede social, etc.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Ah, eu gosto de MPB, Charlie Brown, gosto de *rap*, Haxixe, Raimundos. O que me inspira é o jeito de viver deles, o que eles pretendem trazer nas músicas. (Pesquisadora: O que isso que você chama de “o jeito de viver deles?”) Eles procuram na música retratar a vida dos jovens, na verdade, até mesmo adulto. “Tipo assim”: jovem tem muita briga com namorada, muita discussão com família, às vezes, conflitos, e eles mostram muito isso na música, sabe? Buscam uma forma de entender mais ou menos, de entrar “dentro” do assunto.

7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
O estilo de vida desses cantores que falei é basicamente o *skate*. Eu ando de *skate* há um ano, mais ou menos, e sempre levei esse estilo comigo, sempre carreguei. E basicamente eu fui influenciado a escutar isso, porque a gente vive naquele mundo dos skatistas, curte aquilo. Daqui a pouco a gente vai e acaba escutando, gostando.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Sim. Aulas de música eu frequento. É uma vez por semana no contraturno e, sempre que dá eu estou presente.

Entrevista E PII6

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Quatorze anos, 1º ano do Ensino Médio. (LSH) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Ouço, sim, com frequência, em qualquer circunstância, mas principalmente em sala de aula. A professora não deixa, mas a gente tenta ouvir, fugindo às regras.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Sertanejo, porque eu acho que nessa idade, é o que mais se compara com a gente, em certas situações.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Ligo sim, e o que mais bate com a gente são as letras, principalmente, canta muito o que a gente vive hoje em dia.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Hoje a internet oferece todos os tipos, ou então baixo no telefone ou peço a um amigo mesmo.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Sertanejo, principalmente, Jorge e Mateus, Tomate, adoro. O que eu gosto mesmo é da inspiração que eles têm pra criar as músicas.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Acho que sim com certeza, principalmente de roupa, no estilo que bate muitas vezes com as coisas que você gosta.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Sim, aula de música mesmo, em que eles ensinam muitas músicas, principalmente as que você não tem costume de ouvir.

Entrevista E PII7

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Quinze anos, 1º ano do Ensino Médio. (DLMM) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Eu ouço música praticamente todos os dias, quando eu tô vindo pra escola, no ônibus, quando não tem ninguém pra conversar, eu ouço música. Bem frequentemente. É até bem estranho porque eu ouço música quando eu tô lendo. É muito bom.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Olha, eu ouço mais *pop*, MPB e *gospel*. Sinceramente eu não acho as músicas daqui do Brasil muito legais, então eu vou mais pro internacional, por isso.

4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Tanto um quanto o outro. Porque você não pode ouvir uma música se você não sabe a letra. Você começa a cantar ela em inglês e tal, fala de coisas que não têm nada a ver, sabe? Então é sempre bom estar olhando as letras. (Pesquisadora: Você entende as letras?) Algumas sim, algumas não. As que eu não entendo ou procuro na internet.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu uso internet, eu peço a amigos da escola que traduzem pra mim.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Eu gosto de música *pop*, MPB e evangélica. Olha, eu gosto da banda Hill Song, gosto de Cathedral, muito legal também. É do primo do Renato Russo, dentre outros. Essas músicas me trazem paz, porque o dia-a-dia é muito agitado, então, às vezes, é muito bom ouvir.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Já. Como eu disse, trazem paz. Vamos supor: você terminou um relacionamento. Vamos supor que a menina está querendo suicidar, então a música vai e fala que isso não vale a pena. É muito legal o jeito que a música fala...
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Frequento, a aula que mais gosto é a aula de Música. Ah... fala várias coisas.

Entrevista E PII8

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Dezesseis anos, 1º ano do Ensino Médio (GAPS) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Com frequência, todo dia gosto de ouvir e tal.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Rap e *funk*, porque eu curti. Comecei a gostar.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Nas nacionais, sim. Porque eu escuto também algumas americanas, mas eu não presto atenção, não.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Internet.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
O Nocivo de *rap*, e *funk* o MC Rodson. Ah, eu curto a letra da música mesmo, o jeito que eles fazem a música.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Já, o Nocivo, cantor de *rap*, ele fala muito isso de grafite, pichação, e eu curto pra caramba. (Pesquisadora: Você faz também ou só curte?) Eu faço também.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Tem. Eu assisto, mas não curto muito não, porque não fala de música. Por enquanto tá falando só mais de cultura mesmo.

Entrevista E PII9

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Doze anos, 6º ano do Ensino Fundamental. (MSC) (menina)

2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Sim. Em casa, nos lugares que eu vou, festas.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
É *pop* e sertanejo. Ah, eu acho legal. As músicas *pop* são em inglês, eu faço inglês, aí, eu gosto. Amigos, minhas amigas gostam.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Na letra e na música.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
No rádio e no computador, internet.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Ah, eu gosto da Demi Lovato. Ela canta bem, estilos de roupa...
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Não.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Frequento. A gente senta em círculo, aí a professora vem com os instrumentos e fala sobre eles.

Entrevista E PIII0

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Doze anos, 7º ano do Ensino Fundamental. (AAS) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Ah, o dia inteiro. Em casa, numa outra escola que eu vou de manhã, o dia inteiro.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Pop, porque é mais animada. Meu pai era locutor de rádio.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Mais na letra, mesmo sendo em inglês, aí eu procuro a tradução. Quando eu gosto de uma música em inglês, aí eu vou e procuro.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Ou pela internet, ou uma amiga que já escutou e me mostrou, ou rádio, ou aqueles carros que passam tocando na rua.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
O One Direction, o Fifthy Harmony e o Embliem 3. São bonitos. O Fifthy Harmony é só de meninas.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Não.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Sim, é legal. Neste ano a primeira aula que teve foi só... a professora só falou, mas ela falou que nas próximas aulas a gente vai tocar, e eu gosto muito de tocar instrumento. Bateria, teclado, pandeiro, triângulo e campainha (risos).

Entrevista E PIII1

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Doze anos, 7º ano do Ensino fundamental. (JASM) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?

Ouço muita música porque meu pai é músico, ele toca ali no Palácio das Artes, ele toca... ele é percussionista. Ele toca nas aulas de balé do Palácio das Artes e numa companhia ali em cima, chamada Corpo. Eu ouço várias vezes muitas músicas em casa, o meu pai também. Aí, todo mundo da família escuta muita música. (Pesquisadora: Seu pai é que leva essas músicas?) É, algumas vezes, umas sim, outras não. Tem algumas que eu escolho.

3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu gosto do *rock* clássico porque tipo... tem umas bandas bem boas que eu curto muito, temos Beatles, Led Zeppelin, Pink Floyd, um monte de músicas. Porque as músicas deles são muito chiques, chiques mesmo, eu gosto muito.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Ah, eu ligo em tudo mesmo, eu acho muito bom, muito bom mesmo. Mais pela letra.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Às vezes eu ouço pela internet, celular, na rádio mesmo, no *cd* do meu pai, desse jeito.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Eu gosto muito dos Beatles mesmo, porque tipo a formação inicial dele era boa, porque o Paul e o John tocavam muito, tocam ainda (menos o John, que ele morreu). Eles eram muito bons, mesmo, pena que acabou. Led Zeppelin, Pink Floyd também. O álbum que eu gosto muito deles é *That side of the moon*.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Não, não.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Frequento, frequento, sim. A professora que dá aula de música de manhã é muito boa. A gente às vezes conversa sobre estilos musicais, ela fala o que... ela manda a gente pesquisar sobre as músicas. Muito chique.

Entrevista E PIII2

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Doze anos, 7º ano do Ensino Fundamental. (BF) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
No escolar, em casa.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Rock, porque eu acho interessante.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Mais no ritmo. (Pesquisadora: Você não entende as letras?). Algumas eu entendo. Eu procuro a tradução na internet.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu vou no *youtube* ou baixo no meu celular.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Pink Floyd, Red Hot e Chilly Papers. Ah, o ritmo da música, o jeito que eles cantam, a voz do cantor.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Eu sempre quis comprar a camisa deles. Meu pai ainda está procurando... do Red Hot.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
No contraturno. É legal.

Entrevista E PII13

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Treze anos, 8º ano do Ensino Fundamental. (CP) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Muito, em qualquer lugar em qualquer hora.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Pop, me identifico mais.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Em tudo.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Pelo celular ou pelo computador.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Demi Lovato, Celená Gomez. A história de cada uma.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Sim. Não sei, eu acho mais bonito. Já desenhei no braço, já pintei o cabelo.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Sim.

Entrevista E PII14

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Doze anos, 8º ano do Ensino Fundamental. (APM) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Muita e em qualquer lugar mesmo.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu gosto mais de *pop* e de rock *indie*. Ah, são os que mais gosto mesmo. Os que são mais fáceis de entender. Comecei a escutar pela rádio mesmo.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Mais nas letras. (Pesquisador: mesmo se for em inglês?) Mesmo.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Eu gosto de One Direction, Celená Gomez e One Republic. O modo deles serem. Eles são 'tipo assim', muito inspiradores. Eles me inspiram com as letras das músicas.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Ah... não me lembro.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Tem aula de música, mas não tem aula de música específica de instrumento.

Entrevista E PII15

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Doze anos, 8º ano do Ensino Fundamental. (BLC) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Todo dia. Quando eu tô indo pra escola.

3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Rock, não sei, porque mais me identifico. Quando eu era pequena eu escutava muita música por causa da minha mãe e do meu pai, assim... *rock*. Aí eu fui crescendo, fui entendendo.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Primeiro ouço a música, mas depois eu ouço a letra, o que acontece nela...
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Computador. Eu coloco no computador pra ver a letra, no site de busca de músicas.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Eu gosto da Avril Lavigne e Evanescence. As letras das músicas têm muito a ver comigo. Por exemplo, igual a da Avril. Tem muita letra de música que tem muito a ver comigo. Por exemplo, um momento que *cê tá vivendo*. Você escuta essa música e parece que está na música tudo isso que você tá vivendo.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Não, eu nunca me inspiro em alguém, nunca me inspirei num cantor.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
É, você não vai num instrumento específico, você vai ter diversos. Por exemplo, a professora pede pra você escolher uma música aí você vai fazer o som dessa música, mas nunca você vai aprender a tocar esse instrumento específico.

Entrevista E PIII16

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
2. Treze anos, 8º ano do Ensino Fundamental. (GCCO) (menina)
3. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Escuto todo dia na hora que eu vou pra escola, na hora que eu volto...
4. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Pop e *rock*, porque eu me identifico mais com eles, com as músicas, com a letra, com o ritmo. Comecei a gostar escutando pela rádio.
5. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
No ritmo e na letra. Nas duas.
6. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
7. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
One Direction. Admiro mais as letras, a personalidade deles, tudo.
8. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Sempre. Em atividades de Artes, no quarto, a escolha de material, caderno, tudo. Que tem a marca deles.
9. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Tem. É muito interessante.

4. ANEXO 4 – ENTREVISTAS ESCOLA PARTICULAR (E SM)

Entrevista E SM1

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Dezessete anos, 3º ano do Ensino Médio. (RFF) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Sim, em casa.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu gosto de muitos estilos de música, mas o que mais gosto é *rock*.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Nas duas coisas.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Uso a internet.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
O grupo musical que mais gosto é Scorpions, de *rock*. O que mais admiro é a música, a letra e a melodia.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Não, só de vez em quando, se tinha que fazer trabalho na escola sobre música, aí eu fazia sobre eles. Mas na vida mesmo, não.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Não. Não tem aula de música.

Entrevista E SM2

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Quinze anos, 1º ano do Ensino Médio. (BP) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Ouço música com frequência, em todas as circunstâncias, todos os lugares, menos na escola no horário de aula, fora isso, estou escutando música.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu acho que só não escuto *funk* e sertaneja, porque eu acho que não são músicas que têm uma harmonia... Como eu sou músico, eu entendo o quesito, então, não têm uma harmonia adequada, não têm um pensamento musical é mais uma coisa à toa.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Nos dois, né? Pelo fato de eu ser músico, a gente presta atenção nos dois, na harmonia tanto quanto na letra, e tento aproximar um pouco da realidade as músicas que eu escuto. Algumas músicas eu acho que fazem... Já viu quando você fala assim: essa música é pra mim? Seria esse o fato.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu compro muito *cd*. Tem muito *cd* lá em casa, mas algumas vezes escuto pelo *youtube* mesmo, pela internet.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
O que eu mais gosto seria o Guns 'n Roses, uma banda norte-americana, e o que eu mais admiro neles é o guitarrista Slash da banda.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?

Já, eu acredito que já porque acho que o meu estilo de ser parece com o deles, o jeito que eu ajo, as minhas atitudes, e a minha parte da área que eu toco a música, também parece. Por exemplo, o jeito de eu me vestir, principalmente. Eu sou diferente, não sei, o jeito que eu ajo, eu acho, assim meio roqueiro, o pessoal fala... Não por gostar, mas por atitudes mesmo.

8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?

Não, não, é aula particular mesmo. Na minha casa, tenho aula de violão, violão clássico, mas eu sei tocar outros instrumentos, também, baixo, carron, violão, guitarra.

Entrevista E SM3

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Quinze anos, 9º Fundamental (LGC) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Ouço muito lá em casa e com fones de ouvido, no meu celular.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eletrônica, *rock* e pagode. Meu gosto musical.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Nas letras e no ritmo, nos dois.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Fico baixando no meu celular e, às vezes, vou no *youtube* pra ver.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Capital Inicial, Psirico, Exalta Samba, tem vários grupos.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Já. Usei tênis que um cantor – Dinho Ouro Preto – usou. Do Capital Inicial.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Não, porque aqui na escola não tem aula de música.

Entrevista E SM4

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Quinze anos, 1º ano Médio (EBS) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
É... eu ouço muita música e... sempre, em qualquer momento.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu gosto de um pouco de tudo, mas assim, eu gosto muito de eletrônica, mas eu ouço de tudo porque é animado. (Eu: Você prefere músicas mais animadas?) Sim.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Acho que a letra e o ritmo, assim diferente sempre eu gosto.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu escuto rádio e internet.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Eu gosto da Lana Del Rey e do Imagine Dragons, a letra deles é muito legal. Acho que são meus dois preferidos. São *indie* e *folk*. Imagine Dragons é um conjunto. (Pesquisadora: O que você gosta mais neles?) As letras e o ritmo. Alguns são calmos, outros bem agitados, essa diferença...

7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Acho que não. Eu só escuto às vezes pra ficar mais calma. As músicas que têm um ritmo mais calmo. Às vezes eu escuto quando eu estou mais estressada, mas só isso.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Não, não faço. Já fiz há muito tempo. Não, aqui na escola não, fora.

Entrevista E SM5

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Quinze anos, 1º ano Médio (DB) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Eu ouço como passatempo, e escuto muita música. Qualquer lugar que eu vou, no carro, em casa.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu escuto muito *punk* e eletrônica. Gosto da batida e tal, aí eu escuto.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
É mais no ritmo, mesmo. Poucas vezes na letra.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu baixo música no celular, pelo *youtube*, rádio. (Pesquisadora: Você ouve rádio?) Às vezes, no carro.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Não guardo muito nome, não. Eu sou muito eclético. Eu escuto muitas músicas diferentes. (Pesquisadora: Você escolhe mais pelo estilo do que pelo grupo?) Sim, mais pelo estilo. (Pesquisadora: E do que você mais gosta neles?) Os estilos deles, a roupa, o cabelo, eu gosto bastante. E do jeito deles cantarem também.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Já. Teve uma vez que eu raspei a cabeça porque tem um cantor que usa o cabelo raspado aqui do lado, aí eu fui e raspei também.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Não, não.

Entrevista E SM6

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Quinze anos, 1º ano do Ensino Médio. (DSG) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Ouço música com muita frequência em qualquer circunstância mesmo, porque música relaxa. E quando eu fico um pouco com raiva eu toco flauta transversal porque relaxa muito mesmo.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
(risos) Eu gosto de sertanejo, pagode, gosto de *funk* também. (mais risos). Gosto de todos. Só forró que eu não gosto muito assim. Por quê? Não sei porque... eu gosto do ritmo.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Sertanejo eu me ligo mais às letras. *Funk*, não, porque *funk* não tem letra. Os outros, eu gosto do ritmo e da letra.

5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Internet, mesmo.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Jorge e Mateus. Porque eu acho o Mateus lindo, e porque eu gosto muito das letras das músicas, eu acho muito interessante.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Não, nunca.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Não, eu parei de fazer.

Entrevista E SM7

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Dezesseis anos, 1º ano do Ensino Médio. (NO) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
É, eu ouço música com frequência e eu ouço o tempo todo. Tudo que eu faço é com música.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu ouço mais MPB porque eu gosto do ritmo e eu acho que as letras também...
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Eu costumo prestar muita atenção na letra, é o que eu mais gosto.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu tenho um aplicativo no celular, que é o *itube* e por ele eu escuto as músicas. *Itube* é um aplicativo para *ifone*.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Olha, eu gosto muito de Legião Urbana, eu gosto de Chico Buarque e Tom Jobim também escuto muito. Gosto da letra, as letras mesmo que me chamam atenção.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Sim, já. Pra tomar decisões, eu acho. Ah, eu acho que desde o âmbito pessoal até o âmbito profissional aqui do colégio, sabe? Acho que instruem muito as músicas. As letras, elas nos dão ideias, nos ajudam mesmo a tomar decisões.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Não, quando eu era pequena eu fazia aula de teclado. Eu parei por causa dos estudos. Era na minha casa, a professora ia lá.

Entrevista E SM8

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Dezessete anos, 3º ano do Ensino Médio (RTOM) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Eu ouço com frequência, eu escuto mais no celular e no computador. Quando não tenho nada pra fazer, aí eu fico com o fone. Quando eu tô estudando aí eu gosto de escutar música mais calma e tal. E quando também eu tô andando, qualquer coisa eu escuto música, qualquer circunstância. E por eu tocar, eu fico sempre escutando também para aprender a tocar. (Pesquisadora: Você toca o quê?) Violão.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?

- Eu gosto de MPB, sertanejo e música internacional. Por causa do ritmo e da letra.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Depende. Tem música que eu escuto muito por causa da letra, mas tem aquelas que “pega”, sabe? E você acaba ficando com elas na cabeça, e não é por causa de letra, é por causa de ritmo.
 5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Internet.
 6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Eu gosto dos Beatles, Legião Urbana e Paula Fernandes. Eu gosto de Beatles por causa das letras. Todos são por causa das letras, por exemplo: Paula Fernandes é mais calma e eu gosto muito de música calma também.
 7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Não, não.
 8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Não, eu frequentei numa escola de música. Eu frequentei por um ano e meio e parei, e comecei a pegar em casa.

Entrevista E SM9

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Dezesseis anos, 2º ano do Ensino Médio. (JSGJ) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Sempre que eu tenho um tempo livre, eu gosto de fazer tudo ouvindo música, com bastante música.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Sou muito eclética, mas no dia a dia, eu ouço mais música nacional e mais MPB.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Numa junção dos dois, só que eu procuro me ligar mais à letra.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Internet, tiro da internet, passo pro celular...
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Meu grupo preferido são os Los Hermanos, meu cantor preferido, cantor solo é o Chico. Tipo assim as letras e o estilo e ritmo mais tranquilo combina comigo, acho que tem mais a ver comigo. Los Hermanos é... eu não sei dizer ao certo o estilo porque eles têm músicas de ritmos diversos. Mas eles são mais pro *pop* nacional. Eles são brasileiros, cariocas.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
De comportamento meu... sim, a maioria dos meus trabalhos de literatura ou de história da arte, história, português, essas coisas que envolvem mais humanas, eu sempre procuro me basear em alguma letra, algum poema deles, do Chico. Eles são sempre citados nos meus trabalhos e, tipo assim, quando eu era pequena eu fui muito influenciada pelo poema do Chico Buarque, pelos poemas musicais dele. Minha mãe sempre me contava dos contextos e do que essa música trazia, desde que eu era bem pequena. Então, às vezes, eu lembro muito do que minha mãe falava e me baseio nisso. Não pra tudo, não vou dizer isso que seria hipocrisia, mas seria assim. Vem de berço, meu pai e minha mãe sempre gostaram e me passaram isso desde que eu era pequena, sabe? Eu cresci ouvindo *Meu guri*, eu cresci ouvindo *A banda*, eu cresci

ouvindo *Geni*. Eu cresci ouvindo esses clássicos e também acabei tomando gosto e até hoje eu trago isso e eu quero passar isso pra frente, sabe? Daqui a uns vinte anos, quando eu for mãe, eu quero passar isso pra frente.

8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Não, não tem aulas de música.

Entrevista E SM10

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Quinze anos, 1º ano do Ensino Médio. (MCO) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Eu escuto música todos os dias, em casa, no meu quarto quando não tenho nada pra fazer. Começo a ouvir música.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu gosto muito de eletrônica e *rock* alternativo. Porque eu acho que é muito inspirador e me ajuda quando eu estou com algum problema, escuto música e me dá uma acalmada.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Eu acho que tudo importa, tem que ter uma ligação em tudo, letra, a batida, o ritmo. Eu me ligo muito na letra porque eu acho que a letra tem muita influência em mim. Se for uma letra banal, alguma coisa assim, eu acho que eu não vou ouvir.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu vou no *youtube*, escuto as músicas que eu gosto e, quando eu gosto muito da música, eu baixo, coloco no meu celular e fico ouvindo.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Eu gosto muito de Artic Monkeys, que é uma banda. E eu acho que eles são incríveis porque as letras são tipo filosóficas e... são muito boas. *Rock* alternativo. Me inspiram muito quando escuto, elas falam muito sobre a minha vida. Têm uma relação muito forte comigo.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Ah, desse jeito assim, não. Mas quando estou ouvindo música eu acho que fico com mais coragem e faço as coisas menos sem pensar.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Não, mas eu queria muito que tivesse.

Entrevista E SM11

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Quatorze anos, 1º ano do Ensino Médio. (AZB) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Ah, eu ouço música, indo para os lugares, para o inglês, viajando, ouço com fone pelo meu celular.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Ah, sou bem eclético, gosto de vários tipos de música, sertanejo, *rock*, samba, pagode. Eu sou bem eclético.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?

- Depende do tipo. Se é uma música mais pra uma festa, eu prefiro uma música com ritmo melhor. Se for uma música, por exemplo, MPB, tem que se ligar mais na letra. (Pesquisadora: De onde vem esse gosto?) Ah, influência dos pais, amigos, das festas.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
No celular, eu baixo as músicas no celular e ouço pelo fone.
 6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Cantores sertanejos eu gosto mais do Henrique e Juliano. Eu gosto mais dos ritmos das músicas deles, de MPB gosto de Nando Reis e de bandas de *rock*, eu gosto do Capital Inicial e Legião Urbana. O estilo musical, o ritmo e as letras. Tipo assim, o Capital Inicial e o Legião Urbana têm umas letras bem rebeldes, sabe, querendo mudar. A melodia... eu gosto muito.
 7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Não sei, depende, por exemplo, comportamento mais rebelde querendo mudança, um país melhor, eu acho que todo mundo tem esse pensamento aqui no Brasil e o *rock* do Capital Inicial e do Legião Urbana têm bastante músicas assim, tipo Que país é esse, Veraneio Vascaíno são músicas que pedem algum tipo de mudança. Eu gosto muito desse tipo de música.
 8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Eu gostaria porque a música é muito boa pra você distrair, pra você formar seu pensamento e isso é muito importante para os alunos do Colégio.

Entrevista E SM12

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Quinze anos, 9º ano do Ensino Fundamental. (MVDL) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Eu sempre ouço músicas, eu fico tão animado com isso... Eu ouço músicas toda hora, em casa, pode ser aqui no colégio.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Ah, eu ouço *pop*, *rock*, às vezes, porque eu sou atraído por esses estilos de música. É difícil de explicar. Porque eu ouço mesmo muitas músicas, aí acaba que eu começo a gostar, tanto que eu quero ser um compositor, músico quando eu crescer, profissional mesmo.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Bom, eu digo que nos dois. Inclusive eu até escrevo, mas eu pego o ritmo de outras, ou seja, também me ligo no ritmo. Eu tenho um monte aqui, umas onze músicas. Todas quase *pop*, a maioria do Michael Jackson mesmo.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Youtube mesmo. É puro youtube.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Eu tenho vários cantores preferidos. São tantos que eu nem sei dizer, né? Sei lá... Ross Lynch, *pop* também. Aí, assim, muitos, igual Michael Jackson também. É um dos meus artistas preferidos, inclusive, lá no topo, número um. Vida louca. Eu admiro neles o seguinte... é porque eles são os famosos, é o cara, é a bola da vez, né? São os tops.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Não, nunca. Eu tenho o meu estilo, eu sou eu, e vou continuar.

8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Não, tudo que eu sei de música aprendi em casa, cantando inglês, português, espanhol, às vezes até mesmo em coreano ou japonês. É isso. Eu apresento no colégio. (Pesquisadora: Você apresenta suas músicas?) Não, minhas não. Eu penso um dia em fazer isso, claro. Mas até agora o que é que eu faço? Eu trago o instrumental das músicas e boto pra tocar lá. Aparelho de som mesmo, *cd* que eu gravo. (Pesquisadora: onde você põe pra tocar isso?) Aqui no recreio, no ginásio um. (Pesquisadora: aí junta uma galera pra ouvir?) Sempre, quem quiser vir aqui é bem vindo pra escutar. As minhas eu ainda não apresentei, mas eu penso em apresentar um dia. (Ele me mostrou várias letras que compõe inspirado em ritmos e melodias desses cantores que ele citou).

Entrevista E SM13

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Quinze anos, 1º ano do Ensino Médio. (ACCC) (menina)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Eu escuto música com muita frequência em casa, em qualquer lugar que eu estiver e quando eu tô com vontade, tô triste ou animada também.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu gosto de sertanejo, música *pop*, eu gosto de ouvir. Normalmente vem das minhas amigas que me apresentam, do meu irmão...
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?
Pro ritmo e pras melodias.
5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu vou no *youtube* ou no meu celular quando eu baixo.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Jorge e Mateus. Eu gosto do ritmo das músicas. Eu acho que eles são pessoas muito legais, eles chamam a atenção.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Que eu me lembre, não.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Não.

Entrevista E SM14

Entrevista individual:

1. Qual é a sua idade e série que cursa?
Quinze anos, 1º ano do Ensino Médio. (LSB) (menino)
2. Você ouve música com frequência? Onde e em que circunstâncias?
Eu ouço música bastante, todo dia. Em qualquer coisa que eu tô fazendo eu tô escutando música.
3. Que estilos de música você ouve mais? Por quê?
Eu ouço mais estilo *rock* porque eu acho que tem mais melodia e sentimento nas músicas e eu me identifico muito com isso. Esse meu gosto, essa ideia de música pra mim foi formada pelo meu irmão, que tem banda de *rock*. Aí, ele me influenciou muito nos meus gostos musicais. Ele é mais velho, tem vinte anos.
4. Você se liga nas letras das canções ou apenas no ritmo/melodia?

Nos dois, nos dois.

5. O que você faz para conseguir acessar suas músicas preferidas?
Eu entro na internet, no *youtube* ou então eu ouço pelo celular.
6. Quais são seus grupos musicais e cantores preferidos? O que você mais admira neles?
Eu gosto muito de uma banda que chama Fresno. É brasileira, brasileira. Do Lucas Silveira que é o cantor da Fresno. Eu gosto também de uma banda canadense, City and Colour. Eu gosto muito das músicas dele, das letras deles. Eu me identifico muito, tem bastante sentimento. Eu acho bem bonito o que eles fazem.
7. Você alguma vez já se inspirou neles para fazer algo ou se influenciou por eles, de alguma forma? Como?
Bastante, porque me influencia muito, tá no meu dia completamente, eu escuto todo dia, e também me influencia na hora de escrever. Eu escrevo algumas músicas e alguns poemas. Aí eu tiro a inspiração deles. (Pesquisadora: me fala um pouco da sua experiência com música. Os meninos ali estavam contando... Como é?) Eu sei tocar violão, bateria e guitarra. Agora eu tô mais no violão, comprei um há pouco tempo. Lá em casa a gente faz música, fica lá brincando com o violão e tal. Acho bem legal. (Pesquisadora: quais estilos você toca mais?) *Rock*, mais *rock*.
8. Você frequenta aulas de música na sua escola? Como são?
Não.

5. ANEXO 5 - GRUPOS FOCAIS ESCOLA PÚBLICA (GF PII)

GF PIII (8 membros, alunos de 12 e 13 anos)

1. Qual é a experiência de vocês com música?

A. (13 anos, menina): Eu já toquei teclado, só que eu parei, porque as músicas que a minha professora mandava, eu não gostava muito, aí eu perdi o interesse de treinar. A minha mãe tentava, tentava pra eu continuar fazendo teclado, mas eu tinha preguiça de fazer, porque as músicas...eu não gostava nem um pouco. Era só música clássica e um tanto de outras músicas, menos as músicas que eu gostava. Aí, ela tentou dar músicas que eu gostava, só que as músicas que eu gostava eram mais difíceis. E depois eu fiquei com dúvida se eu queria violão ou teclado, aí eu parei.

C. (13 anos, menino): Eu toco violão. Eu fiz aula cinco anos, meu pai me pôs na aula e eu toco violão até hoje. Eu ouço músicas na internet.

G.H. (12 anos, menino): Eu já fiz coral na igreja, mas tive que sair porque o cara falou que eu ia irritar minhas cordas vocais porque eu não sabia cantar. Sabia gritar (risos).

G.G. (12 anos, menino): Eu fiz três anos de aula de violão só que eu tive que parar porque estava crescendo muito calo na minha mão e eu não estava conseguindo tocar direito.

R. (13 anos, menino): Eu não toco nenhum tipo de instrumento até o momento. A minha única forma de interação com a música é só escutando mesmo, mas eu tô pensando em começar a ter aula de algum instrumento porque eu acho que a música é muito importante no dia-a-dia.

A. (13 anos, menina): Cada música, cada gênero musical que eu escuto, depende... o que eu mais gosto mesmo na música é a letra. Assim eu não ligo muito pro ritmo que tem atrás dela, não. Se ela for bonita, pra mim a música se torna maravilhosa. É impressionante como você está passando por algum momento na sua vida, e uma música fala tudo aquilo que você tá sentindo. Parece que o autor fez pensando em você. Tipo assim... tem música que eu ouço assim. Por exemplo, o Fernando, Renato Teixeira, não lembro direito. Uma música que é *Filho adotivo*. Minha avó cantou pra mim, eu chorei ouvindo essa música. Filho adotivo que colocaram no asilo, mas quem deu valor a ele foi o adotivo. Eu ouvi aquilo, eu chorei, chorei, chorei assim de soluçar mesmo. Porque a música é muito triste, até hoje eu choro ouvindo aquela música. E assim, cada música, é impressionante, cada música te faz sentir... ela pode até mudar seu estado, eu mudo meu estado de uma maneira... Eu tô triste, ouço uma música e me sinto bem melhor, ela me relaxa.

2. Vocês curtem música mais quando estão sozinhos ou em grupo? Por que?

R. (13 anos, menino): Bom, depende muito da música. Tem algumas músicas que eu prefiro curtir sozinho por causa... é uma coisa que tem mais a ver comigo quando eu tô querendo ficar relaxado ou quando eu tô triste, eu escuto um tipo de música. Mas quando eu tô com meus amigos e quero curtir, eu escuto outro tipo de música.

Eu gosto mais de escutar música sozinha porque, igual a A. falou, eu acho que uma música pra cada pessoa traz um significado diferente. A música, você escutando ela sozinha, eu acho que você presta mais atenção, você tenta ver outras coisas na música que você não vê quando está em grupo. Quando a gente tá em grupo também é bom escutar música, mas eu acho que não é a mesma coisa quando a gente escuta música sozinha.

G. (12 anos, menina): Tipo assim, igual a A. falou, cada música expressa um sentimento em você. Aí, quando eu tô sozinha, eu prefiro escutar uma música mais assim, que me retrata. Aí, quando eu tô animada, uma música mais animada. Ou então, quando eu tô triste, eu vou lá e coloco uma música triste. Quando eu tô em grupo, eu gosto de escutar uma música que retrata todo mundo, entendeu? Que todo mundo gosta, que todo mundo escuta, que todo

mundo curte. Igual na 6ª feira, é o contraturno, né? Quem é da nossa parte fica sofrendo porque a gente canta o contraturno inteiro, inteiro, inteiro.

(Pesquisadora: o que vocês cantam?) A maioria é sertanejo.

Menina: Antiga...

A (13 anos, menina): Depois a gente vai pro Charlie Brown, pagode. São mais músicas alegres, não são músicas tristes. Você vai cantar música triste, já é 6ª feira, você acorda de manhã, vai cantar música deprimida, não tem como.

G.H. (12 anos, menino): Eu gosto mais de ouvir música...depende do grupo. Tem um grupo lá na rua, a gente sai, aí a gente coloca música, é mais legal. A gente coloca o som alto e é legal. Melhor do que ouvir sozinho.

G.G. (12 anos, menino): Eu prefiro ouvir música sozinho porque, como diz a A., expressa mais o sentimento que você tá sentindo, mas quando você tá em grupo, igual ela também falou, eu prefiro uma música mais alegre, porque todo mundo vai ficar mais feliz. Se você colocar uma música mais triste, todo mundo vai ficar com o astral baixo.

P.L. (12 anos, menino): Eu acho melhor escutar música em grupo, quando eu tô em casa, que eu escuto com meu pai e com a minha mãe. Em família, é melhor porque todo mundo escuta.

3. O que vocês mais fazem quando estão num ambiente com outros jovens quando tem música?

R. (13 anos, menino): Quando eu tô com meus amigos muito próximos mesmo e começa a tocar música, geralmente a gente começa a dançar como louco, depois, a gente começa a rir. Aí para, olha pra cara um do outro e começa a rir de novo, porque quando a gente tá em grupo a gente fica muito... (risos).

C. (13 anos, menino): Eu acho também a mesma coisa que o R. A gente dança, canta. É isso. A gente mais brinca do que ouve a música.

G. (12 anos, menina): Tipo assim, quando eu tô com minha irmã, sempre a gente escuta uma música e inventa uma coreografia, uma dancinha, fica escutando, fica dançando. Ou igual com uma amiga minha, a gente gosta do mesmo estilo musical, a gente também dança, escuta, dá um grito e abraça uma a outra. Faz a dancinha e a gente começa a rir, para e começa a rir de novo.

G.H. (12 anos, menino): Meus amigos...eu fico muito lá. Quando tá tocando alguma música a gente... sei lá... que nem agora, do *funk*, vamos supor, o Passinho do Romano, a gente começa a dançar, né? Quando é música normal, a gente fica um olhando pra cara do outro, cantando a música.

(Pesquisadora: o que é música normal?) A música em que todas as músicas são iguais, sabe? Que nem a música que fala quase a mesma coisa que todas as músicas falam. Não é uma música que puxa sentimentos diferentes.

(Pesquisadora: quando é música de *funk* é que vocês dançam?) Tem músicas de *funk* que são música normal, todas falam a mesma coisa.

(Pesquisadora: Não é normal uma música que tem uma coisa bem diferente na letra?) É, na letra.

4. Que grupos e cantores são os seus preferidos e o que vocês mais admiram neles?

G. (12 anos, menina): One Direction. Conhece? Porque eles colocam na letra o que a gente gosta e o que a gente sente, o que a gente quer ouvir. Expressam um sentimento diferente na gente, também. Tipo, tem uma música deles que eu escuto e quando eu escuto eu começo a chorar. E eu escuto música animada e começo a dançar, deles também. Tem umas músicas que expressam realmente o que a gente tá sentindo e tal e eles também são bonitos e tal, né? E jovens “igual” à gente. Então a gente meio que tá vivendo junto com eles.

A. Eu tenho um sério problema de não gostar dos artistas. Os artistas que eu começo a gostar, que eu começo a virar fã morrem (risos). O Michel Jackson eu comecei a gostar e ele morreu. Charlie Brown. Na hora que eu começo a gostar do nada, passa uma semana depois e o cantor morre (risos). O Charlie Brown foi o que durou mais tempo, uma semana (risos). Eu gostava muito dele por causa da letra. Como eu te falei, eu amo letra de música, amo, amo, amo. As letras dele são maravilhosas, maravilhosas. Qualquer frase que você pegar da música dele... são lindas. Então, o que eu gosto num cantor: ele tem que estar vivo e tem que ter letra bonita na música.

R. (13 anos, menino): Eu curto não exatamente um artista ou outro. Eu curto mais os artistas por causa do ritmo que eles cantam, e o ritmo que eu escuto muito é *pop*. Aí, eu gosto muito dos artistas jovens que cantam *pop*. Jovens assim. Grupos, essas bandas novas jovens que surgem. (Menina: The Vamps). E. Demi Lovato, The Vamps, Fifthy Harmony. (Menina: Também tem Five Second of Summer, eles bombaram. Cinco segundos para o verão. Eles bombaram esse ano, entendeu? Tem dezoito o mais novo.) R: Quando eu começo a escutar uma música, eu procuro escutar todas as músicas do artista. Tipo teve uma vez que eu tirei o dia só pra escutar música da Ariana Grande. Aí eu curtia as músicas dela e passei o dia inteiro escutando. Quando eu gosto de uma banda, eu procuro passar bastante tempo pesquisando coisas sobre essa banda. Aí depois eu paro. Depois outra banda, e é um ciclo até terminar.

A. (13 anos, menina): Eu não consigo gostar só de um cantor. Eu gosto de tanta música, tanta música, que eu não consigo ficar... Igual a G. Eu amo One Direction. Uma música deles que eu gosto é aquela que lançou, a primeira que fez sucesso. Eu comecei a gostar. Só que tipo assim, só por causa de uma música eu não consigo ficar vidrada, porque tem um tanto de outras músicas que vão me chamar a atenção. Meu ritmo musical, que ritmo eu gosto não sei te falar, porque cada vez muda. Vai mudando, vai mudando, vai mudando. Teve um ano que eu gostava de *rock*, aí depois eu comecei a gostar de sertanejo, aí depois... *pop*. Voltou pra sertanejo de novo. Não consigo ficar vidrada nem num ritmo muito menos em um cantor ou uma banda específica.

G. (12 anos, menina): Eu sou fã do One Direction mas eu também escuto outros ritmos. Tipo assim, minha irmã também. Ela tá na faculdade, aí todo mundo, cada um tem um estilo musical. Eles saem muito pra estudar, essas coisas, pra festejar mesmo, e cada um acaba colocando uma música diferente. Vão misturando os ritmos e ela me mostra as músicas. Eu não escuto só o One Direction, mas eu foco mais neles, mas eu escuto outros ritmos, eu gosto de sertanejo, forró, esses negócios.

C.(13 anos, menino): Mas é igual a A. falou. A gente não tem um cantor ou um estilo musical. Por exemplo, eu e a A., a gente gosta muito de MPB ou de rock, a gente gosta de vários estilos musicais. Não só de um cantor, mas da música. O que interessa é a música. Pelo menos é o que eu acho.

R. (13 anos, menino): É uma coisa muito interessante é que, conforme o tempo vai passando, a pessoa vai definindo mais os ritmos musicais que ela gosta. Tipo assim, por enquanto eu gosto de quase todos os ritmos. Mas quando eu estiver na época da faculdade... Na faculdade eles sabem bem o estilo de música que eles gostam. Eles passam a ter um estilo de vida deles mesmos. Aí eu acho que à medida que a gente vai crescendo, a gente vai aprimorando os nossos gostos musicais.

G.H.: (12 anos, menino): Eu gosto de muitos ritmos musicais tipo da moda. Por exemplo: eu gosto de *funk*, pagode, sertanejo, de menos *rock*. Cada um eu tenho um cantor preferido. Mas o que gosto mesmo é uma banda, os Racionais, e no *funk* tem o MC Delano que é aqui de BH, e só.

P.L. (12 anos, menino): Eu gosto de todos os estilos musicais, só não gosto de *funk*. Uma das minhas bandas favoritas de *rock* é o Teatro Mágico. Eu gosto dessas músicas assim, que

têm umas letras melhores e umas letras mais bonitas. Por exemplo, eu gosto de música assim... Um dia eu tava assistindo a banda de Teatro Mágico e meu pai disse que a letra até parecia poesia.

5. Alguma vez vocês já se inspiraram nesses cantores ou grupos de alguma forma?

G.G. (12 anos, menino): Uma banda que eu sempre me inspirei foi o Legião Urbana, que as letras dele têm muitas mensagens. Por isso eu me inspiro muito nelas.

G.H. (12 anos, menino): Eu já me inspirei muito em MCs de *funk*. O Delano. O meu sonho é ser MC. Aí eu me inspiro muito nas músicas dele pra fazer as minhas. (Pesquisadora: Você compõe? Já mostrou pra alguém?) Já, mas nunca gravei, não.

G. (12 anos, menina): A minha unha é grande. Quando eu vou fazer ela, eu me inspiro neles. Assim: o Louis, que é de uma banda, One Direction, ele gosta muito de blusa xadrez e suspensório. Aí, nessa unha...ah, e ele gosta de azul. Eu pintei de branco, fiz listrinha azul, fiz o suspensório preto. No dedão eu coloquei O. D., que é a sigla, e nesses dois dedos eu coloquei L. T., Louis Thompson. E no dedinho eu coloquei um coração. Do Niall eu coloquei a bandeira da Irlanda. Ele é da Irlanda.

R. (13 anos, menino): Eu não posso dizer assim que os artistas são uma inspiração pra minha vida assim. São mais inspiração para o momento que eu tô vivendo. Tipo assim, quando eu invento que eu quero seguir algum artista, fazer o que eles fazem eu faço, tipo alguns artistas de *rock* que chega um tempo que eles resolvem rebeldes, se rebelar contra o mundo, aí eu vou e me rebelo contra o mundo também (risos). Mais especificamente com a minha família. Mas depois de um tempo eu vou e paro. Só faltou raspar o cabelo por causa da Miley Cyrus. (Menina: se um cantor pular no bueiro...). Só quando eu tô inspirado.

C.: (13 anos, menino): Eu acho assim: pra inspirar num cantor depende. Igual a G. ela inspira nas coisas que eles têm, alguma coisa mais ou menos assim. Mas pra mim é assim, a letra, sentimentos, eu acho. Uma música mais triste ou que fala uma coisa mais triste acaba deixando a gente triste, inspira a gente a ficar triste. (Pesquisadora: Isso quer dizer que as músicas te inspiram mais do que os artistas. É isso?) Sim, as músicas são mais importantes do que as pessoas que as cantam.

A. (13 anos, menina): Quando eu comecei a gostar de *rock* era lápis todo dia, pulseira com espinho. Minha irmã, ela idolatra, ela idolatra muito mesmo a Miley Cyrus. O que acontece? Tipo assim, ela não tem que fazer as coisas que a Miley Cyrus faz. A Miley Cyrus raspou a cabeça. Eu acho que isso ela não vai fazer. Ela não vai beijar a Kate Perry, que mais? Ela já até tentou imitar o *clip* da Miley Cyrus, sabe? É uma bola de aço e ela fica em cima dessa bola balançando. Só que como ela não tem essa bola de aço, toda vez que ela tá na gangorra ela faz do mesmo jeitinho. Ela canta a música e fica balançando. As roupas também, ela gosta muito de Chanel, a Miley Cyrus. Minha irmã toda vez que pede alguma coisa de presente é da Chanel. Sobra pra quem? Pros meus pais, né? Tipo assim, teve um show dela aqui no Rio de Janeiro, ela foi e gravou a saga dela, digamos, pra esse *show*. A Miley Cyrus gosta de porquinho. Ela pegou p porquinho dela e deu pra Miley Cyrus. Ela tem um porquinho de pelúcia que vem com um cobertorzinho, a Miley Cyrus. Ela colocou perfume e o porquinho fica assim com a coberta. Ela pegou o porquinho e colocou no palco. A Miley Cyrus sorriu pra ela e ela chorou, chorou. Eu vejo ela e tenho medo de ficar assim igual a ela, porque é estranho. Ela é vidrada. Ela tem quatorze anos, vai fazer quinze em janeiro. (Pesquisadora: O G.G. perguntou se a irmã da A. lambe o martelo igual a Miley Cyrus). Ela começou, só que meu pai xingou ela, falou que ela tava maluca demais, pra ela parar com isso que não tava bonito.

6. Onde vocês mais partilham música, em que mídias e lugares?

G.H. (12 anos, menino): No som do carro.

G. (12 anos, menina): Como é um *fandom* muito grande do One Direction. É um grupo de fãs. Tem vários grupos no *facebook*. (Pesquisadora: o que é *fandom*?)

(Menino: um grupo de fãs que seguem um certo artista) G.: Tipo assim, tem o *fandom* do One Direction que são as Directiones. O da Miley Cyrus, que são os Smiles. (Menino: o do Fifthy Harmony). G: Quando tem música deles elas é que postam, eles têm página oficial no *instagram*, no *facebook*, aí eles vão e postam partes de músicas, ou partes de *clips*. Aí meio mais a internet, tem vários grupos em tudo que você imaginar tem eles. Eles compartilham. (Pesquisadora: e vocês usam esses meios também?)

R. (13 anos, menino): Do jeito que a G. falou, eu procuro estar dentro do grupo, mesmo que não seja oficial, mas eu sempre procuro estar nos grupos que publiquem qualquer coisa que fale sobre os artistas ou a banda que eu estou gostando no momento. Se eu tiver alguma coisa legal sobre eles pra falar eu compartilho pra, não só eu, mas as outras pessoas que elas também tenham acesso às novidades dessas coisas que eu achei legal, talvez elas achem legal também. É uma coisa muito interessante é que esses grupos dos artistas eles fazem juntar pessoas que nem se conhecem e se tornam amigas. Eu tenho um amigo que foi na estreia do filme do One Direction e ele fez muitos amigos. Ele criou um grupo no Whattsap, ele pegou o Whattsap de todo mundo que tava lá, e agora ele é amigo. Ele falou que conhece muita gente e essas pessoas talvez ele nunca tivesse conhecido se não tivesse ido ao *show*.

G. (12 anos, menina): Eu também fui nele. Uma amiga minha, a gente foi juntas e tal, e quando a gente chegou lá fez muitas amizades, conheceu muita gente nova. Ela até tem vários grupos de internet.

A.: (13 anos, menina). Você já ficou acordada quando tava lançando uma música na internet? Sai por exemplo quatro horas da manhã.

G.: (12 anos, menina). Já (risos) Foi uma hora da manhã. Eu fiquei. Na verdade eu recebi a mensagem. Eles publicaram no Youtube oficial deles. Aí chegou uma notificação que tinha lançado. Na mesma hora. Uhh!

M. (13 anos, menino): Eu ouço música mais no rádio do carro, porque eu não pego música pra escutar. Não me atrai muito.

GF PII2 (8 membros, alunos de 12 e 13 anos)

1. Qual é a experiência de vocês com música?

J.P. (13 anos, menino): Eu tive uma experiência de tocar numa festa da escola. Carron.

G. (12 anos, menino): Eu tenho uma pequena experiência com violão, mas ainda não me comprometo para tocar.

J.V. (13 anos, menino): Eu tenho uma pequena experiência de cantar música. Tudo.

A.L. (12 anos, menina): Eu tive uma pequena experiência tocando violão e teclado. Mas eu já parei. Eu tocava várias músicas, sabe? Uns dez anos, faz pouco tempo.

2. Vocês curtem música mais quando estão sozinhos ou em grupo? Por que?

G. (12 anos, menino): Pra ouvir música é em qualquer momento, porque música é muito bom. Qualquer lugar que você estiver, você merece ter alguma coisa pra escutar.

J.P. (13 anos, menino): Eu curto ouvir música mais sozinho, porque eu presto atenção mais na música, sinto mais a música do que com outras pessoas. Porque meus amigos têm um gosto musical um pouquinho diferente do meu, então, eu prefiro sozinho.

A.L. (12 anos, menina): Bom, eu acho que em grupo, porque cada um fala do seu estilo, aí a gente vai cantando várias músicas de vários estilos. Eu acho bem legal.

S. (12 anos, menino): Mais em grupo.

J.V. (13 anos, menino): Eu gosto de escutar música sozinho porque a letra das minhas músicas são um pouco desagradáveis, porque fala um pouco de palavrão. Eu presto mais atenção na música. *Rap e funk*.

3. O que vocês mais fazem quando estão num ambiente com outros jovens quando tem música?

A.L. (12 anos, menina): A gente dança ou canta junto com a música tocando. É divertido.

J.P. (13 anos, menino): Brinca, dança, canta, zoa. Isso.

G. (12 anos, menino): A gente comenta sobre a letra da música, a gente dança, a gente põe a mão pro alto, a gente põe a mão na cabeça, a gente fica zoando da música quando a música é ruim. A gente bagunça o cabelo, fica gritando, altas coisas.

J.V. (13 anos, menino): Eu acho que é um pouco de tudo que todo mundo falou. Ouvir música em grupo é uma coisa muito divertida, mas é melhor sozinho.

4. Que grupos e cantores são os seus preferidos e o que vocês mais admiram neles?

G. (12 anos, menino): O estilo musical que eu mais gosto são dois: pagode, tem banda favorita, tem cantor favorito que é o Tiaguinho, Exalta Samba. Eu gosto desse estilo de pagode. O outro é mais estilo Gospel, mais ou menos. Fernandinho, Aline Barros, Tales Roberto. Todos eles têm bastante personalidade. Eles conseguem fazer coisas que expressam o que eles estão fazendo. Existem cantores que só cantam pra mais pessoas escutarem a música e ser mais famoso. Eles falam o que eles acreditam e o que eles gostam. Eu acho isso muito interessante. Pagode eu acho que eles têm bastante ritmo, bastante entrosamento, porque são instrumentos muito difíceis tipo cavaquinho, pandeiro. Eles têm que entrar numa harmonia pra tocar a sério, porque senão a música pode estragar toda. Um acorde que eles erram pode estragar a música toda.

J.V. (13 anos, menino): Eu gosto do *rap* e o *funk*. No rap eu gosto dos Racionais. Eu gosto deles por que eles têm uma personalidade muito forte, as pessoas do *rap* e, do *funk*, é porque eu gosto da música.

A.L. (12 anos, menina): Tem uma banda que eu gosto muito que é RI5. Eu admiro neles as letras das músicas. Tocam meu coração. Eu acho muito bacana isso. A música se conecta comigo.

E. (12 anos, menina): Eu gosto de *pop* e gosto de uma cantora que me parece ser uma pessoa de atitude. Ela é uma pessoa sincera nas músicas que ela escreve, e também... é a Demi Lovato.

5. Alguma vez vocês já se inspiraram nesses cantores ou grupos de alguma forma?

J.V. (13 anos, menino): Eu já me inspirei nos Racionais. Porque eles têm uma filosofia de vida muito boa. Eles eram bandidos e saíram, o *rap* salvou a vida deles. Quando eu vou fazer alguma coisa que eu não consigo, eu me inspiro numa música deles. A letra fala que você tem que acreditar em você, que você tem que ser o melhor, e que tem que acreditar em você e que ninguém pode tirar o mérito que você tem. Aí, quando eu tô meio que pra baixo eu ouço essa música e lembro que eu posso ser o melhor e posso conseguir.

G. (12 anos, menino): Eu me inspirei em duas músicas do Tales Roberto que me deram vontade de aprender a tocar violão. Pra aprender a tocar aquela música, que ela é muito marcante. Ela fala sobre Deus e isso é pra qualquer religião. Quase todo mundo conhece essa música, que é *Deus é minha vida*. Quase todos conhecem e o som dela é muito bom de ouvir. Eu quis aprender a tocar violão pra quando eu não tiver nada pra fazer, tocar. E também o Tiaguinho, que ele toca cavaquinho muito bem. Eu me inspiro em várias músicas dele que são de cavaquinho. Isso tá me dando inspiração pra aprender cavaquinho.

A.L. (12 anos, menina): Uma vez, a Paula Fernandes. Eu me inspirei nela pra eu poder inventar, compor outras músicas baseadas naquela dela. Eu compus. Eu inventei essa música

tem muito tempo, na minha antiga escola, tanto que eu tive que inventar uma pras minhas amigas pra elas poderem dançar, que elas iam fazer uma apresentação, e pediram pra eu fazer a música. Aí eu fiz e deu tudo certo. Foi bem divertido.

6. Onde vocês mais partilham música, em que mídias e lugares?

J.V. (13 anos, menino): Na sala de aula. (Pesquisadora: na hora da aula? A professora deixa?) Não. Eu canto. Todo mundo canta (risos).

A.L. (12 anos, menina): No recreio. Eu tenho uma amiga, ela fica me falando as músicas que ela gosta e eu fico falando as músicas que eu gosto. E a gente vai se comunicando e acaba que eu escuto as músicas dela e eu gosto, e ela vai escutando as músicas minhas no celular, que a gente baixa.

G. (12 anos, menino): No áudio do WhatsApp.

J.P. (13 anos, menino): Eu compartilho minhas músicas no WhatsApp. A amiga que ela falou, quando a gente não tem nada pra fazer e quando a gente fica conversando no WhatsApp e no *facebook*, a gente fica trocando as músicas que a gente gosta. Eu gosto de *rap*, mas também gosto um pouco de *pop*. A gente tem uma coisa em comum. E fica compartilhando música.

G. (12 anos, menino): Eu compartilho música em todo lugar. Se eu conhecer a música e souber que a pessoa gosta do mesmo estilo, eu mostro pra pessoa pra ver se a pessoa gosta. E eu compartilho dentro do ônibus, dentro do carro, na aula particular. Eu falo com minha professora: escuta essa música, ela é boa. Ela acaba escutando também. A gente põe a música e fica escutando, eu acho muito bom porque isso dá uma proximidade entre todas as pessoas. Quando vai compartilhando música, você vai conhecendo outras pessoas que gostam da música, aí você cria mais afinidade com a pessoa.

6. ANEXO 6 - GRUPOS FOCAIS ESCOLA PARTICULAR (GF SM)

GF SM1 (7 membros, alunos de 15 e 16 anos)

1. Qual é a experiência de vocês com música?

A.(menino): Escutar música.

G. (menino): Tocando, também. Quando eu vou para festas de família, geralmente, tem alguém que toca lá. Eu toco violão, meu tio toca teclado. Meu primo toca pandeiro, tem um outro que toca bateria.

A. C. (menina): Dançando também. No meu caso, a minha mãe a minha irmã, elas adoram música sertaneja, principalmente. Vive tocando lá em casa. Aí eu escuto. Minha irmã já tocou piano.

GA. (menina): Em festas, dançando, em *show* também.

S. (menina): Eu já toquei bateria. Igual o G. falou, assim, quando reúne os amigos sempre tem alguém tocando...

L. (menina): Em festa, em festa de família, assim. Meus pais sempre gostam muito.

I (menina): Pra mim também escutando, tocando. Meu pai toca violão e desde pequena eu curto *rock'n roll* antigo. Meu gosto é bem exclusivo para o *rock'n roll*.

2. Vocês curtem música mais quando estão sozinhos ou em grupo? Por quê?

A.C. (menina): Eu gosto sempre antes de dormir de escutar música, e quando estou com as amigas também. Porque pra dormir acalma e quando estou com amigos, descontraí.

G. (menino): Eu ouço música o tempo todo, principalmente pra dormir. Sei lá, me ajuda a relaxar, ou quando não tenho nada pra fazer, aí eu deito, coloco meu fone...

GA. (menina): Ah, eu escuto música no final de semana, quando estou em casa, coloco no rádio. E quando eu tô no ônibus, sei lá, é interessante.

S. (menina): É, eu acho que é tipo assim, eu gosto de escutar música, só que depende o tipo da música para o momento. Então, quando eu vou dormir eu prefiro música mais pra relaxar, mais calma. Quando estou com os amigos, mais ralaxada... depende do momento, assim. E eu gosto de escutar música porque... Não sei, parece que fica tudo diferente.

(Pesquisadora: Alguém concorda, discorda, quer comentar alguma coisa?)

Vários membros se manifestam juntos, concordando, que a música torna tudo diferente.

G. (menino): A visão que você tem da situação, de acordo com a letra da música, o que ela te passa, muda bastante. Mesmo que a situação se repita, duas músicas diferentes podem te dar duas saídas distintas para aquela situação.

(Pesquisadora: Vocês concordam, gente?)

Risos, porque um colega falou que o G. “gastou tudo que tinha” ao responder.

S. (menina): Eu, por exemplo, fui numa montanha russa uma vez que você podia escolher a música que você escutava.

GA. (menina) Nossa, essa é demais!

S. (menina): Foi muito diferente, o caminho assim da montanha russa foi muito diferente. Se coloca uma música calma, você se sente mais calma, se coloca uma música mais assim *uau* você só vai sentindo assim, é muito bom.

I. (menina): Eu, geralmente, quando estou sem nada pra fazer, não escuto música, porque eu gosto muito de música, então, é uma atividade que eu tenho que estar com vontade de fazer, sabe? Não é só *não tenho nada pra fazer então vou escutar música*. Eu gosto de escutar música. É *tipo* como se fosse uma atividade preferida.

3. O que vocês mais fazem quando estão num ambiente com outros jovens quando tem música?

Risos.

A.C. (menina): Canta a música. Se for amigo mais *uou* você começa a cantar mesmo.

(Pesquisadora: Se for amigo mais o quê?)

A.C.: *Uou*. Mais próximo, que você tem mais intimidade.

(Pesquisadora: A A.C. falou que você canta, e aí a G.A. falou que se for um amigo mais *uou*, você faz o quê?)

Menino responde: Você canta ainda mais alto.

Menina responde: É porque quando você começa a cantar você puxa o outro pra cantar também. Com uma pessoa que eu não tenha muita intimidade, eu acabo ficando mais tipo quietinha, assim.

S. (menina): A gente dança também. É, a gente canta e dança.

Menina: Vai puxando o outro.

Menina: Se ela for agitada, a gente dança.

A.: Se for calminha, a gente dança também. Se for calminha, pode dançar agarradinho.

Risos.

Menina: Só pra constar, L. (menina) e A. (menino) são namorados.

Risos.

Menino: Não tem a ver com música, mas é bom saber.

4. Que grupos e cantores são os seus preferidos e o que vocês mais admiram neles?

Risos.

Peço ao G. que repita algo que falou e não deu pra entender.

G. (menino): Eu gosto do... admiro bastante o Calypso, principalmente o estilo do Chimbinha que é bastante *uou*.

(Pesquisadora: O que é um estilo bastante *uou*?)

Menina: *Uou* na outra frase era íntimo.

Risos.

A.(menino): Exótico.

G. (menino): Muito obrigado, senhor A. A história de superação da Joelma, até a lua traiu ela e mesmo assim ela deu a volta por cima. Interessante saber que...

Muitos risos.

(Pesquisadora: Tem um pouco de ironia aí? É sério?).

G.: A lua te traiu, te deixou pra baixo e...

Mais risos.

A.C. (menina): Legião Urbana. Sei lá, a letra das músicas. O ritmo também.

S. (menina): Tem uma característica muito particular. Você sabe que é Legião Urbana. É um estilo próprio deles. Eu gosto.

G.: (menino): E o legal deles é que a letra deles, apesar de muito antigas, cabem perfeitamente no contexto atual, não só pelo cenário político, mas na sua vida privada também.

A.C. (menina): Tipo assim: a música não fica repetida. Eu, por exemplo, gosto muito de Legião Urbana e eu acho que por influência. Eu tenho muita influência do gosto musical, principalmente nacional, dos meus pais. Eles sempre gostaram de ouvir Legião Urbana, Cazuza e tal. É o que eu também gosto.

I.: (menina): No meu caso eu gosto muito de Pink Floyd, Lynyrd Skynyrd, Jimmy Hendrix, Janis Joplin, Joe Cocker, Beatles, Rolling Stones.

(Pesquisadora: Você gosta de uns grupos bem tradicionais?)

I. (menina): Anos 60 e 70.

(Pesquisadora: Vocês não falaram porque mais gostam dos grupos, só do Legião. E os outros grupos que vocês citaram?)

I. (menina): Eu gosto da melodia, o som da guitarra. As letras também são impressionantes. (Pesquisadora: E essas letras? Elas são em inglês, não é? E aí?)

I. (menina): Eu faço inglês fora da escola. Dá pra eu entender mais as coisas que falam.

G.(menina): Ah, não, traduzir é muito ruim. Tem que tentar entender.

G. (menino): Pelo contexto.

Menina: O A. não falou...

A. (menino): Eu gosto também das letras que não são frases soltas. Sempre tem alguma história por trás da letra, mesmo que fictícia.

(Pesquisadora: Alguma coisa que faça sentido?)

Menina: Por isso que Legião Urbana é legal, porque fazem sentido as letras, né? Por exemplo, Eduardo e Mônica.

Menino: Faroeste Caboclo.

S. (menina): Por exemplo, sertanejo eu gosto do ritmo, mas as letras são coisas supérfluas, que não fazem muito sentido às vezes. Por isso que depende da ocasião. Se estiver numa festa e tocar sertanejo eu gosto, mas se for pra eu escutar, se estiver sozinha em casa, eu prefiro MPB e outras coisas assim.

5. Alguma vez vocês já se inspiraram nesses cantores ou grupos de alguma forma?

A.C. (menina) : Não.

Risos.

G. (menina): Não, eu não me deixo influenciar não. Eu gosto, mas tenho meu jeito, então não vou me deixar influenciar, não. Mas, igual a minha irmã, a Luana, ela fica “ai, meu Deus, Miley Cyrus...” outro dia ela vestiu igualzinha à mulher! Porque *tipo assim*, tá havendo um evento na JovemPan, assim: você vai ganhar um ingresso dependendo do melhor jeito que você se vestir, e ela tá doidinha pra ir nesse *show*, não sei porque. Aí, nisso, ela vestiu, tirou foto, vai postar lá e vai tentar ganhar.

Menina: Quando eu era pequena eu gostava de Rebelde, da banda Rebelde. Aí eu comprei a roupa de Rebelde, comprei carteirinha, comprei um tanto de coisa.

A.C. (menina): Tinha também pulseira, figurinha.

L. (menina): O que eu acho é que quando você é mais novo, você é muito influenciado por aquilo que você gosta, pelas pessoas que você gosta. Quando a gente está mais velha, não tem tanta vontade assim porque até a gente vê muita coisa errada que ídolos que a gente tem fazem.

G. (menino): Quando a gente é pequeno não tem tanto senso crítico pra saber se eles estão fazendo algo errado ou simplesmente feio, né?

I. (menina): É muito vergonhoso falar isso, mas até uns três anos, quando eu comecei a gostar de *rock* mesmo, eu fiquei *tipo* obcecada pelo Kurt Cobain, eu fiquei obcecada por ele, eu sabia tudo da vida dele. Fiquei obcecada pelo Nirvana, sabia praticamente todas as músicas, eu comprava livro, comprava um monte de coisas. Só que aí, há uns três anos, fui cansando disso tudo, graças a Deus. Aí eu fui percebendo: gente, o cara super drogado, super sei lá, doído, e eu ficava obcecada por ele. Aí eu fui e percebi *tipo* “chega”, né? Eu fui expandindo meus horizontes no mundo do *rock’n roll*.

Risos.

Menina: O A. tá muito quietinho.

A. (menino): Eu tô muito quietinho.

Menina: Se solta, meu filho.

Risos.

Um grupo começa a cantar uma canção da Cláudia Leitte: “Extravasa, libera e joga tudo pro ar, ah ah ah.”. Risos.

(Eu disse a eles que isso ia sair escrito na entrevista, e I. pediu: Por favor, fala que eu não gosto mais de Kurt Cobain, nem tanto de Nirvana)
Risos.

6. Onde vocês mais partilham música, em que mídias e lugares?

A.C. (menina): Eu uso meu celular. Eu baixo pelo aplicativo do celular. Aí eu escuto.

A. (menino): Eu escuto música mais pelo meu *Ipod*, eu baixo através da internet, ouço na escola, na rua, carro. Todo lugar.

S. (menina): No rádio, principalmente JovemPan.

Menino: Propaganda gratuita.

Risos.

S. (menina): E pelo celular também, em ambientes assim: festas...

G.A. (menina): Restaurantes também, você lembra que a gente... aquela música que a gente...

Risos.

(Pesquisadora: Que música é?)

G.A. (menina): A gente não sabe, senão já teria encontrado. A gente só tem o ritmo.

I. (menina): Porque tem um aplicativo que chama Shazan que identifica o cantor e a música que tá tocando. É muito bom.

(Pesquisadora: Você tem esse aplicativo no seu celular, usa muito?)

I. (menina): Às vezes. Por exemplo, no *Trem da música* da Net, eu gosto muito de escutar as décadas antigas que tem lá pra escolher, aí muitas vezes eu gosto muito da música e, pra eu não ficar anotando, eu mostro para o aplicativo e ele detecta igual. Depois eu baixo.

L. (menina): Eu também uso bastante.

G.A. (menina): Se a gente tivesse ele no restaurante teria conseguido a música. Até hoje, só temos o ritmo.

Menina: Olha no *youtube*.

G.A. (menina): A gente não sabe a letra. A gente só sabe o ritmo.

(Pesquisadora: E você, G.? Onde mais partilha música?)

G. (menino): Geralmente a gente junta um grupo pra ficar tocando. Alguém faz algum pedido, a gente vai também.

Menina: *Whatsapp* você grava o áudio. Igual à gente. Escuto a música, vou gravar e vou te mandar.

Menina: É, é. A gente muitas vezes canta junto algumas músicas. Ela escuta a música e me manda.

S. (menina): Outro dia eu tava numa festa e escutei uma música que a G.A. enfiou na minha cabeça e não tava saindo, aí eu gravei e mandei pra ela.

A.C. (menina): Eu tenho uma amiga que acha que canta. Aí, todo dia ela fica mandando áudio cantando música pelo celular.

L. (menina): A gente chega entre nós e fala assim: ah, escuta essa música, no boca-a-boca mesmo.

G. (menina): Principalmente quando é da minha escola, né? Porque aí você chega e “gente, escutei aquela música” ou senão sempre sai do escolar com uma música na cabeça. Você começa a cantar, ela pega a música, aí vai cantando. E a gente adora cantar música velha também, né?

(Risos).

S (menina): Felipe Dylon.

G. (menino): Felipe Dylon, Luca, Calypso, MC Sapão. Perla, da época que ela cantava *funk* ainda, virou cantora *gospel*.

Meninas: Ele (colega) traz só porque é música antiga que a gente escutava quando era menor... e a gente começa a cantar... e começa a lembrar.

L. (menina): Acho que música traz muita memória, né? A gente gosta de ouvir essas músicas, mesmo que talvez hoje em dia a gente não gostasse.

Menino: ...e não lembrasse que elas existiam.

Pergunto se eles não usam o *youtube* e eles respondem que sim.

Menina: Tinha um aplicativo também no *Facebook*, há muito tempo, que chamava *Song pop*. Aí, colocava a música e você desafiava uma pessoa, um amigo, para poder adivinhar qual era o nome da música e o nome do cantor. Era muito legal.

A.C. (menina): Eu jogava com a S. (Samila).

S. (menina): Aí quem acertasse primeiro o nome da música ou o nome do cantor ganhava.

Menino: Você tinha um determinado tempo pra acertar entre as alternativas.

(Pesquisadora: E vocês não jogam mais? Por quê?)

Menina: Ah, porque tudo é fase, né? Foi passando, acabando, aparecendo outras coisas.

G. (menina): A fase do *Perguntados*. São outros jogos, mas não é igual ao da música não. É mais por perguntas gerais: Quem descobriu o Brasil?

S. (menina): Dura um tempo, fica aquela febre, todo mundo usando ao mesmo tempo.

Menina: Aí depois para.

(Pesquisadora: E não entrou nada de música no lugar daquele?)

Responderam que ainda não.

GF SM2 (10 membros, 13 e 14 anos) escola particular

1. Qual é a experiência de vocês com música?

A.L. (menina): Eu tenho uma banda. Toco baixo e canto.

S. (menina): Eu toco violão e guitarra desde os meus seis anos, guitarra desde os doze.

G.G (menino): O meu pai toca bateria, eu toco guitarra e os meus tios, eles têm uma banda: Calhambeque.

Pergunto o que eles tocam.

G.G: *Rock* estilo anos 70 e 80.

A.C. (menina): Eu danço. *Jazz* e *pop*, mais *pop* mesmo. Numa academia.

S. (menina): Eu também dançava *jazz* e *pop* desde o quarto ano.

A.C.: Eu danço desde o segundo ano.

J. (menina): A gente dançava *jazz* desde o segundo ano aqui no Colégio. Aí a A.C. continuou.

G.S.: (menino): Eu acho que tem algumas frases em algumas músicas que ajudam a pessoa a decidir o caminho certo, ou se tá com alguma dificuldade. Algumas frases da música caem certinho na situação que você está passando.

J (menina): Eu concordo com ele. Acho que tem frases até, na música, que podem te ajudar.

F. (menino): Eu canto lá na minha igreja aquelas músicas mais religiosas, né? De vez em quando eles me escolhem.

A.L. (menina): A minha banda não tem nome ainda, mas a gente toca *punk*, *rock* e música revolucionária.

Pergunto o que é música revolucionária.

A.L. (menina): Engloba ideias assim de movimentos tipo... Críticas, sabe? Ao governo atual e essas coisas. A gente compõe e a gente também faz *cover* de outras bandas: Ramones, Sex Pistols, The Casualties.

2. Vocês curtem música mais quando estão sozinhos ou em grupo? Por quê?

S. (menina): Depende, porque, por exemplo, quando você tá sozinho, aí aquele tipo de música onde você pode se identificar, ou uma situação em que você tá passando ou tá pensando. Quando você tá em grupo é mais pra animar. A música une as pessoas.

A.C. (menina): Eu concordo.

F. (menino): Eu geralmente escuto música mais sozinho, só que, como elas falaram, música em grupo geralmente não é muito pra você curtir a música, e sim as pessoas com quem você está escutando.

A. (menina): Às vezes, também, as músicas que você vai escutar com seus amigos são mais pra se divertir com eles, não só pra você prestar atenção na letra, nas letras que você gosta quando vai escutar sozinho.

A. L. (menina): Eu costumo ouvir música mais sozinha porque... pelo fato de você ter que conviver com pessoas, e as pessoas, geralmente, elas têm um gosto musical diferente do seu. Então elas não acostumam imediatamente com seu gosto musical, aí fica todo aquele pensamento: Ah, só ouve gritaria e essas coisas, aí eles não gostam. Aí eu costumo ouvir mais sozinha.

G.S. (menino): Eu concordo com ela, até porque quando cê tá sozinho consegue cantar alto, se libertar mais do que quando cê tá em grupo de... por exemplo, cê não vai cantar música alto dentro de um ônibus, que é até falta de respeito.

A.C. (menina): Muitas vezes quando tá em grupo, se o grupo que tá cantando não tem muito... não é muito íntimo, aí tem vergonha. Quando cê tá sozinho tem mais liberdade de cantar.

S. (menina): Ah, não é mesmo. (Num desafio). Depende do grupo. (Algumas meninas riem, concordando). Tipo assim, quando eu tô andando com ela, com as minhas outras duas amigas, eu canto, eu grito, qualquer coisa, não tenho nenhuma vergonha, igual a elas. Igual quando eu tô tomando banho, eu grito, minha casa escuta.

A.C. (menina): É, mas muitas vezes pode ser que você não seja íntima, por exemplo, se você for começar a cantar com ela...

S. (menina): Quer que eu cante pra você? Eu canto... (Ela se dirige a mim). (Todos riem).

S. (menina): Se eu tivesse uma voz assim bonita, né?

3. O que vocês mais fazem quando estão num ambiente com outros jovens quando tem música?

A.C. (menina): Depende, tipo... quando eu tô com amigas mesmo e começo a escutar alguma música, a gente começa a dançar, a se divertir, a pular, gritar.

S. (menina): Quando eu tô com as minhas amigas eu sou mais aberta. Eu faço... eu canto, eu pulo, eu grito, a gente interage mesmo. Mas num grupo mais assim, por exemplo, quando tem pessoas que você não tem aquela afinidade, cê já fica mais tímido e fica conversando e curtindo a música.

Ju. (menina): Eu concordo que depende bem do ambiente que cê tá, porque dependendo das pessoas que estão com você, cê se abre mais. Dependendo de onde você tá, cê vai ficar mais tímido. Eu, por exemplo, eu gosto de ouvir um tipo de música sozinha e quando eu tô com

as minhas amigas eu canto qualquer coisa. Só que eu prefiro até ouvir música sozinha porque muitas vezes o meu gosto não é igual ao delas. Então, é isso.

A.L. (menina): Eu sou uma pessoa bem tímida, por incrível que pareça (Ela usa *piercing* nas orelhas e nariz, tem um lado da cabeça quase raspado e os cabelos azuis). (Risos). Eu só uso o microfone tipo cantando de olho fechado mesmo.

4. Que grupos e cantores são os seus preferidos e o que vocês mais admiram neles?

G.S. (menino): Eu gosto muito do Queen porque eles são um conjunto de música muito bom. Não é igual a uns que têm uma música, fazem sucesso e já era. Mas o Queen tem várias músicas boas e o Freddie Mercury sabe interagir com a plateia muito bem. Eu acho.

A.C. (menina): Eu admiro muito e sou fã da Demi Lovato por causa da história dela. Quando ela era menor, ela sofreu muito, sofreu *bulling*. Aí ela deu uma reviravolta total, ela se superou muito e ela é um exemplo pra mim.

A. (menina): Eu gosto muito da Selena Gomez porque pra mim ela é uma inspiração. Ela é muito boa com as pessoas, ela faz muita coisa boa na vida dela. Ela também sofreu muito quando era pequena. Ela não tinha dinheiro, ela foi muito jogada, usava as roupas dos primos dela. Eu também gosto duma banda que chama MKTO porque ela tem dois anos só e as músicas deles são muito boas e eles não desistiram do sonho deles de cantar nem de formar a bandinha deles. É *pop* internacional.

F. (menino): Eu gosto de duas bandas. Uma que é o Red Hot Chili Peppers. Que eles são uma banda que tem um estilo mais diferenciado do *rock* normal, um estilo mais pesado do *rock*, mesmo assim com assuntos mais leves, entende? Que não falam de assuntos tão pesados como política, essas coisas. E também gosto da banda The Vacines. Elas surgiram há pouco tempo e não são muito conhecidas, e eles têm não só um estilo, mas um assunto que eles sempre falam, que é o amor. Então todas as músicas deles têm o mesmo assunto, o mesmo tema, falando de fases diferentes.

(Pergunto a eles como é o lance de entenderem músicas das bandas internacionais).

S. (menina): Depende. Você escuta a música. Aí, ou você pelo seu nível, dependendo do seu inglês ou das palavras que você conhece, você analisa a letra. O que você entende, você vai tirando, se você gostar vai e olha a tradução da letra. Aí você, se já gostava da música, você vai entender ela, vai conseguir assimilar com algumas coisas que acontecem, e vai entender.

J. (menina): Se você entende um pouco do inglês, já vai conseguindo algumas palavras, traduzir, e já vai ligando elas pra ver a história da música. Aí também se você não tem um nível de inglês que dá pra fazer essa tradução, você vai nos sites que tem disponíveis.

G.G. (menino): Tem muita gente que gosta mais da música pela sonoridade e não pela letra. Nem importa com o que a letra tá falando, nem sabe o que tá falando. Eu me ligo nos dois.

J. (menina): Depende, porque se, por exemplo, você ouve a música e ela não te toca, a letra, depende disso também; se a música te toca e você quer saber o que ela fala, e tem músicas também que você não quer saber.

S. (menina): Eu também tenho a Demi Lovato como cantora solo pelos mesmos motivos da A.C. que ela deu uma reviravolta, e que as músicas dela são muito boas. Ela tem vários temas de música, ela não se concentra em um só, então ela passa por várias situações que acontecem. Eu gosto muito de Simple Plan e Bon Jovi porque as duas falam de... ah, não sei, eu consigo relacionar com algumas situações, eu gosto muito das músicas pelas letras mesmo.

A.L. (menina): Em questão de admirar artistas e essas coisas, eu admiro muito a Kathleen Hanna, justamente porque, como as outras bandas que eu gosto, ela faz críticas sociais também, e muitas vezes algumas mulheres são rebaixadas por serem mulheres, e ela faz uma crítica a isso. A vida dela também foi muito difícil porque ela foi muito oprimida por isso.

5. Alguma vez vocês já se inspiraram nesses cantores ou grupos de alguma forma?

A.L. (menina): O meu estilo é por causa de muitos artistas, sabe? Porque eu me inspiro muito. Tipo a Brody Dalle do grupo Distillers, porque o estilo dela é bem parecido com o meu. Ela usa umas roupas mais surradas, umas roupas rasgadas, e ela faz umas doideiras com o cabelo dela e eu me inspiro também.

G.S. (menino): Acho que, como eu falei inicialmente, acho que até hoje nenhum artista me inspirou. Algumas frases de algumas músicas me falaram alguma coisa em alguma situação pra eu fazer. Aí eu me inspirei nessas frases.

S. (menina): É, porque como eu disse, a Demi, ela me inspira, mas não me inspira em uma situação individual, não me inspira em alguma coisa que aconteceu comigo e eu pensei “olha ela”. Mas eu me inspiro muito também nas letras, em frases de músicas com situações. É uma coisa mais distinta.

A. (menina): A Selena, ela faz muita caridade, essas coisas, então isso me inspirou também a entrar pra esse tipo de projetos e tal. Eu gosto. (Pergunto onde ela faz esse tipo de atividade). No centro espírita que eu frequento.

6. Onde vocês mais partilham música, em que mídias e lugares?

A.C. (menina): Em todo lugar. Não tem um lugar específico. Na escola mesmo, em casa, na rua, nas festas, em vários lugares.

F. (menino): Internet, site, por todo lugar, redes sociais a gente também compartilha, em qualquer parte da internet você pode falar pro outro sobre as bandas e músicas que você gosta.

J. (menina): Eu acho que qualquer lugar que você esteja com seus amigos você acaba compartilhando as músicas.

A.L. (menina): Geralmente eu vou com os integrantes da minha banda lá pro centro da cidade, Praça da Liberdade, Praça Sete, aí a gente faz umas rodinhas lá e fica tocando violão e cantando, essas coisas.

J. (menina): Muito na escola, porque é um período que cê sempre tá com seus amigos e também a cada dia. Cê tem que ficar cinco horas na escola, então cê acaba compartilhando.

S. (menina): No mundo de hoje, se eu estiver na minha casa e escutar uma música e lembrar de alguém, sei lá, eu ligo pra pessoa e posso partilhar com ela. Ou como a J. falou, a escola é um dos melhores lugares porque cê tem o convívio com as pessoas. Mas em qualquer lugar você acaba compartilhando, seja virtual, cê acaba falando com a pessoa.

A.C. (menina): Às vezes até na aula, se eu lembro de alguma música, olho pra pessoa e começo a cantar meio baixinho assim, só mexendo com a boca. No recreio também a gente fica cantando, a gente põe a música no celular e diverte.

Menina: Na aula de Educação Física (risos).

A.C. (menina): É, na Educação Física também. Porque é assim, tem a aula dividida entre os meninos e as meninas. Enquanto os meninos jogam a gente canta.

Menina: Na aula de Matemática... mentira. (Risos).

Várias meninas: *facebook, whatsapp, twitter*.

A.C. (menina): *Snap chat*. Cê manda fotos, ou então vídeo mesmo. Você tem dez segundos pra mandar um vídeo pra uma pessoa ou pra mais pessoas.

J. (menina): Aí, por exemplo, vou ligar a música e você pode colocar, sei lá, um vídeo, por exemplo, com a música no fundo e a letra da música no vídeo.

S. (menina): É um aplicativo onde você pode mandar foto ou vídeo pra um colega seu. Só que tipo assim, a foto não guarda no telefone, nem o vídeo. Vê naquele momento e acabou.

A.C. (menina): Cê põe o tempo que quiser pra pessoa ver.

Ju (menina): Cê pode colocar o tempo que quiser e a pessoa tem aquilo pra ver. Você pode colocar na história.

A.C. (menina): Quando cê põe na história cê põe a foto ou o vídeo, aí os seus contatos que você adiciona no *Snap* podem ver durante 24 horas o tanto de vezes que quiserem.

S. (menina): Ah, tem, por exemplo, um aplicativo que se chama *Vine*, que as pessoas têm seis ou sete segundos pra fazer um vídeo. Aí, tem vídeos de comédia ou outras situações, mas tem muitos vídeos que têm pessoas cantando e compartilhando a música que gostam com os outros. Aí você vai e vê o vídeo, os seis segundos e, e se você gostar, cê pode procurar a música ou qualquer coisa assim.

J. (menina): Consegue com esses sete segundos ou seis segundos no *Vine*, cantando música, eles vão apresentando o talento que têm, e muita gente, muitos americanos já foram reconhecidos. Já estão ficando famosos.

S. (menina): Põem os vídeos dentro do aplicativo. Aí, se você gostou do vídeo e da pessoa, você pode seguir ela, igual *facebook* mesmo. E aí tudo que ela posta aparece na sua *timeline*. Você pode ir vendo tudo que você gostar, e se você gostar, por exemplo, a A.C. não segue ele e eu sigo. Eu posso tipo compartilhar e ela pode ver pelo meu. Se ela gostar ela entra no dele também.